

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PGLETRAS
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

ISMAR INÁCIO DOS SANTOS FILHO

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE
MASCULINIDADES BISSEXUAIS: UM ESTUDO EM
LINGUÍSTICA QUEER

Recife - PE

2012

Ismar Inácio dos Santos Filho

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MASCULINIDADES
BISSEXUAIS: UM ESTUDO EM LINGUÍSTICA QUEER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Judith Chambliss Hoffnagel

Recife - PE
2012

Catálogo na fonte

Andréa Marinho, CRB4-1667

S237c Santos Filho, Ismar Inácio dos
A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em
linguística queer/ Ismar Inácio dos Santos Filho. – Recife: O Autor, 2012.
248p.: Il.

Orientadora: Judith Chambliss Hoffnagel
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC.
Letras, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Linguística aplicada. 3. Sociolinguística. 4.
Sexualidade. I. Hoffnagel, Judith Chambliss. II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC2012-102)

ISMAR INÁCIO DOS SANTOS FILHO

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MASCULINIDADES BISEXUAIS:

Um Estudo em Linguística Queer

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em Linguística, em 9/3/2012.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Judith Chambliss Hoffnagel

Orientadora – LETRAS – UFPE

Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto

LETRAS – UFPE

Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

LETRAS – UFPE

Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes

UFRJ

Prof. Dr. Felipe Rios do Nascimento

PSICOLOGIA – UFPE

Recife – PE

2012

Aos homens bissexuais que concederam as entrevistas, falando de si e narrando suas vidas, possibilitando, desse modo, a compreensão da miríade de significados que subjaz ao rótulo identitário “bissexual”.

À professora-orientadora, Dr^a. Judith Hoffnagel, por acolher esta pesquisa e contribuir significativamente para sua construção.

Ao professor Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes, pois foi em seus estudos que encontrei as possibilidades de estudar gênero e sexualidade.

Aos amigos e amigas Alex Brown, Fernando Moura, Zé Wilson, Bilzinho, Regivan, Robson, Edneide Lima, Socorro Barbosa e Wilma, com os quais foi possível, nas nossas rodas de conversas, refletir sobre as masculinidades.

À minha amiga e companheira dos estudos de linguagem, Sônia da Rocha, por ter sido a leitora dos meus escritos desta tese.

Ao meu amigo e grande companheiro, Jerfferson Batista da Rocha, por ter acompanhado cada avanço e cada retrocesso desta pesquisa, sendo o ouvinte dos meus escritos e meu esteio.

Ao meu pai, Ismar Inácio, e à minha mãe, Benedita Maria, pois devo a eles muito do que sou e posso fazer.

Aos meus professores do antigo primário, D. Maria do Carmo, D. Inês, D. Izaura, Maria José, D. Dalva, D. Maria Gregório, D. Marlina e D. Zenóbia.

Aos professores com quem tive aulas no PGLetras, Ângela Dionísio, Antônio Carlos Xavier, Cristina Sampaio, Dominique Maingueneau, Doris Cunha, José Luiz Meurer (*in memoriam*), Judith Hoffnagel, Marlos Pessoa, Regina Dell'Isola e Virgínia Leal, e no PGA, Lady Selma e Marion Quadros.

A todos os meus colegas da turma do PGLetras-2008.

Ao CNPq pelo indispensável apoio financeiro.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhados e cunhadas, amigos e amigas que torceram pela realização deste estudo.

(...) a identidade é entendida como uma realização interacional, negociada e alcançada por membros de uma interação no curso de eventos comuns, como traços constitutivos de seus encontros sociais. Assim (...) postulamos uma relação constitutiva entre linguagem e identidades sociais em que um ou mais traços linguísticos podem indexar significados sociais que por sua vez ajudam a constituir significados de identidade (...). Nesse sentido, a relação entre linguagem e identidade social não é, ou raramente é, direta, antes é mediada pela compreensão que os interlocutores têm das convenções que regem o desempenho de certos atos sociais e stances (posições) e pela compreensão dos interlocutores de como atos sociais e stances servem como recursos para a estruturação de identidades sociais particulares (HOFFNAGEL, 2010).

RESUMO

Nos últimos anos, devido ao *boom* da *Internet*, e nessa os *chats*, tem acontecido um movimento de homens que almejam “conversar” com outros homens, para estabelecimento de relações sexuais. É o homoerotismo entre homens. Assim, nas conversas tecladas as masculinidades têm sido reconfiguradas, forjando, de modo expressivos, homens que se posicionam como bissexuais. Em função disto, este estudo objetivou compreender o posicionamento desses homens nestas conversas e quais performances de masculinidades bissexuais são por eles construídas, na tentativa de compreender que imagens são propostas para esses homens, que comportamentos são propostos, que identificação e ou distanciamento são forjados em relação às masculinidades heterossexual e homossexual e se esses posicionamentos provocam fissuras no sistema de gênero inteligível. A pesquisa se situa como um estudo em Linguística Aplicada, pois tem em seus aportes orientações dos estudos em linguagem – em estudos de gênero discursivo e estudos sociolinguísticos, através da linguística *queer*, dos estudos socioantropológicos, dos estudos de gênero e dos estudos em sexualidade, bem como dos estudos etnográficos. Dessa maneira, serviram de base os estudos de Austin, Bakhtin, Bauman, Bucholtz e Hall, Butler, Carrara, Connell, Davies e Harre, Foucault, Giddens, Goffman, Hine, Louro, Moita Lopes, Ochs, Seffner e Wortham, dentre outros. Nesse bojo, a Linguística Aplicada necessitou se indisciplinar, pois se constituiu por quadros conceituais híbridos, na tentativa de possibilitar a aproximação com a complexidade da vida em seus sentidos de gênero e sexualidade. O *corpus* analisado foi formado por conversas tecladas abertas, geradas através da etnografia virtual, sendo, dessas, destacados “*nicknames*”, “gritos”, “anúncios de si” e “flagras de conversas”. Além das conversas abertas, foram geradas entrevistas com homens que se posicionavam como bissexuais, e nessas, algumas narrativas de si. Após as análises, compreendemos que as configurações dessas masculinidades são realizadas em cumplicidade e com o apoio do ideal de homem, o homem vitoriano, mas que, de todo modo, são “outros” jeitos de encarar as masculinidades que são construídos nesse espaço virtual; são outras compreensão para as masculinidades.

Palavras-chave: *chats*, performatividade, heteronormatividade, masculinidades bissexuais

RESUMEN

En los últimos años, debido al boom de Internet, ha sido un movimiento de hombres que están intentando "hablar" con otros hombres para relaciones sexuales. Es el homoerotismo entre hombres. Así, en estas interacciones se ha reconfigurado la masculinidad; es la construcción de hombres bisexuales. De acuerdo a esto, este estudio intentó comprender el posicionamiento de estos hombres en estas conversaciones y qué actuaciones de bisexuales son construidas por ellos, en un intento de comprender sus imágenes, sus comportamientos y la identificación o la expulsión de masculinidades heterosexuales y homosexuales, y si estas posiciones causan grietas en el género inteligible. Se trata de un estudio en lingüística aplicada. Sus bases: géneros textuales y sociolingüística - a través del lingüística queer. Además, estudios socioantropológicos, estudios de género y estudios sobre sexualidad, así como estudios etnográficos. De esta manera, formaron la base estudios de Austin, Bajtin, Bauman, Bucholtz y Hall, Butler, Carrara, Connell, Davies, Harre, Foucault, Giddens, Goffman, Hine, Louro, Moita Lopes, Ochs, Seffner y Wortham, entre otros. Por lo tanto, el lingüística aplicada fue indisciplinar, consistente en conceptos híbridos en un intento de hacer la aproximación con la complejidad de la vida en sus sentidos de género y sexualidad. El corpus analizado fue formado por conversaciones abiertas, generadas a través de la etnografía virtual: nicks, gritos y anúncios. Además de las conversaciones abiertas, entrevistas con hombres bisexuales y algunas historias de vida. En el análisis, comprendemos que la masculinidad se llevan a cabo en complicidad y con el apoyo del ideal del hombre, el hombre victoriano, pero, en cualquier caso, son "otras" maneras de entender la masculinidad en este espacio virtual; son otros relatos.

Palabras clave: interacciones virtuales, performatividad, heteronormatividad, hombres bisexuales

ABSTRACT

In recent years, due to the Internet boom, and with this chats, a movement of men who aim to "talk" with other men for sexual relations has occurred. This is homoeroticism between men. In these interactions masculinities have been reconfigured; forging the construction of bisexual men. Given this situation, the research attempts to understand the positioning of these men in these conversations and what performances of bisexual masculinities are constructed by them, to understand their images, their behaviors, and identification or rejection of heterosexual and homosexual masculinities, and if these positions cause "cracks" in the heteronormativity. This is a study in applied linguistics. Its bases: textual genres and sociolinguistics - through queer linguistics. Also, gender studies and studies on sexuality, as well as ethnographic studies. In this way, Austin, Bakhtin, Bauman, Bucholtz and Hall, Butler, Carrara, Connell, Davies and Harre, Foucault, Giddens, Goffman, Hine, Louro, Moita Lopes, Ochs, Seffner and Wortham, among others, formed the theoretical bases. Therefore, applied linguistics was interdisciplinary, consisting of hybrid concepts in an attempt to make the approximation with the complexity of life in their senses of gender and sexuality. The corpus was formed by conversations, generated through virtual ethnography: nicks, "screams" and "ads". In addition to the conversations, interviews with bisexual men, and some life stories. From these analyses, we understand that these masculinities are accomplices of the ideal of a man, the Victorian man. In any case, they are "other" ways of understanding the masculinities in this virtual space.

Keywords: chats, performativity, heteronormativity, bisexual masculinities

LISTA DAS FIGURAS

Figura 01	Capa da revista Veja, 22 de agosto de 2001	15
Figura 02	Capa da revista Veja, 1º de outubro de 2003	16
Figura 03	Capa da revista Veja, 21 de dezembro de 2005	18
Figura 04	Recorte do artigo de opinião “Na linguagem, o preconceito”	19
Figura 05	Esquema de compreensão do sistema de gênero inteligível	23
Figura 06	Panorama de representações da sexualidade contemporânea entre pessoas do mesmo sexo	46
Figura 07	Propaganda da cachaça Magnífica expressando preconceito contra os homossexuais	61
Figura 08	Anúncio pessoal de um homem bissexual na Internet	65
Figura 09	“Recorte” de um jornal na Internet	72
Figura 10	Imagens de homens assumindo atividades antes compreendidas como femininas	73
Figura 11	Primeiras páginas de uma reportagem na revista Veja/2033 sobre o homem metrossexual	74
Figura 12	Outdoor com “mensagem” contra a homossexualidade	76
Figura 13	Campanha de manifesto bissexual, no Brasil e na Espanha, em setembro de 2010	77
Figura 14	Cenas da macrossérie global “O Astro” que mostram um personagem masculino bissexual	80
Figura 15	Tabela indicando o percentual de homem e mulher bissexuais em 10 capitais brasileiras	83
Figura 16	Quadro de Kinsey sobre a sexualidade	85
Figura 17	Relações entre enunciados e performances de gênero e sexualidade	99
Figura 18	Imagens do sítio UOL	125
Figura 19	As possibilidades de ingressos nas “Salas Cidades e Regiões”, UOL	125
Figura 20	Imagem de 22 salas Recife Cidades e Regiões disponíveis no bate-papo UOL	126
Figura 21	Imagem da solicitação de identificação na sala de bate-papo UOL	127
Figura 22	Imagem do ingresso em uma sala de bate-papo UOL	128
Figura 23	Imagem do chat em funcionamento e usos de seus recursos	129
Figura 24	Constelação de subgêneros do gênero chat	137
Figura 25	Anúncios publicitários no Diário do Nordeste, Classificados, em 03/01/2012	147

LISTA DOS QUADROS

Quadro 01	Rascunho para um artigo de opinião	25
Quadro 02	E-mail enviado à professora Judith	32
Quadro 03	Novas questões para a entrevista com os sujeitos da pesquisa	36
Quadro 04	Pontos a serem (re)pensados durante a pesquisa	37
Quadro 05	Explicação dos recursos técnicos da Sala de bate-papo UOL	130
Quadro 06	Nomes acrescentados de características, usados nos chats UOL	164
Quadro 07	<i>Nicks</i> indicadores de contato virtual, usados em 2008	169
Quadro 08	<i>Nicks</i> com apresentações de si como “casados”	175
Quadro 09	<i>Nicks</i> com apresentação do papel no intercurso sexual	176
Quadro 10	<i>Nicks</i> com apresentação de si em sentido de aparência e rendimento	177
Quadro 11	<i>Nicks</i> e a construção de si como bissexual	185
Quadro 12	Bissexuais em “gritos” e “anúncios” de si	188
Quadro 13	Faces da masculinidade bissexual em conversas tecladas	232

SUMÁRIO

Introdução	O encontro com (e a construção de) um questionamento de estudo: a construção discursiva das masculinidades bissexuais	14
	O encontro com a temática	14
	Sobre homens, o saber acadêmico	17
	O homem e sua sexualidade: reflexões e meus primeiros escritos	19
	A chegada ao PGLetras e a construção do projeto da pesquisa	21
	Situando o estudo como Linguística Aplicada	26
	A etnografia virtual para a geração de dados	31
	As masculinidades bissexuais pela Linguística <i>Queer</i>	38
	A pesquisa em sua tessitura escrita	41
Capítulo I	Sexualidade: uma abordagem socioantropológica e discursiva – os comportamentos sexuais, a “invenção” da sexualidade e a sexualidade maleável	44
	Panorama da sexualidade contemporânea	46
	Sobre as práticas e condutas sexuais na história ocidental da humanidade – a metafísica e a ciência	50
	Algumas considerações acerca da criação da sexualidade	56
	Miscelânea de práticas sexuais no cotidiano: a sexualidade plástica na liquidez da vida	57
Capítulo II	As bissexualidades masculinas – as tramas de práticas de gênero e sexualidade	65
	A ideia de homem na história	65
	Do conceito de homem ao de gênero: a construção discursiva das masculinidades	68
	A crise da masculinidade – diversidade e hegemonia	73
	O(s) masculino(s) bissexual(is)	77
	Compreensão da bissexualidade	78
	A visibilidade progressiva da bissexualidade	84
	Os diversos modos das masculinidades bissexuais	87
Capítulo III	Linguística <i>Queer</i> e performatividade: linguagem em performances de gênero e sexualidade	93
	O enunciado e a força performática: manutenção e subversão de gênero e sexualidade	95
	Linguística <i>Queer</i> : recursos e estratégias linguístico-discursivas na construção de identidades subversivas	103
	A teoria <i>queer</i>	103
	A linguística <i>queer</i> , “escolhas” linguístico-discursivas	110

Capítulo IV	O chat, a conversa e entrevista tecladas em bases de gênero, sociolinguísticas e culturais para um estudo queer	123
	<i>Chat</i> UOL: percurso de ingresso e recursos técnicos	124
	<i>Chat</i> – um recurso técnico, uma comunidade de práticas discursivas	132
	<i>Chat</i> – agrupamento social e conversas paralelas	141
	Entrevistas, narrativas de si	151
	<i>Chat</i> : conversas e entrevistas tecladas: o posicionamento sobre masculinidades bissexuais	156
Capítulo V	Hxh - a socioconstrução discursiva online de masculinidades bissexuais	160
	ANÁLISES – BLOCO 1 – <i>Nicknames</i> , “gritos”, “anúncios de si” e algumas conversas abertas – os processos interacionais nos encontros bi/sexuais em “praças públicas”	161
	Quem são os papeadores? O uso de <i>nicknames</i> ...	162
	Homens nos <i>chats</i> : localidade, idade, cam	164
	Homens nos <i>chats</i> : estado civil, intercurso sexual, corpo, sexualidade	174
	Homens, nicks e a construção de masculinidades bissexuais	184
	ANÁLISES – BLOCO 2 – Entrevistas e narrativas de si – posicionamentos/marcações da identidade masculina bissexual	191
	O homem bissexual e sua compreensão do <i>chat</i>	192
	O encontro: bissexuais e pesquisador	195
	O que é a masculinidade bissexual, as masculinidades bissexuais	199
	O que é a masculinidade bissexual, as masculinidades bissexuais 2	205
	Masculino bissexual: ativo, passivo ou flex?	209
	O preconceito sobre e nas masculinidades bissexuais	213
	As masculinidades bissexuais e a declaração de si	222
Conclusão		226
Referências Bibliográficas		235

INTRODUÇÃO

**O ENCONTRO COM (E A CONSTRUÇÃO DE) UM
QUESTIONAMENTO DE ESTUDO: a construção discursiva das
masculinidades bissexuais nas salas cidades e regiões Recife (PE) do chat UOL**

O encontro com a temática

APENAS em 2003, no final do ano, passei a ter em casa um computador, era um PC comprado por minha irmã para sua filha, minha sobrinha. Naquele momento, vivia em uma pequena cidade do Mato Grosso. Na época, a Internet era discada, e o provedor era o UOL. Assim, a página que logo tinha acesso era a homepage UOL. A partir desse fato, passei a acessar e a navegar pelo mundo virtual e deparei com as salas de bate-papo, na tentativa de conversar com outras pessoas, visto que era o meio mais viável, de, estando naquela cidade, estabelecer amizades, mesmo que não soubesse exatamente com quem. Mas minha intenção era a de, de fato, conversar, fazer amizade, até mesmo estreitar laços, visto que era assim o conceito de amizade que sempre acreditei a vida inteira, vale frisar, a vida *off-line*. Mas, logo percebi que os interesses, naqueles espaços reservados para conversas, não estavam restritos simplesmente à amizade, ou mesmo não a tinham como foco. Era um interesse sexual. Indo mais, era um interesse sexual entre homens. Eram homens que estavam ali com interesses em “conversar” com outros homens, estavam interessados em manter relações sexuais, ou, especificamente, homossexuais. Mas, outro aspecto me chamava à atenção. Aqueles homens também se denominavam de bissexuais, não apenas homossexuais. Era o homem “gilete”, pois era sobre esse homem que o senso comum dominante sempre falou e sobre o qual eu tinha um certo saber, aquele homem que “corta dos dois lados”, em comparação com a lâmina de barbear da marca *Gillette* (*ver capítulo 2*). Esse foi meu primeiro encontro com o tema da masculinidade bissexual.

Não estou negando que ao longo da vida não ouvi aqui e ali algo a respeito de homens que eram considerados giletas. Estou deixando evidente que é nesse momento, quando o computador e a Internet entram em minha vida, que, de fato, esse comportamento, ou prática sexual, me aguça a curiosidade, ao ponto de “levantar a lebre” em mim. Também não estou afirmando que, de imediato, quis estudar a respeito

desse tema, tampouco que nesse mesmo ano elaborei um questionamento mais sistematizado acerca da questão. Diria que fiquei curioso! Curiosidade “passageira”, no momento.

Nos anos seguintes, até o início de 2006, outros fatos participaram desse encontro (dessa construção) com o tema da masculinidade bissexual. Como professor universitário de leitura e produção de texto, em um curso de História, gostava de trabalhar com alguns gêneros textuais, na tentativa de que os alunos compreendessem aqueles textos pela perspectiva do conceito bakhtiniano de enunciado. Ou seja, que compreendessem que existe algo para além da materialidade do texto, o que Bakhtin chama de extraverbal de fala: os sujeitos, aquele que produz o enunciado, e o outro para quem o enunciado é produzido; o momento histórico da produção, as intenções ideológicas pelas escolhas de recursos, sejam linguísticos ou não linguísticos etc. Um gênero textual que costumava abordar com meus alunos, calouros, era a *capa de revista*. Por isso, acabava encontrando e lendo revistas publicadas em anos anteriores. Nessa empreitada, defrontei com duas edições da revista *Veja*, que em suas reportagens de capa abordavam o



Figura 01: Capa da revista *Veja*, 22 de agosto de 2001.

homem. A edição mais anterior, mostrada acima, foi a de 22 de agosto de 2001.

Essa capa trouxe para mim uma discussão nova, pois a revista mencionava que a obrigação de manter a imagem de super-herói, sinônimo de força e poder, estava provocando uma angústia masculina. A problemática era para mim nova porque nunca tinha pensando sobre o homem pela perspectiva de que ser homem, tal qual fomos formados, pudesse causar alguma angústia, visto que sempre fui discriminado por não ser o sinônimo de virilidade que a sociedade “exige” do homem, pois meus

comportamentos quase sempre fugiram daqueles que hoje entendo como comportamentos dentro da expectativa de *papel do homem* (ver capítulo 2). A imagem da capa já nos apontava um comportamento de homem diferenciado da “imagem” masculina arraigada na sociedade. Assim, ao refletir sobre essa angústia masculina, comecei a relacioná-la com o comportamento dos homens nos *chats*, e iniciei uma inferência de que, se outros comportamentos estavam sendo possíveis aos homens, esses não estavam apenas relacionados à segurança, à força e ao poder, mas também, possivelmente, a novos comportamentos sexuais. A outra edição da *Veja* que participou desse meu encontro com essa temática foi a de 1º de outubro de 2003, com a reportagem de capa “O Novo Homem”, ao lado.

Na capa, a revista já dizia que o novo homem é aquele com preocupações com a forma física, cabelos e roupas, mas, mais do que isso, é aquele homem com uma nova maneira de ver o



Figura 02: Capa da revista *Veja*, 1º de outubro de 2003.

mundo, e de atuar nele de maneira diferente, até mesmo impensada, nas últimas décadas. Um dos itens apontado para o comportamento desse novo homem, chamado de metrossexual, é a incursão pelo universo feminino. Agora, entendo que é, apenas, um universo, antes, considerado feminino. Comecei posteriormente a entender, em 2006, a partir da leitura do artigo “Inserção de elementos culturais e interesses econômicos no conceito de masculinidade contemporânea na mídia magazine”, de Marcos Roberto Godoi e Roberto Boaventura da Silva Sá, de 2005/2006, que o metrossexual tinha fortemente uma construção midiática, em favor da indústria de cosméticos, favorecendo esse novo comportamento masculino na contemporaneidade (ver capítulo 2). A

reportagem discutia esse novo homem em suas emoções. Assim, mais uma vez, relacionei que esse novo homem também estava mudando em comportamentos e práticas sexuais. Não estou dizendo que o metrossexual é um homem de comportamento homossexual, mas que, nessa mudança do comportamento masculino, muitos homens têm também deixado de ser restritamente heterossexual, como os que se intitulam bissexuais, nos *chats*.

Sobre homens, o saber acadêmico

Na época, para pensar a respeito das capas, li o artigo “O sentido nas malhas do discurso”, de Pedro Luiz Navarro-Barbosa, de 2006. Nesse texto, Navarro-Barbosa discutia a produção discursiva da mídia impressa e televisiva sobre homem e mulher. Refletia sobre o discurso como processo e um efeito de sentido, e como a mídia estava construindo sentidos sobre “a nova imagem do homem contemporâneo” e sobre “a presença da mulher na política e na economia do país”. Para o pesquisador,

O modo como a sociedade concebe o papel do homem e da mulher também sofreu alterações, que trouxeram ganhos positivos e, juntamente, acarretaram uma crise de identidade, uma vez que os papéis que tais sujeitos exercem hoje na sociedade parecem não ser como antes, quando eram mais bem definidos e delimitados (NAVARRO-BARBOSA, 2006).

Quando da leitura desse artigo, aquela lebre levantada parecia encontrar respaldo acadêmico, respaldo do saber sistematizado. Começava a acreditar que tinha razão em pensar que estava acontecendo um movimento de alteração no comportamento masculino naquele espaço *online*, visto que, como comenta Navarro-Barbosa (2006), os papéis dos sujeitos já não eram como antes. Ele falava inclusive em crise de identidade, e que a fragmentação estendia-se também às questões de gênero e de sexualidade. Neste momento, comecei a articular meus pensamentos para compreender mais acerca daqueles homens, que nos *chats*, em um número significativo, procura(va)m estabelecer relações afetivas e sexuais com outros homens, ao mesmo tempo em que se diziam com interesses também pelas relações sexuais com mulheres, alguns chegando a afirmar que eram/são heterossexuais. A partir dessa leitura, começou a germinar um interesse, mas ainda muito pouco, sobre “práticas identitárias no contexto da pós-modernidade”, ou

“modernidade tardia”, como falava Navarro-Barbosa (*ver capítulo 1*). Creio que é importante afirmar que continuava acessando as salas de bate-papo, mas nunca com o olhar de pesquisador.

Também em 2006, uma outra capa de revista, levada aos meus alunos, como gênero textual a ser estudado, participou desse encontro com a reflexão sobre a masculinidade bissexual. Essa abordava a bissexualidade, mas a feminina: a edição de 21 de dezembro de 2005, ao lado.

A reportagem sobre a sexualidade da cantora Ana Carolina destacava a bissexualidade em todas as falas da intérprete, como em “eu sou bissexual” e “acho natural gostar de homens e mulheres”. Citava que



Figura 03: Capa da revista *Veja*, 21 de dezembro de 2005.

a cantora disse “posso até estar saindo com uma mulher, mas se eu me apaixonar por um homem e decidir casar com ele na igreja, de véu e grinalda, ninguém vai impedir”. Assim, afirmava que o comportamento de Ana Carolina era um reflexo de uma mudança na forma como os jovens brasileiros encaram a sexualidade. Dizia ainda que o que está acontecendo é uma mudança cultural, que dá abertura a experimentações sexuais (*ver capítulo 1*). Destacava também que

Na Grécia e Roma antigas, era um comportamento socialmente aceitável, especialmente quando envolvia um homem mais velho e um adolescente. A religião judaico-cristã, porém, ergueu pesadas interdições. São Paulo, na epístola aos Romanos, diz que os homens que “se queixam de paixão” uns pelos outros praticam “relações contra a natureza” e são, portanto, vergonhosos (*Veja*, 2005, p. 125).

A publicação apontava para um tratamento a esse comportamento, desde essa época, como algo desviante. Mas dizia que nos dias atuais, a sociedade tende a

abandonar o que considera um preconceito ancestral. O curioso também da reportagem, é que, mesmo citando as falas da cantora, nas quais ela se intitula bissexual, tratava essa conduta como homossexualidade. É o escamoteamento da bissexualidade. Pelo exposto, essa reportagem agrega mais informações as minhas “inquietações” sobre o comportamento masculino nos *chats*. E soma-se às cenas do filme “Cazuza”, que tinha mostrado em meados de 2005 à sociedade brasileira um Cazuza em cenas de beijos com mulheres, apontando para seu interesse heterossexual, entretanto, também em cenas de beijos com rapazes, destacando do mesmo modo seu interesse homossexual: um Cazuza bissexual.

O homem e sua sexualidade: reflexão e meus primeiros escritos

Neste ano, 2006, posso afirmar que já compreendia que a sociedade estava passando por uma mudança cultural, no tocante às questões de identidade e que as conversas tecladas entre homens que se intitulavam bissexuais mereciam uma reflexão acadêmica. Entretanto, não só as conversas nos *chats* passaram a despertar em mim essa reflexão, mas inclusive o comportamento *off-line* dos homens e o que se dizia sobre eles. Foi assim que escrevi o meu primeiro artigo de opinião, “Na linguagem, o preconceito¹”, publicado inicialmente no jornal “Folha do Estado”,



Figura 04: Recorte do artigo de opinião “Na linguagem, o preconceito”.

no Estado do Mato Grosso, em 28 de julho de 2006, no dia da “Parada da Diversidade”,

¹ Disponível em http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/na_linguagem_preconceito_medo_e_inseguranca. Último acesso em 11 de novembro de 2011.

naquele ano, em Cuiabá, no qual trazia respostas para o seguinte questionamento: “O que revelam os termos usados para fazer referência aos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, ou às suas ações, comportamentos, ou às sociedades nas quais essas orientações sexuais não entram mais nos armários?”. Nesse, “analisei” algumas palavras usadas na mídia, na semana anterior àquela, para fazer referência aos não heterossexuais. E disse:

Esta pequena reflexão aponta que as palavras usadas para falar aos e sobre os GLBTs indicam que esse grupo é visto como irregular, não possuidor dos valores apregoados pelas famílias, igrejas, escolas e Estado que se impõem hegemonicamente como absolutos, verdadeiros, corretos; sem nódoas. Os termos denotam o preconceito gritante contra os não héteros. Contudo, além disso, fazem conhecer que esse preconceito é oriundo do medo e da insegurança diante do outro que não é seu reflexo. Assim, esta discussão quer que entendamos que é urgente o entendimento de que somos (todos) “irregulares”, diferentes e que, ao contrário, isso não significa nódoa. Somos seres sócio-históricos e as mudanças são constitutivas do nosso ser (SANTOS FILHO, 2006, p. 02).

Nesse período, era aluno do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), na UFMT, e, pelo interesse crescente para realizar estudos sobre o homem e seu comportamento sexual, desenvolvi um estudo, para o “Tópico em Análise do Discurso”, na parte sobre a Sociolinguística Interacional, ministrada pela professora Ana Antônia Peterson. Escrevi o artigo, não publicado, “Conversas tecladas e alguns aspectos da atividade interacional entre bissexuais masculinos na contemporaneidade”, o qual conclui com a seguinte afirmação:

A partir da conversa teclada, é possível vislumbrarmos que esta não é algo que se dá de forma refletida. Ao oposto, a conversa forma-se no momento da interação, visto que é um jogo de forças entre os interagentes. Por isso, só poderemos ter sucesso se entendermos como cada grupo social/cultural organiza suas falas, diferente de partir de características gerais. A análise aqui exposta não nos dá condições para apontarmos os modos específicos de organização das conversas entre bissexuais em Cuiabá, porém, com estudos mais acurados, provavelmente, possamos destacar as formas recorrentes nos modos de organização das conversas entre eles. Pensando por esse ângulo, esse conhecimento pode nos auxiliar nas conversas tecladas com os interlocutores desse grupo cultural e fornecer explicações para o que acontece nas conversas tecladas entre os bissexuais masculinos e apontar aspectos da identidade masculina na contemporaneidade (SANTOS FILHO, 2006, s.n.t.).

Com esse estudo e essa escrita, fica nítida a minha vontade de estudar os homens bissexuais e as interações nas conversas tecladas.

A chegada ao PGLetras e a construção do projeto de pesquisa

Assim, no início de 2007, em viagem à casa de um amigo, ex-aluno, no interior de Alagoas, no sertão alagoano, conheci um amigo seu, psicólogo, e que, em conversas, falou-me que tinha interesses em estudar sobre o homossexual ativo. Mostrou-me (e emprestou-me) alguns artigos e apostilas sobre a temática. Dentre esses, estava o artigo “Masculinidade na História – a construção cultural da diferença entre os sexos”, de Sérgio Gomes da Silva, de 2000, que falava, justamente, da crise da masculinidade, mostrando que ela não é do nosso tempo, apenas visível em nossos dias (confesso que nunca devolvi as apostilas do rapaz). No mês seguinte, por acaso, enquanto navegava com minha irmã à procura de um curso de mestrado próximo ao Estado de Alagoas, pois é o lugar de residência dela, deparei com o PGLetras, e nesse com três disciplinas que, certamente, me dariam fortes contribuições para o estudo que desejava desenvolver no doutoramento: “Análise da Interação verbal”, ofertada por Kazuê Saito, “Oralidade e Escrita”, por Ângela Dionísio, e “Antropologia Linguística”, por Judith Hoffnagel. Meses depois, mudei-me para Recife, para ser aluno ouvinte no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFPE, para cursar tais disciplinas. Confesso que “botei os olhos” sobre os trabalhos desenvolvidos por Judith e percebi que “Antropologia Linguística” poderia ser o espaço no qual minhas reflexões poderiam amadurecer, visto que se apresentava como “estudo das principais abordagens, teorias e metodologias da Antropologia Linguística. Relações entre Linguagem, Sociedade e Cultura”. Kazuê, ao ler o artigo antes citado, cobrou-me um questionamento de pesquisa, e, então, nas aulas com Judith, nasceu este: “O que as conversas tecladas, de homens que se intitulam bissexuais, apontam sobre esse grupo social e, conseqüentemente, sobre a identidade masculina na contemporaneidade?”. Percebam que, pela trajetória, dei enfoque às conversas tecladas. Entretanto, quando da elaboração do projeto, considerei essa pergunta ampla e preferi perguntar “Qual é a participação de sujeitos bissexuais nessas conversas?”. Ou seja, “Como esses homens, nesse processo discursivo, constituem-se bissexuais, ao mesmo tempo em que constroem online masculinidades bissexuais?”. Ganhou vida, então, minha proposta de pesquisa para o doutoramento, que ora está em conclusão. Era final de 2007.

É importante explicar que participação é um conceito discutido por Duranti (1997), no texto “Unidades de participación”. Nele, esse pesquisador nos permite entender que participação é mais que fala; é a atividade/ação na qual está incorporada a totalidade do significado da experiência de um membro de uma comunidade de fala. Textualmente, ele afirma que

Pensar en los hablantes como participantes significa, entoces, moverse más allá del habla e, incluso, más allá del habla como acción, e incorporar la totalidad de la experiencia de lo que significa ser miembro de una comunidad de habla. Al mismo tiempo, la participación es una dimensión del habla que tiene también raíces gramaticales (DURANTI, 1997, p. 376).

Assim, propus outros questionamentos micro, tais como, i) que imagem(ou imagens) da bissexualidade é construída?, ii) qual (ou quais) comportamento afetivo sexual é proposto para o bissexual?, iii) que identificação e ou distanciamento ocorre em relação às outras masculinidades, ao heterossexual e ao homossexual?, e iv) em que sentido a participação provoca “fissuras” na “ordem simbólica pública”, a respeito das práticas sexuais, isto é, no sistema de gênero inteligível?

Neste ponto da narrativa, quero abrir um parêntese para dar uma ligeira explicação do conceito de gênero inteligível. Como já disse em Santos Filho (2009), vivemos em uma sociedade na qual sobre as práticas e os desejos sexuais há uma “ordem simbólica pública” (THEIJE, 2002) ou um “senso comum dominante” (PINTO-COELHO e MOTA-RIBEIRO, 2007) que acredita que os desejos e as práticas eróticos, sexuais e afetivos entre pessoas do sexo oposto fazem parte da natureza e que esse é o modelo de relacionamento eterno entre as pessoas. Isto é, em nossa sociedade ainda há a crença de que a heterossexualidade é natural, em seu aspecto biológico e divino, e que, sendo assim, é a “fórmula” para o relacionamento entre homens e mulheres. Por conseguinte, esse entendimento se dá pela crença de que existe uma identidade masculina e uma feminina, oriundas da essência de cada sexo, as quais são “programadas” para se relacionarem opostamente. Teoricamente falando, dessa forma, tem-se, com base em Butler (2003), a concepção de que, dentro desse sistema de gênero bipolar masculino-feminino, o gênero é inteligível, isto é, acredita-se que, seja no masculino, seja no feminino, existe e deve existir uma coerência interna; uma continuidade entre sexo, gênero e práticas e desejos sexuais. Nessa engrenagem, passa-

se a ter a heterossexualidade como uma norma: a heteronormatividade. Na tentativa de melhor esclarecer o antes exposto, com base nas ideias de Butler (2003) a respeito dessa ordem social vigente e de Schiebinger (2001) sobre terminologia, quando discute os estudos de gênero e a ciência, apresentei este esquema abaixo:

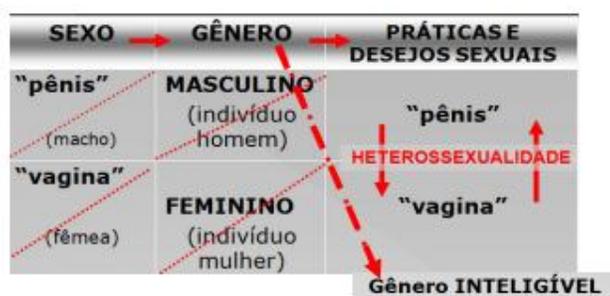


Figura 05: Esquema de compreensão do sistema de gênero inteligível.

Através desse esquema de compreensão, o qual representa a ordem vigente em nossa sociedade a respeito da identidade de gênero e da identidade sexual, percebi que o sujeito que nasce com um pênis, isto é, que é considerado o macho, automaticamente é entendido como masculino. O mesmo ocorre então com a mulher, o indivíduo que biologicamente é considerada fêmea. Por esses parâmetros, em suas práticas e desejos afetivos, sexuais e eróticos, esses sujeitos devem se relacionar opostamente. Ou seja, esses indivíduos são e devem ser heterossexuais. Fecho o parêntese.

Nessa construção da proposta de pesquisa, li o texto “Identidade Sexual e identidade de gênero: subversões e permanências”, de Gabriele dos Anjos, de 2000, e a partir da reflexão ali proposta, compreendi que as práticas discursivas entre homens nos *chats*, MSN, Orkut, com esse interesse bissexual, além de serem sexuais e afetivas, referiam-se também a gênero e, essencialmente, eram práticas políticas e ideológicas, pois, a elas estão atreladas condições de cidadania. Agora conseguia compreender de modo mais apurado o que dizia Navarro-Barbosa ao discutir representações de homem e mulher, na mídia, atreladas a questões de poder. Em função disso, recorri à Análise Crítica do Discurso (ACD), escopo teórico que conheci na disciplina Antropologia Linguística, em Fairclough (1997, 2001a, 2001b e 2003), van Dijk (2003), Resende e Ramalho (2006) e Wodak (2008), por entender que a ACD interessa-se por problemas sociais, que as relações de poder são discursivas, que o discurso constitui a sociedade e

a cultura e que o discurso tem um funcionamento ideológico, e é histórico. Meurer (2005) esclarece que os estudos críticos de discurso objetivam alertar sobre o poder constitutivo e ideológico do discurso. Nesse entendimento, estendi à ideia de “problema social” em Fairclough, a ideia de questionamento social, controvérsias, com base na ideia de discurso positivo (MARTIN, 2004), na perspectiva de que nos *chats* há prática discursiva “inovadora”, em gênero e sexualidade. Com essa base teórica e metodológica, realizei um estudo piloto, publicado inicialmente com o título “A construção Discursiva Online da Bissexualidade Masculina” (SANTOS FILHO, 2008) e, posteriormente revisado, como “A prática bissexual masculina comentada” (SANTOS FILHO, 2010a). Também foi publicado o estudo “‘Cenas’ de amor entre pessoas do mesmo sexo – abalos na inteligibilidade do gênero” (SANTOS FILHO, 2009). Escrevi também “ACD: semiose, discurso e procedimentos de análise em um olhar para a representação de um novo homem no ‘quadro de notícias’ do *Yahoo!*” (SANTOS FILHO, 2010b), esse como conclusão da disciplina “Análise do Discurso”, ministrada pela professora Virgínia Leal.

A problemática proposta necessitou de uma abordagem interdisciplinar, por isso, cursei, a pedido de Judith, a disciplina “Teorias feministas, Políticas e Diálogos com a Antropologia”, com as professoras Marion Quadros e Lady Selma, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na UFPE, em 2008, na qual escrevi o ensaio “Do conceito de gênero ao de gênero ‘inteligível’” (SANTOS FILHO, 2010c), título recebido após revisão para a publicação, antes “A heterossexualidade como norma”. Possuo uma anotação, escrita na disciplina, - rascunho para um artigo de opinião, que na época pensei em publicar, – que já demonstrava um avanço e uma melhor compreensão sobre as questões de gênero e sexualidade, abaixo transcrita:

“Cara de homem” é a expressão que tem sido ouvida recorrentemente nos últimos dias, desde que Marcelo – um dos integrantes do *reality show Big Brother Brasil*, exibido pela rede Globo em sua oitava edição – comentou que é homossexual. A partir dessa revelação, é possível compreender o que pensa a grande massa brasileira sobre a homossexualidade masculina. Isto é, a partir da fala “Mas ele tem cara de homem!”, entendemos que, provavelmente, o senso comum acredita que o homossexual masculino necessariamente é afeminado, ou que possua traços femininos que lhe assegurariam o desejo de ser mulher. Se, de fato, essa é a idéia que paira nas cabeças dos brasileiros, afirmo que se faz urgente uma reflexão coletiva sobre identidade sexual e identidade de gênero, para que possamos compreender e acolher o homossexual sem características femininas (como Marcelo) e aquele com esses traços, bem como o heterossexual que rompe com os limites da masculinidade hegemônica.

Quadro 01: Rascunho para um artigo de opinião

A partir das compreensões sobre gênero e sexualidade, em Butler (2003), comecei a entender que meu estudo era/é uma reflexão sobre *performatividade* (*ver capítulo 3*). Por isso, atendendo a sugestões conceituais e metodológicas, passei a olhar as conversas tal qual as olhei naquele artigo acadêmico escrito sobre as conversas tecladas, em 2006, – passei a olhá-las pela perspectiva da Sociolinguística Interacional, pelos estudos de Goffman, Gumperz, Marcuschi, Koch, Ribeiro e Garcez, pois me permitiam falar em construção e não apenas em representação identitária, como vinha fazendo (*ver capítulo 4*). A perspectiva construcionista dá relevância aos processos sócio-históricos de construção do corpo e da conduta social. Para ela, as crenças, os sentidos, compõem no momento da interação; essas funcionam como etiquetas identitárias, que são valorizadas, em comunidades, nos processos interativos, produzindo efeito de estabilidade do corpo e das condutas. Entretanto, podem ser alteradas, reconstruindo outros corpos e outras condutas (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2002). O encontro com os estudos do professor Luiz Paulo da Moita Lopes foi de fundamental importância para a compreensão necessária a ser estabelecida entre linguagem e construção identitária, pois, a partir desses, muitos outros teóricos e perspectivas metodológicas foram sendo agregados. O primeiro texto dele lido foi “Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas”, de 2002,

em coautoria com Branca Falabella Fabrício. Não só o encontro com os textos, mas o encontro com o próprio pesquisador serviu de amparo à pesquisa, pois, em abril de 2008, quando ele teve acesso a um resumo de um trabalho meu, disse-me que era uma pesquisa ímpar, incentivando-me neste estudo, além de fornecer referências bibliográficas. A partir de um comentário seu, fiquei durante longos meses refletindo para, de fato, compreender a grande diferença entre representação e construção, solicitação feita pelo professor após a leitura de uma publicação minha.

Foi também de fundamental importância para o estudo o livro “Language and Sexuality”, de Deborah Cameron e Don Kulick, de 2003, indicação de leitura (e empréstimo, proposital) de Judith. Foi especificamente com essa leitura que compreendi que meu estudo não era apenas de gênero, mas também de sexualidade, e foi com ele que encontrei orientações para pensar, nesta pesquisa, as questões de linguagem entrelaçadas às de sexualidade.

Situando o estudo como Linguística Aplicada

De 2008 até 2011, dentro desses parâmetros, situo-me como realizando um estudo em linguística aplicada (LA), aqui não como uma disciplina, mas como um campo de estudos (Rojo, 2006; Moita Lopes, 2006), o qual para Rojo (2006) é resultado do nexo entre a privação sofrida, aqui entendida como os sofrimentos enfrentados, no tocante à bissexualidade enquanto uma sexualidade marginal, advindos da cultura inteligível, e a levitação teórica desejada, articulação de saberes necessários. Nesse sentido, a LA para Moita Lopes (2006) é um campo de estudos no qual o conhecimento é produzido através da união entre teorias e práticas sociais, todavia, não por uma ótica ocidentalista de produção de saberes, a qual compreende que “o conhecimento não tem nada a ver com o modo como as pessoas vivem suas vidas cotidianas, seus sofrimentos, seus projetos políticos e desejos” (Moita Lopes, 2006, p. 87). Essa compreensão apenas aconteceu em 2010, quando lecionei a disciplina “Linguística Aplicada” para um curso de graduação em Letras e nessa realizei discussões com textos de Moita Lopes e Roxane Rojo.

Aqui, considero que se faz necessário explicitar, com base em Moita Lopes, a concepção de discurso que sustenta minha investigação. Abro um segundo parêntese.

Nos últimos anos, presenciamos transições em diversos aspectos da sociedade, a exemplo do que comentei acerca das identidades de gênero e sexualidade masculina, que assumem o tópico central nessas mudanças, segundo Moita Lopes (2002). Para esse pesquisador, tais mudanças têm como um dos motores os processos de globalização, e são possibilitadas pelos meios midiáticos. Assim, “as mudanças na vida contemporânea são inseparáveis da linguagem” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2002, p.13), pois, as mudanças são constituídas na linguagem (MOITA LOPES, 2001; 2004), compreensões forjadas com base nos estudos de Fairclough (1999). Por isso, a partir de Santos (2000), afirmam que “o discurso passou a ser central na vida contemporânea porque ‘nada de importante se faz sem discurso’” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2002, p.13; MOITA LOPES, 2004). Nesse raciocínio, concordo que nos estudos em linguagem vivenciamos a “virada discursiva”, “a compreensão de que entender o funcionamento do discurso é fundamental para produzir conhecimento sobre a vida humana e social” (MOITA LOPES, 2009b, p. 14).

Nesse sentido, assumo a ideia de que discurso é o uso da linguagem como forma de prática social, isto é, é “a combinação total de ditos, feitos, pensamentos, sentimentos e valorações”, Moita Lopes (2009b, p.12), citando Gee (1990). Discurso é o uso da linguagem como “fruto de nossa vontade de fazer o significado compreensível (ou não) para o outro no dia-a-dia das práticas interacionais” (MOITA LOPES, 2009b). Entretanto, devemos compreender com esse pesquisador que significar não é algo intrínseco à linguagem, mas algo que resulta de um esforço de negociação, embates, ideologia e poder; é construído pela ação conjunta de sujeitos situados (MOITA LOPES, 2011) Logo, o uso da linguagem envolve a ação humana. Então, “o discurso é, portanto, ação social. É um modo de fazer coisas com as pessoas e com o mundo social. Quando nos engajamos no discurso, estamos representando o mundo por meio da linguagem mas estamos acima de tudo (...) construindo o mundo” (MOITA LOPES, 2004).

Para Moita Lopes (2003), o discurso é uma ação de natureza sociodialógica, visto que é co-construído, pois não há uso da linguagem sem que a alteridade esteja integrada. Ou seja, é a interação que está na base da organização social, visto que “o outro é o contexto para quem e no qual significar” (MOITA LOPES, 2009b, p. 13). Nessa perspectiva dialógica, o discurso é também multivocal, pois se refere a outros

discursos. Outra característica do discurso é que ele é sempre situado, isto é, os participantes discursivos são sujeitos situados na história, na cultura, em instituições, ou seja, o discurso é mediado pelo que as pessoas pensam que são e pelo que pensam que os outros sejam (MOITA LOPES, 2002), logo, é mediado, porque “todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores” (MOITA LOPES, 2003, p. 19). Por isso, afirmo com Moita Lopes que

(...) quando usamos a linguagem não o fazemos com um interlocutor ou usuário simplesmente, mas com, por exemplo, um homem mulato, bissexual, jovem, de classe trabalhadora, brasileiro, enfermeiro, etc., ou seja, a partir de suas marcas sócio-históricas ainda que certos traços identitários sejam suspensos em algumas práticas discursivas ou em alguns posicionamentos interacionais em uma mesma prática discursiva ou que possam se tornar mais relevantes em algumas práticas ou em certos posicionamentos interacionais (MOITA LOPES, 2003, p. 20).

Por esse ângulo, o contexto não é direto, porque o outro não é; assim também não é o discurso. Nesse sentido, como afirma Moita Lopes (2002), o contexto interacional é uma construção interpretativa no discurso.

Não acontecendo em um “vácuo social”, o discurso é também ideológico, “uma vez que todo usuário está imbricado nos significados que produz, revelando seus interesses, valores, visões de mundo” (MOITA LOPES, 2006a, p. 139). Além de ser mediado, o discurso também é mediador, isto é, tem caráter constitutivo ou socioconstrucionista. Ou seja, ao agirmos discursivamente, estamos construindo nossos interlocutores e a nós mesmos, construindo a vida social. Nessa percepção,

(...) nós somos os discursos em que circulamos: eles nos fazem e constroem, ou seja, a linguagem não nos representa simplesmente, mas nos constrói: “em vez de assumirmos que falamos de modos particulares por causa de quem somos, pode ser mais útil considerar a possibilidade de que somos quem somos por causa de como falamos” (Pennycook, 2007) (MOITA LOPES, 2009b, p. 15).

A base da natureza socioconstrucionista do discurso está no fato de que “os significados que atribuímos às coisas, às pessoas e a nós mesmos [são] fabricações sociais” [inserção nossa] (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2002, p. 16), e sendo assim, os discursos forjam um “museu imaginário” que nos influencia (MOITA LOPES, 2002, a partir de Sarup, 1996). Segundo Moita Lopes (2003), a percepção do caráter

constitutivo do discurso nasce na sociologia e na psicologia social, através do entendimento básico de que “os objetos sociais não são dados no mundo mas são construídos, negociados, reformados, modelados e organizados pelos seres humanos em seus esforços de fazer sentido dos acontecimentos do mundo” (MOITA LOPES, 2003, p. 23). Para esse pesquisador, o ponto central dessa compreensão é que “os significados [são] compreendidos como resultado dos processos sociointeracionais em que nos engajamos no dia-a-dia no espaço conjunto de entender a vida à nossa volta” (MOITA LOPES, 2003, p. 23). O discurso, por essa perspectiva, tem papel de mediador da identidade social. Nessa mesma compreensão, é necessário entender que as pessoas não estão assujeitadas a significados sedimentados, ao contrário, nos embates cotidianos, vão repensando e reformulando os significados. Assim, há a possibilidade do contradiscurso.

Sobre as práticas discursivas, é importante considerar que quando usamos a linguagem nos posicionamos na sociedade e posicionamos os outros com quem interagimos, isto é, nos localizamos e também localizamos o outro. Assim, essa ideia de discurso é coerente com o conceito de *alinhamento* de Goffman ([1979] 2002) e de *posicionamento* de Davies e Harre (1990) e de Wortham (2001), conceitos que são muito próximos, como afirma Moita Lopes (2002; 2004). Para além disto, é importante também perceber que uma das estratégias de fazer sentido da vida, nas interações cotidianas, é o contar histórias, é a *narrativa* de si (MOITA LOPES, 2001). Assim, a compreensão de discurso apresentada se coaduna com o conceito de *entrevista como narrativa* (ARFUCH, 1995) e *pequenas narrativas* (Bamberg e Georgakopoulou, 2008; Georgakopoulou, 2009). Do mesmo modo, a compreensão de discurso como ação social se relaciona com a visão *performativa da linguagem* de Butler (2010, 2003) e de gênero e sexualidade como *performances discursivas* (CONNELL, 1995, 1997, 2005; BUTLER, 2010, 2003). Relaciona-se também com a perspectiva construcionista dos estudos socioantropológicos e os estudos da sociolinguística interacional, da análise da conversação e estudos de gênero discursivo. Por fim, dois outros aspectos são necessários frisar: a compreensão discursiva em Moita Lopes está pautada também na

ideia de um mundo hipersemiotizado² e de que a aprendizagem dos significados se dá sempre na cultura, em uma comunidade de prática (WENGER, 2008). Fecho parêntese.

Situada como LA, minha investigação lança olhares para “problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social” (Moita Lopes, 1996). É salutar compreender que essa visão da LA é a de “renarrar a vida social”. Entretanto, “(...) não se trata de levar a verdade/conhecimento [aos participantes do estudo], mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes (...) [intervenção nossa]” (Moita Lopes, 2006, p. 96). Sendo assim, a pesquisa não ignora as vozes dos sujeitos participantes, ao contrário as integra. Outro princípio em meu estudo é o fato de que, para esse olhar sobre a vida social, aqui a prática interativa de sujeitos que se identificam como bissexuais, em conversas tecladas, fez-se necessário que a LA fosse indisciplinar, mestiça, que possuísse quadros conceituais híbridos, tanto em teoria quanto em metodologia, que fosse uma concentração de diferentes áreas do saber, pois, apenas desse modo, se tornaria possível uma aproximação com a complexidade da vida em sociedade (MOITA LOPES, 2002, 2006b).

Desse modo, meu estudo intentou/intenta, de acordo com Amarin (2004) quando essa discute acerca do pesquisador no país do outro,

(...) compreender o sentido da alteridade, ao mesmo tempo que (sic) mantém e mostra a distância. Para fazer isso, precisa interagir intensamente no campo, de modo a adquirir a capacidade de apreender os modos de ação do outro inscritos em linguagem. A compreensão não é lugar de transparência e saturação de sentido, mas lugar de mediação. Compreende-se sempre sob a forma do processo da palavra, reconstruindo-traduzindo o texto do outro (AMORIN, 2004, p. 48).

Já conhecia o livro “O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas ciências humanas”, desde o mestrado, e, na necessidade de pensar sobre minha relação com os sujeitos da

²Em função dessa característica do discurso, consideramos relevante “ilustrar”, ora exemplificar, nossa discussão com textos de diversas mídias, na tentativa de não negligenciar o fato de que os discursos se configuram a partir de diversas, e múltiplas, semioses. A nosso ver, não é suficiente, por exemplo, comentar que a revista *Veja*, em 2001, exibiu em uma de suas capas uma imagem de um novo homem, aquele que foge do estereótipo de homem seguro, frio, corajoso, bem-sucedido, agressivo, provedor. É necessário exibir essa capa. Assim, durante toda a tese encontram-se diversas imagens que nos ajudam a refletir sobre a construção dos masculinos e suas sexualidades. Outro fator importante é que os diversos textos midiáticos que aparecem na tese não nos são úteis apenas para nos apontar as mudanças nos comportamentos, em gênero e sexualidade, ao contrário, são discursos que participam da construção desses novos jeitos de ser e pensar as masculinidades (e feminilidades).

pesquisa, resolvi revisitá-lo. Assim, parafraseando Amarin (2004), visualizando o estudo ora proposto, afirmo que intento compreender os sentidos das masculinidades bissexuais nas conversas tecladas, mantendo, para isto, a devida distância, tomando os sujeitos bissexuais como estranhos, mas, ao mesmo tempo, posicionando-me em sua direção, objetivando escutá-los. Para isto, a pesquisa necessitou ser indisciplinar. A pesquisa trilha uma vontade de se inserir no paradigma emergente de ciência (SANTOS, 1988), a ciência da insignificância (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2002), aquela na qual o conhecimento é altamente contextualizado e prima pelo viés qualitativo, singular: uma ciência pós-moderna. Sobre esse encontro com os sujeitos da pesquisa, é importante contar como foi e quais as dificuldades e possibilidades encontradas.

A etnografia virtual para a geração dos dados

Nessa empreitada, a geração dos dados para o estudo esteve sob a égide da *etnografia da comunicação*, especificamente sob a *etnografia virtual* (HINE, 2004), leitura que fiz ainda em 2007. Marcuschi (2005) já havia apontado para a necessidade da etnografia nos espaços *online*. Ao discutir sobre “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital” disse que “uma etnografia da Internet é de grande relevância para entender os hábitos sociais e lingüísticos das novas tribos da imensa rede mundial” (MARCUSCHI, 2005, p. 14). Com Dominguez, Beaulieu, Estalella, Gómez, Schmettler e Read (2007), Estalella e Ardévol (2007), Hine (2004; 2008), Montardo e Passerino (2006), Arraiazu Muñoz (2007), Rocha e Montardo (2005) e Sá (2001), sobre a etnografia virtual, compreendi que essa seria possível, pois na rede a comunicação mediada pelo computador possibilita novos estilos de vida que são próprios e específicos das comunidades virtuais e do comportamento *online*. Assim, o ciberespaço é compreendido como lócus de interação e socialização, “el ciberespacio es un lugar plausible para realizar el trabajo de campo” (HINE, 2004, p. 19). Por trabalho de campo compreendi e compreendo que é o estudo social e antropológico. Assim, é possível uma etnografia virtual, com desafios.

Em 2008, discuti a respeito dessa possibilidade em uma apresentação em sala de aula na disciplina “Metodologia”, com Judith. Na ocasião, destaquei algumas especificidades, por exemplo, a ausência de espaço físico e a atemporalidade e que isso pede ao pesquisador refletir sobre os conceitos de comunidade e de lugar. Dominguez, Beaulieu, Estalella, Gómez, Schmettler e Read (2007) ajudam a explicar que a etnografia virtual é “una reflexión sobre el trasfondo cultural de internet y sobre el diálogo de las experiencias y las interacciones sociales con ese trasfondo cultural” (DOMINGUEZ, BEAULIEU, ESTALELLA, GÓMEZ, SCHMETTLER E READ, 2007) que tem como característica principal o fato de o ciberespaço ser formado por pessoas e capital cultural, possuindo mecanismos próprios, conexão complexa com os contextos de uso. Por isso, é necessário também refletir que a tecnologia do *chat* é adquirida, apreendida, interpretada e incorporada. Dessa maneira, a internet torna-se artefato cultural, mas também cultura, na qual os usuários dão sentido as suas práticas através de uma compreensão, em contrapartida à dos designers (HINE, 2004). Isso forja o princípio da ação social. Assim, o *chat* passou, a partir dos estudos de Hine, e dos demais pesquisadores da temática, a ser pensado por mim como um dispositivo e um gênero discursivo (*ver capítulo 4*). A partir de Hine, compreendi também que estava realizando “a form of ethnography informed by discourse analysis” (Hine, 2008, p. 142). Essa compreensão aconteceu numa madrugada. Fiquei tão emocionado que resolvi contar a Judith, escrevi-lhe então um *e-mail*:

Professora Judith,

... estou lendo um monte de coisas (de artigos e de livros). Dentre essas, estou folheando (indo e voltando) o livro de Christine Hine “Virtual Ethnography”. Nesta madrugada, comecei a ler/reler o texto que discorre sobre “Autenticidade e identidade nos contextos da internet”. Neste, a pesquisadora faz um comentário o qual me deixou bastante feliz, pois parece que o que ela comenta ter feito em seu processo de pesquisa é o que eu estou tentando fazer em minha pesquisa “a form of ethnography informed by discourse analysis”. Parece obvio. Entretanto, “ouvir” isso me permite começar a “desatar” um monte de nós (nodes) a respeito do entrelaçamento das diversas nuances de minha pesquisa.

Quadro 02: E-mail enviado à professora Judith.

O capítulo citado acima, do livro de Hine (2008), foi de fundamental importância para que pudesse pensar no entrelaçamento que poderia ser feito entre as diferentes frentes que meu trabalho assumia: estudos de linguagem, estudos de identidade sexual e de gênero, estudos etnográficos, etc. Também me ajudou a compreender uma questão polêmica acerca da vida *online*: autenticidade, que foi um dos questionamentos, alerta, a respeito do meu estudo, feito por Don Kulick, em uma troca de *e-mails*, após ele ter lido meu projeto de pesquisa. Assim, posso hoje explicar que em relação ao que é real na vida desses sujeitos, estou considerando que em vez de perguntar se as interações na internet são autênticas, ou se as pessoas realmente são quem dizem que são, devo aferir/avaliar como a cultura é ali organizada e vivida/experenciada em seus próprios termos na internet. Ponho de lado questões de o que as identidades realmente são e se a realidade está ali, deslocando-me para um foco empírico de como, onde e quando as identidades e realidades são disponibilizadas na internet (HINE, 2004; 2008).

Dentro da natureza multi-nivelada e hiperlinkada do ciberespaço, nosso campo de estudo delimitou as salas de bate-papo do provedor UOL, todavia, especificamos as 22 salas Cidades e Regiões, referentes à cidade de Recife, Pernambuco. Tais salas de bate-papo não são específicas ou denominadas salas para sexo ou que discutam sexualidade, e por isso, passam a ser, por mim, encaradas, pela metáfora, como “praças públicas” em Recife (*ver capítulo 4*).

Como procedimento, inicialmente, propus que, durante um mês, acessaria as referidas Salas Cidades e Regiões Recife (PE) do bate-papo UOL, para a observação participante, objetivando adquirir conhecimentos sobre a comunidade, e, assim, aproximar-me do grupo e compreender o que é/são essa(s) comunidade(s) e se de fato procede a premissa de que nessas salas há a presença de bissexuais masculinos. Na verdade, percebi que até poderia colocar esse procedimento no projeto, mas, eu já conhecia as salas e sabia que de fato ali existiam os sujeitos que dizia que existiam. As entradas anteriores, desde 2003, e posteriormente, desde 2006, com o olhar de pesquisador, já me garantiam isso. Mesmo assim, fiz entradas para o estudo piloto, fato que trouxe dados mais acurados de como essas salas funcionam. Inicialmente entrei em salas do Nordeste, não especificamente as de Recife. Creio que o interesse no primeiro momento foi investigar as Salas Cidades e Regiões do Nordeste, mas percebi que seria

algo gigantesco. Como disse em Santos Filho (2010a), esse momento foi de grande importância para perceber o conhecimento que ali assegura as participações e também para perceber que perfis de sujeitos poderiam ser entrevistado. Destaquei também o interesse apresentado naqueles espaços. Disse que era possível afirmar, com base nos dados gerados, que, provavelmente, as Salas Cidades e Regiões UOL eram/são espaços de encontros sexuais, mesmo não sendo salas específicas ou denominadas para esse fim. Nesse momento, é o pesquisador que fala, superando a noção do senso comum, anterior. Apresentei um quadro com trechos de falas apontando esse interesse e fiz o comentário de que a construção da segunda fala (abaixo) é muito reveladora do desejo com o qual o usuário **bebadoafim de fude** entrou nesse espaço. Sua “fala” reforça a intenção explicitada também no apelido, pois quando ele diz “com vc”, ao **cueca bi**, constrói o seguinte enunciado: “Cueca bi, estou afim de foder com você”. Vejamos:

Excerto 01

(10:28:33) **Afinção de curtir** fala para **Todos**: algum cara afim

(10:45:59) **bebadoafim de fude** fala para **cueca bi**: com vc

(10:50:55) **quero fuder** fala para **Todos**: oi para tdos os homens

Alguns apelidos destacados, tais como **PAULO BI ATIVO**, **cueca bi**, **Julio bi**, **BETO BI CAM**, **deco bi**, **Gustavo bi**, **Rapaz/bi**, **HugoBi**, **gato-bi hxx**, **Anderson bi**, etc., também apontam para o interesse bissexual. No tocante às entrevistas, compreendi que seriam espaços para que os sujeitos falassem acerca do que dizem/pensam sobre a bissexualidade. No entanto, após o estudo piloto, resolvi propor algumas questões mais específicas, que mostrarei mais adiante. É importante dizer que nas primeiras tentativas de abordagem, nas quais entrei com os *nicks* **Estudante** ou **Pesquisador** e apresentando o propósito da pesquisa, como vemos no quadro abaixo, não obtive sucesso.

Excerto 02

(11:38:58) **Estudante** (reservadamente) fala para **riido**: cara, sou estudante de pos graduação e to desenvolvendo uma pesquisa sobre bissexualidade na contemporaneidade... na qual a análise será de conversas tecladas no MSN... no momento to tentando ouvir algumas falas sobre... afim?

Em virtude disso, lembrei de uma estratégia comentada por Iveuta Lopes, no livro “Cenas de Letramentos Sociais”, de 2006, quando se referia ao seu ingresso na comunidade Vila Irmã Dulce, em Teresina, Piauí. A pesquisadora fala que além da não omissão da identidade e do propósito da pesquisa é fundamental que o etnógrafo possua informações sobre a comunidade a ser pesquisada. Assim, resolvi recorrer a uma outra estratégia: ao usar os *nicknames* **estudante** ou **pesquisador**, para evidenciar os meus propósitos de pesquisa ali, passei a fazer também outra abordagem, usar as mesmas expressões que os rapazes usam para convidar o outro para teclar, ver abaixo, quadro 03, e só em seguida, quando já possuía a sua atenção, é que me apresentava, ver abaixo, quadro 04. Essa maneira de me aproximar dos internautas naquele espaço surtiu os efeitos desejados para a pesquisa. Contudo, friso que, mesmo com essa outra abordagem, muitos não responderam ao meu “convite” para teclar. Ou ainda, acrescento, que passei a usar mais o *nick* pesquisador, pois aconteceram vezes em que usando o *nick* estudante, fui “convidado” a teclar, por que imaginaram que fosse uma estudante, visto que a palavra é “comum de dois gêneros”.

Excerto 03

(11:41:58) **Estudante** (reservadamente) fala para **Todos**: algum kara bi afim de tc!?
 (11:42:30) **H18 Desanimado/Cam** (reservadamente) fala para **Estudante**: d ond?
 (11:42:59) **THIAGO_WEB** (reservadamente) fala para **Estudante**: olá

Excerto 04

(11:41:58) **Estudante** (reservadamente) fala para **Todos**: algum kara bi afim de tc!?
 (11:42:59) **THIAGO_WEB** (reservadamente) fala para **Estudante**: olá
 (11:43:10) **Estudante** (reservadamente) fala para **THIAGO_WEB**: eae blz...
 (11:43:52) **Estudante** (reservadamente) fala para **THIAGO_WEB**: cara, sou estudante de pos graduação e to desenvolvendo uma pesquisa sobre bissexualidade na contemporaneidade... na qual a analise será de conversas tecladas no MSN... no momento to tentando ouvir algumas falas sobre... afim!?
 (11:00:00) **THIAGO_WEB** (reservadamente) fala para **Estudante**: Ok

Ainda sobre as entrevistas, apenas em 2009, propus em uma conversa com Judith, como já adiantei, outras possibilidades de questionamento, a fim de gerar mais dados sobre as masculinidades bissexuais. Segue abaixo:

- O que é a bissexualidade para você?
- O que é ser bissexual nos dias atuais?
- Como a sociedade encara a bissexualidade?
- Você assume a sua bissexualidade? É necessário ou desnecessário dizer a sociedade sobre a sua identidade sexual? A que você já disse ou diria? Por quê?
- O que bissexual está mais próximo do heterossexual ou do homossexual?
- A sociedade costuma dizer que a o bissexual é um homossexual com medo de assumir a sua sexualidade. O que você pensa sobre isso?
- Você tem preferência por um dos sexos? Como isso acontece no seu cotidiano?
- O que você pensa sobre o casamento? Você escolheria um dos sexos para se casar? Essa escolha seria uma mudança de identidade sexual? Ou a traição é permitida ao bissexual?

- Atualmente como é seu dia a dia em relação a sua prática, desejo e identidade sexual?
- Quando está com outro homem, que posição assume na relação: ativo, passivo ou versátil, ou *guine*?
- Você pode comentar sobre suas primeiras experiências como bissexual? Que reações você tem em relação a isso?
- Qual seu estado civil? Como é a relação entre seu estado civil e a condição bissexual?
- Como você encara a expressão 'gilete', que faz referência a cortar dos dois lados?
- O que pensa da heterossexualidade e da homossexualidade?
- Você costuma se relacionar com homossexuais ou com outros bissexuais?
- Nos dias atuais existe um forte preconceito em relação ao homem efeminado. O que pensa sobre isso?
- Você frequenta espaços gls? Por quê?
- Com que frequência você acessa a sala chat UOL? Por quê? O que busca nestas salas?
- Você mantém um MSN apenas com parceiros virtuais, ou seus 'parceiros' estão em seu MSN no qual estão também amigos e familiares?
- Você costuma marcar encontro/encontrar outros homens que conhece no chat? Por quê?

Quadro 03: Novas questões para a entrevista com os sujeitos da pesquisa.

Nessa conversa com Judith, também discutimos sobre alguns problemas referentes às entradas nas salas:

- Dificuldade de acesso às salas devido ao fato de, a partir de 30 pessoas, a entrada ser bloqueada para não assinantes do Uol;
- Durante a observação, posso estabelecer contato com os usuários: posso falar da pesquisa e desenvolver as entrevistas neste momento ao mesmo tempo em que tento montar a lista com os possíveis sujeitos que repassaram as suas conversas?;
- Aproveite a observação para fazer a pergunta “Você acha que há algum problema em alguém observar esses papos?” (sugestão de Débora Amadio, colega, aluna do doutorado na Universidad Nacional de Cordoba, Argentina, com quem discuti a pesquisa). Esta deve ser realizada também com os heterossexuais?;
- Como reagir aos xingamentos? (reagir com boa educação);
- Algum problema em conversar com menores de idade?

Quadro 04: Pontos a serem (re)pensados durante a pesquisa.

No tocante, às “entradas” nas salas, essas tentaram atender a toda uma gama de possibilidades que podem interferir no ingresso ou não dos usuários no bate-papo a serem investigadas referentes a dias, horários e calendário. Essas “entradas” foram documentadas através da gravação dos dados em formato pdf, gerando *arquivos*, os quais permitiram, quando necessário, novas consultas das ações observadas, e, algumas vezes, fiz comentários em um “diário de campo”, os quais ajudaram nas análises. As entrevistas *online* se deram de modo síncronico. Nessa etapa, inicialmente, foi montada uma lista com sujeitos que se dispunham a ser “sujeitos da pesquisa”. Esses fizeram parte de uma lista de bissexuais que disponibilizariam suas conversas tecladas entre eles e outros homens, no *chat* ou no *Messenger*, que se configurassem como prática sexual, afetiva ou erótica. Mas, na “Banca de Qualificação” do projeto, estabelecemos que seriam apenas as entrevistas, com os dados sobre as salas, e não entrariam para a análise essas possíveis conversas, cedidas pelos pesquisados.

Em relação às dificuldades, no tocante à permissão livre para apenas 30 pessoas na sala, com o desenvolvimento do estudo percebi que isso, na verdade, não se constituía em dificuldade, pois o fluxo de entradas e saídas é muito grande, permitindo que haja uma grande oscilação nesse número de participante. Normalmente em dias, e ou horários de muito acesso, o número fica oscilando entre 26, 27 e 35. Em relação ao item dois, relacionado aos problemas de ingresso, à medida que conversava com o sujeito se ele poderia participar da pesquisa, já realizava a entrevista, e não solicitava mais adição de seu *e-mail* na lista de sujeitos que passariam suas conversas tecladas no MSN, pois a pesquisa não mais analisaria tais conversas, como expliquei. Sendo assim,

essa pesquisa tem natureza qualitativa, pois não cria uma situação para a pesquisa, ao contrário, toma os sujeitos em seu contexto sócio-histórico. Friso que tentei gerar dados nos *chats* e entrevistas que possam representar o conjunto de textos/discursos na prática discursiva investigada.

Sobre essa pesquisa, é de fundamental importância considerar os princípios éticos de dignidade, segurança e privacidade. Dessa forma, na primeira etapa, objetivei responder qual era/é a *expectativa de privacidade* (WALTHER, 2002, *apud* ESTALELLA e ARDÈVOL, 2007) dos indivíduos que frequentam as Salas Cidade e Regiões Recife (PE) UOL, pois devemos compreender se as interações ali desenvolvidas são de caráter público ou privado (mesmo tendo seu acesso aberto), fato que poderia implicar na solicitação do consentimento do uso das informações ali coletadas. Para mim, ficou bem evidente que os sujeitos nessas salas de bate-papo não consideram que as conversas ali realizadas sejam privadas, tampouco se incomodariam com a divulgação do teor das conversas. Em muitos dos acessos, acatei a sugestão de Débora Amadio e fiz a pergunta se os sujeitos que ali estavam consideravam problemática a divulgação daquelas informações e a minha presença ali como observador, para a qual recebi resposta sempre negativa. Por isso, não percebi a necessidade de solicitação de consentimento para o uso das informações ali geradas. Em relação ao fato se deveria fazer essa pergunta aos heterossexuais, é importante esclarecer que fiz o questionamento a toda a sala, não apenas aos bissexuais. No tocante aos casos de recusas por parte do internauta, isto é, de o sujeito não querer conversar comigo sobre sua bissexualidade, parti da ideia de que deveria reagir educadamente, sempre, mesmo quando a recusa acontecesse através de algum xingamento. Sobre o fato se deveria ou não conversar com sujeitos que se apresentassem como menores de idade, compreendi que pelo fato de todos estarem no anonimato, não haveria problemas de exposição.

As masculinidades bissexuais pela linguística *queer*

Neste estudo, passei a encarar as masculinidades bissexuais como uma construção sociodiscursiva, e compreendi que além dos sistemas discursivos, sociais e culturais envoltos nessas masculinidades, faz-se necessário, digo prioritário, perceber também as formas através das quais essas masculinidades bissexuais são interpretadas, compreendidas e vivenciadas, nesse momento histórico, pela sociedade de modo geral e pelos próprios sujeitos que se autocompreendem como homens bissexuais. Sendo assim, a masculinidade bissexual nesse estudo é tomada como uma experiência subjetiva, entretanto como “produto dos símbolos e significados intersubjetivos associados com a sexualidade” (PARKER, 2001, p. 132), em alguns *nodes* da rede digital. Nesse sentido, entendendo que essa pesquisa se configura como um estudo de experiências subjetivas, considere relevante o comentário (ou dica) de Sibilia, no livro “O Show do eu – a intimidade como espetáculo”, de 2008, quando, aproximando-se da ideia de Parker (2001) acima posta, afirma que “Assim como toda subjetividade é necessariamente *embodied*, encarnada em um corpo, ela também é sempre *embedded*, embebida em uma cultura intersubjetiva”, e questiona-se “como abordar um assunto tão delicado e atual?” (SIBILIA, 2008, p. 16) Essa pesquisadora explicita que três dimensões se apresentam para tal estudo: i) a dimensão singular, aquela na qual o foco é a trajetória de cada indivíduo como sujeito único e irrepetível; ii) a dimensão universal, tratando o subjetivo como características do humano; universal; iii) a dimensão particular ou específica, a qual ela aconselha, pois para ela, é a

(...) que visa detectar aqueles elementos comuns a alguns sujeitos mas não necessariamente inerentes a todos os seres humanos. Essa perspectiva contempla aqueles aspectos da subjetividade que são claramente culturais, frutos de certas pressões e forças históricas nas quais intervêm vetores políticos, econômicos e sociais que impulsionam o surgimento de certas formas de ser e estar no mundo. E que solicitam intensamente essas configurações subjetivas, para que suas engrenagens possam operar com maior eficácia. Esse tipo de análise é o mais adequado neste caso, pois permite examinar os “modos de ser” que se desenvolvem junto às novas práticas de expressão e comunicação via internet (...) (SIBILIA, 2008, p. 16-17).

Entendendo, então, que a pesquisa ora delineada se pauta por um estudo de subjetividade e, mais que isso, de intersubjetividade, aceitei a orientação acima exposta e defini a pesquisa como um *estudo de dimensão particular das masculinidades bissexuais*, aquele que almeja entender os modos de ser, em uma cultura específica. Assim, seguindo uma tradição de proposta de pesquisa, como resposta às questões

levantadas, com base no estudo piloto, levantei algumas hipóteses, listadas abaixo, que foram, por orientação, abandonadas posteriormente, em virtude do caráter qualitativo da pesquisa:

~~a) O bissexual masculino, discursivamente construído no ciberespaço, preserva a própria face, em função do senso comum dominante, escondendo-se com um *nickname* nas salas de bate-papo, mas se mostrando nas conversas no MSN, nas quais expressa o seus mais íntimos desejos e vontades sexuais, afetivos e eróticos;~~

~~b) Em relação ao seu comportamento, prioriza a “discrição”;~~

~~c) Identifica-se com a masculinidade heterossexual, à virilidade, por exemplo, afastando-se das masculinidades que fujam do estereótipo do masculino que está na ordem simbólica pública.~~

~~d) A bissexualidade masculina construída a partir da participação (e do posicionamento) nas conversas tecladas provoca poucas “fissuras” na “ordem simbólica pública” relacionada às práticas sexuais, instituindo assim uma bissexualidade posta à margem do sistema, mas imaginada e vivenciada apenas como mais uma possibilidade dentre as práticas sexuais, sem conotação de “desvio”.~~

~~e) Identifica-se com a masculinidade heterossexual, à virilidade, por exemplo, afastando-se das masculinidades que fujam do estereótipo do masculino que está na ordem simbólica pública.~~

~~d) A bissexualidade masculina construída a partir da participação (e do posicionamento) nas conversas tecladas provoca poucas “fissuras” na “ordem simbólica pública” relacionada às práticas sexuais, instituindo assim uma bissexualidade posta à margem do sistema, mas imaginada e vivenciada apenas como mais uma possibilidade dentre as práticas sexuais, sem conotação de “desvio”.~~

Quanto aos objetivos, delimito como geral o entender a constituição *online* da bissexualidade masculina (compreendendo as suas facetas) através da *participação/posicionamento* em *conversas tecladas* de homens que se intitulam bissexuais. Creio que este momento é oportuno para explicar que, se parti inicialmente do conceito de participação, em Duranti (1997), ao especificar a sociolinguística interacional como base teórica e metodológica, dentro dos estudos de linguagem, optei pelo conceito, muito próximo de participação, posicionamento. No *Capítulo 4*, encontra-se uma discussão a respeito, com o conceito de posicionamento de Davies e Harre (1990) e de Wortham (2001).

Quanto aos objetivos específicos, elenquei: i) compreender como a linguagem é agenciada pelos participantes dessas conversas; ii) vislumbrar as imagens construídas discursivamente nesse processo interativo sobre as masculinidades; iii) apontar o(s) comportamento(s), nesse processo comunicacional, proposto(s) para o homem

bissexual; iv) indicar a(s) possível (eis) identificação(ões)/(aproximação) e/ou distanciamento (s) dessa masculinidade em relação à heterossexual e à homossexual, e v) entender o posicionamento do homem bissexual frente à própria bissexualidade e à heterossexualidade e à homossexualidade.

Nesses moldes, este estudo assumiu o caráter de uma viagem em busca da compreensão da construção da masculinidade bissexual e dos significados que essa conduta sexual assume nas vidas dos sujeitos que se identificam como tal. Uma viagem interdisciplinar e indisciplinar. Nessa indisciplinaridade, estando a LA abordando questões de gênero/sexualidade/identidade, necessita ser *queer*. Logo, digo que é um estudo em Linguística Queer (*ver capítulo 3*). Ou seja, a LA que desenvolvemos necessita entender que “as identidades sexuais são relações sexuais que estão sendo desempenhadas, contestadas e continuamente negociadas por meio das interações cotidianas” (NELSON, 2006: 230). Logo, compreender identidades sexuais e de gênero, especificamente, bissexuais, significa entender sentidos e práticas de construir sentidos, esses sempre heterogêneos entre os interlocutores (NELSON, 2006). Assim, entrevistei sujeitos que se autodenominaram bissexuais. As entrevistas também trazem narrativas, na verdade, pequenas narrativas, a partir das quais podem ser depreendidos/interpretados os posicionamentos desses sujeitos acerca das masculinidades bissexuais em interação com o pesquisador, bem como gerei conversas entre os próprios sujeitos pesquisados, aquelas abertas nos *chats* (*ver capítulo 4*).

A pesquisa em sua tessitura escrita

Pelo questionamento, objetivos e bases teóricas e metodológicas expostos, a pesquisa está apresentada com a seguinte estrutura textual:

No Capítulo 01, “Sexualidade: uma abordagem socioantropológica e discursiva – os comportamentos sexuais, a invenção da sexualidade e a sexualidade maleável”, apresento que em nossos dias existe uma miscelânea de práticas sexuais, considerando, dessa maneira, a sexualidade como plástica, na liquidez da vida. Também faço entender que na história do Ocidente duas ordens de saberes construíram e “controlam” as práticas sexuais: a metafísica e a ciência. Neste capítulo, ainda, trago uma explicação de como eram os comportamentos sexuais em épocas passadas e como eles acontecem

agora, apontando, desse modo, que tais comportamentos são sociais, culturais, históricos, não arraigados na morfologia dos sujeitos. Imagino que essas informações podem ajudar a compreender que a masculinidade bissexual, nas salas de bate-papo está sendo forjada em função da cultura de nosso tempo, a cibercultura.

No Capítulo 02, “As masculinidades bissexuais – as tramas de práticas de gênero e sexualidade”, em tentativa de ampliar as informações apontadas anteriormente, discuto o conceito de homem na história, percebendo como a metafísica forjou esse sujeito e como aconteceu/acontece a crise da masculinidade, gerando a diversidade de homens na vida real, bem como a hegemonia de um modo de ser homem. Apresento o conceito de gênero, o qual possibilita entender que ser masculino é uma construção social, cultural, histórica e discursiva. Nesse ponto da reflexão, acredito fazer compreender que, assim como discuti no primeiro capítulo, os comportamentos sexuais são forjados, juntamente com o comportamento de gênero. Reflito sobre as concepções acerca da bissexualidade, tanto as do senso comum, quanto as acadêmicas, apontando que tal qual nossa percepção, em 2003, está, nos nossos dias, acontecendo uma maior visibilidade da bissexualidade. Nesse capítulo apresento que ao olharmos o homem pela perspectiva de gênero, percebemos que não existe uma masculinidade, mas diversas masculinidades, logo, também, diversas bissexualidades, isto é, diversos modos de ser masculino bissexual.

No Capítulo 03, “Linguística *queer* e performatividade: linguagem em performances de gênero e sexualidade”, realizo a discussão de como, através dos usos da língua/linguagem/discurso, os homens constroem-se. Discuto como o enunciado apresenta força performativa, podendo manter uma identidade de gênero e sexual, bem como subvertê-las. Relaciono os estudos linguísticos aos estudos da teoria *queer*, chegando à Linguística *Queer*, aquele estudo em linguagem que pensa sobre as escolhas linguístico-discursivas na subversão das práticas de gênero e sexualidade. Neste capítulo, a intenção é possibilitar entender que, sendo o homem uma construção social, cultural e história, essa construção se realiza pelas práticas discursivas. Logo, analisar as conversas tecladas, bem como as narrativas de si, nas entrevistas, possibilita compreender a construção discursiva dessa masculinidade bissexual nos *chat* UOL.

No Capítulo 04, “O *chat*, a conversa e entrevista tecladas em bases de gênero, sociolinguísticas e culturais para um estudo *queer*”, é o momento que apresento o que é

um *chat* e que, neste estudo, estou encarando-o como um recurso técnico, um gênero discursivo, em uma comunidade de práticas. As entrevistas são consideradas como conversas paralelas, dentro do grande agrupamento social, que acabam “revelando” narrativas de si. Explico também o conceito de posicionamento, o qual no capítulo anterior já teve base para ser compreendido. Assim, deixo claro que, ao interpretar as conversas e as entrevistas, estou interessado em entender como os homens bissexuais se posicionam e posicionam a bissexualidade, construindo-se e construindo-a, nas salas de bate-papo.

No Capítulo 05, “Hxh – a socioconstrução discursiva online de masculinidades bissexuais”, apresento os posicionamentos em relação à bissexualidade, assumidos nas conversas e nas entrevistas, disponibilizando que “cara” tem os homens bissexuais em nosso tempo, forjados nos espaços de conversas virtuais. Por tudo, acredito responder ao questionamento proposto: “Como esses homens, nesse processo discursivo, constituem-se bissexuais, ao mesmo tempo em que constroem *online* masculinidades bissexuais?”.

**SEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM SOCIOANTROPOLÓGICA
E DISCURSIVA – OS COMPORTAMENTOS SEXUAIS, A
“INVENÇÃO” DA SEXUALIDADE E A SEXUALIDADE
MALEÁVEL**

NOSSO propósito nesse capítulo inicial é mostrar uma “imagem” do amplo panorama das performances de comportamentos/práticas sexuais no Ocidente, a partir de estudos sociológicos, históricos, antropológicos e discursivos. Estamos certos de que essa empreitada é árdua e que, por mais informações que possamos apresentar, essa suposta “imagem” será sempre simplista, diante da complexidade que é a vida e, nessa, as atividades sexuais. O objetivo é levar a entender que os comportamentos/práticas/atividades/identidades sexuais não são naturais, no sentido de que seriam biológicos, divinos e universais. Nosso estudo afasta-se da abordagem fisiologista da sexualidade, aquela que localiza o desejo e expressão sexual na biologia dos corpos. Nessa abordagem fisicalista, a sexualidade é reduzida a instinto, formado a partir de marcas anátomo-fisiológicas e funções biológicas, de acordo com Fabrício e Moita Lopes (2008). Para esses pesquisadores, nesse sentido, a sexualidade é reduzida a um conjunto de atributos genéticos e permanentes no sujeito. Para eles, por essa percepção biologizante, “a sexualidade é derivada de uma estrutura genético-cerebral que a determina e da qual o sujeito não consegue escapar” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2008, p. 67). Atreladas a essa compreensão estão as ideias de que a sexualidade é divina e universal, no sentido de que, se é biológica, logo oriunda da natureza, é porque é dada por Deus, e, sendo assim, as marcas anátomo-fisiológicas do corpo gerariam sexualidades iguais, universalmente falando. É o conceito de gênero inteligível (Butler, 2003) que prevalece.

Diferentemente, esperamos poder sustentar a ideia de que nossos comportamentos e identidades sexuais são históricos e contextuais, forjados por dispositivos de ordens social e discursiva, como nos alertou Foucault (1988), numa teia de relações entre fatores socioculturais e linguageiros. Assim, a abordagem biologizante, divina e universal é uma matriz discursiva que regula as ações do corpo, as relações sociais, sexuais, e as formas de vida (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2008). Para esses pesquisadores, “nenhum atributo identitário seria inato, mas sim o resultado da incorporação de regras e roteiros legitimados no interior de práticas discursivas e das narrativas nas quais estamos imersos” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2008, p. 66).

Neste capítulo, o foco da reflexão está nas práticas entre pessoas do mesmo sexo, para que nos auxilie a refletir sobre aqueles homens, os bissexuais, que mantém

relações sexuais e amorosas com ambos os sexos, aqui especificamente as relações forjadas no âmbito da cultura digital.

Panorama da sexualidade contemporânea

Preferimos, de início, comentar a respeito de práticas sexuais nos dias contemporâneos, e, a partir desses comentários, remetermo-nos às atividades sexuais de épocas passadas, em um movimento de ir e vir na história. Nesse movimento, elencamos os fatores que concorrem para produção (ou para o “controle”) das práticas sexuais contextuais citadas. Para dar início à discussão, citamos algumas reportagens e peças publicitárias que nos ajudam a entrar nessa seara. Vejamos essas imagens.



Figura 06 - Panorama de representações da sexualidade contemporânea entre pessoas do mesmo sexo.

As imagens das reportagens e das peças publicitárias acima citadas são trazidas para cá no intuito de, minimamente, endossarmos o pensamento de Giddens (1993), o qual nos faz ponderar que nos relacionamentos e atividades sexuais contemporâneos tem havido mudanças de comportamento; bem como as ideias de Bozon (2004), para quem o repertório das práticas sexuais na contemporaneidade tem-se ampliado: as normas e as trajetórias da vida sexual estão diversificadas e os saberes e as encenações

da sexualidade se multiplicaram. De acordo com o primeiro sociólogo, antes citado, a vida pessoal tornou-se um projeto aberto no qual surgem novas demandas e novas ansiedades. Segundo ele, “nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada” (GIDDENS, 1993, p.18), pois, pelas mudanças sociais mais amplas, somos obrigados a nos engajar em tais experiências sociais do cotidiano. Posteriormente, enfatizamos a ideia de que vivemos práticas sexuais *líquidas* (BAUMAN, 2004).

Ao dizer que nossos comportamentos, dentre eles, o sexual, está sofrendo transformações, esses pesquisadores estão, certamente, estabelecendo comparações com os comportamentos em épocas anteriores. Se assim o for, teríamos como mudança comportamental, nas imagens (reportagens e propagandas) mostradas anteriormente, a maior visibilidade da homossexualidade e outros aspectos que dela decorrem, tais como a *própria sexualidade, um novo modelo de família, a publicização do beijo entre pessoas do mesmo sexo, a bissexualidade e a luta por seu reconhecimento, novas identidades de gênero*, etc., como podemos perceber nas descrições abaixo.

Há na cena 01 o beijo entre dois rapazes, exibido na primeira página do Jornal Diário de Cuiabá, em 2006, em função da Parada da Diversidade. A cena 04 mostra-nos um beijo entre dois homens aparentemente mais maduros, os quais são mostrados, na peça publicitária da maionese *Heinz*, como um casal em seu cotidiano: o preparar o lanche para os filhos e o sair sempre apressado/atrasado para o trabalho e para deixar os filhos no colégio. Nessa peça, um dos homens assume o papel, que, geralmente, numa sociedade patriarcal, foi assumido pela mulher, o de preparar a comida, ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos, etc. A cena 06 mostra-nos, numa peça publicitária da *Björn Borg*, um beijo entre um casal homossexual masculino ao final da cerimônia de seu casamento.

A cena 02 é uma imagem extraída de uma reportagem em tom futurístico exibida no Fantástico, em 2008, na qual o tema é a família em 2028. A reportagem aborda, dentre outros temas, a *bissexualidade masculina* através do personagem Joaquim, como aquele que gosta de meninos e meninas. Na cena 03, temos a imagem de uma família diferente, como especifica a reportagem, exibida no programa *Mais Você*, na TV Globo, em maio de 2009. Nessa, discute-se o fato de um casal de mulheres homossexuais ter feito uma reprodução assistida e tornado-se biologicamente as mães

de seus dois filhos gêmeos. Na cena 05, vemos um casal homossexual masculino de mãos dadas. A imagem é de uma reportagem, exibida no portal *Yahoo!*, em decorrência do Dia Internacional contra a Homofobia.

Além desses comportamentos mostrados acima, os quais poderiam ser entendidos como um pouco da mudança profunda na sexualidade, citada por Giddens (1993), podemos destacar também, a partir de Giddens (1993) e Bozon (2004), as mudanças no tocante à variedade sexual da mulher (no sentido de essa poder ser amante, de praticar o adultério, de uma outra concepção em relação à virgindade, de outras ideias sobre compromisso, etc.). Os dois sociólogos comentam também que há uma relação de igualdade sexual, no sentido da negociação sexual entre os parceiros, e não mais uma dominação masculina. Comentam também a respeito da tolerância crescente para com muitas das sexualidades consideradas por muitos como periféricas. De todo, eles dizem que há uma ampla variedade das atividades sexuais. Apenas para exemplificar, em referência a essa ampla variedade, citamos uma nova tendência (de variedade) nas práticas homossexuais, discutida na reportagem “Ativo, passivo ou *gouine*?”, na revista *Dom*, em setembro de 2008.

A antiga ladainha de que é preciso assumir papéis nas relações sexuais é algo que em pleno século 21 vem se tomando questionável até entre os novos pares gays e fazendo ruir alguns paradigmas quando pinta uma atração fatal entre indivíduos do mesmo sexo. Embora não confessem nem sob tortura chinesa, a maioria dos gays esclarecidos de hoje está se lixando para quem irá fazer o quê na hora do rala e rola. Muitos apostam na imaginação e na criatividade e querem bem mais que exercer ou apenas cumprir um papel sexual. E, convenhamos, reduzir uma transa a quem vai fazer o quê, se vai penetrar ou ser penetrado, é uma perda de tempo e energia enorme (...) Há até mesmo quem aposte em outras opções de satisfação que não a penetração pura e simples. Recente pesquisa da revista *Pref Mag* sobre comportamento do sexo gay na França aponta o *gouinage* como tendência do momento por lá. Que raios significa isso? Em tradução livre, *gouine* seria algo como gay bolacha, enquanto *gouinage* seria o bolachismo. Ou seja, **é o sexo sem penetração, que valoriza as preliminares, que acabam tomando o papel do sexo em si** (*DOM*, 2008, p. 34).

Ainda sobre as transformações nos comportamentos sexuais, Giddens (1993) diz que essas ocorrem especificamente nas sociedades ocidentais e que em relação a elas há divergências, tanto de países para países, em suas “subculturas”, ou mesmo em camadas socioeconômicas diferentes, e que ocorrem também resistências. É assim que

se manifesta a resistência explícita a respeito da publicidade da *Björn Born*, antes citada, que mostra um casamento homossexual masculino:

Se uma marca de roupa quer divulgar o seu produto, o que não aconteceu no comercial, **não ofenda os princípios religiosos da igreja**. Religião nenhuma a meu ver deverá ser ‘usada’ para esse fim. Esse infeliz vai queimar no mármore do inferno. Espero que o Vaticano não só retire o comercial, mas também processe essa Marca assim como a Agência Publicitária criadora do tema (Cristhiana, em 04/04/2009, às 12:40).

Sou pai sim e a última coisa que quero é ver meu filho casando com outro homem. Homossexualidade é tão normal que se todos os homossexuais decidissem apenas ter relações e negasse totalmente o sexo oposto, em 100 anos a humanidade iria deixar de existir porque não nasceriam mais pessoas. Isso é normal? **A natureza criou o homem para se relacionar com a mulher para que houvesse procriação**. Como que uma relação que não gera outros seres pode ser normal? (Fabio, em 04/04/2009, às 13:11)³

Os dois depoimentos acima citados, divulgados *online*, acerca do casamento entre homens homossexuais, exibido na propaganda, apontam bem a concepção ainda de grande parte da nossa sociedade a respeito das práticas/comportamentos homossexuais. Nas duas falas, a prática sexual é percebida pelo princípio da procriação, da reprodução da espécie. Nesses comentários também percebemos que é a heterossexualidade o modelo de prática sexual, pois apenas ela é compreendida como passível da procriação, sendo entendida como uma prática natural e divina. É a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003), dentro do sistema de gênero inteligível, como já apontamos no capítulo introdutório. Nessa percepção sobre as práticas e desejos afetivos, sexuais e eróticos, outros conceitos em relação aos aspectos/comportamentos sexuais estão imbricados, tais como o papel passivo da mulher, a dominação masculina, o sexo para a procriação, a homossexualidade como anormalidade, etc. Em virtude dessa compreensão, aqueles comportamentos sexuais atuais, sejam homossexuais ou heterossexuais, ou bissexuais, que “fogem” de uma suposta normalidade são encarados por muitos, ainda, como fruto de pessoas perversas, sem vergonhas, doentes, sem caráter, etc., são estigmatizados (GOFFMAN, 2004). Nesse aspecto, entender como a bissexualidade é percebida pelos próprios sujeitos que

³ Disponível em <<http://www.bloglhada.com.br/o-buteco-da-net/PID84746/>>. Acesso em abril de 2009.

se autodenominam bissexuais é nosso grande interesse neste estudo, discussão que se encontra no capítulo de análise.

Todavia, é necessário saber que tanto a ideia de um comportamento sexual natural, em decorrência da procriação, como a concepção de que esse comportamento é fruto de um propósito divino são forjadas por fatores sócio-históricos, ideológicos e políticos, os quais vêm na história encontrando mecanismos que os fazem se repetir. Aqui cabe esclarecer que não estamos partindo de um modelo mecanicista, no qual a base é determinante. Ao contrário, como alerta-nos Parker (2001), estamos compreendendo que mudanças nas condutas sexuais refletem sempre mudanças no cenário macro político, pois acreditamos que há um imbricamento entre sexualidade e poder, aqui compreendido nos termos das convenções culturais heterossexuais e fáticas, forjando no outro a precariedade (BULTER, 2003; 2009). Seguindo esse raciocínio, as mudanças dos comportamentos sexuais nos dias contemporâneos, aqui chamando a atenção para a masculinidade bissexual, têm nessa ordem de fatores suas origens, entendendo que nesse cenário macro estão os dispositivos tecnológicos, a exemplo dos *chats* na internet. Passemos um pouco pela história das concepções/representações e das práticas sexuais da humanidade com o intuito de elaboramos com maior propriedade esse entendimento, no propósito de que esse entendimento nos seja útil na compreensão da masculinidade bissexual, como já apontamos na introdução deste capítulo.

Sobre as práticas e condutas sexuais na história ocidental da humanidade - a metafísica e a ciência

É oportuno considerarmos que as práticas sexuais ao longo da história da humanidade foram/são abordadas por duas instâncias de saberes, a *metafísica*, aquele conhecimento transcendente a respeito da essência dos seres, e a *ciência*, em seu paradigma dominante, para o qual, para além da essência, conhecer é quantificar, o saber que se faz pela busca de verdades gerais e operações de leis gerais especialmente testadas (SANTOS, 1988). Apenas a partir do século XVIII é que ocorre uma ruptura epistemológica sobre a metafísica frente às questões relacionadas às práticas sexuais e, assim, a ciência encontra espaços para se desenvolver, visto que, como explica Bozon

(2004), a evolução epistemológica se dá conjuntamente com a evolução social e histórica, proporcionada pela rejeição da antiga ordem das coisas. Entretanto, muito daquilo que foi proposto pela *scientia sexualis* como a verdade dos comportamentos sexuais é uma reiteração do que já propunha a metafísica.

Da Antiguidade, podemos comentar que o saber sexual era de base metafísica, o qual vai se perdurar até um certo período da Modernidade. Nesse momento histórico, segundo Bozon (2004), as representações acerca dos comportamentos sexuais se sustentavam na concepção da reprodução, essa como parte integrante da natureza. Logo, as práticas/atividades sexuais deviam respeitar essa ordem social, a qual também era a ordem do mundo. Sobre os comportamentos sexuais nesse período, Silva (2008), ao abordar as práticas de algumas primeiras comunidades cristãs gregas, a de Paulo e a de Corinto, através da análise das cartas de Paulo a Corinto, faz-nos ver que a comunidade cristã buscava se diferenciar da comunidade pagã através das práticas sexuais. Assim, existia a oposição entre fornicação e não-fornicação, o respeito para com o casamento e os deveres conjugais, bem como o seu avesso, a manutenção da virgindade, bem como aqueles que não se ocupavam do celibato, etc. Todavia, segundo essa pesquisadora, essa ideia cristã se constituiu em *legislação sexual cristã*, a qual se perpetuou em momentos posteriores e ainda encontra, fortemente, espaços nos dias atuais.

Sobre essa época, Feitosa (2008) nos aponta que se costuma destacar a virilidade masculina, representada no papel ativo sexual e social como um dos aspectos da procriação. Desse modo, o homem teria uma função sexual sempre ativa e os “subalternos” deviam-lhe subserviência. Sendo assim, a passividade sexual masculina era indecência e crime para os livres, fatalidade para os servos e obrigação para os libertos. Entretanto, essa pesquisadora chama a atenção para alguns aspectos das práticas a partir da análise de documentos frutos de pesquisas arqueológicas. De acordo com a pesquisadora, esses documentos revelam que não apenas o ato masculino era valorizado, mas a relação sexual como um todo, isto é, a ação de ambos os sexos, a qual tinha uma função protetora. Outro contraponto à questão da virilidade masculina é o caso de Júlio César, citado em uma passagem de Suetônio, na qual é considerado mulher de todo homem e homem de toda mulher, revelando assim a não restrição da prática sexual ativa masculina. Sobre a relação entre pessoas do mesmo sexo, ela informa que “a relação entre dois homens era considerada uma prática erótica

compatível com o casamento com o sexo oposto” (FEITOSA, 2008, p. 132). Essas informações são deveras importantes para que compreendamos que essas práticas sexuais, atualmente (re)configuradas como práticas bissexuais, datam de um período longínquo. Outra coisa relevante é entender a percepção social desse comportamento sexual pelo *script*⁴ de cada época. Ainda se contrapondo à concepção de virilidade masculina, ela diz que ao contrário de uma austeridade sexo-afetiva, existiam manifestações públicas de afetividade, bem como manifestações de desejo feminino.

Do século V ao século XV dá-se o longo período da Idade Média. Nessa época, continua a compreensão da reprodução como instrínseca à natureza e a ideia de que as práticas sexuais deveriam respeitá-la. Assim, de acordo com Bozon (2004), existia por parte da Igreja Católica a ideia de vigilância sobre a vida moral dos fiéis, no sentido de impedi-los de enganar a natureza em busca da esterelidade, da não procriação. Os manuais de confissão propunham exames minuciosos do ato sexual, pela prerrogativa de que tudo devia ser dito. Eram proibidos a sodomia, o coito interrompido, e proscrescia-se a posição para o ato sexual diferente de uma suposta naturalidade (aquela na qual o homem está sobre a mulher). Dentro do *sistema de aliança*, sob o sistema da penalidade, do lícito e do ilícito; do ilegalismo,

(...) a pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de domínio e de desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Ainda nesse raciocínio, no século XII, o amor no casamento era impensável, visto como imoral e perigoso, pois era pregado o não prazer. O amor ficava restrito aos fornicadores. Nesse período, passamos a ter o amor extraconjugal com o adúltero.

Apesar da vigilância, até o século XVI, a expressão das práticas sexuais era visível. Mas, daí em diante, forja-se uma suposta invisibilidade da expressão de tais práticas, a partir da existência de um domínio para a intimidade, o qual gera uma esfera da vida humana íntima/secreta e uma outra aberta, fruto, como argumenta Bozon (2004), de um crescimento da impessoalidade e da intimidade, decorrentes do sistema

⁴ Ao nos referirmos a *script*, estamos compreendendo que cada cultura, em dada época, até mesmo em comunidades específicas, disponibiliza para os sujeitos um “roteiro”, ou “roteiros” das práticas sexuais.

burocrático instalado na Modernidade. Assim, surge o quarto do casal, como templo secreto para tais atividades, e o pudor se apodera dos comportamentos sexuais, os quais agora passam a ser tratados não mais com espontaneidade, porém através de meias palavras, e com reservas. Segundo Bozon (2004, p. 34),

Em seus trabalhos, Norbert Elias descreve a passagem de uma sociedade em que as emoções eram visíveis e explícitas a um mundo – no qual ainda vivemos – onde os indivíduos devem dissimular e controlar, cada um por si mesmo, os seus afetos e as manifestações de seus corpos.

Sobre essa invisibilidade das expressões da prática sexual, Foucault (1988, p. 23) prefere pensar que apenas “talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado” e não um silenciamento delas. Para ele, diferentemente, no século XVII, começa a haver uma explosão discursiva acerca dos comportamentos sexuais. Afirma que, nesse período, implanta-se o projeto de colocação do sexo no discurso, que tinha suas origens na tradição ascética e monástica (fincada nas sociedades anteriores). Nesse, a regra para todos era a de fazer do desejo um discurso. Assim, para ele, “Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 1988, p. 33).

No século XVIII, tal projeto se acelera. Esse não era sobre as práticas ilícitas, mas “confissões” da carne e do desejo. Para Foucault (1988, p. 26), “Sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego”. Há uma incitação ao discurso sobre o sexo que é de ordem política. Desse modo, diferentemente de vigilância da moral, de épocas anteriores, sob a tutela da teologia moral (obrigação à confissão), temos o discurso da racionalidade, na concepção de que o sexo não deve ser julgado, mas administrado. Por essa perspectiva, compreende-se que a relação dos indivíduos com o Estado passa a ser através de suas práticas sexuais.

No final do referido século, uma teia de discurso, saberes, análises e injunções investiram nas práticas sexuais. Agora é o saber científico que se lança sobre os comportamentos sexuais. Todavia, é necessário saber que esse é “uma ciência

essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiteraram sob a forma de normas médicas” (FOUCAULT, 1988, p. 61), com o pretexto da verdade do sexo – contudo, mais do que dizer a verdade, impede que ela se produza, numa “vontade obstinada de não-saber”. No projeto de incitar ao discurso sobre o sexo, múltiplos dispositivos existiram, tais como a medicina, a pedagogia, a justiça e a economia. Desse modo, surgiu uma nova tecnologia do sexo, não eclesíastica, mesmo retomando alguns métodos do cristianismo. De forma oposta a uma repressão, esse projeto visava a normalidade da vida e da doença. Dentre outras coisas, buscava higiene e assepsia, em função do temor em relação aos conflitos urbanos, tais como a prostituição e o mal venéreo; pretendia maximizar a vida, possivelmente como autoafirmação da classe burguesa, numa tentativa de agenciamento político da vida, o qual propunha um corpo cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos como valor diferencial de classe. Assim, o sexo passa a ter uma existência discursiva.

Para Foucault (1988), as práticas discursivas sobre o sexo colocam o homem sob o signo deste; sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo. Segundo essa lógica, passamos a ser o *homo sexualis* (BAUMAN, 2004), pois, temos uma *sexualidade* – práticas, desejos e comportamentos sexuais os quais, agora, são entendidos como imbricados à nossa conduta; “uma certa qualidade de sensibilidade sexual” (GUIMARÃES, 2004), uma categoria sexual. Porém, do lado de cá, entendemos que a sexualidade “é o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa (...)” (FOUCAULT, 1988, p. 139), a ciência sexual. Essas conceituações são úteis, pois, ajudam a compreender a bissexualidade masculina na percepção de que essa categoria sexual é um conjunto de efeitos sobre o sujeito. Ao afirmarmos que a sexualidade é um conjunto de efeitos sobre o sujeito, estamos negando a concepção de um gênero inteligível, aquele no qual a sexualidade é compreendida como biológica, e assumimos a compreensão que os comportamentos/atividades/desejos/identidades sexuais são construções discursivas sobre as características anátomo-fisiológicas, essas discursivamente também forjadas. Nesse sentido, o corpo participa da sexualidade, não como constituído de marcas eternas, mas como possibilidades discursivas em uma dada comunidade e cultura.

Assim, a ciência foi (e ainda é) um dos dispositivos que produz o discurso sobre a sexualidade.

Diferente das prescrições da pastoral cristã, e em função da perspectiva eugenista, não é a monogamia heterossexual que é questionada por essa tecnologia do sexo, mas a sexualidade da criança, a dos loucos e criminosos, o prazer daqueles que não amam o outro sexo, os devaneios, as obsessões, as pequenas manias e as grandes raivas (FOUCAULT, 1988), cremos que também aqueles que “amam” os dois sexos. Ou seja, o denominado mundo das perversões, da degenerescência; as *sexualidades* periféricas, como categorias negativas em relação a uma sexualidade normal, a heterossexualidade. Foram as sexualidades consideradas periféricas que nesse período foram questionadas e, a partir dessa interferência sobre os corpos e prazeres, criadas. Isto é, essas práticas, enquanto categorias, não estavam, *a priori*, lá para serem abarcadas pela ciência sexual, ao contrário, foram por ela construídas. Em função disso, na Modernidade, há o predomínio de múltiplas e fragmentadas sexualidades – heterogeneidades sexuais. Há a incorporação das chamadas perversões como especificação dos indivíduos. Outra dimensão do “contra-a-natureza” no campo da sexualidade.

Nesses fundamentos, “a categoria *homossexualidade* se constitui em modelo negativo das identidades sociosexuais em construção, como um domínio da sexualidade tida como normal” (GUIMARÃES, 2004, p. 39). Ou seja, o homossexual torna-se uma espécie da anormalidade, de perversão. Segundo Foucault (1988),

A sodomia – a dos antigos direitos civil e canônico – era um tipo de ato *interdito* e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do séc XIX toma-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 50).

Para além das próprias categorias sexuais, os dispositivos da nova tecnologia do sexo produziram também outros efeitos, tais como conflitos, tensões e espaços de ajustamento, visto que, em momento posterior, os saberes da verdade do sexo precisaram ser difundidos para as classes não burguesas, através de campanhas para moralização dessas classes, no sentido de proteção geral da sociedade e da raça, uma classe que possivelmente nem ao menos dava importância ao *dispositivo da aliança*.

Sendo assim, certamente, os saberes da sexualidade chegaram para esses (e para muitos de nós) como prescrições e/ou repressão. Os comentários sobre o casamento entre homens, na propaganda da *Bjorn Born* são constatações disso.

Algumas considerações acerca da criação da sexualidade

Giddens (1993) tece uma crítica à posição teórica de Foucault, no tocante à criação da sexualidade. Para esse sociólogo, faz-se necessário repensar alguns aspectos da “História da Sexualidade – a vontade de saber”, visto que nessa as únicas forças são o poder, o discurso e o corpo. Frisa que o poder aparece de forma misteriosa e que a história não existe. Ele cita alguns aspectos que quer questionar, tais como, o fato de na obra foucaultiana, a sexualidade surgir em detrimento do gênero, de que há o silenciamento das conexões da sexualidade com o amor romântico (fenômeno intimamente vinculado às mudanças na família moderna), o fato de a natureza da sexualidade estar associada unicamente ao discurso, e a não referência do “eu” em relação à modernidade. Assim, diz que influências antigas e fatores recentes foram negligenciados na leitura de Foucault. Ao relacionarmos os argumentos de Giddens com a compreensão de Butler (2009) acerca da construção da sexualidade, entendemos que esse sociólogo chama a atenção para o fato de que a sexualidade é construída dentro das convenções culturais, destacando as falocêntricas, discussão mais aprofundada no *capítulo 3*. Giddens (1993) aceita os argumentos apresentados pelo filósofo, entretanto prefere situá-los em outra estrutura interpretativa.

Nessa outra estrutura de interpretação, Giddens (1993) afirma que dentro do sistema de alianças, os laços matrimoniais passaram a ser baseados no *amor romântico*, para além dos julgamentos de valor econômico. Assim, marido e esposa passam a ser colaboradores de um empreendimento emocional conjunto. Nessa compreensão, podemos dizer que, de acordo com Bozon (2004), no século XVIII a Igreja Católica compreende o casamento como indissolúvel e no século XX o amor passa a ser o fundamento do casamento, sendo a prática sexual a expressão do amor. Nesse contexto, a transmutação do amor é a emergência da sexualidade. Ainda para Giddens (1993),

outro fator: a ideia de família grande, nas culturas pré-modernas, cede espaço à limitação do tamanho da família e isso afetou as práticas/comportamentos sexuais, pois, pela primeira vez, a sexualidade, para as mulheres, surge como desvinculada da gravidez e do parto. Nessas condições, a sexualidade passa a ser *plástica* e torna-se a condição prévia da revolução sexual que ocorreu posteriormente, como já apontamos no primeiro momento dessa reflexão.

Esse sociólogo também não nega que a sexualidade se constitui através da intrusão do “poder-conhecimento” na organização social, entretanto, aconselha considerarmos o fenômeno da *reflexividade* que está em constante movimento. Pois, segundo ele, “os termos introduzidos para descrever a vida social chegam e transformam (não de forma mecânica), nem necessariamente de uma maneira controlada, mas porque tornam-se parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos” (GIDDENS, 1993, p. 39). Desse modo, no tocante ao discurso, afirma que “os textos que informam, analisam e comentam a sexualidade, na prática, são de muito mais longo alcance do que aqueles abertamente propagandísticos, que recomendam a busca pelo prazer sexual”. Por esse ângulo, impulsiona-nos a compreender que na modernidade há a expansão da reflexividade, como uma de suas características distintas.

Com esses argumentos, Giddens (1993) acredita que a criação da sexualidade, muito mais do que imbricada às “confissões”, está atrelada às questões da auto-identidade, às questões do “quem sou eu”, acrescentaríamos, do “o que quero ser?”, “para aonde vou?”, na vida social moderna. Nessa linha de raciocínio, a sexualidade é criada nessa natureza auto-reflexiva, na tríade “eu – corpo (enquanto domínio da sexualidade) – sexualidade. Por isso, ele afirma, “Certamente, o corpo torna-se um foco do poder disciplinar. Mas, mais que isso, torna-se um portador visível da auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida” (GIDDENS, 1993, p. 42).

Miscelânea de práticas sexuais no cotidiano contemporâneo: a sexualidade *plástica na liquidez da vida*⁵

⁵ “A ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna (...) uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto

Voltemos às práticas sexuais nos dias contemporâneos. No primeiro subtítulo, deste capítulo, comentamos que, segundo Giddens (1993), Bozon (2004) e Bauman (2004), nos dias atuais os relacionamentos e as práticas/comportamentos sexuais estão envoltos em profundas mudanças, provocadas por fatores sociais mais amplos. Também evidenciamos que as transformações que se espraiam no cotidiano das sociedades ocidentais sofrem divergências e resistências. Sobre isso, rememorando um comentário de Giddens (1993), compreendemos que as práticas em qualquer tempo são forjadas pelos acontecimentos do presente, bem como por tendências mais antigas, forjando, assim, as convenções culturais que sempre afetam a fase posterior. Sendo assim, a exposição das práticas e “representações” da sexualidade ajuda-nos a conectar a rede de nós na história. Ou seja, tanto as mudanças com as quais nos deparamos nos dias atuais, beijo/casamento entre homens e a relação com ambos os sexos, por exemplo, quanto às forças de resistências, como os comentários que condenam tais práticas, não são aleatórias e naturais, ao contrário, nascem como produtos dos fatores sociais e discursivos e, como bem argumenta Giddens (1993), nascem da reflexividade. Todavia, gostaríamos de tratar a reflexividade não como uma ação individual, mas, intersubjetiva, forjada na coletividade. Assim, nos dias atuais, algumas mudanças frente à sexualidade merecem nossas atenções: as reproduções assistidas, a emergência da homossexualidade e as influências dessas sobre os relacionamentos sociais sexuais que delas decorrem. Para além dessas, é a masculinidade bissexual que está sendo contruída na cultura digital que buscamos compreender.

Sabemos que na atual sociedade a sexualidade não está mais vinculada à contracepção, como mostramos anteriormente, com o caso das mães lésbicas que geraram de forma assistida seus filhos. Essas (concepção e prática) são oriundas do longo processo de desvinculação entre sexualidade e fecundação: coito interrompido, passando pelas pílulas até a reprodução assistida. Concorre de igual forma o papel desempenhado pelo amor romântico. Como reflexo, nesses tempos, tanto a sexualidade quanto a reprodução são retiradas da “natureza” (BOZON, 2004): a sexualidade torna-se plenamente autônoma (GIDDENS, 1993), fato que aponta o fim desse processo secular e lhe confere um papel simbólico de liberdade muito importante (BOZON, 2004). Desse modo, para Giddens (1993), ela é maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras.

do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir (...). A vida líquida (...) não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (BAUMAN, 2007, p. 07).

A sexualidade passa a ser uma qualidade dos indivíduos e de suas relações; não mais institucional (atrelada ao sistema de alianças), mas subjetiva e intersubjetiva (BOZON, 2004). Justifica-se, desse modo, a ampliação das práticas sexuais, oriundas da ampliação de possibilidades da sexualidade, tal como a simetria nas relações no tocante a carícias, masturbação, sexo oral, cunilíngua, felação, etc. Devido a tudo isso, diz-se que a sexualidade é plástica. De acordo com as palavras de Giddens,

A reprodução um dia foi parte da natureza e a atividade heterossexual era inevitavelmente o seu ponto principal. Uma vez que a sexualidade tomou-se um componente “integrante” das relações sociais, como resultado de mudanças já discutidas, *a heterossexualidade não é mais um padrão pelo qual tudo o mais é julgado*. Ainda não atingimos um estágio em que a heterossexualidade é aceita como apenas mais uma preferência entre outras, mas esta é a implicação da socialização da reprodução [grifo nosso] (GIDDENS, 1993, p. 45).

De acordo com os sociólogos antes mencionados, a dissociação entre sexualidade e procriação, que gera a sexualidade maleável, coloca-nos frente à fecundidade como um projeto pessoal e, como isso, o próprio da sexualidade passa a ser a infecundidade. Essas novas percepções provocam grandes impactos diretos sobre a autonomia sexual, confiança e domínio femininos, como nunca vistos em períodos passados, e tem igualmente consequências para a sexualidade masculina. Esse emaranhado de “novidades” sociais acarreta numa nova experiência pessoal e de novas relações interpessoais. A sexualidade maleável traz de igual modo consequências para a homossexualidade, e essa, em movimento de retorno, traz consequências para a sexualidade – reflexos que estarão concorrendo para o *boom* da bissexualidade vivenciada nos nossos dias, aspecto discutido no capítulo posterior. Todo esse bojo de mudanças imprimirá fortes abalos na conjugalidade, isto é, trouxe consequências para as formas de relacionamentos.

Para Bauman (2004), nessa avalanche de mudanças, frente à dissolução entre a sexualidade e a procriação, o *homo sexualis* fora destituído do papel que assumia desde os primeiros povos. Esse passa a ter o “sexo em si” (ERICH FROMM apud BAUMAN, 2004), o sexo pelo sexo, na busca do prazer e da alegria: a própria encarnação da liberdade. Esse pesquisador leva-nos a ponderar que esse sujeito sexual dos dias contemporâneos vive a cultura do consumo, aquela individualista, na qual se deseja

sempre o produto pronto para uso imediato, a satisfação instantânea, sem esforços prolongados e com garantia de seguro total. O *homo sexualis* é ao mesmo tempo o *homo consumens*. Nessa racionalidade, as experiências sexuais objetivam leveza e velocidade, no sentido do uso e do descartável; a rotatividade. Dentre tantos outros aspectos discutidos neste capítulo, esse é necessário a ser compreendido nas conversas tecladas nos *chats*.

Para Bauman (2004, p. 70), “Em si mesma, a união sexual é de curta duração – na vida dos parceiros, é um episódio”, e por isso, o casamento é “a aceitação da causalidade que os encontros sexuais se recusam a aceitar (ou pelo menos uma declaração da intenção de aceitá-la – enquanto a união durar)”. As experiências sexuais são tratadas tal qual uma mercadoria. De acordo com o sociólogo, as relações na atual sociedade são “relações de bolso”, as quais “você as guarda no bolso de modo a poder lançar mão delas quando for preciso” (BAUMAN, 2004, p. 36); “é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade”. A conjugalidade sofre os reflexos dessa concepção. Ou melhor, ao contrário do namoro, noivado e casamento, é o “ficar” e o “viver junto” que se instalam nas relações interpessoais/sexuais. Para Bauman (2004, p. 45), “Mas nem mesmo os casamentos, ao contrário da insistência sacerdotal, são feitos no céu, e o que foi unido por seres humanos estes podem – e têm permissão para – desunir, e o farão se tiverem uma oportunidade”. É o “viver junto” que tende a ocupar os espaços do “antigo” casamento, que se torna frágil e desestabilizado pela coabitação, bem como se tornam frágeis as estruturas familiares:

(...) ganha o atrativo de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se postam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos atadas. Com muita frequência, não há congregação diante da qual se deva apresentar um testemunho nem um todo-poderoso para, lá do alto, consagrar a união. Você pode menos, aceita menos, e assim a hipoteca a resgatar fica menor e o prazo do resgate, menos desestimulante. O futuro parentesco, quer desejado ou temido, não lança sua longa sombra sobre o “viver juntos”. “Viver juntos” é *por causa de*, não *a fim de*. Todas as opções mantêm-se abertas, não se permite que sejam limitadas por atos passados [grifos do autor] (BAUMAN, 2004, p. 46).

E a relação entre sexualidade e homossexualidade? Ou, e a homossexualidade em relação à sexualidade? Como já apontamos anteriormente, esse novo conceito de sexualidade que amplia a gama de possibilidades de práticas leva à compreensão da homossexualidade não mais como uma prática alternativa, mas como uma das

possibilidades de prática sexual. Assim, essa ganha visibilidade e uma tendência à aceitação. E a bissexualidade? Discutiremos mais adiante, quando discutirmos sobre a masculinidade.

Segundo Giddens (1993), o termo ‘perversão’ desapareceu oficialmente da psiquiatria, e a aversão não recebe apoio da profissão médica. Pesquisa⁶ brasileira em 2006, sobre cidadania e sexualidade aponta que o índice de preconceito contra o homossexual diminuiu. Os dados mostram que 82% diz não ter problemas de convivência com o homossexual, 94% confirma que respeitaria a declaração de um parente de que é gay, desses, 54% apoiaria a decisão, 54% encara a homofobia como crime, e “apenas 14% dos entrevistados acham que assumir a homossexualidade é um desvio de conduta. 80% acredita que quem faz isso está apenas exercendo sua liberdade” (Fantástico⁷, 2006). Se é certa a diminuição do preconceito contra os homossexuais em todo o Ocidente, é certo também que o preconceito vive, seja explícito na violência, seja praticamente implícito, como constatamos na campanha publicitária da cachaça *Magnífica*, abaixo exibida.

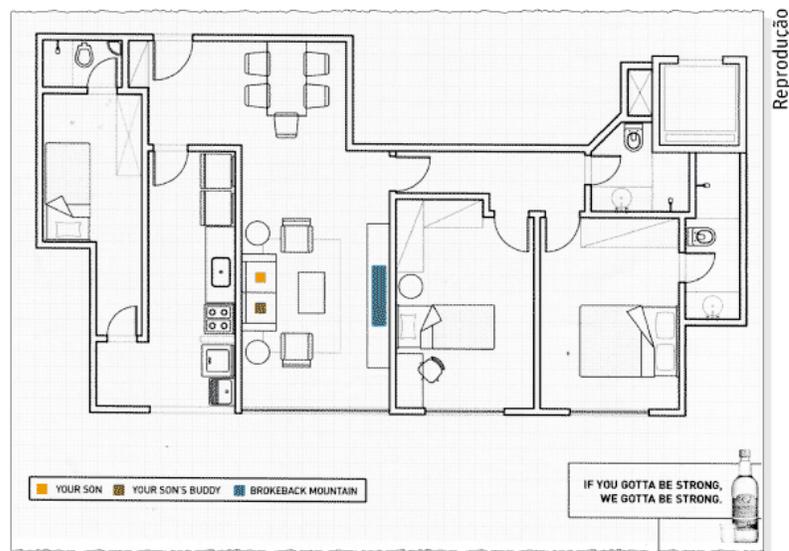


Figura 07: Propaganda da cachaça *Magnífica* expressando preconceito contra os homossexuais.

⁶ 1ª Pesquisa Nacional sobre Cidadania e Sexualidade/IBPS.

⁷ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mjd94QChjgc>.

Essa propaganda faz entender que dialoga com o pai (ou a mãe) de um rapaz que está na sala de sua casa assistindo, com seu amigo, o filme “O Segredo de *BrokeBack Mountain*”, narrativa que conta a história de dois *cowboys* bissexuais. Por isso, afirma que se o pai (ou a mãe) precisa ser forte nesse momento, fazendo alusão à decepção com o filho, a Magnífica também precisa ser forte, para acompanhá-lo e consolá-lo nesse momento difícil. Sobre a intolerância com os homossexuais, é salutar afirmar que essa, apesar de ser pequena, a exemplo dos dados da pesquisa antes apontada, restando apenas uma média de 18% (apenas?) da população brasileira que teria problemas de convivência com os gays, tem provocado danos absurdos à cidadania. De acordo com o Grupo Gay da Bahia, que monitora casos de intolerância no país, a cada dois dias, um homossexual é assassinado no país. Esses são “crimes de ódio”, pautados no terror, no espancamento e na tortura, a exemplo do caso, que ganhou as manchetes dos principais jornais brasileiros, do jovem de 14 anos assassinado no Rio de Janeiro em 2010, por ser gay. Certamente os índices apontam que são os gays masculinos que são alvos de preconceito e intolerância, provavelmente em decorrência de uma suposta negação da masculinidade hegemônica. No capítulo que segue, discutiremos mais a esse respeito, quando abordarmos as questões de masculinidade.

Entretanto, possivelmente, a aceitação aos homossexuais que aparece na pesquisa e a tendência de aceitação de outras sexualidades antes compreendidas como anormais e patológicas decorrem do processo de emergência dessa prática sexual, que após ter sido estigmatizada pela ciência sexual se autodenominou *queer*, “o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’” (LOURO, 2008, p. 07), questiona o diagnóstico científico e social da anormalidade (Bozon, 2004), gera um modo de vida *gay*, numa nova face pública (GIDDENS, 1993) e constrói, assim, um “discurso de retorno” (GUIMARÃES, 2008), no qual “o homossexual fala de si mesmo, reivindicando sua legitimidade ou ‘naturalidade’ com o mesmo vocabulário e as mesmas categorias empregadas para desqualificá-lo” (GUIMARÃES, 2008, p. 38). E o bissexual? Apenas o capítulo de análise traz esses dados.

Esse processo reflexivo de autodenominação *queer* impõe-nos a sexualidade como propriedade do eu, explicita-nos que “uma pessoa ‘tem’ uma sexualidade, gay ou outra qualquer, que pode ser reflexivamente alcançada, interrogada e desenvolvida” (GIDDENS, 1993, p. 24), não mais uma coisa pré-estabelecida, uma condição natural.

Essa é mais uma das alavancas que possibilitam a sexualidade se abrir a muitos propósitos. Ao que nos parece, a questão que salta dessa discussão é a questão da identidade sexual em relação às práticas e comportamentos sexuais. Assim, pensamos com Giddens (1993), que,

A questão é de identidade sexual, mas não apenas isso. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de autoajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas [acrescentamos a tecnologia da *Internet*] (GIDDENS, 1993, p. 41).

Entendemos, com a discussão realizada nesse primeiro capítulo, que a sexualidade não é algo que está intrínseco ao sujeito, desde o seu nascimento. Mas, ao contrário, é algo que vai sendo forjado no sujeito. Compreendemos também que a cada época, a cultura é um dos fatores que concorre para forjar a sexualidade nos sujeitos. Assim, é importante refletir quais os aspectos socioculturais em nosso tempo que estão corroborando na construção da bissexualidade. Em nosso estudo, interessa-nos a compreensão da construção da bissexualidade masculina. Por isso, na parte que segue, discutiremos sobre a masculinidade bissexual.

**AS MASCULINIDADES BISSEXUAIS – AS TRAMAS DE
PRÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

BISSEXUAL AFIM DE CARA ATIVO/PASSIVO

SOU UM CARA CASADO, SOU ATIVO/PASSIVO E ESTOU AFIM DE CARAS QUE CURTEM APENAS SEXO SEM COMPROMISSO E QUE SEJAM ATIVO/PASSIVO TAMBEM. MORO NO CENTRO DE CABREUVA

Homem procura homem - Cabreúva
Novembro 16

Figura 08: Anúncio pessoal de um homem bissexual na Internet.

O TEXTO exibido acima, no qual um homem procura outros homens para relacionamento sexual, retirado de uma página da internet, certamente corrobora a ideia discutida no capítulo anterior, a de que as atividades e comportamentos sexuais estão em acelerado processo de transformação; a de que as sexualidades são, nos dias atuais, líquidas. Não estamos afirmando que essa atividade nunca tenha existido, pois a referência a Júlio Cesar, antes feita, demonstra que o homem que mantém relações sexuais com ambos os sexos não é sujeito apenas dos nossos dias. Entretanto, nas últimas décadas, parece ter havido um *boom* de práticas bissexuais, e até mesmo de sujeitos que se reconhecem como bissexuais, principalmente com o advento da Internet, como acreditamos. Todavia, é oportuna a pergunta: o que é a bissexualidade? Existe uma bissexualidade ou bissexualidades, no plural? Na tentativa de uma compreensão acerca da(s) masculinidade(s) bissexual(is) e sua constituição *on-line*, neste capítulo objetivamos pensar o que é essa sexualidade; pensar as compreensões formuladas sobre ela. Para tanto, traçamos esse estudo com as questões da(s) masculinidade(s), visto que compreendemos que a sexualidade está em diálogo e imbricada às questões de gênero.

A ideia de homem na história

O que a história da humanidade nos mostra acerca dos homens? Que concepção existe sobre o que é ser homem? Um homem que é casado, logo, sexualmente ativo com sua esposa, mas que também se relaciona com outro homem, na condição sexual de ativo e passivo, como o caso mostrado no anúncio acima, é considerado homem, em nossa sociedade? Que ideia de homem existe? Um episódio

ocorrido em 2008, aqui no Brasil, pode ser útil para pensar acerca da concepção de homem ao longo da nossa história e especificamente hoje com as reconfigurações das atividades e comportamentos sexuais pelos homens. Como já mencionei na *Introdução*, em 2008, um dos participantes do *reality show* global *Big Brother Brasil*, Marcelo, afirmou que era homossexual. A partir de sua fala, houve uma explosão de comentários do tipo “Mas ele tem cara de homem!”, em diversos espaços públicos e privados. Ao referir-se à “cara de homem”, ficou nítida a ideia de que o homem é reconhecido através das características “imaginadas” socialmente para o papel de seu sexo, essencialmente sobre sua prática sexual. Mas nem sempre foi assim. Durante um longo período da história da humanidade, de acordo com Silva (2000), da Antiguidade à Idade Média, o período no qual é a metafísica que tem o poder de guiar a vida, é da ideia da ordem das coisas do mundo, como apontado no capítulo anterior, que surge a concepção de *one-sex-model*, o monismo sexual, compreensão de que o falo possui superioridade. Assim, o homem, aqui entendido como aquele que tem um pênis, exerce superioridade sobre a mulher, aqui entendida como um homem invertido, em seu aspecto anatômico-fisiológico, logo, um ser menos desenvolvido, não reconhecida como indivíduo pleno (CONNELL, 1997). É o homem pensado dentro dos parâmetros da metafísica. Desse modo, estabelece-se uma diferença sexual, entre homem e mulher, tomada como parâmetro para todos os aspectos da vida (BEAUVALET, 2011). Com o advento da Modernidade, as diferenças estendem-se também para as questões políticas e ideológicas. Assim, para além dos aspectos anátomo-fisiológicos, o homem é compreendido como o sujeito do espaço público, referente à atividade, e a mulher como o ser do privado, a passividade, encarregada das funções domésticas (BEAUVALET, 2011). Essa percepção reforça e amplia a superioridade do homem sobre a mulher.

No século XIX, alguns fatores são fundamentais para a compreensão do homem e da mulher: o surgimento da homossexualidade e a discussão da bissexualidade por Freud, argumenta Silva (2000). Nesse momento histórico, a feminilidade passava a atormentar o imaginário social do homem burguês, pois o homem homossexual e o homem bissexual eram percebidos como homens invertidos, logo desviantes, anormais. Além disso, a ideia de liberdade proposta pelas revoluções desordenou o papel do homem. Dessa forma, dá-se uma decadência da ideia de homem. Disso resulta um culto à masculinidade, ou seja, a diferença entre os sexos sai do caráter fisiológico para as

regras, os papéis sociais, em uma tentativa burguesa de manter a ideia de homem e mulher, originárias na concepção de ordem das coisas do mundo. Assim, são elencados alguns traços representativos do que é ser homem e do que é ser mulher, entendendo que ser homem é não ser mulher e jamais ser homossexual. E o bissexual? Que compreensões existem a esse respeito? Tais traços vão versar sobre vestimenta, maneira de andar, comportamento, entoação de voz, forma física, musculatura, elegância, vigor físico, agilidade, coragem, bravura, heroísmo, etc. Nesse sentido,

Homens e mulheres deveriam restringir-se ao seu papel social de acordo com a sua identidade biológica, de macho e fêmea, e, por conseguinte, sua escolha afetiva e sexual deveria voltar-se para o sexo oposto ao seu. A norma desviante era totalmente repelida e punida (SILVA, 2000: 12)

Esse culto à masculinidade vai perdurar por toda a era vitoriana, tendo como característica máxima a heterossexualidade. Nesse aspecto, ser homem é, necessariamente, ser macho. Percebemos claramente que gênero e sexualidade são dois aspectos da vida social que estão em diálogo.

Ao obervarmos esses períodos e a ideia de homem, entendemos, a partir dos estudos de Connell (1997), que inicialmente há uma *definição essencialista* do homem (e da mulher), aquela na qual a partir dos dados anátomo-fisiológicos são definidas as características do macho e da vida do homem. Sobre isso, Connell (1997), afirma que há uma debilidade nesse enfoque, visto que pensar por essa via é uma arbitrariedade, pois entender que o homem possui uma base universal não diz nada sobre ele, mas, ao contrário, acerca daquele que efetua tal demanda, o saber da metafísica, como já discutimos no capítulo anterior.

O que passou a acontecer no século XIX, com a “definição” de papéis, é o que Connell (1997) denomina de *definição normativa* do que seja homem (e mulher), pois, a partir das supostas diferenças biológicas, sociais e políticas, é oferecido um modelo que os homens devem seguir. É a *teoria dos papéis*, que “trata precisamente a masculinidade como uma norma social para a conduta dos homens” (CONNELL, 1997). Para esse estudioso dos homens, “na prática, os textos sobre o papel social masculino frequentemente misturam definições normativas com definições essencialistas”. Ao falar sobre o papel do sexo masculino, Connell (1995, p. 186) esclarece que é “um conjunto de atitudes e expectativas que definiam a masculinidade

apropriada”. Provavelmente, a posição assumida nos comentários sobre o fato de Marcelo (ex-BBB), sendo homossexual, ter “cara de homem” (mas, não ser “homem”) se dá como ecos da compreensão de que os homens cumprem determinados papéis para seu sexo. Atualmente essas percepções do que seja um homem são recorrentes em revistas que se propõem a dar exemplos de homens. Connell (1995) apresenta ressalvas para essa compreensão, pois, segundo ele, olhar o homem pela teoria dos papéis sociais não permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência, às desigualdades materiais, às complexidades no interior da masculinidade, tampouco às múltiplas formas de ser homem.

Para além dessas duas definições de homem, a essencialista e a normativa, Connell (1997) comenta acerca da *definição semiótica*, aquela que deixa o nível da pessoa e trata o homem (e a mulher) pela contrastação de lugares, mediante um sistema de diferenças simbólicas, a partir de uma análise cultural, estruturalista. Todavia, ela afirma que, mesmo sendo mais produtiva do que as anteriores, essa é uma visão limitada, visto que “ninguma masculinidad surge, excepto en un sistema de relaciones de género” (CONNELL, 1997).

Do conceito de homem ao de gênero: a construção discursiva das masculinidades

Para melhor entendermos a afirmação de Connell (1997), é importante saber que em meados do século XX, surge o que pode ser chamado de debate feminista, o qual questiona o patriarcado, o fato de o homem exercer poder sobre a mulher, em uma tentativa de acabar com a discriminação, como explica Yannoulas (1994). O debate se faz a partir do questionamento das relações entre natureza-cultura e público-privado. Desse, surge o discurso pluralista, que nega as perspectivas essencialista e normativa, postulando o debate para diferenças e igualdades (SCOTT, 1999), entendendo que existe uma “igualdade de direitos e o direito às diferenças” (YANNOULAS, 1994, p. 08). A partir dessas discussões, chega-se ao conceito de gênero, com Rubin (1975), esse

sendo entendido como um sistema de sexo/gênero⁸, ou seja, entende-se que nas sociedades existem determinadas maneiras de lidar com o sexo e que esse tratamento pode ser igualitário ou extratificado. Desse modo, o que se entende por homem e por mulher são construções subjetivas sociais, oriundas desse tratamento que os sujeitos recebem em cada sociedade. Logo, são construções forjadas nas e para as convenções sociais (BUTLER, 2003). Assim, pensar em homem e mulher pela perspectiva de gênero, é pensar de modo relacional, visto que é nessa relação entre o que é ser homem e o que é ser mulher que os sujeitos recebem as ações políticas. É relevante dizer que o tratamento dado aos sujeitos, em virtude de seu sexo, serve a fins econômicos, políticos, religiosos, etc., diferenciando-se nas diversas sociedades e momentos históricos. Gênero, então, passa a ser uma categoria de análise (SCOTT, 1996), na qual estão imbricados quatro fatores, a saber, a simbologia cultural, a normatividade, o político, e a identidade subjetiva.

Participa nessa reflexão sobre o conceito de gênero Butler (2003), que explica que ser homem e ser mulher não é uma substância, mas um fenômeno inconstante e contextual, isto é, é uma convergência entre cultura, sociedade e história. Logo, não se é masculino, se está masculino; não unicidade, mas expressões dessa unicidade. Ser masculino, nesse entendimento, é apenas um efeito, uma performance – conceito que será discutido no *Capítulo 3*. Para Butler (2003, p. 59), “o gênero é a estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância de uma classe natural de ser”. Chegamos a uma *definição discursiva*, ou *sociodiscursiva* (BUTLER, 2003; CONNELL, 2005; CONNELL e MESSERSCHIMDT, 2005; MOITA LOPES, 2003, 2009a; SPEER, 2001; WETHERELL e EDLEY, 1999), do que é ser homem, cunhada por uma perspectiva construcionista, a qual nega a ideia de essência e de universalidade, bem como a teoria dos papéis de sexo. Para Connell e Messerschmidt (2005), as masculinidades são construídas e usadas nos discursos. Assim, de acordo com Connell (1995),

⁸Saffioti (2005) faz uma ressalva acerca da dicotomia sexo/gênero, pois, para ela, não é possível conceber gênero como algo social e culturalmente construído e sexo como algo inerente ao corpo. Butler (2003, 2010) ao abordar essa questão, fala que “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2010, p. 153).

(...) necesitamos centrarnos en los procesos y relaciones por medio de los cuales los hombres y mujeres llevan vidas embuidas en el género. La masculinidad, si se puede definir brevemente, es al mismo tiempo la posición en las relaciones de género, las prácticas por las cuales los hombres y mujeres se comprometen con esa posición de género, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura.

Por esse ângulo, o homem deixa de ser visto através de seu sexo, assim como a mulher. Deixamos de lado, ao menos academicamente, a ideia de essência e de normas, bem como de estrutura social. Assim, passamos a enxergar a masculinidade e a feminilidade, isto é, as posições nas relações de gênero, as práticas que os homens e as mulheres assumem dentro do projeto de gênero de dada sociedade e os efeitos dessas práticas nas experiências do corpo, da sexualidade e na própria cultura. Para enxergar a masculinidade, passamos a ver “lo que-los-hombres-empíricamente-son” (CONNELL, 1995). Devido aos estudos desenvolvidos sobre homens, não se pensa mais em masculinidade, no singular, mas em masculinidadeS, no plural, entendendo que ser homem é algo não coerente, não isolado, mas que está em processo de mudança. É histórico. É “un proceso histórico que involucra el cuerpo, y no a un conjunto fijo de determinantes biológicas” (CONNELL, 1995).

Seguindo o conceito de gênero, nesse caso, o de masculinidades, ser homem é uma prática social que se refere ao corpo, mas não apenas a ele, e uma prática que não é autônoma. Assim, as masculinidades são configurações de práticas sociais, que se dão no discurso, na ideologia, na cultura, nas instituições, etc., nas convenções sociais. Nesse sentido, para Connell (1995) e Connell e Messerschmidt (2005), as masculinidades estão atreladas a várias estruturas, em diferentes trajetórias históricas. Para esse pesquisador, as masculinidades estão estruturadas em relações de *poder*, de *produção* e de *cathexis*.

Ao falar das relações de poder como uma dimensão da construção do gênero, Connell (1995) está se referindo à dominação dos homens sobre as mulheres e sobre outros homens, mesmo existindo muitas outras configurações, principalmente nos dias atuais. Ainda é nessa dimensão que se legitima ou não o masculino. No tocante à dimensão de produção, ele aborda as consequências econômicas, um fator é a divisão genérica do trabalho. E quanto ao cathexis, é o aspecto do desejo, entendido não como natural, mas como energia ligada a um objeto, com base nas ideias de Freud. É o investimento emocional numa atividade, objeto ou ideia (GARCIA, 1998). Ainda sobre

a construção genérica, Connell (1995) e Garcia (1998) afirmam que o gênero está envolto em outras estruturas sociais, tais como raça, etnia, classe social, nacionalidade, etc. Logo, os estudos das masculinidades devem ir mais além do gênero. Assim, torna-se útil essa compreensão, pois essas dimensões da estrutura de qualquer masculinidade serão tomadas como categorias úteis para a análise da bissexualidade, ou melhor, das bissexualidades, de constituição *online*, neste estudo.

Um fato comentado por Butler (2006⁹) é bastante oportuno para que nos questionemos a respeito da complexidade que envolve a construção de gênero e que essa se realiza em um emaranhado de outros aspectos das práticas sociais,

Tem uma história que veio a público, acho que oito anos atrás. Um jovem que vivia em Maine, ele andava nas ruas nesta... pequena vila onde viveu sua vida toda. E caminhava, andava, como a gente diz, rebolando, tipo mexendo os quadris... para um lado e para o outro, balançando, de um jeito “feminino”. E cresceu, ficou mais velho com 14, 16 anos e seu jeito de caminhar rebolando ficou mais pronunciado e ele se tornou mais dramaticamente feminino. E começou a ser humilhado... pelos meninos na cidade em que vivia. E logo dois ou três meninos interromperam seu caminhar... e começaram a brigar com ele e atiraram ele da ponte... e o mataram. Então temos que nos perguntar: por que alguém é morto pelo jeito que anda? Por que este jeito de caminhar é tão perturbador para os outros meninos que eles sentiram que deveriam negar esta pessoa, eles apagariam os vestígios desta pessoa, eles deveriam parar aquele andar de qualquer jeito, eles deveriam, eles se sentiram obrigados a, erradicar a possibilidade daquela pessoa andar novamente? Parece para mim que... estamos falando de um extremo e profundo pânico e medo, uma ansiedade que está presa às normas de gênero. É como se alguém dissesse: “você deve respeitar as normas da masculinidade, pois, do contrário, você morrerá”. Ou então – “eu mato você agora porque você não respeita”! Então, temos que começar a questionar qual é a relação entre se submeter, se adequar... à norma de gênero e à coerção.

Na mesma direção, recentemente, em um programa na TV, sobre a homofobia, dois rapazes de São Paulo, que fazem parte do grupo denominado “Os carecas”, assim argumentaram suas posturas contrárias ao homem homossexual:

Essa raça é uma raça do demônio. Deus criou o homem e a mulher, não o homossexual.
Vai contra a natureza. Contra Deus. Contra a família. Contra tudo!

⁹ Excerto do documentário lançado em 2006, pelo canal Arte France. Publicado no *Youtube* em 2009. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=x11A31NX5MM> >. Acesso em 16 de agosto de 2011.

O que tem acontecido nos últimos anos, em relação à construção de gênero e sexualidade, que tenha propiciado acontecimentos como esses, e como o que está na página do jornal, na sequência:



Figura 09: “Recorte” de página de Jornal na Internet.

Compreendemos, com Connell (1995), que essa onda de violência, de ataques homofóbicos, e mesmo a concepção do que é ser homem, demonstrada por aqueles que ostentam o preconceito contra os não heterossexuais, realizam-se em decorrência das reconfigurações dos jeitos de ser homem que têm surgido nas últimas décadas, em virtude das mudanças sociais mais amplas, advindas das mudanças estruturais em nossa sociedade. Tais reconfigurações nos jeitos de ser homem têm provocado o que se passou a ser chamado de “crise da masculinidade” (CARRARA, 2009; CONNELL, 1995, 1997, 2005; SILVA, 2000). Nessa etapa de reconfigurações, aqueles que se consideram os “controladores” (CONNELL, 2005), assumem posição de uma masculinidade legítima, assumem posição de liderança na/da masculinidade. Por isso, consideram-se no direito (e obrigação) de “salvar” a masculinidade, certamente, entendendo-a pelos parâmetros dos papéis do sexo. Estão em busca de um homem vitoriano.

A “crise” da masculinidade – diversidade e hegemonia

Diversos fatores sociais têm proporcionado as mudanças de reconstrução do gênero masculino. Dentre esses, podemos elencar a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o movimento feminista, ambos colocando em evidência a igualdade entre os sujeitos (CARRARA, 2009; CONNELL, 2005). Do movimento feminista, passamos a ter novas configurações nas relações entre homens e mulheres, visto que as mulheres passam ao espaço público, ganhando cada vez mais visibilidade, fator que acarreta novas configurações das relações entre os casais e os comportamentos enquanto pais e responsáveis pela casa. As imagens abaixo explicam melhor:

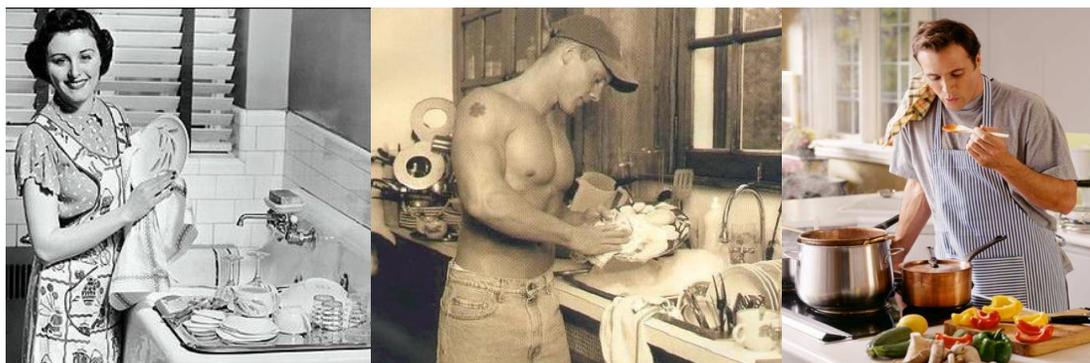


Figura 10: Imagens de homens assumindo atividades antes compreendidas como femininas.

Outro fator é a indústria de cosmético para os homens, que acabou acarretando o que passou a ser chamado de “metrossexual”, um novo tipo de homem com valores alterados, com caracteres antes visto como femininos e mantenedor das características do homem macho (GODOI e SILVA SÁ, 2005/2006). Segundo Godoi e Silva Sá (2005/2006), esse novo homem é fruto do discurso midiático, que envolve aspectos culturais e, fortemente, os aspectos econômicos, visando o aumento do consumo de produtos da indústria da beleza corpórea; é um homem metropolitano vaidoso. Abaixo uma publicação da revista *Veja*, edição de 1º de outubro de 2003 que apresenta esse “novo homem”.



Figura 11: Primeiras páginas de uma reportagem na revista *Veja*/2003 sobre o homem metrosssexual.

Ao abordar sobre essa reestruturação da sociedade, Connell (2005) proporciona a compreensão de que há uma discussão mundial sobre as reconfigurações da masculinidade e também movimentos de homens buscando igualdade de gênero, sejam movimentos sociais ou movimentos oficiais – as políticas públicas. Assim, o contexto social apresenta-nos condições diferentes, em comparação a épocas anteriores, no que tange à ordem do gênero. Podemos aqui situar o surgimento da Internet, como um artefato sociotécnico (HINE, 2008), que participa nessa reconfiguração da masculinidade. Essa discussão encontra-se no *capítulo 4*, no qual apresentamos o ambiente *online* do estudo etnográfico para a compreensão da masculinidade bissexual.

Então, em outras condições, passam a existir novas arenas e novos padrões, os quais forjam novas práticas e, portanto, novas configurações do masculino. Connell (1997, 2005) faz-nos ver que a ordem de gênero local passa a se relacionar com a ordem de gênero global, é o glocal (CANCLINI, 1995) o novo aspecto no qual as práticas sociais devem ser consideradas. Para Connell (2005, p. 1804), “there is no single formula that accounts for men and globalization”. Nesse sentido, modelos alternativos de masculinidades vão surgindo, gerando uma diversidade no jeito de ser homem, o que permite “(...) a obtenção de uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções, constitui uma chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica” (CONNELL, 1997, p. 186), surge o homem sensível, fruto das diversas práticas sociais, atreladas ao fator da

reflexividade (GIDDENS, 1993). Desse entendimento, podemos voltar à página inicial deste capítulo e começar a refletir sobre as configurações da masculinidade ali destacada, a bissexual, que tem sua configuração nas práticas discursivas *on-line*. As reconfigurações desses novos homens perpassam pelas relações estabelecidas entre si.

As narrativas convencionais acerca do que é ser homem continuam a existir e, apresentando um dos jeitos de ser homem, definem a conduta e os sentimentos apropriados e “pregam” o afastamento do comportamento das mulheres, torna essa masculinidade hegemônica¹⁰ (CONNELL, 1997; CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2005). Connell (1995) informa-nos que “a masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo, o mesmo sempre e em todas as partes. É a masculinidade que ocupa a posição hegemônica em um modelo dado de relações de gênero, uma posição sempre disputada”.

Connell e Messerschmidt (2005) esclarecem que, ao falar em masculinidade hegemônica, o conceito não está se referindo a dados estatísticos, mas a uma cultura normativa, a um modelo de conduta tomado como ideal e, portanto, admirado. Assim, entendemos a atual masculinidade hegemônica como uma “quimera discursiva¹¹”, pois a realidade já a suplantou. Sobre isso, esses pesquisadores dizem que as “masculinidades hegemônicas podem ser construções que não correspondem intimamente às vidas de homens reais” (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2005, p. 838).

Para atender a esse objetivo, um grupo de homens (e mulheres) acaba adotando uma forma de masculinidade como definidora da masculinidade, gerando uma hegemonia e um totalitarismo de gênero, que subestima os prazeres e as emoções do mundo generificado (*gendered*) (CONNELL, 1997). No tocante a essa posição da masculinidade, são estabelecidas relações com o feminismo e com as outras masculinidades, sejam de rejeição, coexistência ou apoio. Mas, o importante é saber o extremo sexismo, de parte da população masculina, e também feminina, que está

¹⁰Connell e Messerschmidt (2005) refletem acerca das críticas que o conceito de hegemonia tem sofrido ao longo dos anos, desde sua publicação em “Gênero e Poder” (CONNELL, 1998). Advertem que, para fazer jus ao conceito proposto por Gramsci, é vital que a dinâmica na estrutura seja considerada, ou seja, é vital que esse conceito seja entendido não como uma cultura de controle simplesmente, mas que nele seja focalizada a luta/tensão que existe nas relações entre as diferentes e diversas masculinidades, pois, tais relações são históricas.

¹¹ Expressão tomada de Cattelan e Schröder (2005/2006, p. 169), usada quando tratam do discurso em nossa cultura sobre a virgindade, abstinência e castidade, abordando os choques de culturas.

subjacente nessa hegemonia. Os homens têm interesses em manter o patriarcado porque ainda lucram com ele, visto que são deles as maiores rendas, o acesso político, mais controle das riquezas e o controle dos meios de violência. Gera-se uma força cultural na ordem do gênero que é conservadora. De acordo com Connell e Messerschmidt (2005), essa força no nível local aparece no gerenciamento de empresas, nas famílias, no crescimento das crianças, tendo principalmente a escola, a mídia, a igreja e o Estado como seus agentes de construção.

A atitude de evangélicos, em 2011, na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, de publicar um *outdoor* contra a homossexualidade advém da postura de hegemonia que o jeito de ser masculino conservador assume perante os demais, sustentando o argumento da ordem natural do mundo, bem como é uma performance dessa masculinidade, como é “perceptível” no texto que segue:



Figura 12: Outdoor com “mensagem” contra a homossexualidade.

Posturas como essa, de que a relação sexual entre homens é algo abominável aos olhos de Deus, acontecem porque um jeito de ser homem assume posição de liderança, nesse caso o conservador, o que acarreta a subordinação de outras formas de masculinidade, gerando os ataques homofóbicos, como os que aqui já comentamos anteriormente, dentre outras violências, a outras masculinidades. O grupo de homens que não assume a masculinidade considerada legítima é expulso do “ciclo” e passa a sofrer agressões verbais, com vocabulário que denigre, diz Connell (1995), e agressões físicas, a exemplo do caso contado por Butler (2006). Outro tipo de relação é a de cumplicidade. Fora do aspecto do gênero, algumas masculinidades podem ser marginalizadas, em relação com outros aspectos da vida social. No *outdoor* antes exposto, percebemos que a homossexualidade fica à margem da religião evangélica, pois essa apenas considera “normal” e “natural” a masculinidade hegemônica, a

conservadora. Nessas relações, “rapazes e garotos podem lutar contra a instituição ou a força cultural, bem como aceitar sua estampa” (CONNELL, 1997, p. 190): a repetição pode ser interrompida, aparecendo a subversão, a resignificação (BUTLER, 2003).

Ou seja, podem surgir as contra-narrativas, através de estratégias de des-generificação e de re-generificação. Sobre isso, podemos citar que alguns homens, nos dias atuais, diríamos, muitos, como afirma Goldenberg (2011), estão optando pelas novas possibilidades de ser homem, inclusive no aspecto afetivo-sexual. Desse modo, passamos ao contexto de competição entre os novos modelos e os modelos hegemônicos, bem como com aqueles que são seus cúmplices. É o “desmapeamento”, conceito de Sérvulo Figueira, citado por Goldenberg (2011). Nesse momento, há maior visibilidade de grupos socialmente estigmatizados, como os masculinos bissexuais.

O(s) masculino(s) bissexual(is)



Figura 13: Campanhas de manifesto bissexual, no Brasil e na Espanha, em setembro de 2010.

Os chamados exibidos acima, publicados em setembro de 2010, no Brasil e na Espanha, são convocações para a “parada” bissexual. Essas campanhas tornam-se

importantes, visto que é uma maneira de dar visibilidade a essa “condição”, seja em perspectiva de gênero ou em perspectiva de sexualidade, pois a discussão sobre a bissexualidade nos meios de comunicação tradicionais ainda é algo raro. Tornam-se contra-narrativas em relação à heteronormatividade, à ideia de um gênero inteligível (BUTLER, 2003). Todavia, essas duas campanhas permitem vislumbrar que o tema da bissexualidade tem a cada dia provocado debates. Mas, “o que quer, afinal, um bissexual?”, questiona Dominguez (1997). Ou, como indaga Novillo (2004), “qué es entonces una persona bissexual?”. Para esse estudo interessa-nos compreender quem é o sujeito masculino bissexual que está sendo construído nos *chats*, isto é, quais os *scripts* para a(s) masculinidade(s) bissexual(is), principalmente os *chat* UOL, Salas Cidades e Regiões, especificamente as Salas “Recife” (PE). Interessa-nos entender quem é esse masculino bissexual que surge nas salas de bate-papo *online*. Para uma compreensão do que seja o masculino bissexual, faremos um caminho através de algumas narrativas que já tratam dessa prática sexual, sejam as do senso comum dominante, sejam as acadêmicas, apresentando uma teia de conceitos. Apenas no capítulo de análise trataremos da masculinidade bissexual a partir das vozes dos próprios sujeitos que assim se denominam, esses do espaço *online*.

Compreensões acerca da bissexualidade

Nessa empreitada, acreditamos ser viável apontar a significação, em sentido bakhtiniano (BAKHTIN, [1929] 2004), da palavra ou palavras que estão envoltas a essa masculinidade, tais como bissexual, bissexualidade e bissexualismo:

bis.se.xu.al [ks] *adj.* 2g. 1. Que representa os dois sexos; hermafrodito. 2. Relativo ao comportamento sexual com indivíduos de ambos os sexos. *Adj.2g.* e *s.2g.* 3. (Pessoa) que tem esse comportamento.

bis.se.xu.a.li.da.de [ks] *s.f.* Qualidade ou caráter de bissexual; bissexualismo.

bis.se.xu.a.lis.mo [ks] *s.m.* 1. Prática do comportamento bissexual. 2. Bissexualidade.

A partir desses vocábulos e suas acepções, no Minidicionário Luft (2000, p. 117), chamamos a atenção para significação que aponta para o comportamento sexual com indivíduos dos dois sexos. Logo, para nossa reflexão, interessa-nos a ideia de que o

masculino bissexual é aquele sujeito que tem práticas sexuais com homem e com mulher, compreendendo-se, desse modo, como homem bissexual. Pelo já exposto, ao falarmos em sexualidade, não a compreendemos pela perspectiva natural e biológica. Dessa maneira, não vemos nenhuma das diversas práticas/comportamentos e atividades sexuais como detentora de uma normalidade e outras de uma anormalidade, mas fruto de uma cultura, como já explicitamos. Por outro lado, apenas essa conceituação para o masculino bissexual não é suficiente, visto que não compreendemos o homem como um ser uno e universal. Logo, essa ideia de homem bissexual carece ser problematizada.

Na narrativa da chamada do manifesto, mostrada na página anterior, aqui no Brasil, podemos interpretar, através da figura do prato, uma tentativa de produzir sentidos referentes à “comida”, fazendo alusão ao termo chulo “comer”, em referência ao ato sexual. Nele, a comida é um pedaço de maçã verde, que, pela disposição, lembramos o órgão sexual feminino e ou o ânus, e uma banana, que pelo seu formato, remete-nos ao órgão sexual masculino. Dessa feita, a narrativa nessa chamada é a de que o bissexual é aquele que estabelece relações sexuais com pessoas de ambos os sexos, é aquele que “come” ambos, tanto o homem quanto a mulher, e ou aquele que “come” a mulher, “come” o homem e é “comido” por outro homem – é aquele homem “bissexual afim de cara ativo/passivo” –, como exposto na abertura deste capítulo. Essa narrativa já traz outros dados acerca desse homem, além daqueles expostos na acepção do dicionário, a exemplo da atividade/passividade.

A segunda “propaganda” do manifesto reforça as narrativas do dicionário e da primeira chamada. Todavia, coloca em cena o homem bissexual. Se realizarmos a leitura através das cores das almofadas que cobrem os órgãos genitais dos modelos, logo, podemos inferir que o homem ao lado esquerdo, com a almofada azul, supostamente representa o masculino heterossexual, a mulher, do lado direito, com a almofada rosa, representa o feminino, e o homem no meio, com a almofada de cor violeta, representa aquele fruto da mistura do azul e do violeta, logo, o homem bissexual seria aquele que se configura através de características tanto masculinas quanto femininas. É aquele homem que está no “meio”, entre os gêneros e entre as sexualidades. Essa narrativa inclui para a conceituação do masculino bissexual a ideia de que esse é construído por atributos, também, do gênero oposto, certamente como já se pensou e muito ainda se pensa, acerca do masculino homossexual - sujeito que é

masculino, mas ao mesmo tempo é feminino. Nesse entendimento, enxergamos subjacente a essa percepção a teoria dos papéis sexuais, percepção forjada no século XIX, como já apontamos. Por outro lado, se excluirmos a leitura das cores das almofadas, interpretamos que o homem bissexual é aquele que tem “laços” ou se relaciona tanto com o homem quanto com a mulher. É aquele que está “entre” o masculino e o feminino, a heterossexualidade e a homossexualidade. Mas, que “laços” seriam esses? Que relações seriam essas? Apenas sexuais?

Outra narrativa que pode ser aqui comentada é a da macrossérie global, “O Astro”, na qual há um homem bissexual, Felipe. Algumas cenas de Felipe e seus parceiros, podem nos ajudar na compreensão da performance de masculino bissexual que esse personagem desenvolve:



Figura 14: Cenas da macrossérie global “O Astro” que mostram um personagem masculino bissexual.

Felipe, vivido pelo ator Henri Casteli, é bissexual. Vive um “caso” com Henri, um homossexual, e também com a rica Clô Hayalla. Para nossa discussão interessa a

concepção da masculinidade bissexual que está subjacente ao personagem. Felipe é um malandro, que faz tudo para se dar bem na vida. É um transgressor social. Vive uma estória de “amizade” com Henri e mantém relações sexuais com uma mulher em função do dinheiro dela. Essa masculinidade bissexual mantém as características da masculinidade hegemônica, em seus atributos: é um sujeito viril, sem traços de feminilidade, corpo atlético e a bissexualidade não é motivo de conflito interno, ao contrário, algo que o personagem não destaca. Soa como um dos aspectos dessa transgressividade social. A partir de Connell (1997), podemos dizer que a masculinidade bissexual apresentada em “O Astro” configura-se em relação de cumplicidade, em muitos aspectos, com a masculinidade hegemônica. Um aspecto que pode ser destacado, mostrado na segunda tira de cenas, antes exibidas, é que ao comemorar um golpe, os comparsas amantes, Felipe e Henri, tomam *champagne*. Neste momento, Henri solicita que o brinde seja romântico, como podemos acompanhar nas duas primeiras cenas da tira focada, mas, logo após ter aderido à ideia, o bissexual a rejeita e interrompe o enlace para o brinde, deixando nítida a ideia de que aquela não seria uma atitude masculina, possivelmente seria para o masculino homossexual, tal como Henri, seu parceiro. Desse modo, esse masculino bissexual estabelece cumplicidade com o masculino heterossexual hegemônico e subordina o masculino homossexual.

Interessa-nos também sobre esse personagem, para pensarmos sobre a masculinidade bissexual, opiniões de internautas, nos comentários em notícias que destacam a bissexualidade do personagem:

Pq TODA novela, filme, serie da globo tem que ter um gay? nao vejo necessidade disso. Blza po, ja entendemos que os homossexuais são iguais aos heteros... nao precisa ficar apelando..aff (Anônimo, 12 de julho de 2011).

KK deve ser por que em quase toda família tem um gay ahah 10% da população é gay (deve ser bem mais) (Anônimo, 12 de julho de 2011).

Nos dois comentários, é notável que o masculino bissexual não é percebido, ao contrário, é tomado como homossexual. Essa ideia é algo recorrente no senso comum dominante, visto que esse vive sob o domínio do gênero inteligível e da sexualidade polarizada, como já apontamos. Há, nesse caso, a rejeição/apagamento das

especificidades dessa masculinidade ou dessa sexualidade, pois, já compreendemos, com Connell (2005), que as masculinidades vão constituindo-se, constituindo suas performances em processos de tensão com outras masculinidades, com o gênero feminino e com outros aspectos da identidade social.

Seguindo esse raciocínio, as narrativas anteriormente comentadas são discursos performáticos da masculinidade bissexual, ou de algumas masculinidades bissexuais; são textos que ao a tornarem pública, ou a negarem, essa masculinidade e sexualidade, a constroem, em sentido de dar-lhe vida, ou a secundarizam, a marginalizam. São, possivelmente, narrativas que não estão simplesmente descrevendo um homem bissexual *a priori*, um já-lá, uma posição-de-sujeito, ao contrário, são textos que estão, em nosso tempo, concorrendo para a construção desse novo jeito de ser homem, ou desse novo jeito de ser sexual.

O que as narrativas acadêmicas abordam sobre a bissexualidade ou sobre o masculino bissexual? Depreendemos dos estudos de Novillo (2004), que o homem bissexual é aquele “que siente atracción sexual, emocional y afectiva tanto hacia su propio género como hacia el género opuesto” (2004, p. 15) e em Seffner (2003, p. 148), que o masculino bissexual é aquele homem que mantém “relações sexuais e afetivas com homens e mulheres, de forma simultânea ou alternada, constante ou esporádica em suas vidas”. Essas conceituações acrescentam dados àquelas narrativas, antes apresentadas. Se antes, o enfoque era para a relação sexual, nessas conceituações, a bissexualidade está também para as relações afetivas e emocionais, não apenas uma modalidade da vida sexual. É importante destacar, nessa conceituação, que Seffner (2003, p. 147) explica-nos que a bissexualidade “não designa um novo agrupamento de homens, que seriam aqueles portadores deste atributo, mas um conjunto de possibilidades, uma configuração hipotética de gênero e de sexualidade, uma possibilidade de posição de sujeito”. Assim, leva-nos a compreensão de que a bissexualidade não é uma essência, tampouco uma característica, que está/estaria fixada naquele homem que se autodenomina bissexual, mas uma das possibilidades de vivenciar a masculinidade e sua sexualidade. Ou seja, para ele, “não existe um indivíduo bissexual *a priori*” (SEFFNER, 2003, p. 149).

A bissexualidade, tal como a entendemos através das conceituações antes expostas, foi forjada no século XIX, com Freud, que a tomou como algo natural. De

acordo com Novillo (2004, p. 116), para Freud “todas las personas pueden tomar como objeto sexual a personas del mismo sexo o del contrario... y repartir su libido, ya sea de forma manifiesta o latente, sobre objetos de ambos sexos (...)”. É uma sexualidade. Novillo (2004, p. 116) também diz que Conrad Phillip argumenta que a flexibilidade “en la expresión sexual humana es un aspecto de nuestra herencia primate”. Com essas conceituações, percebemos que o discurso que inicialmente forjou a bissexualidade e que de algum modo continua a forjá-la é aquele que a toma como uma essência nos sujeitos. Seria a ideia essencialista de uma masculinidade (CONNELL, 1995, 1997, 2005). Mas, como já expusemos, afastamo-nos desse modo de perceber as masculinidades e a encaramos por um viés histórico e cultural, discursivo, visto que entendemos que as sexualidades e as construções de gêneros, pois não as tomamos apenas como sexualidade, estão imbricadas às relações de poder (CONNELL, 1995, 1997, 2005; SEFFNER, 2003).

Novillo (2004) comenta que essa orientação sexual está presente ao longo da história. Cita um estudo realizado na Espanha na década de 50, para o qual “las actividades homo y bisexuales estaban ausentes, eram raras o secretas sólo en el 37% de todas las sociedades sobre las que se elaboró el estudio; en las restantes, dichas prácticas se consideraban normales y aceptables” (NOVILLO, 2004, p. 116). Ao falar sobre a homossexualidade e a bissexualidade em Fortaleza, capital cearense, Gondim e Kerr-Pontes (2000), afirmam que “a prática sexual entre homens não é uma situação rara na região”. Em 2007, foi realizada a pesquisa “Mosaico Brasil” pelo “Projeto Sexualidade” do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Nessa, foram entrevistadas 8.200 pessoas de 10 capitais brasileiras, na tentativa de identificar o número de gays, lésbicas e bissexuais. Vejamos os números acerca dos homens bissexuais.

Capital	10,4% Homens Bissexuais	6,3% Mulheres Bissexuais
Curitiba	2	1,4
Porto Alegre	1,3	1,8
Brasília	2,9	0,6
São Paulo	1,7	1,7
Rio de Janeiro	4,8	2,3
Belo Horizonte	2,8	1,5
Salvador	1,6	1,2
Fortaleza	3,4	2
Manaus	1,6	1,2
Cuiabá	4,1	0

Fonte: Levantamento realizado pelo grupo LGBT de Brasília

Figura 15: Tabela indicando o percentual de homens e mulheres bissexuais em 10 capitais brasileiras.

De acordo com os dados, 10,4% dos homens dessas 10 capitais brasileiras são bissexuais. Entretanto, Ronaldo Pamplona¹² (2011), ao comentar acerca da bissexualidade e desses dados, chama a atenção que essa é uma identidade, seja de gênero ou de sexualidade, que não é, na maioria das vezes, revelada, logo, aponta que o número de bissexuais nessas capitais pode ser bem maior do que o apresentado. O estudo de Kinsey é por ele citado, reforçando o argumento, pois, já na década de 1940, cerca de 50% das pessoas pesquisadas nos Estados Unidos já tinha tido relações com pessoas do mesmo sexo e pessoas do sexo oposto. Para além desses dados, sobre esse aspecto, é necessário considerar que a variação sexual é um dado cultural (PARKER, 2001; WEEKS, 2001): a cultura forja as possibilidades, os *scripts*.

A visibilidade progressiva da bissexualidade

Mesmo com dados que apontam a sua existência, a bissexualidade, e o homem bissexual, são tomados como não existentes, a exemplo dos comentários sobre o personagem masculino bissexual em “O Astro”, destacados em páginas anteriores. Ali percebemos que o homem masculino hegemônico descaracteriza o bissexual, interpretando-o como homossexual. Dominguez (1997) explica-nos que o não reconhecimento de um gênero ou sexualidade bissexual se dá pelo fato de vivermos em um mundo binário, no qual, as práticas sexuais estão polarizadas entre heterossexualidade ou sua recusa, a homossexualidade. Desse modo, esse pesquisador diz que o homem bissexual é tomado como um sujeito confuso, necessitando definir-se por um dos polos de sexualidade. Para os estudos de Seffner (2003, p. 149-150) a mídia quando aborda a bissexualidade reforça, em parte, essa ideia de indefinição, pois, destaca que “ser bissexual seria fruto de uma indecisão, crônica ou específica de um período da vida, entre dois caminhos básicos: heterossexualidade e homossexualidade”.

Sobre esse mesmo tópico, Novillo (2004, p. 118) é taxativa ao dizer que mesmo esse fenômeno sendo considerado inexistente, ao contrário, salvo raras exceções, “la mayoría de individuos han vivido algún tipo de contacto bissexual a lo

¹²Em entrevista em um programa de TV.

largo de su existencia”. Essa informação pode ser atrelada aos dados produzidos na década de 1948, por Kinsey. De acordo com os estudos de Kinsey, a maioria das pessoas, as que estão entre as escalas 2, 3 e 4, encaixam-se no perfil do sujeito bissexual:

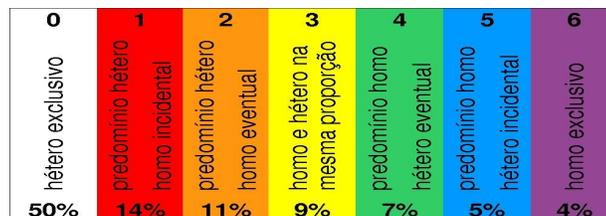


Figura 16: Quadro de Kinsey sobre a sexualidade.

Os dados “comprovam-nos” que a bissexualidade existe sim, que o homem bissexual existe, não sendo apenas uma fase de transição ou uma indecisão, em sentido de conflito: há sim homens reais que apresentam interesses afetivos, sexuais e eróticos tanto por homens quanto por mulheres. Essa negação da masculinidade bissexual pode também ser fruto de uma característica do próprio roteiro cultural para a bissexualidade: a invisibilidade, pois, em decorrência de nossa sociedade machista e sexista, ou heteronormativa, o homem bissexual torna visível apenas suas relações heterossexuais, camuflando a faceta homoerótica (NOVILHO, 2004). Além disso, “aunque muchos consideran que essa forma de vida puede mantenerse a largo plazo sin mayor conflicto, en mi opinión puede llegar a producir sentimientos importantes de frustración impidiendo, en definitiva, una plena autorrealización de la persona” (NOVILHO, 2004, p. 116). Devido a essa concepção da não existência, seja pelo fato da concepção bipolar da sexualidade, ou seja, pela invisibilidade dos homens bissexuais, para Dominguez (1997), o certo é que esses se tornam clandestinos, marginais, sem discurso autorizado, relegado ao lugar do oprimido.

Todavia, para Seffner (2003), o masculino bissexual está em visibilidade progressiva, desde a emergência da AIDS, pois, foram considerados culpados pela transmissão do vírus. Ele chega a dizer que “ele praticamente não existia antes da epidemia da Aids” (SEFFNER, 2003, p. 09). Em 1985, a revista *Veja* publicou, na

sessão “Medicina”, a reportagem de capa “A multiplicação do mal: a AIDS se espalha”. Nessa, alguns trechos, da voz da medicina, evidenciam o que disse Seffner (2003):

(...) A doença já provou 181 mortes no Brasil -133 delas em São Paulo e o restante no Rio. Onze Estados brasileiros exibem casos não fatais já detectados. Entre os casos brasileiros encontram-se, por exemplo, seis mulheres que contraíram a doença de **seus maridos bissexuais** [grifo nosso] (Veja, 1985, p. 57).

Se a mulher mantiver relações sexuais com um parceiro portador de AIDS, **quase sempre um homem bissexual**, ela pode ser contaminada. E também pode transmitir o vírus mantendo relações com outro parceiro [grifo nosso] (Veja, 1985, p. 62).

É, a partir desse advento, que a mídia também vem dando visibilidade a esse jeito de ser masculino, tratando-o como uma modalidade afetiva e sexual, tanto em aspecto positivo, considerando-a como avanço, uma superioridade, principalmente em termos quantitativos, bem como em aspecto negativo, a partir de sua caracterização como indefinição. O personagem bissexual na macrossérie global, antes já comentado, é um ponto nessa história de visibilidade midiática. Ao realizar uma pesquisa, na tentativa de compreender esse homem e realizar intervenções para o combate à AIDS, Seffner (2003) explica-nos que esse sujeito era, de fato, invisível, nos anos de 1995-1996. Encontravam-se isolados. De acordo com o pesquisador:

(...) estes indivíduos encontravam-se isolados nos seus locais de moradia, não tendo parceiros para conversar a respeito do assunto mais importante de suas vidas sexuais, qual seja, o desejo de relações eróticas com outros homens (...) (SEFFNER, 2003, p. 14)

Para o pesquisador, havia queixas de que

(...) não encontravam ninguém para conversar acerca de sua situação, apontando fatores como falta de locais de encontro de homens bissexuais, falta de reconhecimento do indivíduo bissexual por algum atributo visível, falta de jornais, boletins e revistas dirigidos a este público, etc. (SEFFNER, 2003, p. 14).

Das dificuldades de contatos com homens que se autodenominassem bissexuais, surge, na pesquisa de Seffner, a Rede Bis-Brasil, uma rede de contato, a partir de correspondência postal, bem como, através de um boletim, o Frete&Verso, no qual eram disponibilizadas informações acerca da bissexualidade, e no qual os sujeitos podiam estabelecer contatos entre si. Aqui importa comentar que, se em meados da década de 1990 e início da década de 2000, os homens que se reconheciam como

bissexuais estavam isolados, o mesmo já não acontece nos anos seguintes, pois, com o advento da Internet e a propagação das salas de bate-papo, principalmente no provedor UOL, essa situação muda. São criados espaços nos quais surge um “movimento” de encontros de homens bissexuais, em sentido de performance dessa masculinidade e em sentido de um “discurso positivo” (MARTIN, 2004), considerados aqui como espaços e tecnologias de encontros digitais (CLEMINSON e GORDO, 2008), discutidos no *capítulo 4*.

Os diversos modos das masculinidades bissexuais

Com base nas cartas e comentários enviados à Rede Bis-Brasil, considerados “escrita de si”, confidências, e não confissões, Seffner (2003) apresenta em sua tese de doutoramento quatro representações dessas masculinidades, não uma narrativa única. Cabe aqui uma observação: esse pesquisador utiliza-se do termo “representação”, o qual, não cabe dentro do nosso aporte teórico, o do socioconstrucionismo, logo, precisa ser aqui redimensionado. Ou seja, representação remete à ideia de um reflexo da realidade, a ideia de que o sujeito bissexual já existia a priori, necessitando apenas aparecer. Diferentemente, tratamos de performances, jeitos de estar/ser, o que ele denomina de representação. A partir das narrativas dos homens bissexuais, Seffner (2003) chega às masculinidades: *ambígua*, *sacana*, *futurista* e *afetiva*.

Assim, o *homem bissexual indefinido*, ambíguo, é aquele que hesita, oscila, não se define, é aquele que está em conflito interno em relação ao seu gênero e a sua sexualidade. É aquele que está na imagem recorrente no senso comum dominante. Normalmente, esse sujeito precisa de ajuda. É aquele que se posiciona “entre”. O *masculino bissexual sacana*, ou intensificado, é aquele que rejeita os traços de feminilidade, fazendo críticas; é o machão, se autodenomina de “homem liberal”, “macho liberal”, “liberal na cama”. Essa masculinidade atravessa a polaridade passivo-ativo. É, provavelmente, essa que encontramos no início deste tópico. É compreendida como uma potência sexual do homem, visto que mantém relações com ambos os sexos. Esse apresentaria uma excitação superior, por isso, busca a “sacanagem plena”, a “suruba entre machos”. De acordo com a pesquisa, Seffner (2003, p. 27) diz que

pertence a essa masculinidade bissexual “um grupo de homens absolutamente másculos fazendo sexo de forma livre e intensa entre si, excluídos os homens afeminados”. Esse é o motivo de o masculino bissexual ser acusado de promiscuidade, e de ser o culpado pela transmissão do vírus HIV no país.

Outra masculinidade bissexual é aquela compreendida como de atitude moderna, do futuro, é o *masculino bissexual avançado*. Na interpretação de Seffner (2003) é o “indivíduo despedido de preconceitos, homem que superou eventuais barreiras e entraves ao exercício do amor e do erotismo, incluindo também parceiros masculinos nos seus jogos sexuais e afetivos” (SEFFNER, 2003, p. 14). Esse estaria acima das polaridades homo e hetero. Seria uma performance de masculinidade a exemplo do personagem Felipe, em “O astro”. A quarta masculinidade apontada é a de *amizade masculina*. Para este homem bissexual, a busca é por “amizade” entre homens, amizade em sentido ambíguo ou polissêmico.

A conclusão da pesquisa de Seffner (2003) ajuda a derrubar alguns mitos referentes à masculinidade bissexual, visto que mostra a existência de diferentes modos de viver essa masculinidade e sua sexualidade, e deixando ver que as percepções, nos mitos, é a de que os homens bissexuais são tomados como unos e universais. Dentre os mitos principais, segundo Novillo (2004), estão a ideia de frivolização, de adição do sexo, que seria um desejo fora de controle, a de que estes homens seriam atraídos por todos os homens e todas as mulheres, negando as preferências, os gostos e critérios seletivos, e a de que ele é infiel: o bissexual manteria duas relações ao mesmo tempo.

Neste último aspecto, o da monogamia e poligamia do homem bissexual, os estudos de Seffner (2003) são importantes porque evidenciam outra concepção de fidelidade. Explica:

Em palavras mais diretas, numerosas vezes a argumentação construída enfatiza que o homem é fiel à esposa, pois não mantém relações com outras mulheres, apenas com homens, e estas relações com homens não são vivenciadas como traição à fidelidade à esposa, porque nelas o que acontece não é similar ao que acontece com a mulher. Fidelidade na relação com outro homem foi um tema não problematizado pelos associados, uma vez que, para a grande maioria deles, manter uma relação duradoura com outro homem não estava colocado, e, quando estava, isto não era visto como algo que necessitasse de algum tipo de oficialização, não sendo desejado por nenhuma das partes (SEFFNER, 2003, p. 162).

É vital esclarecer que essas masculinidades não vão se constituindo de modo isolado, ao contrário, são construídas em conflitos e parecerias com as outras masculinidades e também com as feminilidades, bem como com outros aspectos da identidade social (SEFFNER, 2003, CONNELL, 1995, 1997, 2005). Refletindo sobre isso, é considerável atentar para o fato de que, como comenta Costa (2010), a sociabilidade erótica no Brasil é aquela em que entre quatro paredes tudo pode acontecer. Nessa discussão, esse é um dado relevante para pensar as múltiplas masculinidades, com o foco nas bissexuais, ou as tensões entre os diversos modos de ser homem e assumir seu gênero e sua sexualidade. Assim, é importante considerar com (COSTA, 2010, p. 03), que “é possível um homem fazer sexo com outro homem e não ser, ou não se identificar, enquanto homossexual [ou bissexual], seja ele branco, negro ou pardo”. Esclarece que isso é possível porque a sexualidade no Nordeste se dá através de um modelo hierárquico, aquele no qual mesmo tendo práticas homossexuais, acrescentamos, também as bissexuais, muitos homens consideram-se heterossexuais, visto que não apresentam comportamentos femininos e assumem papel ativo na posição do intercurso sexual. São os HSH, homens que fazem sexo com homens, mas se consideram heterossexuais, pois a heterossexualidade é a norma (COSTA, 2010). Dessa maneira, estamos compreendendo que na cultura nordestina, mas creio que não apenas nela, ser heterossexual com práticas homoeróticas é um sentido viável e aceitável, dentro do *script sexual* dessa comunidade. Por outro lado, se negarmos aí a homossexualidade e a bissexualidade, compreendemos que a heterossexualidade pode ser *queer*. Chegamos à ideia de uma “pós-heterossexualidade”, uma heterossexualidade não unitária, não convencional, fluida, com variações (CAMERON e KULICK, 2003; SANTOS FILHO e HOFFNAGEL, 2011¹³), ou, simplesmente, mais uma faceta da masculinidade bissexual.

Para refletir sobre a complexidade desse aspecto das masculinidades, é oportuno ouvir a narrativa do senso comum, pois nos ajuda a problematizar. Em 2010, o *post* “Como convencer um hetero a transar com um gay”, texto de Nelson Sheep, no

¹³Essa ideia tomou corpo a partir da discussão “Nesse tempo de *chat...* os homens [heterossexuais] e outros significados sobre a sexualidade masculina” (SANTOS FILHO e HOFFNAGEL, 2011), em uma mesa redonda no 18º InPLA. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=igy9tE_gxa4 >. Acesso em 03 de setembro de 2011.

*Super pride*¹⁴, discute a possibilidade de uma relação homossexual de um homem heterossexual. O *post* deixa marcas de que essa relação não é possível, pois, se isso acontecer é porque, provavelmente, o homem não é hétero, como adverte:

(...) tenha em mente que você não está pegando um hetero e sim um bissexual enrustido que vive uma vida hetero, por diversos motivos, seja porque ele quer, seja por medo de se assumir, seja por estar apaixonado por uma mulher e isso bastar, seja por ele ser lerdo mesmo e ainda não ter caído a ficha de que ele PODE MAIS e etc.

(...) Já fiz sexo com pessoas que se diziam heteros convictos, ou que estavam ali só porque “pegar mulher” estava difícil, ou porque a namorada insistiu em fazer a três (...). Todos eles têm o mesmo discurso, não pode beijar na boca e impõe um monte de limites. Já que é pra abrir o diário eu vou falar: na grande maioria das vezes eles se deixaram entregar e beijaram a minha boca sim, não porque eu seja o fodão, longe de mim, mas porque se sentiram a vontade naquela situação. Sei lá, eles tem uma coisa com beijo na boca, tipo, você pode enfiar o pau em qualquer buraco, porque até ai tudo bem, você é macho, tá invadindo um rabinho quente e apertadinho, mas se beijar na boca: PÔ, AINÃO VELHO!

Os argumentos de Nelson Sheep vão em direção à uma identidade essencialista, aquela que nasce com o sujeito e que é tomada como em relação de causalidade entre comportamento sexual e a identidade sexual. Dentro desses parâmetros, faz sentido negar a heterossexualidade com prática sexual homoerótica. Os argumentos ou contra-argumentos afirmam que esses homens apenas se dizem héteros e têm uma vida hetero. Mas, seriam bissexuais. Mais uma vez, Nelson Sheep olha para a sexualidade a partir do papel de sexo, vislumbrando seu bojo de expectativas e atividades. Por isso, fecha a possibilidade que insiste em se apresentar: heterossexuais podem estabelecer relações homossexuais. Porém, se compreendemos que o comportamento sexual não estabelece relação direta com a identidade sexual, e entendendo que se o sujeito diz ser heterossexual e leva uma vida heterossexual, é possível sim que ele assuma para si, não apenas para a sociedade, que é heterossexual, bem como vivencie em seu dia a dia práticas heterossexuais. Logo, configura-se heterossexual. É importante também nesse momento considerarmos que a nossa cultura não tem roteiros, ao menos públicos, que direcionem os sujeitos para esse entendimento, como é visível no comentário de “Anônimo” ao *post*:

¹⁴Disponível em < <http://www.superpride.com.br/2010/02/como-convencer-um-hetero-transar-com-um.html> >. Acesso 20 de março de 2011.

Não existe essa história de hetero ter vontade de comer homem, no máximo é um bi enrustidinho. Hetero vai preferir mulher em qualquer situação (**Anônimo**, 9 de março de 2011 15:09).

Mas, é importante considerarmos que a prática homossexual dos heterossexuais (ou bissexuais) se realiza sob algumas restrições, como o não beijar, apontado. É isso que parece acontecer na privacidade, como leva-nos a entender “Lucas Alfenas”, em comentário ao *post* antes mencionado:

(...) tenho 20 anos sou Heterossexual convictissimooooooooo, mas nunca tive uma situação em que um homem (Gay) quisesse fazer sexo comigo, embora segundo as mulheres que conheço sou classificação 11,5 de 1 a 10 em termos de beleza e Sexy, pego todas, porém acho que se um amigo meu que eu conheço quisesse ou tivesse uma queda por mim, com certeza eu o comeria (De 4 somente) pois tudo é a mesma mxxx, agora do Beijo isso não faço não pois considero o beijo muito pessoal entre 2 pessoas (disso não abro mão) e era só uma vez e só, ate por que quando a mulher não quer dá você pode recorrer ao amigo Gay (**Lucas Alfenas**, 1 de fevereiro de 2011 04:00).

Sobre essa pluralidade da masculinidade “bissexual”, Seffner (2003), faz algumas ponderações, e ou observações, que se tornam relevantes para a compreensão desses jeitos de ser homem. O pesquisador esclarece que a bissexualidade pode ser pensada pelo campo de gênero, nesse caso seria o pertencimento à masculinidade – esse foi seu ângulo de estudos –, ou pela ótica de uma categoria sexual. Ao observar pela perspectiva de gênero, afirma que o masculino bissexual é “uma identidade de gênero fracamente construída, e que se mantém em permanente regime de tensão e negociações com as identidades culturais da masculinidade heterossexual e da masculinidade homossexual” (SEFFNER, 2003, p. 152). Para ele, “a masculinidade bissexual sofre uma débil política de afirmação da identidade”. Ou seja, “não existe uma cultura da masculinidade bissexual” (SEFFNER, 2003, p. 151). De outro modo, “é uma identidade sexual bastante consistente” (SEFFNER 2003, p. 153), pois é uma sexualidade entendida como para além da heterossexualidade e da homossexualidade. Resiste aos rótulos e as categorizações. Logo, é aceita como “possibilidade erótica, mais do que como designação de um grupo de pessoas” (SEFFNER, 2003, p.153). Nesse sentido, é “uma forma válida de busca do prazer sexual entre homens, embora padecendo dos problemas de estigma e discriminação” (SEFFNER, 2003, p. 165). No tocante à crise da masculinidade, é “evolução”, logo, vista em perspectiva positiva, mas também é “sinal da crise”, rotulada negativamente.

Desse emaranhado nas masculinidades bissexuais, Novillo (2004), aborda um aspecto vital para nossa compreensão. Ela diz que é “imposible describir ‘el proceso de la persona bisexual’, com um rótulo que engloba a toda una diversidade de individuos” (NOVILLO, 2004, p. 116).

Pela discussão antes apresentada, é possível que entendamos que ao tratarmos de masculinidade bissexual ou de bissexualidade masculina estamos lidando com um aspecto complexo da vida do sujeito. Nossa reflexão leva-nos à compreensão de que este é um dos jeitos de ser homem que muitos homens têm aderido. Chegamos ao final desta parte da tese, vislumbrando que “bissexualidade” é muito mais do que simplesmente ter relações com pessoas de ambos os sexos. Bissexualidade é um jeito de ser sexual, emocional, que pode estar atrelado ao gênero do indivíduo de modo consciente ou não. A ideia a que chegamos é a que “bissexualidade” deve ser encarada entre aspas. Assim, é importante olhar para a bissexualidade no masculino como um traço de identidade, entre tantos outros, no feixe que compõe a identidade social. No próximo capítulo abordamos a construção sociodiscursiva de identidades sociais, tomando como base a teoria queer e compreensão de performatividade.

**LINGUÍSTICA *QUEER* E PERFORMATIVIDADE:
LINGUAGEM EM PERFORMANCES DE GÊNERO E
SEXUALIDADE**

ARGUMENTAMOS, nos capítulos anteriores, que tanto a sexualidade quanto o gênero não estão na morfologia dos sujeitos, ao contrário, são forjados na cultura, dentro de determinados contextos históricos. Apontamos que é na linguagem que as diversas práticas sexuais ganham vida, bem como é na linguagem que homens e mulheres são construídos. Em nossa percepção, estando dentro do sistema de gênero inteligível de nossa sociedade ocidental, o qual postula a masculinidade heterossexual compulsória, é em comentários, reportagens, propagandas, notícias, fotografias, *outdoors*, verbetes, cenas de novela, gráficos – apenas para citar os enunciados que antes mencionamos – e tantos outros enunciados, que a identidade, em seu sentido de pós-identidade, vai sendo construída. Isto é, entendemos com Butler (2002, p. 56) que “el ‘yo’ es, por tanto, una cita del lugar del ‘yo’ en el discurso”.

Outro aspecto importante a considerar é que os enunciados operando dentro da matriz de poder instituem como substância o masculino heterossexual em sentido de reprodução dessa percepção, mas operam também em sentido de deslocamento (BUTLER, 2003). Ou seja, é nos enunciados que a masculinidade hegemônica é mantida, bem como é nos enunciados que a masculinidade é ressignificada, produzindo as masculinidades (CONNELL 1995, 1997, 2005), pois como afirma Butler (2003, p. 55-56), “operar no interior da matriz de poder não é o mesmo que reproduzir acriticamente as relações de dominação”. A ideia defendida é que, diferentemente da perspectiva tradicional da linguagem, a que promulga que falar é descrever a realidade, representá-la, guiamo-nos pela visão de Austin (1962), para quem o dizer alguma coisa significa fazer alguma coisa, na visão de que são os atos de fala que organizam o gênero e a sexualidade (BUTLER, 2002, 2003, 2006, 2009, 2010; CONNELL, 1995, 1997, 2005).

Nosso estudo acerca das masculinidades bissexuais, nos *chats* UOL, Salas Cidades e Regiões Recife (PE), está pautado na ideia de que, como afirma Moita Lopes (2009, p. 15), “nós somos os discursos em que circulamos: eles nos fazem e constroem, ou seja, a linguagem não nos representa simplesmente, mas nos constrói”. É por essa perspectiva da linguagem que analisaremos as interações estabelecidas *on-line* (nos *chats*), bem como as entrevista sobre bissexualidade que realizamos com sujeitos que se autodenominam bissexuais. Nesta pesquisa, as muitas respostas às perguntas nas entrevistas são elaboradas como “pequenas narrativas” (GEORGAKOPOULOU, 2009),

conceito a ser discutido na segunda parte deste capítulo. O excerto 05 abaixo ilustra o que estou denominando de *interação conversacional*, e *pequena narrativa*, nos trechos como “cara, até o início deste ano, eu pegava só mulher (08:34:41)/ depois q experimentei ficar com um kra, voltando bêbado d euma previa em Olinda (08:34:55)/ ampliei, minha capacidade de sentir prazer se é q vc me entende” (08:35:14), de **nerd 22**, por meio de entrevistas, em 20 de dezembro de 2010.

Excerto 05

(08:34:04) *HomemCajueiroSeco sai da sala...*

(08:34:10) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: uuuuu

(08:34:15) *seu negao gostoso entra na sala...*

(08:34:18) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: eu gosto

(08:34:28) *Eterno sai da sala...*

(08:34:41) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: cara, até o início deste ano, eu pegava só mulher

(08:34:44) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: pssoas mas v

(08:34:55) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: depois q esperimei ficar com um kra, voltando bebado d euma previa em olinda

(08:34:58) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: quasi tudo

(08:35:00) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: evc

(08:35:03) *wagner entra na sala...*

(08:35:14) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: ampliei, minha capacidade de sentir prazer se é q vc me entende

(08:35:18) *EduPiedadeCAM sai da sala...*

(08:35:27) *Moreno claro! entra na sala...*

(08:35:31) *edu sai da sala...*

(08:35:35) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: em casa

(08:35:39) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: evc

(08:35:50) **gatinha** fala para **PM DE FÉRIAS**: uuuu

(08:35:51) *Militar Gato entra na sala...*

(08:35:52) *Forrozeiro entra na sala...*

O enunciado e a força performativa: manutenção e subversão de gênero e sexualidade

Considerando que no discurso construímo-nos, retomamos aqui o questionamento sobre a força do enunciado de não apenas descrever, mas de fazer uma ação, feito por Austin (1962), nas considerações entre enunciados constataivos e performáticos, reflexão retomada por Butler (2002, 2003, 2006, 2009, 2010), para

compreender a força do enunciado na construção das identidades sociais, especificamente nas identidades de gênero e sexualidade. Logo, questionamo-nos: Porque a enunciação de **nerd 22** o constrói enquanto homem bissexual, e não apenas o descreve como homem bissexual?

Para esta discussão, consideramos relevante apontarmos o percurso teórico da proposição de que a linguagem tem implicações na/para a identidade; na manutenção e nos deslocamentos, desenraizamento e no trânsito. Nessa compreensão, passamos a acreditar que há um “chamamento” do sujeito pelo discurso. Hall (2000a; 2000b) informa-nos que essa proposição tem uma pré-história. Segundo ele, a ideia de “interpelação” de Althusser pode ser assim considerada. Porém, afirma que essa caiu em um reducionismo econômico, visto que compreendia que os sujeitos são interpelados e capturados pela ideologia, a qual agia nos níveis mais rudimentares da identidade e dos impulsos psíquicos.

Após Althusser, Michel Pêcheux propôs uma teoria do discurso que objetivava “descrever o discurso em sua relação com os mecanismos pelos quais os sujeitos são posicionados” (HALL, 2000a, p. 14). Nessa, há também a sujeição, no sentido do “já-lá”. Isso implica que a posição assumida já estava a priori construída. Já Foucault propõe o entendimento do sujeito enquanto produção discursiva, como um efeito do discurso e no discurso. Para ele, esse não tem existência própria. Mas, mesmo nesse entendimento, “as posições de sujeito discursivo tornam-se categorias a priori, as quais os indivíduos parecem ocupar de forma não problemática” (HALL, 2000b, p. 120). Desse modo, o que temos em ambas as teorias citadas é uma descrição formal unidimensional do sujeito do discurso, pois essas “não revelam sobre as razões pelas quais os indivíduos ocupam certas posições-de-sujeito e não outras”.

As ideias pós-estruturalistas trazem novos olhares para essa questão. Reafirmando o caráter discursivo da identidade, apoiada na ideia de construção discursiva das sexualidades, de Foucault, Judith Butler (2010), toma o conceito de performatividade para afirmar que o discurso não faz apenas uma constatação ou uma descrição, mas no instante mesmo da nomeação, ele constrói. Na proposição de performance, de Austin (1962), a linguagem, para além de ser constatativa e descritiva, faz acontecer alguma coisa. Ou melhor, nesse entendimento, uma repetida enunciação pode gerar o fato que supostamente deveria apenas descrever. Assim, é a partir desse

sentido que Butler (2010) passa a compreender a produção da identidade, como uma questão de performatividade.

Diferentemente dos teóricos anteriores, Butler (2002, 2003, 2010) postula que a força de o enunciado ser performático está na possibilidade de estilização repetida do corpo. Ela explica que o enunciado enquanto ação pode se repetir, não apenas se replicar, nos termos de Derrida. Ao falar em estilização do corpo, faz referência à compreensão de que no enunciado o sujeito realiza uma conformação a um dado estilo; no enunciado o sujeito realiza uma marcação a uma determinada identidade; ao falar em estilização Butler (2003) está chamando a atenção para as normas sociais, para as convenções sociais, para o(s) *script(s)* possíveis dentro de dada comunidade, em dada época. O enunciado realiza uma convenção ritualizada. Butler (2010) explica que a força performática do enunciado não está na intencionalidade do sujeito, visto que ele não tem consciência da totalidade da ação, ao considerar que necessita da adesão (uptake), tampouco a força está na compreensão de um contexto simples, delimitado pelo tempo e espaço. A força da performance está nas convenções sociais, pois, como explica Pinto (2007, p. 10), para Butler, o enunciado é irreduzível a sua instrumentalidade, irreduzível ao seu contexto simples, e inapreensível em sua totalidade, e, por isso, é repetido e é repetível, submetido sempre à alteridade. Pinto esclarece que “cada momento único, presente e singular, de realização do ato, é um momento já acontecido, em acontecimento, a acontecer – é essa imbricação que lhe permite a performatividade” (PINTO, 2007, p. 09).

Ao falar sobre a construção da masculinidade, Nolasco (2009) explica que essa construção está articulada a uma coletividade, comentário que nos ajuda a entender a proposição de Butler. Para ele, “ser homem não é ser homem como se fosse um balão de gás. Mas ser homem é estar inserido dentro de um certo contexto, de uma visão de mundo, determinados valores (...)”, assumindo determinados *scripts* do que seja homem, a estilização ritualizada, porque convencional.

Dentro desses parâmetros, ao falarmos, vamos realizando marcações, assíduas e repetidamente, sustentando o “eu” e o “nós”, diz Pinto (2007, p. 16). Para ela, “a repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque essa não existe fora dos atos de fala que a sustentam”. Continua,

Num ato performativo entendido radicalmente, o sujeito instala um efeito (...) não como quem apenas o descreve (escreve, inscreve) para o outro, mas ao mesmo tempo e principalmente como quem o interpreta para/no outro e lembra o outro/para o outro/para si: marca e opera sua posição na alteridade, apresentando um efeito que excede a intenção do sujeito (PINTO, 2007, p. 22).

Dessa maneira, para Butler (2010), é na “possibilidade de repetição, que vem a força que um ato linguístico tem no processo de produção da identidade” (SILVA, 2000: 94). De acordo com Louro (2008, p. 43),

Butler afirma que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que essas “normas regulatórias” precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize. Contudo, ela acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (Butler, 1999, p. 54); daí que essas normas precisam ser constantemente citadas. Reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos. As normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam (...).

Para Butler (2010), o discurso instala um processo que segue um determinado rumo, pois não é apenas uma descrição, ou uma definição, mas uma “decisão” sobre os jeitos de ser. Por isso, por exemplo, entendamos que as falas do jogador Ronaldinho, quando disse “eu sou heterossexual”, no escândalo sobre o seu suposto envolvimento sexual com uma travesti, e também a resposta “na minha essência eu sou heterossexual”, da cantora Ivete Sangalo, respondendo, em uma entrevista, se já tinha sentido desejo por outra mulher, não são apenas declarações constatativas. Ao contrário, observemo-nas no sentido de que toda e qualquer asserção desencadeia um “processo de fazer” sobre os sujeitos; uma convocação; um chamamento que pode ser “aceito” ou “recusado”.

Diante disso, os sujeitos podem obedecer às normas que regulam suas culturas (a heteronormatividade apresentada nos discursos mostrados anteriormente), ou podem desobedecer e subvertê-las, atendendo a outras convocações, como no beijo gay mostrado na primeira página do “Diário de Cuiabá”, no texto em que um homem bissexual procura parceiros, nas fotos que mostram outros comportamentos masculinos, a exemplo de os homens se tornarem “donos de casa”, na reportagem sobre o metrossexual, nas campanhas sobre o dia da bissexualidade, nas cenas da novela “O

Astro” que exibem um personagem masculino bissexual, bem como os enunciados de **nerd 22** apontados antes neste capítulo.

Um questionamento de Ochs (1992) é importante a ser, neste estudo, considerado. Essa pesquisadora pergunta como as formas linguísticas particulares, acrescentamos as formas semióticas de modo geral, podem ser usadas para um trabalho pragmático particular de performance. O quadro que segue, a partir das proposições de Ochs (1992) e do conceito de “pista de contextualização” de Gumperz ([1982] 2002), pode ser útil para vislumbrarmos as respostas para a indagação feita por ela, anteriormente apresentada.

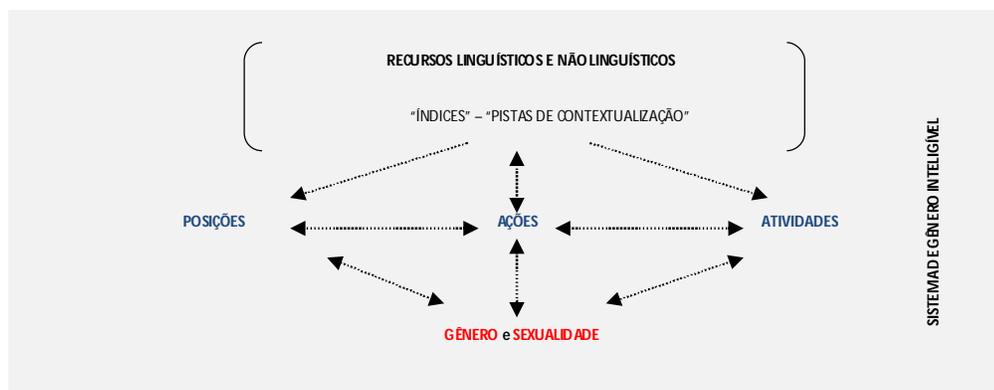


Figura 17: Relações entre enunciados e performances de gênero e de sexualidade.

O quadro acima pode ser útil para ampliarmos a compreensão de como o enunciado exerce sua força performativa. A disposição dos elementos no quadro informa-nos que ao enunciar, ao usar os recursos linguísticos e não linguísticos, os sujeitos marcam posições, realizam determinadas ações e determinadas atividades, bem como constroem significados de gênero e sexualidade, os quais nascem atrelados a esses outros significados. Ochs (1992, p. 338) explica-nos que “the meanings so indexed are referred to as social meaning, in contrast to purely referential or logical meanings, expressed by linguistic structures”. Ou seja, entendemos que não há uma relação simplesmente direta entre os recursos semióticos e as marcações de significados, mas que esses se dão em sentido de uma estilização repetida, como propõe Butler (2002, 2003, 2010): os significados são construídos nas relações de poder, na relação linguagem, cultura e sociedade. Dessa maneira, os significados de gênero e sexualidade em nossa cultura são forjados dentro dos valores do sistema de gênero inteligível,

dentro dos valores da heteronormatividade, mantendo-a, deslocando-a, produzindo desenraizamento, ou situando-se em trânsito.

Para além disso, entendemos que podemos associar à ideia de marcação de gênero e de sexualidade com a ideia de “índices”, sendo esses usados nas interações para realizar as marcas de identidade. Ochs (1992), sobre “índices”, aponta que podemos perceber três relações entre a linguagem e a construção de identidade social: i) sem exclusividade, ii) constitutiva e iii) temporalmente transcendente. Para a primeira, ela diz que as características linguísticas/discursivas não são exclusivas de identidade específica – para nossa pesquisa interessa entender que não há uma fala exclusivamente masculina ou uma fala exclusivamente heterossexual, homossexual ou bissexual; no tocante à segunda, por sua relação constitutiva, diz que as características linguísticas/discursivas indexam significados sociais, e, por último, que a relação entre linguagem e identidade transcende o tempo, ou seja, que as ações, as atividades, as posições, e outros tópicos, não dão conta de apenas indexarem o tempo presente, mas que essas ações, atividades e posicionamentos podem ser re-contextualizados e pré-contextualizados, isto é, podem ser localizados no presente, no passado e no futuro.

Ainda podemos compreender que o enunciado performativo atua na construção de gênero e de sexualidade a partir de “pistas de contextualização” (GUMPERZ, [1982]2002). Isto é, para realizar as marcações, os sujeitos necessitam da adesão do seu interlocutor e para isso se vale de “traços linguísticos [e ou semióticos de modo geral] que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais” (GUMPERZ, [1982]2002, p. 152), traços que apontam para a convenção social, direcionando, então, para os possíveis significados, para a ação social, para a performance. Se tomarmos a fala de **nerd 22**, que aparece no recorte de falas no *chat* UOL, antes exibido, poderíamos pensar que palavras/expressões como “eu pegava so mulher/ experimentei ficar com um kra/ ampliei minha capacidade de sentir prazer”, ao narrar sua construção bissexual, funcionam como “pistas de contextualização” – são marcações que dentro do nosso sistema de gênero inteligível traçam significados que são convencionados socialmente –, essas podem ser compreendidas como “índices” que atuam na construção dos significados do modo de ser homem que assume a partir dessa enunciação, é a construção de um *script* que, na cultural digital, certamente tem encontrado mais “apoio”, como subversão da cultura inteligível. Pensar sobre a enunciação e as

possibilidades de subversão dentro do sistema de gênero inteligível na construção de gênero e sexualidade é de grande valor para o estudo das masculinidades bissexuais, visto que essas são dentro desse sistema encaradas como desvios, são estigmatizadas.

Sobre as possibilidades de manutenção e ou subversão da cultura heteronormativa, Louro (2008) nos alerta para o entendimento de que, os sujeitos podem aceitar o chamamento, numa perspectiva de “livre escolha” ou podem “ser movidos” para essa escolha: podem ter suas escolhas restringidas, podem vivenciar tais chamamentos sem compromissos longos, ou podem ser forçados a tais escolhas, como numa espécie de exílio. No tocante à sexualidade, muitos sujeitos com escolhas diferentes da norma imposta pelo senso comum dominante vivem a “ideologia do silêncio” ou a “ideologia do desvio” (GUIMARÃES, 2004), em sentidos de restrição e em sentido de isolamento, respectivamente. Os que, ao contrário, recusam o chamamento da heterossexualidade têm produzido o “discurso de retorno”, comentado no primeiro capítulo, tornam-se subversivos.

A performance de **nerd 22**, ao relatar sua construção bissexual pode ser compreendida como discurso de retorno, um chamamento a um jeito de ser/vivenciar a sexualidade, a relação afetivo e/ou sexual entre dois homens é apresentada; mas, muito mais do que ser apresentada e mostrada, funciona como um convite a tal prática; uma convocação àquela sexualidade, para o outro com quem interage e para si mesmo. Butler (2003) explica-nos que, sendo os contornos dos corpos culturalmente hegemônicos, os discursos almejam estabelecer códigos de coerência cultural. Entretanto,

(...) as produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de “sujeitos” que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível (BUTLER, 2003, p. 54).

Nesse sentido, as enunciações, para além da repetição da lei, para além da consolidação da cultura inteligível, provocam seu deslocamento, ao interromperem-na. Nessa via, instalam-se outras marcações, as que subvertem, ou ao menos tentam subverter, a masculinidade heterossexual hegemônica – são as consideradas forças “poluidoras” que dão abertura para a ressignificação e para a recontextualização, deixando ver que “o gênero [e a sexualidade] é uma identidade tenuemente construída no tempo” (BUTLER, 2003, p. 200). As subversões acontecem porque “la

imposibilidad de reconocer plenamente, es decir, de habitar en totalidad el nombre que inaugura y activa la propia identidad social implica la inestabilidad y la insuficiencia de la formación del sujeto” (BUTLER, 2002).

Como já anunciamos, no início do capítulo, a posição teórica assumida por Butler (2002, 2003, 2006, 2009, 2010), Louro (2008), Moita Lopes (2009), Cameron e Kulick (2003) e outros teóricos das questões de gênero e sexualidade tem grandes implicações para as noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência e de identificação, (LOURO, 2008), e da linguagem, pois as põe em problematização. Dentro deste aparato teórico-conceitual, e dentro deste estudo e área de conhecimento, é necessário, ou até mesmo vital, que chamemos a atenção para essa outra perspectiva de compreensão da língua/linguagem: o enunciado pela perspectiva performática, pela perspectiva do socioconstrucionismo discursivo. Logo, afastamo-nos da percepção saussuriana, bem como da perspectiva da sociolinguística variacionista laboviana, enfatizando, ao contrário, a possibilidade de uma “linguística sociocultural” (BUCHOLTZ, 2000; BUCHOLTZ e HALL, 2005), para a qual “it is in interactions that all these resources gain social meaning” (BUCHOLTZ e HALL, 2005, p. 586) – ou seja, as estruturas linguísticas emergem no curso da interação –, ou como aqui denominamos, a possibilidade de uma “linguística queer” (BORBA, 2006), a qual postula o entendimento de que é nos contextos sociolinguísticos que as identidades subversivas são construídas, interativamente negociadas, construídas, mantidas e desconstruídas.

Dessa maneira, passamos a compreender que os homens bissexuais nas conversas no *chat* UOL, Salas Cidades e Regiões Recife (PE), estão em processo de tornarem-se aquilo que discursam, bem como construir, no sentido de dar vida, as masculinidades bissexuais nos dias contemporâneos, a partir das interações linguístico-discursivas ali estabelecidas. Nesse sentido, é salutar compreender quais as possibilidades de olharmos para essas enunciações/performances pelo viés da teoria *queer* em diálogo com os estudos linguísticos.

Linguística *Queer*: recursos e estratégias linguístico-discursivos na construção de identidades subversivas

Como dissemos anteriormente, falar em uma linguística *queer* é estabelecer diálogo entre os estudos linguístico-discursivos e tal teoria. Assim, nessa etapa da escrita dessa tese, faz-se importante comentarmos o que é a teoria *queer*.

A teoria *queer*

Em decorrência dos movimentos sociais, feministas, gays e lésbicas, surgem, com origem nas humanidades, nos fins da década de 80, nos Estados Unidos, os estudos *queers*, sobre minorias sexuais e de gênero, como explica Miskolci (2009). Assim, realizam críticas aos discursos hegemônicos na cultura ocidental. O objeto de estudo da teoria *queer* é a dinâmica da sexualidade e do desejo nas relações sexuais, e os entende como construção social e histórica. Por isso, foca na heteronormatividade, o dispositivo da sexualidade. O termo *queer* denota, de acordo com Miskolci (2009) anormalidade, perversão e desvio, visto que, como faz entender Preciado (2010), “*queer* é um insulto que em inglês significa ‘viado’, ‘bicha’, ‘boiola’, ‘marica’ e que, por extensão, conota desvio sexual ou perversão” (2010, p. 49). Nesse sentido, para Miskolci (2009), denota o compromisso em desenvolver uma análise da normalização, em oposição crítica aos estudos socioantropológicos canônicos. De acordo com Sullivan (2003, p. 56), o termo *queer* é usado de várias maneiras, e até contraditórias, por teóricos e ativistas, entretanto, há similaridades: “uma perspectiva teórica que desafia as normas”, citando Goldman (1996). Ainda diz que seria, na concepção de Halperin (1995), um senso de humanidade, em relação à marginalização resultante da prática sexual.

Louro (2008, p. 07-08) diz que, nessa “disposição antinormalizadora”,

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Assim, a *teoria queer* significa, tanto no movimento social, quanto na academia, oposição e contestação, como já tínhamos anunciado no capítulo anterior. São estudos sobre gênero e sexualidade que buscam

(...) colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidades do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2008, p. 38-39).

Vale lembrar que, para os teóricos *queer*, como Butler (2003, 2010), a identidade não existe em seu sentido clássico, logo passam a falar em pós-identidade, pois o homem dos dias contemporâneos é entendido como um viajante, visto que,

é possível pensar que esse sujeito também se lança numa viagem ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar. Não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto (...) os sujeitos podem até voltar ao ponto de partida, mas são, em alguma medida, “outros” sujeitos, tocados que foram pela viagem (...) ao invés de cumulativo e linear, caracterizam-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante (LOURO, 2008, p. 13).

Dado o esclarecimento acima, a teoria *queer* tem bases em uma aplicação criativa da filosofia pós-estruturalista, comenta Miskolci (2009), procurando romper com a concepção cartesiana (iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Logo, compreende o sujeito como provisório, circunstancial e cindido, não mais autônomo, unificado, autossuficiente e estático (SULLIVAN, 2003). Nessa compreensão, visa repensar também as concepções de significado, verdade, liberdade e poder, destaca Sullivan (2003). São os teóricos Foucault e Derrida que dão bases à epistemologia, bem como a metodologia críticas dos estudos *queers*. De Foucault, é tomada a compreensão de identidade social, para quem são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é naturalizada nos saberes dominantes, como já foi discutido no *Capítulo 01*, acerca da sexualidade. De Derrida é o conceito de complementaridade e a perspectiva metodológica de desconstrução. Miskolci (2009, p. 153) esclarece que

A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro

de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. Desconstruir é explicitar o jogo entre presença e ausência (...).

A teoria *queer* almeja focar o caráter artificialmente imposto das identidades fixas. Ou seja, para essa teoria, ser homem, ser mulher, ser travesti, ser transexual, ser *crossdresser*, ser heterossexual, ser homossexual, ser bissexual, ser pansexual, etc., não é algo fixado no sujeito como fruto de uma essência. Ao contrário, é uma costura temporária entre o discurso sobre essas práticas e a própria prática, num processo de aceitação, por parte do sujeito “interpelado”. Sendo assim, podemos falar em identidades plásticas. Entendendo essa “plasticidade”, faz-se necessário entender a artificialidade que faz parte de todas as identidades. Sobre isso, alguns outros aspectos devem ser considerados: i) a identidade está sempre inconclusa, a procura de uma completude, pois nunca aceita a norma completamente; ii) a identidade sempre se configura nas fronteiras do seu outro, aquilo que é seu abjeto. Ou seja, para Silva (2000, p. 82),

(...) dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’ (...) afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’.

De modo geral, é a análise discursiva que serve de aporte metodológico. Dessa maneira, retomando Butler (2003, 2010), que a partir de Foucault, recorre ao conceito de atos de fala, de Austin, propondo a noção de performatividade para as identidades sociais, como também já esclarecemos antes, podemos dizer que a enunciação marca o “eu” ao mesmo tempo em que marca o “outro” do discurso. Na enunciação, a afirmação da identidade almeja apagar a instabilidade. O recente caso publicizado, de Alexandre Senna, escancara essa condição da identidade – a sua instabilidade e sua dependência da negação ou aceitação do outro. Alexandre Senna foi ator de filme pornô gay, posteriormente pastor evangélico, que pregava seus arrependimentos, e, agora, novamente, ator de filme pornô gay, também na condição de passivo. É casado, tem dois filhos e afirma ser heterossexual, como diz, “já fiz cena de dupla penetração anal como passivo. Mas sou hétero”. Vejamos suas marcações, em entrevista ao terapeuta sexual Celso Marzano, para o “Programa SuperPop”, da Rede TV:

(...) é ...em média, nas minhas relações, **eu atendo tanto homens, mulheres e casais**. E... o fato... ele... disso tudo, **eles pedem para que eu seja tanto ativo quanto passivo**. E eu afirmo, com toda certeza que **sou heterossexual, apesar de transar com homens, porque essa é a minha profissão**.

Acreditamos que esse caso nos ajuda na compreensão de que, segundo Silva (2000), é nesse jogo de afirmações e negações que a subjetividade dos sujeitos se constitui, sempre inconclusa e temporária, do mesmo modo que constrói a subjetividade do outro. A partir também desse caso, podemos esclarecer que, ao contrário do que se costuma acreditar, não há uma relação causal entre atos sexuais, comportamentos sexuais e identidades sexuais (PARKER, 2001; WEEKS, 2001), pois, para Weeks (2001, p. 38), “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”.

Pelo exposto, a teoria *queer* assume a identidade como performativa. Sendo assim, é de fundamental importância explicar que “a identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído” (Silva, 2000, p. 89). Isso significa dizer que é por meio da representação¹⁵, enquanto um sistema de significação, que a identidade (e a diferença) adquire sentido. É na representação que a identidade e a diferença passam a existir. Segundo Silva (2008, p. 91), “representar significa (...) dizer ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’”, como o fez Senna. Sobre representação, Rajagopalan (2003, p. 33) explica-nos que ela não se dá automaticamente, ao contrário, toda e qualquer representação perpassa por escolhas, que, como já disse Louro (2008), podem ser livres ou pressionadas. Nesses moldes, para Rajagopalan (2003), “a questão da representação é uma questão política precisamente por envolver escolhas”. Esse pesquisador sustenta então que representar é uma atividade linguística política. Dizemos então que a performance se dá como uma atividade linguística política.

Em recente estudo (SANTOS FILHO, 2009), explicitarei essa característica política na “representação” da homossexualidade, em um vídeo no *Youtube*. A análise do referido vídeo, que se propõe em defesa da homossexualidade, permite a compreensão de que “é muito visível a inclusão de um masculino másculo, de sujeitos

¹⁵Por representação, não estamos entendendo que a linguagem apresentaria um sujeito pré-discursivo, diferentemente, estamos apenas dizendo que a representação é uma performance, mas que é assim denominada convencionalmente, como esclarece Pinto (2007).

de aparência viril, e a exclusão de homens com ‘trejeitos’ femininos”, constatação feita nas imagens exibidas no vídeo. “Neste caso, o homossexual é aquele viril, discreto e bem comportado, nunca um andrógono” (SANTOS FILHO, 2009, p. 07). Aí percebi explicitamente, nessa “representação”, o que é e o que não é o homossexual masculino, para o “eu” do discurso; percebemos a questão política, que também é explicitada na análise de Moita Lopes (2006a), que em recente pesquisa concluiu seu texto alertando para o papel da mídia na construção de identidades essencialistas. Segundo ele,

Investir na construção de um mundo essencializado ou do ‘homão... que vai te jogar na cama’ (parágrafo 2) como um tipo de masculinidade valorizado no ‘mercado’ é atuar na constituição de um mundo no qual as pessoas são mercadorias, os homens verdadeiros são violentos, as mulheres são frágeis, os gays são fúteis etc. (MOITA LOPES, 2006a, p. 150).

Nesses meandros teóricos e metodológicos, para a teoria *queer*, em tempos de pós-identidade, é a atividade linguística/discursiva, em seu sentido de “representação” da sexualidade, para nós, performance, que passa a exercer grande papel na construção das subjetividades, visto que é a partir dela que os sujeitos assumem/são convocados a assumir determinadas posições-de-sujeito, a exemplo de alguns comentários postados ao vídeo “Só por amar diferente”, analisado por Santos Filho (2009), antes comentado:

Luhsheilah

Axei meio estranho o começo do texto mas depois ele vai crescendo e crescendo e fica **MA-RA-VI-LHO-SO** :D
Adorei!

priabcdefhjjz

M.A.R.A.V.I.L.H.O.S.O!!!

Parabéns pela sensibilidade! E obrigada por, através dela, fazer um mundo um pouquinho melhor!

jeux17

não tenho comentários se tivesse dava um livro o video e
MARAVILHOSOOOOOOOOOOOOOOOO

Nos comentários, os internautas através do uso dos recursos linguísticos constroem a identidade homossexual sem negar a do homossexual machão, mas forjando, em diálogo, outra, aquela do “gay”, de trejeitos femininos, a partir da palavra “maravilhoso” silabada, nos dois primeiros *posts* mostrados, e, no último *post* com a

vogal “o” final alongada, visto que esses usos são características sociais no linguajar do homossexual “afetado”, “entendido”, em nossas convenções sociais, diria Butler (2003).

Esclarecendo mais acerca dos estudos *queer*, e ainda sobre sexualidade, algumas poucas outras observações podem ser ditas com base em Cameron e Kulick (2003), os quais nos levam a considerar alguns nós em relação à sexualidade em conexão com a linguagem. Inicialmente, eles nos alertam que pensar sobre sexualidade é pensar sobre um conjunto complexo de fenômenos. Na perspectiva socioconstrucionista da sexualidade, esses pesquisadores partem do pressuposto de que as sexualidades (hétero, bi, homo, etc.) e os jeitos de ser sexual (os desejos e taras, por exemplo) são histórica e culturalmente variáveis. Para eles, as condutas sexuais estão sempre atreladas a determinados contextos. Essa posição reforça o que aqui já apontamos no *Capítulo 01*, quando falamos da história e de algumas condutas sexuais delas decorrentes de cada época. Esses pesquisadores justificam que isso se dá dessa maneira em virtude do fato de que as condutas sexuais não estão numa suposta substância do sujeito, ao contrário, elas se dão porque os sujeitos embebem-se com imaginação e significados. Isto é,

Nosso entendimento do que é sexual, e o que diferentes jeitos de ser sexual significam, é sempre dependente do tipo de discurso sobre sexo que circula num determinado tempo e lugar – um ponto que é diretamente relevante para o problema de como a sexualidade pode ser conectada à linguagem (CAMERON e KULICK, 2003, p. 10).

Ainda sobre esse aspecto, afirmam que “em qualquer momento, os modos como as pessoas discursam sobre sexo dão forma a (...) seus entendimentos de sexo e como ele deve ser (...), seus entendimentos sobre si mesmo enquanto seres sexuais (...), e suas interpretações de experiência sexual (...)” (CAMERON e KULICK, 2003, p. 04). Outro aspecto considerado importante nessa discussão é o fato de que, para esses pesquisadores, todo ser humano tem sexualidade, mas nem todos definem sua identidade pela sexualidade. Bárbara Paz, atriz, em dezembro de 2009, em entrevista à revista *Playboy*, disse “Eu gosto do falo. Ainda busco o tradicional na minha vida. É óbvio que eu gosto de sexo e tenho cara de quem gosta. Eu sou muito sexual, mas para quem estiver comigo é só entre quatro paredes”. Pela consideração, essa atriz vê-se em sua subjetividade pela sexualidade, assim como, a revista a mostra por esse ângulo.

Logo, podemos supor que a identidade social de Barbara Paz está imbricada à sua “condição” sexual, ao menos na “representação” midiática, que a mostra nessa performance.

De todo modo, após essa explanação a respeito da sexualidade enquanto constructo sócio-histórico, é possível encerrar a conversa, ao menos temporariamente, enfatizando que, como nos dizem Cameron e Kulick (2003, p. 05), “A ‘realidade’ do sexo não preexiste à linguagem na qual é expressa; antes, a linguagem produz as categorias através das quais nós organizamos nossos desejos, práticas e identidades sexuais”. Por isso também, inserimos nos estudos Cameron e Kulick (2003), e outros teóricos aqui citados. Sendo assim, urge que atentemos para os discursos sobre sexualidade que circulam na atual sociedade, aqueles dos textos midiáticos (das mídias tradicionais) e aqueles das redes digitais, pois são esses que certamente ocupam atualmente o espaço de produção do “saber sobre o prazer”, mesmo que tacitamente.

Após termos compreendido as bases filosóficas da teoria *queer*, é necessário o esclarecimento de que, atualmente, tais estudos estabelecem diálogo com estudos socioantropológicos (MISKOLCI, 2009), por isso a inclusão em páginas anteriores das ideias de Parker e Weeks, e de tantos outros sociólogos e antropólogos que neste estudo já foram citados. Outro fator importante é compreendermos que a teoria *queer* se insere no que Santos (1988) denomina de “paradigma emergente” da ciência, ou em uma ciência pós-moderna, o qual visa a compreensão do mundo à manipulação desse (SANTOS, 1988). Ao contrário da ciência da modernidade, “a ciência da significância estatística”, a ciência pós-moderna é “ciência da insignificância”, a que visa o singular e para a qual as pequenas histórias passam a ser revertidas de importância (MOITA LOPES, 2002). Nessa outra epistemologia, que atravessa as fronteiras, o objeto de investigação é percebido como sendo socioconstruído e o pesquisador como imbricado no conhecimento que constrói (MOITA LOPES, 2003), pois, para Santos (1988, p. 68), é “um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos une pessoalmente ao que estudamos”, referindo-se a essa outra forma de conhecimento. Em uma teoria *queer*, aporte situado na ciência pós-moderna,

(...) o conhecimento que interessa (...) é o conhecimento altamente contextualizado, que particulariza o foco da pesquisa com o olhar no qualitativo, no etnográfico e no singular, ao contrário de percepções de investigação de cunho positivista que

procuram universalizar, generalizar e as verdades últimas que podem explicar todas as ações humanas (MOITA LOPES, 2009b, p. 16).

Rememorando, a teoria *queer* se coloca contra a normalização. Para essa nossa reflexão, interessa-nos entender que, sendo assim, todo e qualquer homem (e mulher) é um viajante na construção de sua identidade de gênero e sexual. Assim, uma linguística *queer* focará suas interpretações sobre o caráter artificial imposto às identidades e sobre as negociações estabelecidas nas interações, a partir das quais são geradas as “escolhas” – linguístico-discursivas que organizam os modos de ser homem e mulher, bem como os desejos e práticas sexuais – na/das performances identitárias. É o lugar da linguagem nesse aparato teórico-conceitual.

A linguística *queer*, “escolhas” linguístico-discursivas

De posse da compreensão da força performática do enunciado, e de como as formas linguísticas são usadas para o trabalho de performances, estudiosos em linguística *queer*, a exemplo de Bucholtz (2001), Bucholtz e Hall (2005), Borba (2006, 2008, 2011), Borba e Ostermann (2008), Nelson (2006) e Moita Lopes (2003, 2009a) apontam que as “escolhas” linguístico-discursivas acontecem nas interações, logo, são escolhas que se dão a partir de negociações, de embates interacionais, ou seja, as estruturas linguísticas emergem no curso da interação, para a produção de sentidos, sentidos sobre modos de ser. Sobre isso, Moita Lopes (2003, p. 25) diz que “quando se envolvem na construção de significado, as pessoas estão agindo no mundo por meio do discurso em relação aos seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros”. Esse pesquisador explica que

(...) os significados com os quais operamos na vida sociocultural, e que constroem os discursos (“a combinação total de ditos, feitos, pensamentos, sentimentos e valorações” (...)), e constituem nossas vidas sociais (e são por elas construídos), são **fruto de nossas vontades de fazer o significado compreensível (ou não) para o outro no dia-a-dia das práticas interacionais** (MOITA LOPES, 2009b, p. 12).

Borba (2008) ajuda-nos nessa compreensão, pois, para ele, “(...) ao nos engajarmos em algum embate discursivo, temos a oportunidade de fazer usos de

determinados discursos para nos (re)construir e, simultaneamente, (re)construir nossos/as interlocutores/as como determinados tipos de pessoas (BORBA, 2008, p. 75). Dessa maneira, é importante considerarmos que a interação é a base da organização social, e que qualquer “texto”, qualquer diálogo, é sempre um processo, pois sua construção é sempre uma co-construção, da qual realizamos escolhas de recursos linguístico-discursivos e de estratégias interacionais, logo, está pautada por embates, negociações, ideologias e poder, que forjam as identidades (MOITA LOPES, 2003, 2009a, 2009b; NELSON, 2006; BUCHOLTZ, 2001; BUCHOLTZ e HALL, 2005; BORBA, 2006, 2008, 2011; BORBA e OSTERMANN, 2008). Sendo assim, acreditamos ser útil valer-nos do conceito de *enunciado* de Bakhtin ([1929] 2004).

Dentro de seu escopo teórico, ao falar sobre a língua/linguagem, Bakhtin ([1929] 2004) considera que essa/s não pode/m ser pensada/s pelo viés do objetivismo abstrato, tampouco como fruto de uma consciência individualista, pois, para ele, a língua/linguagem não se resume a um sistema de normas rígidas e imutáveis, e também não a uma expressão do pensamento. Para esse filósofo russo, ao contrário, a língua serve ao “eu” do discurso para as suas necessidades interacionais concretas, logo, a língua não estaria conformada a sua norma, mas às possibilidades de significar. Por isso, diz que “a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística” (BAKHTIN, [1929] 2004, p. 95). A partir dessa proposição, compreendemos que os usos da língua/discurso vivem no social. Ele continua e afirma que “na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.”. Isto é, usamos a língua, realizamos escolhas linguístico-discursivas, porque enunciamos. Então, concebe que,

(...) a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. **A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor:** variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos

engloba (...) **A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros** (...) (BAKHTIN, [1929] 2004, p 112-113).

Para nosso propósito, interessa-nos saber que, de acordo com esse pensador russo, as “palavras” que usamos estão sempre em função do “outro” do discurso, por isso, a ideia de co-construção, pois, os interlocutores estão sempre em negociação, no momento da interação. Por esse prima, a “palavra” pertence a mim, mas também pertence ao outro, é a ponte que nos liga, nos informa, ao tempo em que nos constrói. Para melhor entendermos, vejamos como se dá a interação entre Alexandre Senna e o terapeuta Celso Marzone, quando conversavam, para o programa televisivo da Rede TV, o “SuperPop”, sobre o uso de preservativos nas relações sexuais, em virtude do fato de Senna ser um profissional do sexo, ator de filme pornô gay e garoto de programa, casado, pais de dois filhos e auto intitular-se de heterossexual.

Alexandre: Todos os meus atos, é... as minhas relações sexuais, tanto em filme ou em programas, eu somente uso camisinha. Por mais que **a pessoa** venha oferecer dinheiro ... é... dinheiro, para que eu venha deixar de usar a camisinha (...) eu só faço sexo com camisinha, independente de qualquer coisa, ela é minha amiga fiel.

Celson: Olha, Alexandre...realmente isso é muito bom. O uso da camisinha... ele é indispensável. Ela é uma barreira que você tá usando entre o seu pênis e as bactérias, os vírus que você tem **nos parceiros**. Você não sabe... você olhando **pra eles**, você não sabe se **a pessoa** tá contaminada ou não. Então essa barreira, ela é importantíssima. Mas ela também não te protege de tudo, porque abaixo desse limite da camisinha existe contato. O contato da pele, ele pode transmitir micoses, fungos, a sarna, ou então o chato e tem muito importante o HPV. A gente sabe que a gente se contamina (...). E aí você pode levar para a **sua esposa** ou para **outra parceira** qualquer (...). Se **ela** tiver na secreção um HIV positivo, você tiver algum ferimento na boca você é contaminado. Se você tem o HIV você pode contaminar **a parceira** por um ferimento **nela** (...).

Na interação, o terapeuta sabe que fala com um homem *queer*, e isso certamente exerce influências sobre suas escolhas linguístico-discursivas, no que se refere ao tratamento do outro com quem o “paciente” mantém relações sexuais. O fato de Senna ser *queer* e, essencialmente, em sua fala generalizar o parceiro através da expressão “a pessoa”, provavelmente provoca um certo embaraçamento nas escolhas do *sistema gramatical* de Celso para estabelecer sentidos sobre o uso da camisinha. Inicialmente o médico refere-se a “eles” e a “parceiros”, no momento que aborda a importância da camisinha, o que parece que com o uso do masculino está tratando de parceiros generalizados e esse “você”, que aparece na fala do terapeuta, é também generalizado: “alguém”, não Senna. Na sequência, ele continua estabelecendo os

sentidos de modo generalizado ao usar o sintagma “a pessoa”, mantendo a mesma escolha do outro com quem fala. Sobre isso, é interessante notar que a expressão “a pessoa” é muito conhecida e comentada, pois se sabe que é de uso comum quando o homem ou a mulher são *queers* e não querem revelar o gênero de seu parceiro. É uma estratégia recorrente para não marcar a própria sexualidade.

Nesse caso, parece que o médico nesse momento usa a mesma estratégia, por, provavelmente não se sentir confortável para fazer referência explícita aos parceiros de Senna, como homens e mulheres. É uma maneira de não marcar o gênero ou a sexualidade. Ao falar a respeito da contaminação, ele é explícito, e marca o feminino, pois faz referência à mulher de Senna, “sua esposa”. Porém, ao deixar de realizar a discussão de maneira não mais geral, prefere marcar apenas o gênero no feminino. Continua com “outra parceira”, quando era esperado que dissesse “parceiras e parceiros”, ou “outros parceiros”, mas parece que as duas opções marcariam a homossexualidade em Senna. Parece que, pelo fato de o ator não ter marcado sua homossexualidade, o médico prefere mantê-la oculta também. Continua marcando apenas o feminino, em “a parceira” e “nela”. Está bem evidente que nesse momento da interação, as escolhas são uma tentativa de não pontuar a homossexualidade em Senna, deixando perceber que, de fato, como nos disse Bakhtin ([1929] 2004), o que é dito está sempre em função do outro para quem se diz, e como afirmam os linguistas *queers*.

Para compreensão de que as escolhas realizadas pelos interlocutores são sempre dialógicas, como nos faz acreditar Bakhtin ([1929] 2004), é também de grande valor atentarmos para o fato de que os usos da/do língua/discurso são sempre situados. Moita Lopes (2003, 2009) diz que esse é um dos aspectos centrais para os estudos discursivos, aqui tomados em perspectiva *queer*. Sobre isso Borba e Ostermann (2008) comentam que a linguagem nas interações é sempre situada, pois, necessitam produzir sentidos que são sempre situados, a exemplo do que discutimos anteriormente sobre as escolhas linguístico-discursivas do terapeuta em diálogo com Alexandre Senna. Para esses pesquisadores, “o uso do sistema gramatical é influenciado pelas posições” (BORBA e OSTERMANN, 2008).

Nesse sentido, passamos a entender que as performances ocorrem sempre dentro de contextos locais de interação, visto que é a partir daquela dada situação comunicacional que os propósitos são negociados, forjando, assim, para aquele

momento, as “personas linguísticas” (BORBA, 2011), ou como diz Moita Lopes (2003), a partir de Gee (2001), forjando “certo tipo de pessoa”. Ainda sobre a perspectiva situacional das interações, Bucholtz e Hall (2005) explicam que os usos linguístico-discursivos são socioculturais, visto que é a partir do *chão social* que negociamos e construímos nossas identidades, pois os interesses, ou objetivos, são sempre contextuais.

No tocante à ideia de contexto, Moita Lopes (2003; 2009), Bucholtz e Hall (2005) e Borba (2006) destacam que a interação tem duas facetas, é organizada por um contexto micro e um contexto macro. Sobre o contexto de ordem macro, referem-se às bases sócio-históricas e culturais, que permitem, segundo Bucholtz e Hall, uma certa “coerência ideológica”. Isto é, é o *chão social* no qual o poder está disseminado, a masculinidade heteronormativa para as vidas *queers*. Para a análise da construção das masculinidades bissexuais nos espaços *online*, é importante compreendermos que o advento da globalização, e nesse a Internet, gerou também uma outra base sociocultural para este contexto, uma cibercultura, na qual o que era privado torna-se “público”, a exemplo das relações sexuais. No que se refere ao contexto micro, podemos tomá-lo como sendo as “comunidades de práticas¹⁶”, e nessas os gêneros discursivos, que passam a organizar as interações. Bucholtz e Hall (2005, p. 591) pontuam a importância do contexto micro das interações, entendendo-o como demandas sociais imediatas, ao dizerem que a “actual manifestation in practice is dependent on the interactional demands of the immediate social context”.

Borba (2006) comunga das ideias antes apresentadas, pois, é ciente de que

É na intersecção entre o micro e o macro que a prática linguística deve ser analisada para investigar as limitações heteronormativas (e as possíveis subversões dessas limitações). Portanto, a LQ [linguística *queer*] requer que examinemos como falantes administram ideologias locais sobre as posições identitárias disponíveis na produção de suas identidades sexuais [e de gênero].

Bakhtin ([1929] 2004) com o conceito de enunciado aborda o contexto como um fator indissociável das interações. Está subjacente nesse conceito, antes já comentado, que a interação não é um ato individual, mas algo que é determinado pelas relações

¹⁶Esse conceito será discutido no capítulo que segue, no momento em que apresentamos o *chat* “Salas Cidades e Regiões Recife (PE) UOL”. Além disso, o conceito de comunidade de práticas aponta para a relevância de um estudo etnográfico para as interpretações na linguística *queer* – aspecto discutido na Introdução.

sociais. Sendo assim, é na interação social concreta que a comunicação emerge. Disso resulta que ela é determinada por essas condições reais, pelo horizonte social, no qual é forjada a ideologia da época e do grupo social ao qual os interlocutores pertencem. Logo, a estrutura da enunciação, suas formas enunciativas, são determinadas pelo meio social mais amplo e pela situação social mais imediata, bem como pelo outro do discurso, fatores que passam a exercer força coercitiva sobre as escolhas linguístico-discursivas, que darão a entoação e entonação ao ato de fala. É importante considerarmos, como já apontamos anteriormente com Borba e Ostermann (2008) e Bucholtz e Hall (2005), que a comunidade de práticas é também um fator preponderante para a situação imediata de fala. Sobre esses aspectos, Bakhtin ([1929] 2004, p. 121) afirma,

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.

Pela discussão exposta, acerca da linguística *queer* e as escolhas linguístico-discursivas, alguns fatores apresentam-se como primordiais. Tais escolhas decorrem da interação, são feitas sempre dentro de uma comunidade de práticas, se realizam em função do “outro” do discurso, estão sob as coerções das condições sócio-históricas e culturais, bem como da situação de fala imediata. Dentro dessa rede conceitual, faz-se necessário trazer à tona a discussão bakhtiniana sobre a concepção de sujeito que está subjacente, apresentada por Sobral. Para esse pesquisador, a teoria bakhtiniana concebe os sujeitos como situados,

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido. Só me torno eu entre outros *eus*. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é o “outro” do outro: eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras. Esse noção de sujeito implica, nesses termos, pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar tanto o princípio dialógico – que segue a direção do interdiscurso, constitutivo do discurso, mas não se esgota aí –, como os elementos sociais, históricos

etc. que formam o contexto mais amplo do agir, sempre interativo (...) (SOBRAL, 2005, p. 22-23).

Sendo um sujeito situado, difere do sujeito da Antiguidade, e também da Idade Média, aquele compreendido como indivíduo quase inexistente, pois com papel relativamente passivo, governado por instituições, sempre estável do início ao fim da vida, visto que os significados eram dados a partir de um quadro de referências não dinâmico. Difere da mesma maneira do sujeito moderno, autônomo, dotado de razão e consciência. Esse sujeito situado é fragmentado, descontínuo e deslocado (HALL, 2000; SILVA, 2008; BULTER, 2003), pois, sua construção é de caráter relacional, como também já explicou Connell (1997, 2005) e os significados são sempre negociados, logo, nem fonte de sentidos, nem assujeitado aos sentidos, mas interativo.

Tendo apresentado os fatores que forjam a enunciação, resta-nos compreender quais os recursos são disponíveis para a construção das interações, sejam os recursos linguísticos, sejam as estratégias comunicativas. De acordo com os estudos de Borba (2008), Borba e Ostermann (2005) e Santos Filho (2009, 2012), as marcações das identidades, nas interações, podem ocorrer pela escolha do léxico. A palavra passa a ser o recurso com o qual os sujeitos “informam” a si e aos outros sobre os modos de ser, negociando tais jeitos de ser, em gênero ou em sexualidade. Santos Filho (2009), ao analisar os usos lexicais em um vídeo que se propunha em defesa da homossexualidade, destaca o uso de palavras e expressões. A partir dos estudos de Fairclough, propomos que ao estudarmos o léxico, esse não pode ser observado isoladamente, visto que as palavras são usadas em uma rede de significados. Nesse estudo está subjacente a ideia de que o vocabulário é um elemento da ordem do discurso. Apenas para ilustrar, destacamos as falas dos personagens, abaixo mostradas, que aparecem na narrativa do vídeo, e que tomamos para interpretação:

Excerto 06

Puxa você tem nojo de ver dois homens se beijando?(1)
 não tenha medo (13).
 Será que amar é algo assim tão errado?(23)

Será que você é tão ruim assim?(24)
 Mas se beija seu amigo você é uma aberração?(26)

Acerca do vocabulário, dissemos,

Nestas falas, a homossexualidade é pensada a partir de dois aspectos, quais sejam, a reação que esse outro tem para com os homossexuais, como o “nojo” e o “medo” e a percepção sobre essa condição sexual, como em “errado”, “ruim” e “aberração”. Ao pensarmos nos significados potenciais dessas palavras, tais como “vergonha”, “desvio”, “mau”, “perversão”, “anomalia”, os quais se confirmam nas relações estabelecidas entre os léxicos, compreendemos que tais palavras vivem na ordem simbólica pública, a qual pensa a identidade sexual como essência, de natureza biológica e divina e como algo eterno. Deste modo, parece explicitar-se a homossexualidade como desvio da norma – o sistema sexo/gênero que impõe a heterossexualidade como o modelo para as práticas e desejos sexuais. Entendemos também que a voz do “eu” assemelha-se à voz preconceituosa mostrada como a do “outro”, aquela que vê a homossexualidade como vergonha, desvio, mau e aberração. De acordo com essa análise, mesmo ao apresentar outros sentidos para a homossexualidade, o “eu” discursivo parece continuar a tratar essa identidade/prática sexual dentro do sistema sexo/gênero, logo, como algo que está às margens da inteligibilidade de gênero, compreendida como o ideal entre as relações afetivas, sexuais e eróticas (SANTOS FILHO, 2009, p. 06).

Sobre o uso lexical, em Santos Filho (2012), entendemos que a enunciação da palavra possibilita refletir a respeito de identidades sociais. Para tal, entendemos que na enunciação, não estão ali seus significados linguísticos, estruturais, seus possíveis sentidos imanentes, mas a expressão de posição – valores acerca de uma dada situação histórica. Compreendemos com Bakhtin ([1929] 2004) que a palavra possui traços mais ou menos estáveis de significação, mas que é apenas no uso que ela ganha sentido. Para Bakhtin ([1929] 2004), toda e qualquer palavra é neutra, no sentido de que pode possuir significações, entretanto, o tema, a entoação valorativa, só se configura nas enunciações. Ou seja, a palavra ao ser dita está situada na prática social, em seus aspectos culturais, ideológicos e políticos – em um contexto macro. Expliquei em Santos Filho (2012), com base nas ideias de Bakhtin ([1929] 2004) e Stella (2005), que “o falante, ao dar vida à palavra com uma entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores” (STELLA, 2005, p. 178). É essa posição que aparece no uso das palavras antes apontadas, em Santos Filho (2009).

No estudo da palavra “heteroafinidade”, usada pelo ex-BBB Serginho, na fala “Sou 100% gay, mas às vezes tenho devaneios de ‘heteroafinidade’”, em entrevista ao Jornal O Dia, para se referir ao seu comportamento que, sendo *gay* assumido, teve um *affair* com uma mulher, Santos Filho (2012), explica que a palavra ao ser usada situa-se em meio aos valores da heteronormatividade, em meio à grande luta ao que se refere às questões sexuais, entre o biológico, o divino e o social, cultural e discursivo. Ao referirmo-nos ao uso da palavra “heteroafinidade” por Serginho, interpretamos que há

uma lexicalização do posicionamento, uma negociação de posição, um reposicionamento em relação aos sentidos que a sociedade pode gerar para o seu comportamento. Logo, a palavra aparece como uma tentativa de escapar aos sentidos já consolidados socialmente para tal comportamento, expressos pela palavra bissexualidade.

Outro aspecto destacado por Santos Filho (2012) que é de fundamental importância é o fato de que a palavra coparticipa dos sentidos configurados pelo gênero discursivo no qual é usada, esse sendo entendido como o “espaço” no qual o projeto enunciativo específico toma corpo – é o contexto micro. Ao apresentarmos a palavra no gênero notícia apontamos que ela aparece como relato do espetacular, mas no gênero entrevista surge como oposição dos sentidos da palavra bissexualidade, negando-os e redimensionando-os. Pelo fato de a palavra ser um neologismo, pode aqui ser entendida como um outro recurso, dentro do uso da palavra. A partir de Fairclough (2001), dissemos que a criação da palavra nova é uma configuração de novas experiências, logo, soa como alternativa aos vocábulos já existentes. Tal como o neologismo, temos outras possibilidades criativas de usos da palavra na construção de identidades, a exemplo das metáforas. No trabalho de Moita Lopes (2009), podemos perceber o destaque à palavra, na análise da performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca. O pesquisador destaca como pistas de contextualização para a performance as palavras “ataque”, usada para nomear a sessão de esportes do jornal, e a palavra “matador”, o título da reportagem, as duas pertencentes ao mesmo campo semântico. Afirma que lexicalmente o jornal posiciona Ronaldo como um “matador” de mulheres, ao transportar o discurso do mundo do esporte para o discurso do amor/sexo.

Para além da palavra como recurso enunciativo nas negociações interativas nas construções identitárias, percebemos em Moita Lopes (2009) que a sintaxe também serve como recurso linguístico para a construção de posição, na construção performática de gênero. Ainda sobre a performance do jogador Ronaldo, construída por um jornal carioca, diz que o “fenômeno” é apresentado como o sujeito linguístico em verbos como “coleccionar”, “driblar”, “marcar”, “eleger”, “envolver-se” e “namorar”, e, ao contrário, as mulheres são posicionadas como objetos da ação.

Ainda acerca dos recursos linguísticos, em Borba (2011) e Borba e Ostermann (2008), compreendemos que o sistema gramatical como um todo vai ser útil, pois, para eles, o uso do sistema gramatical é influenciado pelas posições. No tocante à identidade de gênero, explicam que o sistema gramatical de nossa língua, em sua morfologia e sintaxe, marca o gênero, é o que é denominado de gênero linguístico, como, por exemplo, “o menino”, “a menina”, que marcam no artigo e na desinência. Vejamos excertos de falas destacados pelos pesquisadores, para compreendermos melhor o uso desse recurso linguístico.

Excerto 07

341 ROD: E tu Thalia (.) Como é que tu definiria o
 342 **travesti?** =
 343 SANDRA: =OLHA AQUI Ó (.) Vamo entrá no nível-
 num nível
 344 assim (.) Pra tu se enquadrá com a gente não
 é **O**
 345 **tra[ves]ti** (.) **A travesti.**
 346 ROD: ok
 347 FABÍOLA: [@@@]
 348 ROD: [Tá certo] me desculpa. Desculpa.

Excerto 08

784 CYNTHYA: Isso tem até num livro que eu li na na minha
 785 infância. Quando eu era **reprovado**, meu
 pai me
 786 deixava de castigo. Eu ficava numa biblioteca
 787 lendo que falava da infância e da fase adulta

Excerto 09

1123 FABÍOLA: Às vezes dizem assim “é porque **as bichas,**
os
 1124 **travestis** não gostam de mulher.” Dizem tu
 não
 1125 gosta de mulher. Mas como eu não vô gostá
 de
 1126 mulher? Eu me identifico com ELAS né? As
 1127 mulheres são minhas AMIGAS. Eu me identifico
 1128 com elas.
 119 JOANA: Por respeito a ela (a mãe de Joana) eu não
 uso
 120 roupa de mulher. TENHO TODAS AS MINHAS
 ROUPAS
 121 lá. Ela sabe que eu tenho INÚMERAS roupas
 ma::s
 122 de casa eu não saio **vestido** de mulher.
 123 RODRIGO: Sim. Tu sai e te veste em outro [lugar]
 124 JOANA: [É] me visto em
 125 outro lugar.

Excerto 10

Excerto 11

1413 CASSIANA: =É:: era aquela coisa que tinha muito
 1414 glamour né? Hoje em dia [não.]
 1415 FABIOLA: [Tinha] tinha-
 1416 travesti era LUXO. Mas hoje em dia não
 hoje
 1417 tá muito **vulgarizado**. Porque **eles**
 mesmo
 1418 deturparam a classe.

Porém, para os *queers* – especificamente os travestis, os *crossdressers* e os transexuais – o gênero linguístico não expressa somente diferenças de gênero, mas as possibilidades identitárias, tornando o processo de generificação pela língua altamente polissêmico, sobrepondo-se, dessa maneira, à barreira do binarismo masculino-feminino, subvertendo, assim, a lógica gramatical naturalizada. De acordo com os dados na pesquisa de Borba (2011) e Borba e Ostermann (2008), a exemplo do excerto 07, o travesti Sandra prefere as formas gramaticais femininas para referir-se a si. Mas, em muitas outras circunstâncias usa as formas masculinas, forjando uma miríade de significados. Como vemos no excerto 08, o travesti Cynthia ao referir-se ao seu “eu”, anterior à mudança corporal, prefere marcar sua identidade com o masculino, pois refere-se a outra época de seu “eu”, marcando estágios distintos de sua identidade. No excerto 09, percebemos que o masculino é usado quando o travesti Fabíola reporta o discurso, trazendo para sua fala o que as pessoas dizem a respeito dele. Também o masculino é usado quando o travesti Joana fala de si dentro do espaço familiar, no exemplo mostrado no excerto 10. No excerto 11, o uso do masculino por Fabíola se dá para falar do outro travesti, negando-o de algum modo. Pelo exposto, é visível como o sistema gramatical é usado para transgenerificar. Os travestis incorporam diversos discursos locais sobre o gênero e sexualidade e, desse modo, subvertem o sistema gramatical a partir das ideologias circundantes, como afirma Borba (2011) e Borba e Ostermann (2005).

Com esse uso do sistema linguístico, os *queers* usam a estratégia denominada por Hall (2002), citada por Borba e Ostermann (2008, p. 417), de “supercompensação”, “a subversão das determinações gramaticais para a construção de uma identidade de

gênero (...) consistente com as performances generificadas dos indivíduos em tais comunidades”.

Outros aspectos da lógica do sistema gramatical são subvertidos ou mantidos nas interações, em performances de gênero e sexualidade. Fora do sistema gramatical, Borba (2008) chama-nos a atenção para outro recurso discursivo, a intertextualidade, o imbricamento de vozes de gênero e sexualidade. Ele usa para ilustrar esse recurso a “sacada” de um travesti ao publicar no jornal um anúncio sobre seus “serviços” sexuais: “Bruna, corpo de Eva com o melhor de Adão”. O pesquisador afirma que “a produção de identidades é uma ação intertextual *par excellence* no sentido de que para se construírem de diferentes formas (...) apropriam-se de diferentes vozes” (BORBA, 2008, p. 72). Ele comenta que essa construção intertextual só é possível pelo próprio caráter intertextual das identidades sociais, ou seja, sua formação através de ecos de discursos identitários presentes nos enunciados dos interlocutores. Esse fato possibilita variados modos de ser, que podem ser apropriados, mesmo que temporariamente, pelos *queers*. É a “intertex(sex)sualidade”.

Bucholtz e Hall (2005), ao falarem sobre indexação de identidades nas interações, apresentam algumas possibilidades de estratégias. No entanto, diferentemente dos estudos citados anteriormente, eles não falam a partir de estudos empíricos, logo, não apresentam dados que pudessem ser usados aqui para exemplificação. Eles expõem que o “eu” do discurso pode fazer referência explícita a determinadas *categorias identitárias*, pode mencionar determinado *rótulo de identidade*, pode também recorrer a *implicaturas* e *pressupostos* sobre a própria identidade e a identidade da alteridade, pode apresentar um *posicionamento avaliativo*, *afetivo* ou mesmo *epistêmico*. Como táticas de intersubjetividade, os pesquisadores apresentam “adequação” e “distinção”. A primeira quando o “eu” se posiciona não como idêntico, mas como semelhante, posiciona-se como igual à outra identidade. Sobre a distinção, refere-se à diferenciação. Eles explicam:

Just as adequation relies on the suppression of social differences that might disrupt a seamless representation of similarity, distinction depends on the suppression of similarities that might undermine the construction of difference (BUCHOLTZ e HALL, 2005, p. 600).

Ainda apresentam as estratégias da “autorização” e da “ilegitimação”, quando considerando aspectos estruturais institucionais, no primeiro, “envolve a afirmação ou imposição de uma identidade através de estruturas de poder institucionalizado e ideológico, seja local ou translocal”, no segundo quando “o modo como as identidades são destituídas, censuradas, ou simplesmente ignoradas por essas mesmas estruturas”.

Ao discutirmos sobre as estratégias/recursos linguístico-discursivos na construção de performances identitárias, as pesquisas de Moita Lopes têm chamado a atenção para o ato de contar uma história como uma estratégia performática, pois, para ele, ao narrar, os participantes decidem focalizar alguns aspectos em detrimento de outros e assim posicionam-se, estratégia que permite localizar-se na construção de significados. Aqui destacamos também que o conceito de posicionamento é útil para refletir acerca da localização dos interlocutores não apenas nas narrativas, mas nas conversas cotidianas, mesmo que essas sejam escritas, a exemplo das conversas tecladas, em *chats*. Sendo assim, no capítulo que segue, discutimos com mais especificidades a respeito das *conversas tecladas*, em *chats*, visto que esse é o contexto micro de nosso estudo, e os diversos recursos linguístico-semióticos que esse espaço de interação disponibiliza, os quais podem ser tomados na construção identitária para a construção das masculinidades bissexuais. Para refletirmos sobre as conversas tecladas, tomamos também estudos referentes à conversação. Na sequência, abordamos a *entrevista* como outro espaço interativo e a partir dessa destacamos a *narrativa*, frisando o conceito de *posicionamento*, como uma estratégia de construção da vida social.

**O *CHAT*, A CONVERSA E ENTREVISTA TECLADAS EM BASES DE
GÊNERO, SOCIOLINGUÍSTICAS E CULTURAIS PARA UM ESTUDO *QUEER***

DISSEMOS nos capítulos anteriores que os enunciados forjam os homens e as mulheres e também suas práticas sexuais. Ou seja, os enunciados constroem as identidades dos sujeitos, pois o “eu” é uma citação do lugar do eu, nos discursos, como afirma Butler. Dissemos também que as masculinidades são construídas e subvertidas nos enunciados. Assim, vamos aos *chats*, especificamente às “Salas Cidades e Regiões Recife (PE) UOL” para compreendermos os processos interativos e como as masculinidades bissexuais são nesses processos construídas. Nesse capítulo, o interesse é apresentar a nossa percepção de uma sala de bate-papo, olhando-a pelo viés dos estudos de gênero discursivo e da sociolinguística interacional, isto é, buscando compreender como a conversa teclada, enquanto um gênero discurso, e como as interações são ali estabelecidas. A tentativa é apontar a função, suas características e os “jogos interacionais” que são construídos nesse espaço virtual. As salas de bate-papo são também observadas pela perspectiva dos estudos sociológicos do ambiente virtual. Assim, inicialmente, é oportuno que mostremos o contexto no qual nosso estudo se desenvolve e do qual geramos o *corpus* para a análise da construção das masculinidades bissexuais.

Chat UOL: percurso de ingresso e recursos técnicos

O sítio UOL, através do endereço eletrônico www.uol.com.br disponibiliza um *link* que dá acesso a salas de bate-papo. Na última reforma, nesse portal, realizada em 2011, a janela para o bate-papo já dá algumas opções de entrada, como “cidades”, “idades”, “sexo” e “tema livre”, como podemos perceber do lado esquerdo, na imagem de um *printscreen* da página referida, na página que segue:



Figura 18: Imagem do sítio UOL.

Através do acesso ao link “Cidades”, o UOL disponibiliza-nos, através do título “Cidades e Regiões”, outros links para os bate-papos dos diversos Estados brasileiros, como podemos visualizar na imagem abaixo.

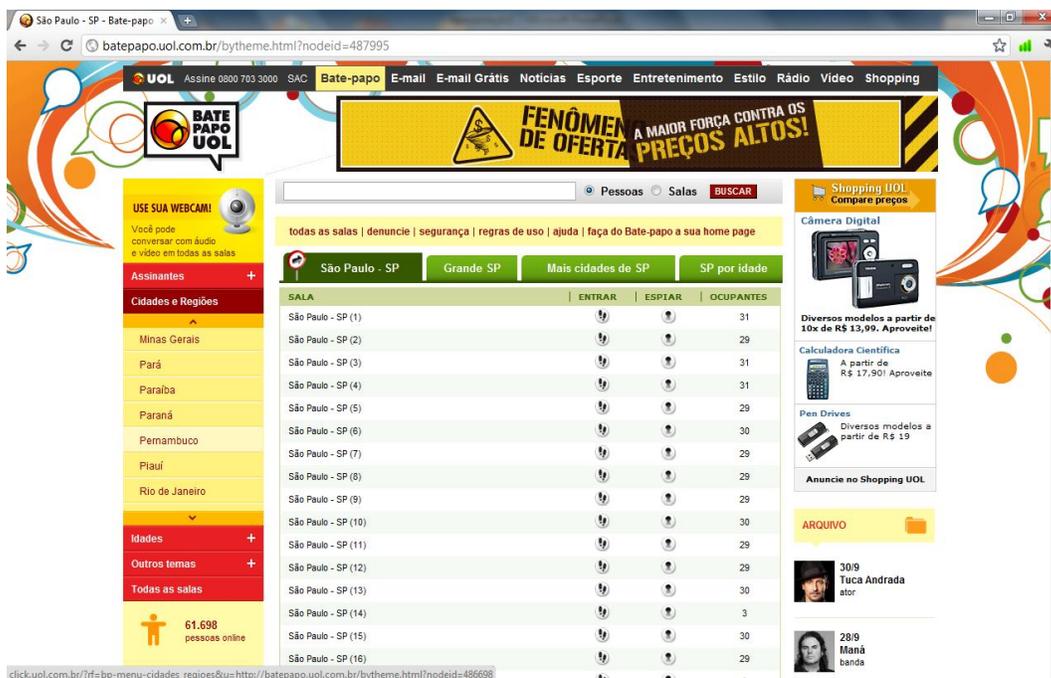


Figura 19: Possibilidades de ingressos nas “Salas Cidades e Regiões”, UOL.

Nesse estudo, interessa-nos “entrar” nas salas de bate-papo do Estado de “Pernambuco”, “Recife”, visto que é esse bloco de salas que temos “investigado”. Neste momento, não estamos afirmando que essas salas possuam diferenças específicas em relação a outras salas, de outros Estados, apenas estamos esclarecendo que, para o estudo, delimitamos um contexto *online* e esse foi as “Salas Recife”, na tentativa de realizar um estudo “localmente situado” (HINE, 2008), o qual atende aos pressupostos de que os usos linguístico-discursivos são sempre situados, como destacamos no capítulo anterior. Acreditamos ser oportuno também dizer que “Recife” passa ser o foco de interesses, pois faz referência à cidade Recife, na qual estamos residentes.

Em outra imagem que segue, temos acesso às cidades disponíveis, com salas de bate-papo, da chamada “Cidades e Regiões”, “Recife”.

SALA	ENTRAR	ESPIAR	OCUPANTES
Recife - PE (1)	🔒	🔒	34
Recife - PE (2)	🔒	🔒	32
Recife - PE (3)	🔒	🔒	30
Recife - PE (4)	🔒	🔒	29
Recife - PE (5)	🔒	🔒	28
Recife - PE (6)	🔒	🔒	30
Recife - PE (7)	🔒	🔒	29
Recife - PE (8)	🔒	🔒	27
Recife - PE (9)	🔒	🔒	30
Recife - PE (10)	🔒	🔒	30
Recife - PE (11)	🔒	🔒	28
Recife - PE (12)	🔒	🔒	2
Recife - PE (13)	🔒	🔒	0
Recife - PE (14)	🔒	🔒	0
Recife - PE (15)	🔒	🔒	28
Recife - PE (16)	🔒	🔒	1
Recife - PE (17)	🔒	🔒	30
Recife - PE (18)	🔒	🔒	4
Recife - PE (19)	🔒	🔒	29
Recife - PE (20)	🔒	🔒	28
Recife - PE (21)	🔒	🔒	29
Recife - PE (22)	🔒	🔒	30

Figura 20: Imagem das 22 salas Recife Cidades e Regiões disponíveis no bate-papo UOL.

Acreditamos ser importante destacar que, em 2007, momento da proposição deste estudo, eram apenas 10 salas disponíveis, número que foi mais que duplicado no intercurso do período até 2011, totalizando, atualmente, 22 salas “Recife”. Sobre o ingresso nessas salas, é importante esclarecer que esse pode ser gratuito ou através da assinatura do provedor UOL. A entrada gratuita acontece até o número de 30

participantes no bate-papo. Após esse número, o ingresso apenas pode acontecer para quem possui assinatura UOL. Logo, nas salas “Recife-PE (1)” e “Recife-PE (2)”, no momento do *printscreen* antes mostrado, com 34 e 32 participantes, respectivamente, há participantes que estão pagando por esse acesso. Todavia, é necessário dizer que existe uma grande rotatividade de participantes por sala, ficando, desse modo, o ingresso quase sempre possível, apresentando dificuldades apenas quando as salas estão superlotadas e a saída de participantes acontecendo em número menor e com grande intervalo temporal. O *printscreen* na página anterior foi feito no dia 19 de outubro de 2011, uma quarta-feira, às 20 horas e 22 minutos, e mostra-nos um momento no qual praticamente todas as 22 salas estão lotadas, não estando 17 delas com um número de participantes menor que 20.

Ao escolher uma das salas, o participante necessita, inicialmente, de uma “identificação”, ou seja, um nome ou *nick* para apresentar-se à sala, como podemos ver abaixo:

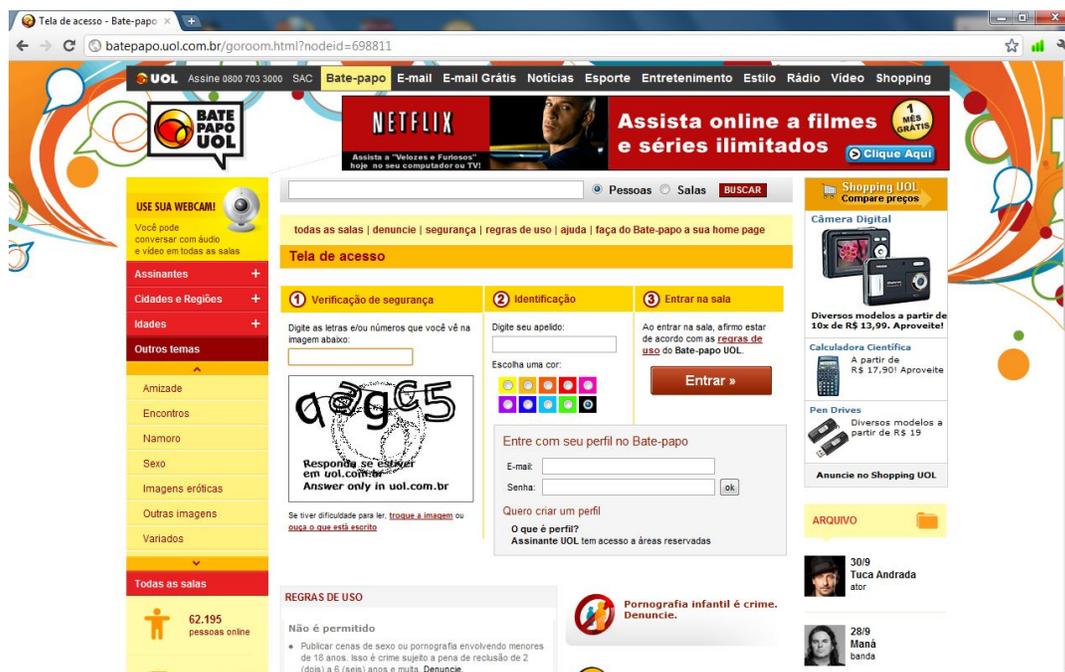


Figura 21: Imagem da solicitação de identificação na sala de bate-papo UOL.

Sobre a identificação *online*, devemos entender que é um processo de inclusão digital, pois os espaços *online* passam a ser lugar, norte e ponto de referência para os

internautas, visto que ao usar um apelido, constrói-se uma *identidade digital*. Essa compreensão é destacada por Fernandes (2006). Para essa pesquisadora, o uso do *nickname* tem fundamental importância, pois, é a primeira forma de construção da identidade nessa virtualidade. Sobre o uso de *nicks*, Deffilipo e Cunha (2005) apontam que nesse espaço o apelido significa mais do que o nome. Ao “identificar-se” com um *nickname*, o papeador estabelece o momento do ingresso em um *encontro virtual*. É o momento de participação em um grande “movimento social” (SÁBADA e GORDO, 2008), em sentido amplo. É o primeiro passo para a gestão de uma identidade digital.

Após a escolha do nome/*nickname*, o sujeito está dentro da sala de bate-papo, como mostramos na figura abaixo o meu ingresso na “Sala Recife-PE (9)”, com o *nick* “pesquisador”, em uma tentativa de deixar evidente os propósitos da pesquisa para os sujeitos pesquisados, como já explicitamos no capítulo *Introdução*.

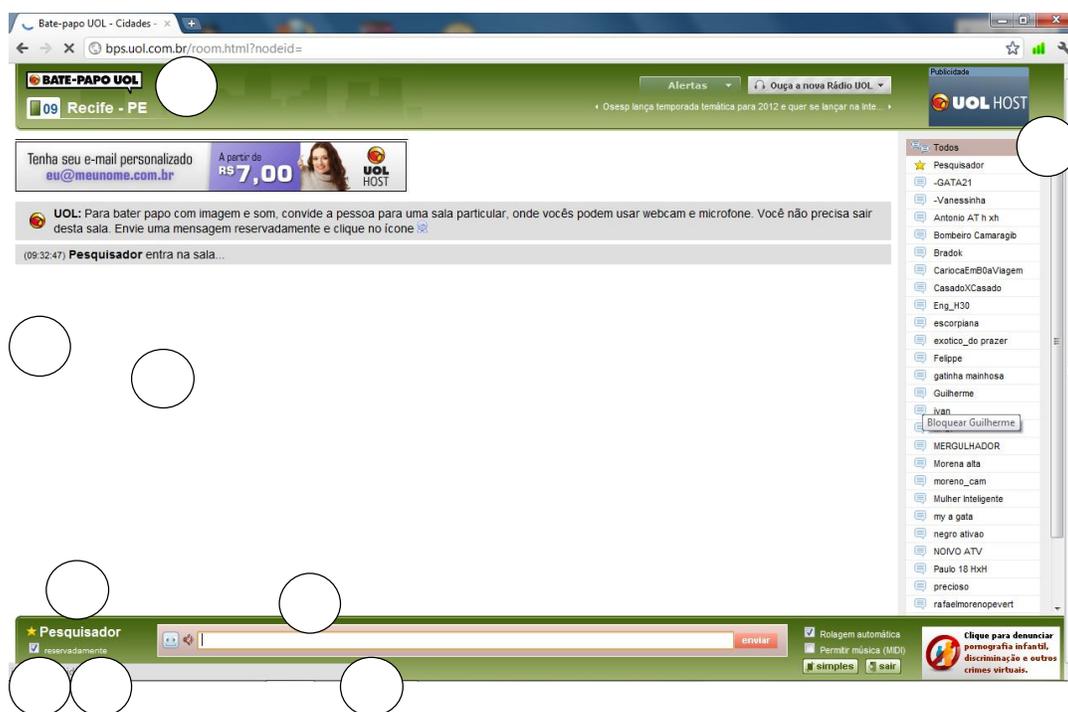


Figura 22: Imagem do ingresso em uma sala de bate-papo UOL.

Após, minimamente apresentarmos o percurso de ingresso em uma sala de papo UOL, e destacarmos a importância do uso do *nickname*, é importante que possamos deixar mais evidente o que é uma sala de bate-papo e como estamos neste estudo

compreendendo esse espaço virtual. Inicialmente, queremos destacar os recursos técnicos disponíveis aos sujeitos participantes do *chat*. Vejamos a imagem na página que segue.

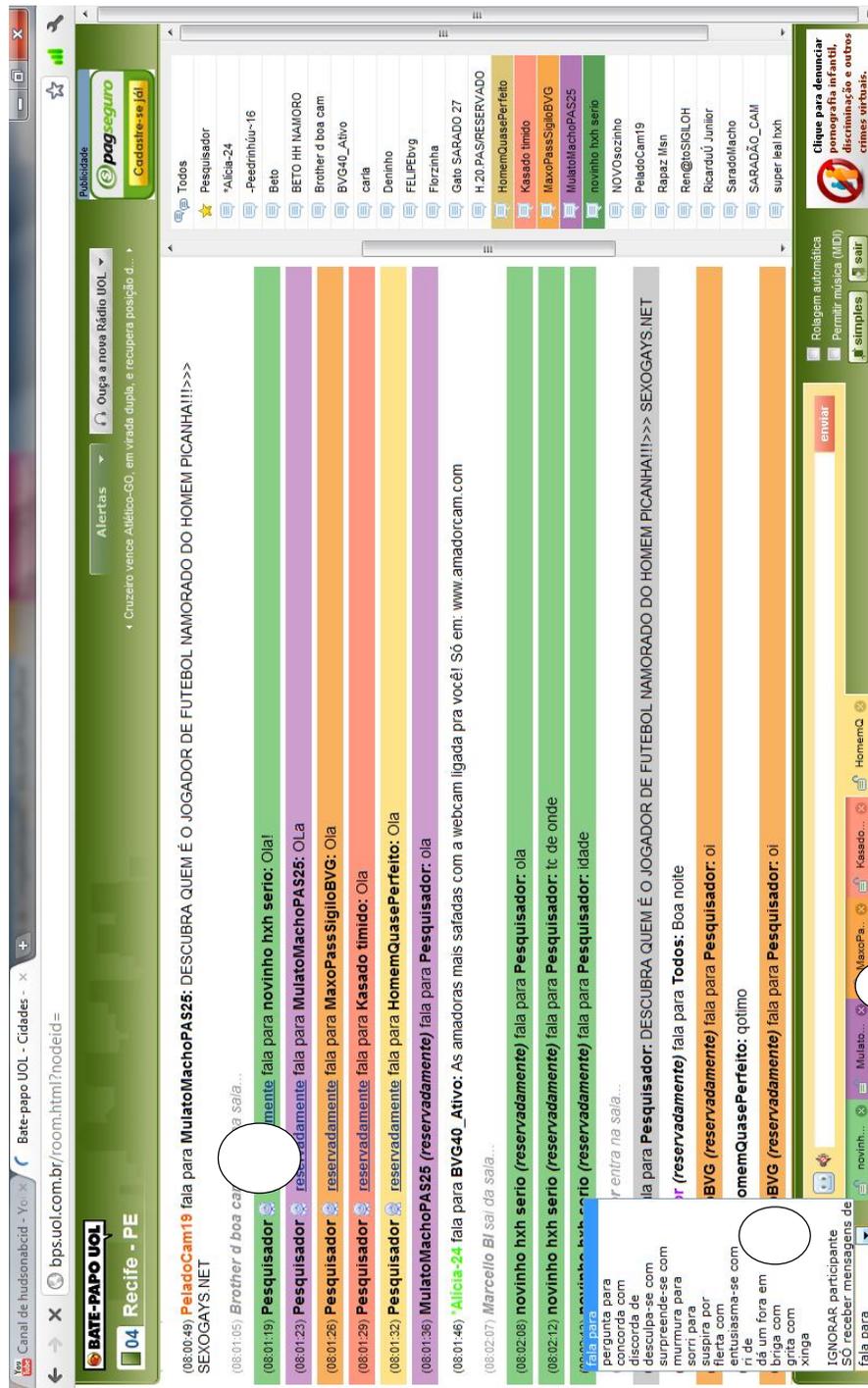


Figura 23: Imagem do *chat* em funcionamento e usos de seus recursos.

A imagem da página acima procura dar conta de tornar visíveis os recursos dos quais os internautas podem ter acesso para realizar suas conversas. Na figura 22, podemos perceber diversos recursos técnicos disponíveis na interface do *chat* UOL. Abaixo exibimos um quadro no qual apresentamos os principais recursos, de uso recorrente nas conversas tecladas. A explicação também recorre à figura 23, que nos mostra o *chat* em funcionamento. É importante destacar que o ingresso, na figura 23, se deu no dia 23 de outubro de 2011, às 19 horas, na “Sala Recife-PE (4)”, a qual tinha no momento 28 participantes.

Chat: recursos técnicos e funções
1 – identificação da sala
2 – espaço no qual aparecem as conversas entre os participantes
3 – identificação do participante
4 – opção de privar a conversa ou deixá-la aberta para “Todos”
5 – opção para marcar o comportamento na hora da conversa
6 – lista de todos os participantes, sendo o próprio participante marcado com uma estrela e sendo também o primeiro da lista
7 – espaço para a digitação e envio de mensagens: nos ícones do lado esquerdo estão disponíveis também as opções de envio de <i>emoticons</i> e de sons (desde “ahn???”, “Fiu-fiu” e “Susto”, até “Tosse” e “Não entendi”).
8 – opção de ao conversar com outro participante marcar a escolha através do nick – tal marcação pode ser feita até cinco participantes, os quais vão aparecer na interface do usuário destacados através de cores, como vemos na imagem 28: “novinho hxx serio” (verde), “MulatoMachoPAS25” (violeta), “MaxoPassSigiloBVG” (laranja), “Kasado tímido” (vermelho) e “HomemQuasePerfeito” (amarelo) – a cor também servirá de destaque no momento em que o papeador receber a “mensagem resposta” de um outro participante que ele marcou, como é possível perceber no retorno de “MulatoMachoPAS25”, “novinho hxx serio” e “MaxoPassSigilo”. Quando o

chatter recebe “mensagem” de um participante não marcado essa é destacada em cor cinza, como é possível também perceber.

9 – opção de uso da web cam na conversa – ao usar a web cam uma outra janela abre-se exclusivamente para os dois participantes em interação.

Quadro 05: Explicação dos recursos técnicos da sala de bate-papo UOL.

Nas páginas anteriores, acompanhamos o percurso de ingresso em um *chat* UOL e também os recursos disponíveis para a participação no bate-papo. Mas, o que é essa interação virtual? Que compreensões sobre bate-papo são, neste estudo, importantes? Inicialmente, podemos entender com Costa (2009) que um *chat* é uma conversação informal teclada em tempo real através da internet, portanto, virtual, com diversas motivações enunciativas, que vão desde relações de amizade até relações sexuais. Nessas, o uso do apelido garante o anonimato. Um *chat* pode ser aberto, reservado, agendado ou privado. O *chat* da UOL “Salas Cidades e Regiões” é um tipo que pode ser considerado, como foi possível perceber nas possibilidades de usos, aberto e reservado, pois as pessoas teclam abertamente no mesmo ambiente em interação simultânea e síncrona, entretanto, os papeadores podem se selecionar e escolher a opção “reservado” e suas falas não serão mais acessíveis aos demais participantes, embora ambos possam continuar vendo os demais em aberto. Podemos perceber, no excerto abaixo, que **machoxmacho.dis** tecla com **Todos** abertamente, ou seja, todos os outros *chatters* que estão na sala estão tendo acesso ao diálogo. **taradão** também tecla de modo aberto, com **Todos**, e depois com **militar na cam**. Já **Edipho h x h** tecla comigo, **Estudante**, de modo reservado, isto é, de maneira que só nós dois temos acesso ao diálogo, mas continuamos tendo acesso a todos os diálogos abertos, como é possível ver na sequência, acesso em 09 de junho de 2008.

Excerto 12

(10:58:22) **machoxmacho.dis** fala para **Todos**: alguem com local afim de um sarro hj à noite

(10:58:22) **taradaão** fala para **Todos**: quero conhecerpessoas intressante

(10:58:33) **taradaão** fala para **Todos**: oi

(10:58:44) **taradaão** fala para **Todos**: ola

(10:58:48) **Edipho h x h** (reservadamente) fala para **Estudante**: oi

(10:58:48) **Edipho h x h** (reservadamente) fala para **Estudante**: tc d ond ?

(10:58:48) **Edipho h x h** (reservadamente) fala para **Estudante**: tc d ond amigo?

(10:58:48) **Edipho h x h** (reservadamente) fala para **Estudante**: olá

(10:58:48) **taradaão** fala para **Todos**: ola

(10:58:57) **taradaão** fala para **Todos**: ola

(10:58:57) **MachoPas** sai da sala...

(10:59:13) **machoxmacho.dis** (reservadamente) fala para **Estudante**: oi

(10:59:30) **taradaão** fala para **militar na cam**: tudo bom

(10:59:44) **MachoPas** entra na sala...

(10:59:50) **taradaão** fala para **militar na cam**: vc é policia

(11:00:07) **taradaão** fala para **militar na cam**: vc morea onde

É necessário que compreendamos que um *chat* é um recurso tecnológico, mas, muito mais um recurso social, visto que só toma vida através dos sujeitos participantes, pois se configura a partir de usos e construção de sentidos envolvidos à tecnologia (HINE, 2008).

***Chat* – um recurso técnico, um gênero discursivo, em uma comunidade de práticas**

Inicialmente é oportuno dizer que o *chat* pode ser considerado um recurso que vai além da técnica, porque é uma tecnologia que se incorpora à vida cotidiana, como comenta Hine (2008), provocando mudanças nesse cotidiano, de acordo com Joan (2003). A música “No bate-papo”, da banda “Calypso”, parece expressar bem essa perspectiva de uma tecnologia social que é o *chat*:

o bate-papo

Todas as noites no computador

Vou te buscar

Me conectar no teu

coração

Vou acessando até te encontrar
 Pra te dizer, te quero mais
 Sentir o teu corpo no meu
 Como eu queria olhar teus olhos
 Sentir tua respiração, ahh!
 Beijar teu corpo o tempo inteiro
 Mas me contento, com o mouse na mão
 No bate-papo, agente vai fazer amor
 No bate-papo, vou teclando se colar, colou
 No bate-papo, online vou te dar prazer
 Pela internet quero amar você
 Como eu queria olhar teus olhos
 Sentir tua respiração, ahh!
 Beijar teu corpo o tempo inteiro
 Mas me contento, com o mouse na mão
 No bate-papo, a gente vai fazer amor
 No bate-papo, vou teclando se colar, colou
 No bate-papo, online vou te dar prazer
 Pela internet quero amar você
 No bate-papo, a gente vai fazer amor
 No bate-papo, vou teclando se colar, colou
 No bate-papo, online vou te dar prazer
 Pela internet quero amar você

A música da banda “Calypso” aponta-nos a perspectiva social de um *chat*, pois, mostra-nos que, como nos esclarece Sábada e Gordo (2008), a vida social está tecnicamente mediada. No texto musical, através do bate-papo faz-se amor, como frisa em “no bate-papo, a gente vai fazer amor (...) online vou te dar prazer, pela internet quero amar você”. A música leva-nos a perceber que a participação em um *chat* proporciona a sensação e a emoção, como sustentam Cleminson e Gordo (2008), de copresença e corporeidade, em “vou acessando até **te encontrar**, pra **te dizer**, te quero mais, **sentir o teu corpo** no meu”. Em função dessa perspectiva, Joan (2003) sugere que

(...) debemos entender el ciberespacio como un **espacio social practicado**, es decir, un espacio que sólo existe porque es socialmente significativo, porque en él tiene lugar actividad social de algún tipo. (...) Por tanto, el ciberespacio es sociedade y no pude ser otra cosa que sociedade.

Sobre a perspectiva social da tecnologia, Cleminson e Gordo (2008) afirmam que a tecnologia como atividade fundamental está intimamente relacionada com outras

esferas da vida humana, tornando-se, assim, parte integrante e indispensável dos significados e práticas culturais. Sendo uma tecnologia social, podemos entender que uma sala de bate-papo proporciona aos participantes a conexão entre as esferas públicas e privadas, forjando, dessa maneira, uma subjetividade tecnologizada, inclusive nos aspectos de gênero e de sexualidade, pois, certamente, os homens que frequentam essas salas de bate-papo têm (re)construído sua masculinidade, bem como a sua sexualidade, visto que na vida pública *off* não seria comum a proposta de **machoxmacho.dis**, quando diz “alguém com local afim de uma sarro hj à noite” (10:58;22), antes mostrada.

Para os pesquisadores antes mencionados, assim como os *trens* possibilitaram, no início do século XX, em Berlin, aos homossexuais encontros eróticos, de acordo com Magnus Hirschfeld, e os moinhos, na Idade Média, tornaram-se um lugar de luta social e espaço de encontro entre pessoas, “lugar en el que se daban mediaciones entre la técnica, los órdenes sociales y la sexualidade” (CLEMINSON e GORDO, 2008), os *chats* no dias atuais possibilitam encontros digitais. Todavia, é necessário afirmar, com esses pesquisadores, que esses encontros são “más anônimos, efímeros e coletivos”, e que

Las interacciones conversacionales que priman actualmente en la red a través de comunicaciones (...) elevan las palabras a la categoría de hechos, y refuerzan de este modo la primacía del sujeto que construye frente al contexto o escenario de interacción social. (...) las tecnologías sociales actuales contribuyen a restablecer y fijar la conexión entre el cuerpo virtual como lugar de identidad, y la sensación de control y gestión emocional de las mismas como lugar de experiencia corpórea.

Pelo exposto, e a partir dos estudos de Hine (2008), o *chat* é aqui compreendido como artefato cultural, mas essencialmente como construtor de cultura. Por isso, sobre a polêmica em relação ao que é real na vida dos sujeitos participantes, consideramos que em vez de nos perguntar se as interações na Internet são autênticas, ou se as pessoas realmente são quem dizem que são, devemos aferir/avaliar como as práticas são ali organizadas, vividas e experienciadas, isto é, como a cultura é forjada nos próprios termos do *chat*, como já explicamos na Introdução. Assim, por exemplo, não nos interessa saber se **militar na cam** é, na vida *off-line*, de fato militar, interessa-nos que nesse espaço virtual ele se constrói como militar e que é a partir desta identidade que ele vai teclar.

Se compreendemos o *chat* pelo ângulo do social e cultural, ele é visto pela perspectiva da prática social. Nesse raciocínio, interessa-nos a prática, as maneiras pelas quais as pessoas lidam com e através da interação, nesse contexto particular (STREET, 2003). Interessa-nos, nesse estudo dos *chats*, entender os jogos interativos aprovados socialmente, situando-os a um grupo particular, a uma comunidade de prática (CP) (WENGER, 2008).

De acordo com Wenger (2008), podemos entender como comunidade de prática um grupo de pessoas que de modo informal e em interação compartilha interesses em torno das mesmas coisas, sob as mesmas condições, constrói e aprende conjuntamente os significados daquela prática, compreende os meandros daquela prática, desenvolve sentido de si como pertencente ao grupo, tem prática compartilhada, com repertório compartilhado, de rotina, vocabulário e estilo, por exemplo. De acordo com Wenger (2008), o pertencimento a uma comunidade de prática independe do nível de participação, interação e atividade que o sujeito apresenta. Nesse sentido, a prática reflete o que é importante sob a perspectiva dos membros daquela comunidade. Ainda sobre CPs, é importante compreender com Hamilton e Barton (2005) que a maioria das interações na sociedade contemporânea é textualmente mediada e que essas constroem e constroem as práticas. Assim, estamos compreendendo que as “Salas Cidades Regiões Recife”, do *chat* UOL, possibilitam a formação de comunidades de práticas (WENGER, 2008).

Sobre a comunidade de práticas, nas “Salas Cidades Regiões Recife-PE” UOL, é de relevância destacar, a partir dos estudos acerca do ciberespaço, que essa não possui centro, tampouco hierarquia em participação. Outro detalhe a esclarecer é que mesmo com uma base universal, o local exerce papel de grande importância, funcionando como um polo de atração (JOAN, 2003). Em função disso, encaramos metaforicamente o bate-papo UOL como uma “praça pública” na grande Recife.

Estamos entendendo que as “Salas Cidades Regiões Recife” podem ser compreendidas como sendo, cada uma delas, uma “praça pública” da grande Recife, na qual os sujeitos têm acesso a um agrupamento de pessoas que se encontram com um interesse em comum. A ideia de praça pública está para o fato de que, de modo geral, o *chat* é aberto, no sentido de que, mesmo sem a assinatura UOL, é possível acessá-lo, sem problemas de ingresso. Concorre também para essa comparação o fato de ele

agregar pessoas de diferentes localidades, assumindo o caráter de “espaçoso”, pois, a grande Recife comparece nas “Salas Recife”, sendo o espaço geográfico Recife que se torna o polo de atração. De acordo com Joan (2003), mesmo que um *chat* ontologicamente seja universal,

(...) lo cierto es que la mayoría de las conversaciones se producen entre personas que se encuentran físicamente próximas (...). Así, las primeras líneas de la mayoría de las conversaciones que tiene lugar en una conversación (...) en un chat comienzan por las típicas preguntas étnicas: ¿Cómo te llamas?, ¿de donde eres?, ¿cuántos años tienes?, ¿dónde vives?, etc.

Estamos, assim, entendendo que ao ingressar em uma sala de bate-papo “Recife-PE”, no UOL, estamos ingressando em uma praça pública na grande Recife, a qual está sujeita a receber pessoas que não estão geograficamente na região metropolitana de Recife, mas, que, em geral, são pessoas desse espaço geográfico que estão ali presente. Os usuários se conectam de todos os bairros de Recife e das cidades circunvizinhas, tais como Abreu Lima, Paulista, Olinda, São Lourenço da Mata, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes. Sendo todas essas cidades do entorno de Recife, possibilitam, além do encontro virtual, o encontro real entre sujeitos que desejam sair da vida *online* e vivenciar experiências de modo *off-line*, tal qual a proposta de **machoxmacho.dis**, apontada anteriormente.

Após entendermos como acontece o ingresso no *chat* UOL e de entendê-lo como um recurso técnico, é oportuno que compreendamos as conversas ali estabelecidas pela perspectiva dos estudos de gênero discursivo. Entendemos que o *chat* é um recurso tecnológico, mas também, concordando com Araújo (2004a, 2004b), o *chat* é uma “conversa em tempo real”, evento sociointeracional, e, por esse último aspecto, pode receber o *status* de gênero discursivo. Para esse pesquisador, o *chat*, o evento sociointeracional, “é resultado da transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera de origem para a esfera eletrônica” (ARAÚJO, 2004a), isto é, é oriundo da conversação face a face, e traz em si marcas dessa transmutação. Seguindo esse raciocínio, é um gênero emergente na *web*, uma esfera complexa da comunicação humana. Sobre essa complexidade, podemos citar a pouca censura, ou a ausência dela, ou as não leis e o não horário de funcionamento e a grande liberdade aos internautas, como destaca Santos (2005). Outro aspecto, como já citado anteriormente, é o fato de ser uma conversa sem

centro, tampouco sem hierarquia em participação e que tem o local como polo de atração, extensão de entendimento, com base nos estudos de Joan (2003).

Como já dissemos anteriormente, o *chat*, de modo geral, pode acontecer por diversas motivações enunciativas, por isso, é um gênero digital com funções sociais diversas, plurais, enfatiza Araújo (2004b), podendo, por exemplo, ser aberto, com fins para amizades, romances, discutir temáticas específicas, para relações sexuais e ou discussões a respeito dessas, – nesse se concentra nosso interesse de pesquisa – pode ser fechado, para fins educacionais, pode ser com convidados, para entrevistas, etc. Dessa maneira, “o *chat* é um gênero que se organiza em constelação” (ARAÚJO, 2004b). Ao falar em constelação, Araújo (2004b) embasa-se em Bhatia (1993), para quem o critério mais importante para definir um gênero discursivo é o propósito comunicativo, isto é, a função social do gênero. Assim, o *chat* é um gênero com diversas funções, com diversos propósitos comunicativos. Pensando desse modo, de acordo com Araújo (2004b), quando se altera o propósito comunicativo, altera-se o gênero, resultando em subgêneros, variedades do mesmo gênero, resultados sutis de uma variação do propósito comunicativo, como podemos perceber na figura abaixo, proposta por Araújo (2004b).

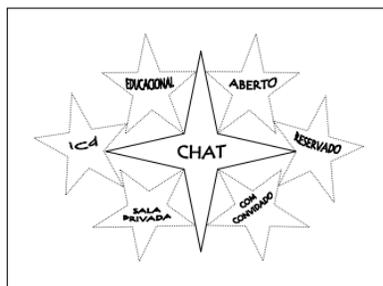


Figura 24: Constelação de subgêneros do gênero *chat*.

Nesse sentido, cada um dos gêneros pertence a mesma constelação porque, mesmo com funções distintas, carregam consigo marcas cognatas, aspectos comuns, a exemplo da transmutação da conversação cotidiana, já comentada, e da pressão pragmática. Outro aspecto que podemos entender como marca cognata é a materialização, que acontece através da bricolagem de som, imagem e escrita. No excerto 13 na sequência, flagra de conversas abertas no *chat* UOL Salas Cidades e Regiões Recife-PE, em 26 de setembro de 2011 podemos ver o uso de imagem

associado à linguagem verbal na construção enunciativa de **Gostoso.solitário** – já dissemos anteriormente que o áudio também é um recurso possível nos *chats* UOL.

Excerto 13

- (12:59:20)  **Gostoso.solitario** entra na sala...
- (12:59:20) **carinhosa** fala para **Roludo-carente-cam**: quero ve
- (12:59:30) **JORGE TADEU** entra na sala...
- (12:59:35) **bonito sozinho** sai da sala...
- (12:59:39) **HqGordinH** entra na sala...
- (12:59:49) **CASAL.WEB** entra na sala...
- (12:59:55) **CASAL.WEB** fala para **Bela**: Oi
- (12:59:57) **CASAL.WEB** fala para **carinhosa**: Oi

Neste *chat* em específico, UOL, o uso da imagem se potencializa nas “Salas Temas Imagens Bissexuais”, como podemos ver abaixo no excerto 14, em 25 de setembro de 2011. Nesse, **PeladoCam24** conversa com **Carol**, enviando-lhe uma imagem (aqui censurada), certamente julgando que essa semiose seria a única capaz de produzir os sentidos desejados naquele momento da interação:

Excerto 14



Pelo exposto, o modo de enunciação nos *chats* é digital, uma de suas características técnico-funcional (ARAÚJO, 2004a), a enunciação híbrida. Logo, é um gênero hipertextual, pois se configura por

(...) marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a **escrita**, nestes gêneros, apresente características distintas da usual (ARAÚJO, 2004a) [grifo nosso].

Nessas condições, o *chat* é um gênero plurissemiótico. Em referência à modalidade da língua, entendemos também, com Santos (2005), que, assim como nos aponta Araújo (2004a), a materialidade do *chat* é híbrida, pois, se configura em “uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita” (SANTOS, 2005, p. 158), visto que há o entrecruzamento entre fala e escrita, como nos apontou Marcuschi (1993), *apud* Santos (2005). De acordo com esse pesquisador, o *chat* correlaciona as duas modalidades no processamento textual. Assim, pode ser compreendido como “texto escrito falado” ou um “texto falado por escrito” (SANTOS, 2005, p. 157). Na parte verbal, é a escrita *online* que é materializada, entretanto, no processamento, na formulação, é a imbricação do oral e do escrito que ganha vida, aspecto oriundo da pressão pragmática, a que nos referimos anteriormente. Hilgert (2000) também destaca essa característica da língua usada nos *chats*. Para ele, o *chat* acontece por escrito, é o teclar, mas nas condições de comunicação, nas estratégias e nas formulações tem marcas das conversações face a face, é oral, “é concebido como fala”. Sobre os usos linguísticos na comunicação *online*, Melo e Bezerra (2011, p. 29) dizem que “a escrita por vezes ‘imita’ a fala, utilizando recursos diversos para poder representar de forma mais vívida a situação comunicativa”.

Melo e Bezerra (2011) ao discutirem acerca da língua na comunicação *online* explicitam que há i) a necessidade de agilidade na comunicação e por isso ocorrem as abreviações, em tentativas de economizar o tempo e apressar o fluxo do pensamento, ii) que a interação é mais espontânea e menos vigiada, por causa da liberdade de expressão proposta pelo ambiente virtual, iii) e que a escrita se aproxima ao máximo da conversação espontânea, dinamizando as possibilidades do código escrito. Nesse último aspecto, destacam o uso do emoticons, a supressão de acentos gráficos, a supressão de sinais de pontuação, o reforço da pontuação expressiva, o uso de maiúsculas para ênfase e a informalidade, dentre outras características, o que gera um novo padrão de escrita, compreensões também de Araújo (2004a; 2004b), Hilgert (2000) e Santos (2005). Sobre esse último aspecto, Santos (2005) destaca as onomatopeias, as gírias e palavras proibidas. Sobre essas características, em trechos de conversas citados anteriormente,

desde o capítulo de *Introdução*, já as visualizamos, no *chat* aberto, as “Salas Cidades e Regiões Recife-PE”, foco de nosso estudo.

Sobre a liberdade de expressão, Araújo (2008) afirma que no *chat* UOL, aberto o anonimato dos *chatters* possibilita o livre uso da linguagem marginal, seja em linguagem verbal ou em outras semioses. Ao falar em linguagem marginal, refere-se às palavras proibidas, aos tabus, aquelas palavras que não devem passar pela boca, tais como cerca de 50% dos *nicks* usados, que, segundo seus estudos, denotam apelo erótico. Explica que essas palavras proibidas dizem respeito ao universo erótico, ao religioso e ao clínico. Para nosso estudo, interessa pensar sobre as palavras marginais que estão no universo da sexualidade, visto que, de acordo com Araújo (2008, p. 237), citando Marcuschi (2004), tais palavras “revelam uma importante faceta oculta de nossa sociedade contemporânea reprimida e que agora aflora no anonimato das salas de bate-papo”. Logo, compreendemos que, certamente, funcionam como índices, marcações de gênero e sexualidade. Araújo (2008) também explica que tais usos servem para subversão. Ao voltarmos algumas páginas, veremos, no enunciado “alguem com local afim de um **sarro** hj à noite” (10:58:22), de **machoxmacho.dis**, que há apelo erótico, aqueles usos da linguagem que apenas sugerem aqueles aspectos da sexualidade que não deve ser mostrados, de acordo com Maingueneau (2010). Entretanto, se voltarmos ao capítulo *Introdução*, vemos, quando citamos o *nick* **bebadoafim de fude**, que o processo “foder” já extrapola o erótico, sugerido em “sarro”, chegando à explicitação do ato sexual. É a escrita pornográfica. Para Maingueneau (2010), a pornografia, tomada pela academia como categoria de análise, refere-se ao texto e à escrita que fazem referência a “coisas obscenas”, associados à proibição. É aquela escrita que busca “fazer nascer (...) o desejo de gozar”, a “excitação sexual”, estimula a libido. Tanto o verbo “foder”, antes mostrado, como a imagem citada em páginas anteriores, na qual aparecem dois personagens da série de desenhos “Os Simpsons”: Sr. Burns em ato sexual anal explícito com o Homer Simpson, inserem-se na prática discursiva pornográfica. Assim, podemos afirmar que no *chat* UOL Salas Cidades e Regiões Recife-PE, a linguagem marginal é fortemente erótica, mas em muitas situações pornográfica.

Nos *chats*, de modo geral, traços de interação é um outro elemento caracterizador desse gênero discursivo, segundo Santos (2005). O mesmo afirmou

Hilgert (2000). Para ele, a conversação no *chat* traz marcas dialogais próprias da formulação de turnos, sendo esse o seu princípio organizacional básico. Sendo assim, faz necessário recorrermos aos estudos da sociolinguística interacional e da análise da conversação, para compreendermos como são organizadas/interpretadas (MARCUSCHI, 2003) as interações, os *chats*.

Chat – agrupamento social e conversas paralelas

É necessário que compreendamos como se dá, no *chat*, aqui especificamente o *chat* UOL, aberto, a interação conversacional. Interessa-nos compreender como são forjados, a partir dos recursos técnicos disponibilizados pelo bate-papo e das convenções sociais, ali estabelecidas, os jogos interacionais, para, na análise, entender como esses jogos interacionais participam na construção das masculinidades bissexuais, foco de nosso estudo. Desse modo, partimos da ideia de que os jogos interacionais ali construídos são o chão no qual a interação acontece; para nós, o contexto micro das interações, que nos dá possibilidades de analisar a prática interacional, por pares adjacentes. De acordo com a sociolinguística interacional ou a análise da conversação, a fala é uma conversa (GOFFMAN, [1964] 2002 e [1979] 2002; KOCH, 2003, MARCUSCHI, 2003), na qual está subjacente o conceito de interação, de dialogismo bakhtiniano. É uma atividade interacional em coprodução explícita (KOCH, 2003).

Para Goffman ([1964] 2002, p. 19), a fala é um “sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social”. Logo, entendemos encontro social como uma interação explícita entre um “eu” e um “outro”, na qual os participantes demarcam um ao outro e segue um determinado ritual, um determinado jogo interativo. Pela conceituação, podemos compreender que a interação no *chat* é uma conversa, mesmo que os participantes não estejam face a face, como podemos observar abaixo o bate-papo entre **69 gostoso hxh** e **guga**: eles se ratificam e seguem o arranjo social da conversa face a face (GOFFMAN, [1964] 2002), como já vimos, compreendem-se realizando um ato de troca de turnos:

Excerto 15

(09:09:18) **69 gostoso hxh** entra na sala...

(09:09:57) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum h afim
 (09:10:07) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum home m quer tc ai
 (09:10:09) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: serve eu?
 (09:10:19) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: depende
 (09:10:25) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: apresentese
 (09:10:27) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: kkkk
 (09:10:33) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: ahhaahaha
 (09:10:38) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: hahahahhha
 (09:10:41) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: tenho 19 aninhos
 (09:10:42) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: é
 (09:10:42) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: e vc
 (09:10:46) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: adoro
 (09:10:47) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: ?
 (09:10:48) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: tb
 (09:11:01) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: vc ter quants anos?
 (09:11:06) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: 18
 (09:11:14) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: um perfeito
 (09:11:19) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: de mais

Ao refletir sobre a interação no *chat*, Hilgert (2000) diz que mesmo que a conversa não seja face a face, como a exibida acima, os participantes “sentem-se falando, mas são obrigados a escrever”. Por isso, ele denomina a conversa no *chat* de “texto falado por escrito”, ou “conversa teclada”. Para ele, é um encontro conversacional. Assim, podemos compreender que a reflexão da sociolinguística interacional sobre a conversa, em Goffman ([1964] 2002 e [1979] 2002), pode ser trazida para pensar a conversa teclada. Para Hilgert (2000), “apesar de escrita, portanto, a conversação na CINT [conversa na Internet] é conhecida como fala, por ser essencial e intensamente dialogal”. Para nós é oportuna a compreensão da interação nos *chats*, porque, segundo Marcuschi (2003, p. 05), a conversação

(...) desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo umas das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples linguística dos “falantes” [aspas nossas].

Se assim pode ser, seguimos, então, as orientações de Goffman para o estudo da conversação, para o qual, devemos pensar a conversação localmente situada. Logo, ao explicitarmos, anteriormente, que nosso estudo tem como foco as “praças públicas” virtuais em Recife (*chat* UOL), estamos já atendendo a essa orientação. Por isso, apresentamos o “ambiente físico” das conversas, a interface do *chat*, bem como necessitamos apontar a situação social na qual a interação é construída e participa de sua construção. Minimante, já dissemos que o bate-papo é “uma interação pública entre

pessoas desconhecidas” (HILGERT, 2000). Para avançarmos nas orientações da sociolinguística interacional, devemos, segundo Goffman ([1964] 2002) e Ribeiro e Garcez (2002), responder, sobre a conversa, “O que está acontecendo aqui e agora”. Para tal, devemos analisar quem são os participantes, sobre o que conversam, como se colocam frente ao assunto e como organizam/interpretam a conversa, também que registros realizam. Desse modo, seguimos o seguinte raciocínio: abordamos, a organização/interpretação geral da conversa, pois compreendemos que outros aspectos do gênero já foram tratados, nas páginas anteriores, em uma tentativa de não negligenciarmos a situação (GOFFMAN, [1964] 2002). Todavia, outras considerações, acerca de quem são os participantes, sobre o que conversam, como se colocam frente ao assunto e também que registros realizam, no tocante à língua e ao discurso, serão discutidas no capítulo de análise.

Ao falarmos em organização/interpretação geral da conversa, não estamos tratando de estrutura simplesmente, mas, essencialmente, dos processos de sua constituição e da negociação de sentidos que perpassa esses processos. De acordo com Koch (2003), a conversa acontece, como já destacamos em Goffman ([1964] 2002), a partir de “turnos de fala”, isto é, “cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação” (KOCH, 2003, p. 80). Sendo assim, temos, no excerto destacado na sequência, três “turnos de fala”, o de **69 gostoso hxh**, às 9:10:07, outro, às 9:10:09, de **guga**, e outro de **69 gostoso hxh**, às 09:10:19:

Excerto 16

(09:10:07) **69 gostoso hxh** fala para **Todos**: algum homem quer te ai
 (09:10:09) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: serve eu?
 (09:10:19) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: depende

Quando acontecem pares de turnos, como o apresentado acima, dizemos que temos um par adjacente, aquele no qual o segundo membro é motivado pelo primeiro, através de pergunta, saudação, despedida, cumprimento, convite ou pedido, etc.. No par adjacente entre **69 gostoso hxh** e **guga**, a motivação parte de **69 gostoso hxh**, ao perguntar se algum homem gostaria de teclar, que foi respondida por **guga**, ao mesmo tempo em que realiza outro pergunta, ratificando **69 gostoso hxh** como o próximo a falar.

As conversas face a face, de modo geral, podem ser simétricas, nas quais os participantes têm igual direito ao uso da fala, ou assimétricas, nas quais um dos participantes é está com a fala. As conversas cotidianas são, geralmente, simétricas. Entretanto, não é possível falar quando quiser, devendo esperar a vez da fala, seguindo a máxima de que ‘fala um por vez’ – caso contrário, quebrar-se-ia a etiqueta social, possibilitando constrangimentos aos participantes. Seguindo essa regra, na organização/interpretação da conversa face a face, o detentor do turno elege o participante seguinte, através de algum indicador, sujeito que pode assumir ou não o turno. Acaso o participante ratificado não assuma o turno, outro participante qualquer pode aproveitar esse momento, de transição, e assumir a palavra, ou mesmo o participante do turno continuar falando e, assim, sucessivamente. Ainda pode acontecer nas conversas, o roubo do turno, que pode ser eficaz ou não. Nessa estratégia, pode ocorrer a sobreposição de vozes, isto é, “por alguns instantes, dois (ou mais) participantes falam ao mesmo tempo, até que um deles desista e o outro fique definitivamente na posse do turno” (KOCH, 2003, p. 80). Ao observamos a conversa teclada, percebemos que muito dessa organização/interpretação geral da conversa face a face também ocorre nela, porém muitas interpretações são diferentes:

Excerto 17

(09:09:18) **69 gostoso hxx** entra na sala...
 (09:09:57) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum h afim
 (09:10:07) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum homem quer te ai
 (09:10:09) **guga** fala para **69 gostoso hxx** : serve eu?
 (09:10:19) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: depende
 (09:10:25) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: apresentese
 (09:10:27) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: kkkk

Na conversa entre **69 gostoso hxx** e **guga**, podemos perceber que a interpretação das possibilidades de interação é que **69 gostoso hxx**, após 39 segundos de sua entrada na “Sala”, cumprimenta a **Todos**, ratificando todos os sujeitos que ali estavam, cumprimento que não foi atendido por nenhum participante. Ele insiste e, 10 segundos após, continua com a palavra e renova a pergunta, sendo, dessa vez, 2 segundos após, atendido por **guga**, que responde com outra pergunta, devolvendo-lhe o turno, estabelecendo, desta maneira a conversação. **69 gostoso hxx** responde a **guga**, mas, pelo “silêncio” do par, continua com o turno, configurando, desta maneira uma conversação pela mesma perspectiva da conversa face a face. Todavia, parece-nos que

as semelhanças entre a conversa teclada com a conversa face a face restringem-se às apresentadas, visto que muito mais do que pares adjacentes, temos um agrupamento social, tal qual a ideia de praça pública, na qual os participantes estão no mesmo ambiente, podem ter acesso às “falas” uns dos outros, mas isso não significa que, necessariamente, exista entre eles um encontro, um empreendimento em orientação conjunta, um comprometimento (GOFFMAN, [1964] 2002). A conversa em par adjacente, como apontada anteriormente, é apenas uma ficção construída aqui para estabelecermos as possíveis semelhanças e, na sequência, pensar as diferenças entre conversa face a face e conversa em *chat*, como podemos verificar abaixo a configuração do *chat* como agrupamento social.

Excerto 18

(09:09:37) **GatO 23** entra na sala...

(09:09:41) **Dinho** fala para **morena**: kd

(09:09:46) **guga** fala para **GatO 23**: opá

(09:09:49) **Advogado 185 (reservadamente)** fala para **Estudante**: h ou m?

(09:09:57) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum h afim

(09:10:07) **69 gostoso hxx** fala para **Todos**: algum homem quer tc ai

(09:10:07) **Apolo** entra na sala...

(09:10:09) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: serve eu?

(09:10:18) **Dinho** fala para **morena**: manda

(09:10:18) **Bonito** sai da sala...

(09:10:19) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: depende

(09:10:23) **Apolo** sai da sala...

(09:10:23) **H40 a fim de H** entra na sala...

(09:10:25) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: apresentese

(09:10:27) **69 gostoso hxx** fala para **guga**: kkkk

(09:10:33) **guga** fala para **69 gostoso hxx**: ahhaahaha

Sendo assim, quando **69 gostoso hxx** tecla com **Todos** sabe que está teclando para a praça geral. É oportuno pensar que **69 gostoso hxx** tinha a possibilidade de ratificar um outro participante, pois, como já vimos, do lado direito, na interface do bate-papo, é disponibilizada a lista de todos aqueles que estão na sala. Entretanto, preferiu dizer seu interesse na grande arena e aguardar que alguém se sentisse ratificado por ele. Essa estratégia é muito recorrente no *chat* UOL, aqui compreendida como uma espécie de “grito” em meio à praça pública. Esses “gritos” são tentativas de chamar a

atenção de participantes, para estabelecer diálogos, e vão desde simples cumprimentos, exibição de *e-mails*, números de telefone, à declaração de interesses específicos, ou simplesmente um “grito” de ofensa aos sujeitos frequentadores do ambiente, como exemplificados abaixo:

Excerto 19

(08:19:20) **Estudante (reservadamente)** fala para **Todos**: Olá! bom dia!
 (08:31:10) **Pedro 20cm** fala para **Todos**: julietto.akilis@xxxx.com
 (08:32:53) **MACHOpassPELUDO 34 (reservadamente)** fala para **Todos**: alguém discreto afim de bater um papo? acima dos 35 anos.
 (08:33:04) **Jaime HH (reservadamente)** fala para **Todos**: algum cara?
 (08:37:29) **H BOA VISTA (reservadamente)** fala para **Todos**: ALGUEM NA BOA VISTA??????
 (08:37:30) **H BOA VISTA (reservadamente)** fala para **Todos**: ALGUEM NA BOA VISTA??????
 (08:37:33) **H BOA VISTA (reservadamente)** fala para **Todos**: ALGUEM NA BOA VISTA??????
 (08:46:46) **matheus** fala para **Todos**: 8525-46xx ou 9788-93xx
 (08:52:03) **advogado** fala para **Todos**: eita que só tem viado e aidético

É oportuno também compreender que, assim como **H BOA VISTA**, muitos participantes são persistentes na tentativa de chamar a atenção de alguém em meio à grande praça pública. Outros “gritos” são anúncios de si. De acordo com Costa (2009), o anúncio é um texto publicitário que procura divulgar as qualidades e os eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição. Nesse caso, tal qual o anúncio de serviços sexuais em jornais impressos, o “grito” no *chat* transforma a pessoa em mercadoria, é a perspectiva de *commodity* (PRADO, 2006). Muitos “gritos” nos *chats* assumem as características do anúncio pessoal, seja impresso ou eletrônico, um gênero de oferta e procura, no qual o “eu” do discurso torna-se a mercadoria. De acordo com Coupland, 1996, *apud* Prado (2006, p. 162), “a estratégia do anunciante é produzir um texto que identifique uma versão de si para ser consumida por sua clientela, estabelecendo, assim, uma prática discursiva de autopromoção”. Para Prado (2006), o anúncio pessoal possui seis movimentos retóricos, quais sejam, apresentação do anunciante, da busca, do alvo, do objeto, do comentário e da referência. Vejamos alguns anúncios, publicados em jornais impressos e alguns “gritos” anúncios, nas conversas tecladas.

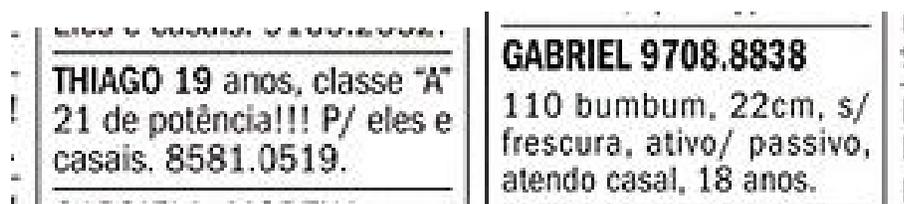


Figura 25: Anúncios publicados no Diário do Nordeste, Classificados, em 03/01/2012.

Nesses anúncios impressos, podemos perceber quais movimentos retóricos acontecem. No primeiro deles, há o **anunciante**, “Thiago”, que vem imbricado com **comentários**, tais como “19 anos classe ‘A’ 21 de potência!!!”. Há também o **alvo**, “p/ eles e casais”, bem como a **referência** “8581.0519”. A apresentação da **busca** e do objetivo fica implícita nas outras apresentações: a **busca** fica atrelada ao **alvo**, e o **objetivo** está esfacelado em todo o texto. No segundo anúncio, há o **anunciante**, “Gabriel”, a **referência**, o número de telefone, o **comentário** sobre si, “110 bumbum, 22cm, s/ frescura, ativo/ passivo (...) 18 anos”, no qual também aponta para a **busca**. O **alvo** é explicitado em “atendo casal”. O objetivo fica esfacelado em todo o texto, como no anúncio anterior.

Vejamos “gritos” nos *chats* UOL, tomados aqui como anúncios pessoais, em 26 de setembro de 2011, “Sala Cidade e Regiões Recife-PE”:

Excerto 20

(11:34:32) **GATO_AFIMhxx** (*reservadamente*) fala para **Todos**: 27 ANOS MORENO MALHADO VERSATIL DISCRETO SEM PELOS 181 86 19CM SEM LOCAL E SIGILOSO.

(12:20:57) **PEDRO** fala para **Todos**: SOU CASADO COM MULHER, MAS CURTO HOMENS MADUROS OU GORDINHOS

(12:21:00) **PEDRO** fala para **Todos**: ALGUM GORDINHO OU MADURO A FIM DE CAM X CAM?

Assim como nos anúncios pessoais impressos, os “gritos anúncios”, de **GATO_AFIMhxx** e **PEDRO** não deixam explícitos os **objetivos**, todavia, isso não se configura um problema, pois, o próprio ambiente possibilita a compreensão de que o objetivo é o da relação sexual. Mas não só o ambiente possibilita essa compreensão, os

outros aspectos apresentados são marcas disso. O **anunciante GATO_AFIMhxxh**, em um só turno, ele se anuncia, ao tempo em que realiza **comentários** de si, com “27 anos moreno malhado versátil discreto sem pelos 181 86 19cm (...) e sigiloso”. Sobre a **referência**, ele não a tem, “sem local”. Ao se anunciar, dá margens para compreendermos o **alvo**, bem como a **busca**. O anunciante PEDRO preferiu realizar seu “grito anúncio” em dois turnos. No primeiro, tece **comentários** “sou casado com mulher” e diz a **busca** e o **alvo** “curto homens maduros e gordinhos”. No segundo, reforça o **alvo** e a **busca**. Sobre sua referência, é a própria *web*, a *webcam*, em “cam x cam”.

Os “gritos anúncios” têm razão de existir porque nos *chats* não há apenas dois participantes, sendo, o parâmetro, mais de duas pessoas, formando o agrupamento de pessoas. Assim, logo após o ingresso na Sala, ou quando quer atrair a atenção de participantes, normalmente o novo participante direciona-se a **Todos**, dirigindo-se à praça de modo geral, abarcando todos os sujeitos presentes, não porque queira conversar com **Todos**, mas porque quer que alguém se sinta o interlocutor endereçado. Ou mesmo, como no caso dos anúncios, que outro/s participante/s sintam-se motivados pelas características apresentadas, tais como, idade, cor de pele, estética corporal, comportamento sexual, altura, peso, tamanho do pênis, etc., como no anúncio de **GATO_AFIMhxxh**, antes mostrado. Por essa configuração, esse turno no agrupamento funciona como uma “insinuação”, quando a fala tem mais alvo do que interlocutor, tendo o propósito de ser captado pelo alvo (GOFFMAN, [1964] 2002).

Outra característica da conversa teclada é a que ela é simétrica, mas, assumindo aspectos diferentes da simetria da conversa face a face. Se naquela existe a consciência de seguir a regra social de que ‘fala um por vez’, no sentido de não interromper o turno do outro com quem se tecla, para não infringir aspectos socialmente relevantes de cordialidade, nessa, parece não haver essa preocupação e a interrupção pode acontecer quando se desejar. Assim, mesmo que se perceba que aquele participante com quem se gostaria de teclar já está conversando com um outro, ou mesmo que o sujeito já esteja em conversa com alguém, pode começar outra conversa em paralelo, que pode finalizar com a conversa anterior ou seguir nas duas conversas.

Excerto 21

(09:10:38) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: hahahahahha

(09:10:38) **Dinho** fala para **morena**: aceitar

(09:10:41) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: tenho 19 aninhos

(09:10:42) **H40 a fim de H** fala para **Todos**: algum HOMEM a fim d tc?

(09:10:42) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: é

(09:10:42) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: e vc

(09:10:45) **Estudante** [reservadamente](#) fala para **GatO 23**: opa

(09:10:46) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: adoro

(09:10:46) **Estudante** [reservadamente](#) fala para **GatO 23**: blz

(09:10:47) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: ?

(09:10:48) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: tb

(09:10:50) **GatO 23 (reservadamente)** fala para **Estudante**: de onde??

(09:10:51) **Desenrolado_CAM** sai da sala...

(09:10:54) **NEGO BOM-PE MSN** sai da sala...

(09:11:01) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: vc ter qunts anos?

No excerto mostrado anteriormente, após 31 segundos do início da conversa entre **69 gostoso hxh** e **guga**, entra no chat **H40a fim de H**. Ele faz também a insinuação, o “grito” na grande praça, questionando “algum HOMEM a fim d tc?”. Esse grito parece ter chamado a atenção de **69 gostoso hxh**, ou **H40 a fim de H** pode tê-lo ratificado diretamente **69 gostoso hxh**, pois, 2 minutos e 34 segundos após o “grito” daquele participante, inicia-se entre eles uma conversa. Na sequência **69 gostoso hxh** tenta também iniciar conversa com **BRUNO BI** e **H atv jab 39 18cm**, mesmo ainda em conversa com **guga**, como vemos abaixo:

Excerto 22

(09:12:34) **69 gostoso hxh** fala para **H40 a fim de H**: sou novo pra ti

(09:12:37) **GostosoReal** sai da sala...

(09:12:37) **69 gostoso hxh** fala para **H40 a fim de H**: tenho 18 apenas

(09:12:38) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: foi mal é que meu filho ta aki chorando

(09:12:45) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: ui

(09:12:49) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: bixinho

(09:12:52) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: rrsrsrsr'

(09:12:57) **H40 a fim de H** sai da sala...

(09:13:02) **69 gostoso hxh** fala para **BRUNO BI**: novinho

(09:13:03) **guga** fala para **69 gostoso hxh**: foda vei

(09:13:11) **69 gostoso hxh** fala para **H atv jab 39 18cm**: eu 18 anos

(09:13:11) **alex libriano** sai da sala...

(09:13:13) **69 gostoso hxh** fala para **H atv jab 39 18cm**: vitoria

(09:13:20) **69 gostoso hxh** fala para **guga**: pegue ele

Pelo exposto, desejamos problematizar a simetria, a etiqueta social de falar um por vez, na qual um “falante” passa o turno ao outro, refletindo, assim, sobre o “assalto” de turno e a sobreposição de vozes, características constitutivas da conversa face a face. No agrupamento não existe o participante do momento, e, assim, todos podem assumir a palavra, direcionando-se a outros participantes, a todos de uma única vez; podem ser contactados, por todos ou por participantes específicos. Sendo assim, diversas variações de conversação existem no *chat* em estudo. Uma dessas variações é a “exibição”, como se fosse, segundo Goffman ([1964] 2002, p. 120), “uma versão miniaturizada de um expediente utilizado nos programas de entrevistas na TV”, como as conversas de **69 gostoso hxx com guga, H40 a fim de H, BRUNO BI e H atv jab 39 18cm**, que são realizadas abertamente, as quais todos os outros participantes têm acesso.

Outra característica que podemos discutir acerca das conversas tecladas é que essas não possuem conversa oficial e conversas subordinadas, pois não há par adjacente dominante. Todos assumem, no *chat*, poder, voz e vez de estabelecer diálogo com outro participante qualquer, bem como de sair da sala quando for conveniente. Entretanto, podemos pensar que pode existir conversas subordinadas em relação ao posicionamento ali assumido, isto é, temas que, de algum modo, podem interferir no grande propósito da sala, como foi o caso do “grito” de **advogado**, ao realizar uma ofensa aos participantes, quando disse “eita que só tem viado e aidético”.

Mesmo de modo diferente daquele da conversa face a face, a conversa teclada é um agrupamento, forjado por “jogos paralelos” de conversas. Assim, quando elencamos no início a conversa entre **69 gostoso hxx e guga** estávamos realizando um recorte de apenas um jogo paralelo na grande praça pública, apagando as outras conversas estabelecidas no mesmo momento e no mesmo espaço, que podem interferir ou não em um jogo paralelo em específico.

Ainda sobre a conversa teclada, como acontece nas conversas face a face, existem no bate-papo os circunstantes, aqueles sujeitos que não são considerados os sujeitos oficiais da conversa. Nesse caso, são sujeitos que entram no *chat*, mas não entram com os propósitos elencados por aquele agrupamento, mas têm acesso às conversas. Nas palavras de Goffman ([1972] 2002, p. 118), “em algumas ocasiões, eles [circunstantes] podem acompanhar temporariamente a fala, ou captar fragmentos dela, isso tudo sem muito esforço ou intenção, tornando-se assim ‘ouvintes por acaso’”. Pelo

exposto, ao entrar no *chat*, na intenção de pesquisador, torno-me um sujeito circunstante. Logo, ao teclar com os sujeitos que estão na sala com outro propósito, o da pesquisa, estabelece-se uma outra variação da conversa teclada, denominada de “jogo cruzado”, aquela conversa entre participantes ratificados daquele agrupamento e um circunstante, indo além da fronteira do “encontro” dominante. Certamente, além de mim, outros circunstantes existem nos *chats*. Para este momento do texto, é importante dizer que o jogo cruzado estabelecido com sujeitos no *chat* configura-se, para nosso estudo, como entrevistas.

Entrevistas, narrativas de vida

A entrevista, de acordo com Costa (2009), é um gênero formal, no qual há a busca e a troca de informações, que são conseguidas através de esclarecimentos, avaliações, opiniões, etc., pelo entrevistado. É um evento discursivo dialógico, pois é construído em conjunto, entre o entrevistador e o entrevistado. Entretanto, normalmente é percebido como um evento discursivo assimétrico, pois o entrevistador teria o poder de controlar a conversa. Por isso, denominada, por Hoffnagel (2003), de “conversa controlada”. Todavia, compreendendo que a entrevista aqui discutida acontece na sala de bate-papo, e se nessas as conversas não são assimétricas, a entrevista, que também ocorre como conversa entre um participante e um circunstante, não se configura como conversa controlada. Ou ao menos, se for, é pouco controlada, visto que nesse ambiente *online* os sujeitos, pelo fato de estarem no anonimato, podem se esquivar e até mesmo desistir da “entrevista” no momento em que considerar adequado.

Desse modo, entrevistado e entrevistador podem fugir de seus papéis canônicos. Pelo exposto, a conversa-entrevista realizada na sala de bate-papo não segue aquilo que Schneuwly e Dolz, citados por Hoffnagel (2003, p. 181) dizem acerca dos papéis de entrevistador e entrevistado, que “o entrevistador abre e fecha a entrevista, introduz novos assuntos, orienta e re-orienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas”

Essa variação da conversação, nas salas de bate-papo, acontecem na modalidade digital da língua. Hoffnagel (2003) já havia apontado a compreensão da entrevista na Internet como conversa, ao citar que algumas revistas realizam entrevistas *online* e

depois as retextualizam para a escrita. Assim, podemos dizer que o que aconteceu nesse estudo pode ser denominado de “entrevista teclada”, fazendo alusão ao conceito de “conversa teclada”, de Hilgert (2000), antes discutido.

Sabendo que a entrevista possui objetivos diversos, aqui assume o propósito de ser entrevista científica, aquela para a qual “as respostas são consideradas dados para elucidar um fenômeno social em estudo” (HOFFNAGEL, 2003, p. 183). Na mesma perspectiva, Boni e Quaresma (2005) dizem que a entrevista nas Ciências Sociais é uma técnica para a geração de dados subjetivos, pois, as informações geradas “se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados” (BONI e QUARESMA, 2005, p. 72). De fato, é com esse propósito que realizamos as entrevistas tecladas nas salas de bate-papo UOL, “Salas Cidades e Regiões Recife-PE”, na tentativa de gerar informações que possam ajudar a analisar o posicionamento, de homens bissexuais, acerca da masculinidade bissexual, em constituição *online*.

Com esse fim, realizamos as entrevista na perspectiva de conversa, visto que é, de fato, uma conversa, e também porque desejávamos que esse caráter conversacional pudesse produzir mais liberdade, favorecendo um processo de criação enquanto durasse o jogo de perguntas e respostas, ou de respostas e perguntas, como afirma Neves (2007). Vejamos dois excertos de entrevistas tecladas¹⁷:

Excerto de entrevista 01

(12:01:24) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: ola mano!
 (12:01:50) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: tudo certo cara?
 (12:02:17) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: vc eh bi mano ?
 (12:02:32) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: sou cara e vc?
 (12:02:45) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: sou estudante... de pos e to desenvolvendo uma pesquisa sobre a bissexualidade masculina... topas conversar oline comigo sobre...?
 (12:03:06) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: rapaz sim, apenas naum terei muito tempo
 (12:04:05) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: entaum... o que pode falar sobre a bissexualidade !?
 (12:04:39) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: rapaz que de fato naum existe

¹⁷A entrevista com Brother_ foi realizada na própria sala de bate-papo, já a realizada com Wesley foi no MSN, por isso, a diferença na estrutura composicional entre as duas.

(12:04:55) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: vc se relaciona com caras e mulheres, mais por uma questão de aparência

(12:05:05) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: como assim!?

(12:05:20) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: vc acha eh quem diz q

(12:05:21) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: e tipo o desejo ele pode ser apenas físico, e pode ser físico e psíquico

(12:05:40) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: naum entendi ... vc disse ants que era bi...

(12:05:45) **Estudante** (reservadamente) fala para **Brother_**: como explica ?

(12:05:58) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: sim, o se dizer bi é uma coisa

(12:06:10) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: bi pelo fato de me relacionar com os dois e tal

(12:06:16) **Brother_** (reservadamente) fala para **Estudante**: mas de fato naum acrrddito nisso.

Excerto de entrevista 02

wesley diz sei...e vc tem qts anos?

Estudante ... diz [nao estou mentindo... mas se nao confiar/acreditar, respeito] tenho 36 anos

wesley diz eu so to tentando te conhecer (...) ã vou sair expondo minha experiencia de vida pra qualquer um ã

Estudante ... diz entendo... e eu tentando fazer-me entender

wesley diz preciso antes conhecer sentir confiança e tal

Estudante ... diz concordo com vc claro entendo/ em minha pesquisa, estou partindo do principio de que a relação entre homens que tbm ficam com mulheres tem se ampliado, e muito, com o fenomeno da internet e tbm tem ganhado visibilidade apesar da grande maioria da população, negligenciar entaum tenho tentando nos chats saber mais sobre essa conduta sexual e ouvir os proprios é a maneira que encontrei

wesley diz pois é/ cmg rolou esse ano/ tenho 22 anos/ sou estudante universitário e sem nóias

Estudante ... diz sei sei

wesley diz o kra q eu fiquei tbm era estudante universitário e tinha 20 anos/ ele foi o 1º q eu fiquei/ mais eu ã fui o primeiro dele

Estudante ... diz e nesse ficar, como foi o seu comportamento?/ tu jah tinhas pensando em ficar antes?

wesley diz claro/ se ã tivesse vontade antes ã teria ficado/ na realidade, no q diz respeito ao sexo/ acho q todos sentem atração pelo mesmo sexo e sexo oposto

Estudante ... diz esse desejo era antigo?

wesley diz aquele q disser q nunca sentil tesão com alguem do mesmo sexo ta mentindo/ ate vc mesmo pode ter sentindo isso e ã percebido

Como apontadas anteriormente, as entrevistas com **Brother_**, realizada em 2008, e a com **Wesley**, realizado em 2010, são altamente dialogais, conversacionais, como podemos perceber quando, no início, **Brother_** ao responder a pergunta “vc eh bi mano?”, assume a condição de entrevistador, quando diz “sou cara e vc?”. Do mesmo modo, **Wesley** questiona “sei... e vc tem qts anos?”. Pelos excertos mostrados, podemos vislumbrar que as entrevistas tecladas são bastante simétricas, sendo pouco ou nada controladas, pois os papéis canônicos são usurpados. Desse modo, o entrevistado não se sente obrigado a responder aquilo que não deseja, e o entrevistador, por sua vez, pode se ver na condição de também assumir o papel de entrevistado. Logo, são os dois sujeitos que introduzem novos assuntos, orientam e reorientam a interação, mas, certamente o tópico principal é desencadeado pelo entrevistador-pesquisador. Todavia, de modo geral, a entrevista teclada configura-se pela estrutura canônica de perguntas e respostas, que é a sua organização básica.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), a entrevista como técnica nas Ciências Sociais pode ser do tipo estruturada, aberta ou semiestruturada. Para nossa pesquisa, ela assume caráter de entrevista semiestruturada, pautada em perguntas abertas e fechadas, o que permite o favorecimento de respostas espontâneas, gerando dados que tragam informações mais acuradas sobre o tema estudado.

Para além dos aspectos antes mencionados, interessa-nos compreender que na entrevista teclada podem surgir narrativas (ARFUCH, 1995). Para essa pesquisadora, a entrevista como uma narrativa é “un relato de historias diversas que refuerzan un orden de la vida, del pensamiento, de las posiciones sociales, las pertinencias (...) diseña identidades (...) nos acerca a la vida de los otros, sus creencias, su filosofia personal, sus sentimientos, sus miedos” (ARFUCH, 1995, p. 89).

Assim, as entrevistas geram história conversacional, segundo Arfuch (1995). Para ela, essas histórias conversacionais são histórias breves, ou micro histórias. Desse modo, podemos compreender a partir de Bamberg e Georgakopoulou (2008) e Georgakopoulou (2009), que, nas entrevistas, os sujeitos entrevistados podem contar “pequenas narrativas”, narrativas que estão para além do cânone da narrativa. Essa narrativa é percebida por esses pesquisadores como funcionais, pois, apresentam uma construção de mundo e de senso de si, e dão a noção de quem são esses sujeitos que contam histórias de si. Assim, são úteis para a análise de identidades, como é o nosso

foco de estudos: analisar a construção da masculinidade bissexual em construção no ambiente do bate-papo virtual das “Salas Cidades e Regiões Recife-PE”. Georgakopoulou (2009) afirma que esse tipo de narrativa é digno para a análise da experiência humana. Em sua configuração, abordam eventos recentes, eventos projetos (futuros próximos), compartilham acontecimentos, e pontos de vista argumentativos. Mas, não só, também é importante para a sua configuração não apenas o narrar, mas a recusa a dizer.

A partir de Arfuch (1995), é importante considerar que a pequena narrativa, das entrevistas tecladas, são sempre incompletas, são sempre fragmentos. Para ela, “su conclusión es por lo tanto relativa, aunque la última frase sea un cierre feliz, y siempre queda abierta a la promesa, aun implícita, de intercambios futuros” (ARFUCH, 1995, p. 91). Todavia, Arfuch (1995, p. 94) aconselha que percebamos que “los fragmentos (de vida, de diálogo, de acontecimientos) se nutren de detalles (microhistorias, anécdotas, focalizaciones)”, e funcionam como índice. Nessa perspectiva, as narrativas contadas são fragmentos de vida, escolhidas pelo entrevistado, funcionando como histórias que nessa interação entre ele e o entrevistador são importantes para destacar seus modos de ser bissexual e pensar a masculinidade bissexual. Tais fragmentos são realizados a partir de detalhes. Logo, “el detalle no es entonces accesorio, sino necesario, y en ocasiones, hasta esencial” (ARFUCH, 1995, p. 94), podendo ser uma confirmação, uma declaração, uma atualização, etc.

Pelo exposto, a conversa estabelecida entre pesquisador, na sala de bate-papo UOL, um circunstante, e os sujeitos que naquele espaço se autodenominam de bissexuais são de grande importância para a geração de dados que permitam a interpretação dos *scripts* que ali são forjados acerca das masculinidades bissexuais. Todavia, não podemos perder de vista que as entrevistas são realizadas, ou ao menos iniciadas, na grande praça pública Recife, as “Salas Cidades e Regiões Recife-PE”, e que, por isso, ao serem apresentadas como uma conversa entre sujeitos, como a entrevista com **Brother_**, passam a ser uma ficção metodológica, pois, sabendo que ela se dá no agrupamento que é cada sala do bate-papo em estudo, faz-se necessário realizar esse recorte, formatando-a como apenas um par adjacente. Todavia, é também necessário esclarecer que essa metodologia de apresentação da entrevista não prejudica a geração de dados, visto que se o entrevistador ou o entrevistado estabelecerem

conversas paralelas, essas serão consideradas na formatação, se se configurarem como dados importantes a serem considerados. Ou mesmo se nas conversas paralelas, que são percebidas pelos sujeitos na entrevista, surgir qualquer tópico que seja considerado relevante para a narrativa, esse também será considerado.

Chat: conversas e entrevistas tecladas: o posicionamento sobre masculinidades bissexuais

No *Capítulo 3*, já dissemos que o enunciado se constitui de uma força performática, a qual mantém ou subverte a identidade, em nosso estudo, o gênero e a sexualidade. Com base nos estudos pós-estruturalistas, com Butler, explicamos que há uma conformação do sujeito a um dado “estilo”, que há uma marcação do sujeito a uma determinada identidade, isto é, o sujeito realiza performances, assume determinados modos de ser. Enfatizamos que nos enunciados, os sujeitos marcam e operam sua posição na alteridade, sustentam o “eu” e o “tu”, bem como o “ele”. Assim, podemos dizer que nos discursos os sujeitos marcam *posicionamentos*. Sendo nosso intuito neste estudo analisar as conversas tecladas entre bissexuais, bem como as entrevistas tecladas com sujeitos que se autodenominam bissexuais, nos *chats* UOL, “Salas Cidades e Regiões Recife (PE)”, devemos, para tal, responder, “o que está acontecendo aqui e agora”, em tais enunciados. Ou seja, devemos analisar nestes discursos situados o posicionamento assumido em relação à masculinidade bissexual. Os estudos de Davies e Harre (1990) e Wortham (2001) são de grande contribuição para a compreensão do posicionamento, sendo bastante úteis em nossa pesquisa.

Davies e Harre (1990) compreendem que posicionamento “it is the discursive process whereby selves are located in conversations as observably and subjectively coherent participants in jointly produced story lines”. Assim, estão entendendo que o discurso é um processo multifacetado através do qual os significados são dinamicamente propostos. Neles, os sujeitos assumem modos de ser. Entretanto, por ser processo, e dinâmico, uma mesma pessoa pode posicionar-se variavelmente em uma

mesma conversa, assumindo, portanto, uma “multiplicidade do ‘eu’”, como explanam Davies e Harre (1990).

Esses pesquisadores partem do pressuposto de que a linguagem é sempre uso, através de “atos de fala”, que apresenta a capacidade de indexar e que se dá contextualmente. Reconhecem também que a língua/linguagem é uma força construcionista, possibilitando a construção das subjetividades através das práticas discursivas. Estão também como base do conceito de posicionamento, em Davies e Harre (1990), o entendimento de que a conversa é uma ação conjunta, forjada através de “atos de fala”, ou como diria Butler, de performances. Por essa compreensão, posicionar-se é marcar nos enunciados a ideia de como o mundo deve ser interpretado, a partir da perspectiva de quem estamos nos tornando, e isso envolve alguns processos, tais como incluir ou excluir categorias de pessoas, posicionar-se pertencendo a uma ou outra categoria, reconhecimento de si (DAVIES e HARRE, 1990). Apenas como exemplo, podemos entender que as escolhas linguístico-discursivas, mostradas no *Capítulo 3*, para fazer referência aos parceiros de Senna, nas falas de Senna e Celso, ao conversarem a respeito do uso de preservativos, apontam para o conceito de *posicionamento*, como o processo pelo qual os sujeitos se localizam nas interações, ao mesmo tempo em que localizam o outro com quem conversam, bem como localizam o “objeto” sobre o qual “falam”.

Para Wortham (2001), o conceito de posicionamento é discutido a partir de uma abordagem dialógica, a qual tem como pressuposto básico as ideias bakhtinianas mais outras abordagens mais contemporâneas, a exemplo do conceito de pista de contextualização, em Gumperz, e o conceito de performance, em Butler. Logo, Wortham (2001) também comunga das ideias discutidas no *Capítulo 3*, acerca do conceito de enunciado e da força performativa desse. Para ele, tal como vimos em Davies e Harre (1990), a linguagem é ação, e que a interação é sempre uma negociação em curso, na qual as performances são realizadas.

Para esse pesquisador, o conceito de posicionamento é construído e discutido a partir da compreensão de “narrativas de si”. Para ele, ao narrar, os sujeitos direcionam suas vidas. Por isso, afirma que “narratives do more than represent events and characters; they also presuppose a certain version of the social world and position the narrator and the audience with respect to that social world and with respect to each

other” (WORTHAM, 2001, p. 09). Dentro desse aparato teórico-metodológico, Wortham (2001) compreende que posicionamento é a marcação de uma posição social, de compromisso ideológico, de pertencimento a um grupo social específico, ou a grupos sociais, pois, o posicionamento não é estático, ao contrário, interacional, como já apontamos no *Capítulo 3*, ao discutirmos a respeito de conceito de enunciado, em Bakhtin. Ao falar em posicionamento interacional, Wortham (2001) está apontando que o sujeito do discurso enuncia sempre em função do outro com quem fala e do contexto no qual falam. Por isso, pontua dois conceitos considerados essenciais para a interpretação da posição assumida nas interações: mediação e emergência. Para ele, o conceito de mediação diz respeito a capacidade de através de pistas verbais ou não verbais sinalizar e criar o contexto interativo, já emergência está atrelada a ideia de que a posição apenas pode ser interpretado quando as “falas” e ou possíveis “falas” subsequentes são vislumbradas/percebidas, a recontextualização subsequente, por ele denominada.

Assim, devemos entender que as escolhas linguístico-discursivas acontecem em função de estarmos em uma sala de bate-papo UOL, como descritas no capítulo anterior, em uma entrevista sobre masculinidades bissexuais, sendo ambos os participantes “anônimos”, um para o outro. Certamente, por isso, **wesley** assume na entrevista mostrada anteriormente um tom desafiador ao expor sua compreensão acerca da bissexualidade. O tom desafiador perante o entrevistador, e também perante uma audiência imaginada, tem a função de assegurar sua tese da generalização da bissexualidade, ao afirmar que “**todos** sentem atração pelo mesmo sexo e sexo oposto”. Ainda sobre o tom assumido, parece-nos que ele tenta antecipar-se a argumentos contrários à ideia de uma bissexualidade generalizada. Pela escolha do pronome “**todos**”, **wesley** marca sua posição acerca da bissexualidade, marcando uma posição do outro com quem fala, estabelecendo a negociação para uma certa compreensão do mundo: **wesley** posiciona-se.

Neste capítulo, mostramos o funcionamento de um *chat* UOL, explicando como ocorre o ingresso de um papeador e os recursos técnicos que tal *chat* possui, para destacarmos que esse *chat* é um recurso técnico e um gênero discursivo. Pela argumentação, passamos a olhar para o *chat* UOL, compreendendo que a partir dele é forjada uma comunidade de práticas, pela metáfora de uma “praça pública”, em Recife

(PE). Fizemos entender que as conversas em uma sala de bate-papo UOL se configuram como um agrupamento social e/ou como conversas paralelas. Explicitamos também outros “jogos interacionais” que ganham vida nas referidas salas. A partir das “configurações” das conversas tecladas, aqui interpretadas/apresentadas, compreendemos que deixamos mais em evidência o nosso olhar sobre as interações entre os homens bissexuais nesse espaço virtual, bem como demonstramos os *dados da pesquisa* a partir dos quais as análises são realizadas. Ilustramos, do mesmo modo, o que estamos chamando de entrevista teclada e sua compreensão como narrativa de vida e, dessa maneira, dissemos, minimamente, como as tomamos para a análise o(s) posicionamento(s) acerca da bissexualidade, tal como se posicionou **wesley**.

Pelo exposto, é salutar compreender que, embasados nos conhecimentos apresentados nos capítulos anteriores, podemos, agora, apresentarmos as análises das conversas tecladas entre homens que se intitulam bissexuais em salas de bate-papo. As análises estão no capítulo que segue.

**Hxh – A SOCIOCONSTRUÇÃO DISCURSIVA *ONLINE* DE
MASCULINIDADES BISSEXUAIS**

ANÁLISES – BLOCO 1

***Nicknames*, “gritos”, “anúncios de si” e algumas conversas abertas – os processos interacionais nos encontros bi/sexuais em “praças públicas”**

QUANDO apresentamos nosso interesse nesta pesquisa, no capítulo *Introdução*, apontamos que em 2003, sob a nossa visão, as motivações para as conversas tecladas nas Salas Cidades e Regiões Recife-PE não tinham como foco a amizade, ou pouco tinham esse interesse, mas o interesse sexual entre homens. Na verdade, dissemos que o foco principal de interesse naquele espaço era o de estabelecer relações homoeróticas. Outro aspecto que na época chamou a atenção foi o fato de que alguns homens se denominavam bissexuais, não apenas homossexuais, e de que outros ainda se denominavam de heterossexuais, mesmo apresentando interesses em relações sexuais com outros homens. Objetivando compreender a construção dessas masculinidades bissexuais, em nossa pesquisa realizamos 26 acessos aos *chats* em estudo, de junho de 2008 a dezembro de 2011, sendo 03 acessos, em 2008, 04 acessos em 2009, 05 acessos em 2010 e 14 acessos em 2011, totalizando 468 páginas de arquivos **pdf** e 67 páginas de arquivos **.doc** (em CD, anexado à tese), nas quais estão registradas as práticas discursivas dos *chatters*, bem como as conversas/entrevistas que realizamos no intuito de gerar dados que fossem capazes de possibilitar o alcance aos objetivos propostos. Assim, a nossa observação etnográfica (HINE, 2004; 2008) é nesta parte da tese informada pela análise do discurso, momento no qual analisamos os posicionamentos discursivos (DAVIES e HARRE, 1990; MOITA LOPES, 2002; 2004 e WORTHAM, 2001) dos papeadores em relação a identidades de gênero e sexual.

No estudo, entendemos, como já discutido no *Capítulo 04*, que o gênero discursivo *chat* se configura como um agrupamento de pessoas, e que o sujeito que usa a linguagem nesse gênero digital realiza inicialmente o processo de “apresentar-se”, através de um nome ou *nickname*; normalmente produz “gritos”, na intenção de chamar a atenção de outro participante do agrupamento, ou outros; pode fazer “anúncios de si”, os quais, juntamente com os “gritos”, se constituem como “insinuações”, e ainda pode realizar as conversas de modo aberto, no qual todos os outros participantes têm acesso

ao diálogo estabelecido, ou de modo reservado, no qual o acesso é apenas para o participante selecionado. Ao realizar a conversa de modo aberto, dizemos que ele está em processo de “exibição”. Além desses aspectos das conversas tecladas, podemos ainda dizer que certamente existem conversas subordinadas ao tema principal das Salas, qual seja, aquele interesse sexual, ou o encontro com interesse sexual, mais especificamente homossexual. Logo, é possível que aconteça o que no capítulo anterior é denominado de “jogo cruzado” (GOFFMAN, [1964] 2002), as conversas que saem do foco de interesse da Sala, tal como foram as entrevistas realizadas nesta pesquisa.

Quem são os papeadores? O uso de *nicknames*...

Jinuor, Alex 16a gay, Leo_ATV_kzado-39, Gatinho Bi 18

Em nossa análise, neste momento, consideramos relevante, fazendo referência a Goffman ([1964] 2002), “responder” sobre o que acontece, em nosso caso, em relação às identidades de gênero e sexual, nas conversas tecladas entre homens nos *chats* UOL, tentando compreender quem são os sujeitos participantes, sobre o que conversam e quais registros linguístico-discursivos realizam, lembrando que o interesse principal é compreender a construção sociodiscursiva das masculinidades bissexuais. Para tal, analisamos, em um primeiro momento, os ingressos nas Salas, na tentativa de compreender como os homens que ali ingressam se apresentam, posicionam-se sobre si. Trazemos, a título de exemplos, alguns *nicknames* coletados nos acessos realizados em 2008 e em 2011. Optamos por trazer esses dados porque acreditamos que durante o período estudado os processos discursivos se repetem, por isso, tomamos os dados iniciais e finais, escolha em função do grande número de dados gerados.

Antes, é importante esclarecer que no acesso que realizamos em 09 de junho de 2008, que teve início às 10h44min33seg, com o *nick* “Estudante”, e saída as 12h29min11seg, totalizando 1h44min39seg, o arquivo de 25 páginas em pdf nos mostra a participação de 123 homens. Desses, apenas 18 preferem usar um nome, a exemplo de **Junior**, **PEDRO**, **Gustavo**, **C@rlos**, etc. Dos 18 que usam um nome, apenas 01 deles usa dois nomes, **Carlos daniel**. Ainda nas participações percebidas nesse acesso, mais 17 homens usam um nome acrescido de uma ou mais características, tais como **Alex 16a gay**, **Bruno 28**, **Gustavo hxx cam**, **Alan Delicia** e **Kaio**

gostosinho. 85 dos homens nesse agrupamento preferem o uso de apelidos, sendo 12 deles apelidos referentes a um nome acrescido de outra(s) característica(s), como em **Leo_ATV_kzado_39**, **Pedraão**, **nando cam** e **netinho**. Assim, 74 dos participantes optam por apresentarem-se apenas através de apelidos, somam 74 visto que 01 deles está entre os que se denominam bissexuais, e usa o *nick* **Casado/bi/dotado**. Além desse último, mais dois se apresentam como bissexuais, usando os *nicks* **Renato bi** e **Marcelo bi chupa**. Nesse “flagra” das conversas tecladas no *chat* UOL, apenas 10 mulheres tiveram participação, sendo 03 delas através de um nome, ******drika******, **Gislayne** e **flavia**. As outras usaram *nicknames*. No último acesso, realizado em 23 de dezembro de 2011, com o *nickname* “Pesquisador”, entrada na sala que teve início às 05h47min18seg, e saída às 06h48min06seg, totalizando 1h00min48seg e 11 páginas em arquivo .doc, percebemos a participação de 97 homens e de 08 mulheres. Dessas participações, 24 homens se apresentam usando nomes, 11 deles apenas um nome e 13 usando um nome acrescido de uma ou mais características, como em **Luan afim**, **CAIO.JSP.PASSIVO**, **JORGE PUNHETEIRO** e **Leonardo msn**. 72 deles usam *nicknames*, sendo 09 desses *nicks* a partir de um nome apenas e ou acrescido de uma característica, como em **BETÃO**, **FELIPÃO_CAM**, **RICARDÃO** e **Rapha**. Logo, 63 deles apenas usam *nicks*, como em **quero bunda**, **Efeminado-Areias**, **sem sono sexo já**, **machodotadoqsexo**, **CASADO MOSTRA PAU**, **amo chupar buceta**. E apenas um dos homens se apresenta como bissexual, **Gatinho Bi 18**, que aparecerá como entrevistado, nas análises, no “Bloco 2”.

Das informações mostradas acima, uma primeira compreensão é a de que no primeiro acesso, 93,98% é de participações masculinas, e no último acesso, as participações do masculino somam 92,38%. Cremos que esses números possam ser importantes para compreendermos que, de fato, a participação nas Salas Cidades e Regiões Recife-PE UOL se dá por homens em quase sua totalidade, e que os homens que teclam nas referidas salas preferem, em 85,36%, no primeiro acesso, e em 88,65%, no último acesso, o uso de *nicknames* ao uso de nomes. Os dados mostrados acima servem não apenas para quantificar, mas para que entendamos que realmente são os próprios homens, nas conversas tecladas, que estão nesse movimento de renarrar as masculinidades. Assim, na tentativa de compreendermos a construção das masculinidades bissexuais, questionamo-nos: que posição esses homens assumem ao se

apresentarem? É importante relembramos que as respostas a essa indagação é importante para nosso propósito de pesquisa porque entendemos, com os teóricos *queers* e aqueles que estudam as masculinidades, que a construção de gênero e de sexualidade se dá de modo relacional, isto é, que gênero e sexualidade são construídos em processo de relação com outros gêneros e outras sexualidades, bem como com outros aspectos das identidades sociais.

Para a compreensão da posição que os homens assumem ao se apresentarem, é de fundamente relevância saber que o anonimato é uma das características das conversas tecladas nos *chats* UOL, e que, assim, o uso de *nickname* é uma escolha que garante ao *chatters* a ocultação de sua identidade fora da virtualidade, mas, mais que isso, possibilita-lhes a construção da identificação, muito mais que com o nome, visto que através do apelido ela realiza a “gestão” de sua identidade digital, como nos explicou Deffilipo e Cunha (2005), através de usos linguísticos que produzam sentido de si, sobre si e sobre os outros com quem dialogam. O apelido é o primeiro passo na construção de sua identidade digital, como afirma Fernandes (2006). Em que as escolhas dos apelidos participam da construção das identidades dos homens nos *chats*?

Homens nos *chats*: localidade, idade, cam

Pietro-Recife, Divorciado4.4, PM na cam,

Em um primeiro momento, é importante considerarmos para que direção apontam esses *nicks*; que aspectos são considerados na construção de si pelos homens nesse espaço *online*. Vejamos um quadro que mostra o uso de nomes acrescidos de características, o qual pode nos auxiliar nessa compreensão:

1ª parte	2ª parte
Roberto_pe1, Fernando_Apoena, Pietro-Recife, Júnior Olinda, Marcelo-Areias, Cleiton jap recife, Raphael/REC, Felipe Candeias, Bart-bvg-cam, Luiz S.P (cam), , Homem-Arruda PE, Andre-recife, CAIO.JSP.PASSIVO, bruno da varzea, EduPiedad CAM, etc.	Alex 16a gay, Bruno 28, Henrique.23, joao_16anos.msn, Fernando40, Ricardo27 afim, brunno56, Anderson 25, Jr 15 anos, Luiz 17 anos, Roger 36, Carvalho 33, etc.

3ª parte	4ª parte
Gustavo hxx cam, Carlos msn, wagner cam, Rafael msn, André cam, ricardo30 cam, AILTON CAM, EDUARDO MSN, kleber timxtim, Diogo cam, PABLO CAM, Leonardo msn, kaio webcam, etc.	Kaio gostosinho, Alan Delicia, Leandro Doto, Maycon gatinho, THIAGO Bagaceira, Ruan pass, Diogo pass BVG, Carlos gostoso, Alex Malhado, Junior solteiro, Michel cincero, Julio hxx, ítalo hxx, JORGE PUNHETEIRO, MACHADO FODÃO, LUKAS AFIM, luiz H/H Paulista, Pedro 20cm, GIL hXH CARUARU etc.

Quadro 06: Nomes acrescidos de características, usados nos *chats* UOL.

No quadro acima, que está dividido por agrupamento de características, são citados apenas alguns dos nomes usados nas salas, aqueles acrescidos de alguma característica, logo, entendido aqui como também um *nickname*, ou acrescido de um *nick*. Na primeira parte, é perceptível que os nomes são acrescidos de um nome de lugar, seja Estado, como em “pe” (Pernambuco); cidades, como em “Recife”, “Olinda”; bairros, como em “Areias”, “Candeias” e “varzea”; ou mesmo uma loja, como em “Apoena”. Se já afirmamos que o interesse de participação nas Salas é o sexual, em sua quase totalidade, que marcações são feitas ao escolher como acréscimo no nome uma referência de lugar? A princípio, lugar não demarca sexualidade. No entanto, quando essa marcação acontece nas referidas Salas, provavelmente funcione como um índice de que aquele homem que realiza essa escolha declara o local de onde tecla, provavelmente produzindo sentidos de sua vontade de encontrar sujeitos que também estejam na mesma região, fato que possibilitaria um encontro “real”, como os papeadores costumam explicitar, a exemplo do “grito” realizado por **CDUxATIVO**, em 09 de junho de 2008:

(11:16:40) **CDUxATIVO** (reservadamente) fala para **Todos**: Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE? Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE?

09 de junho de 2008

Nesse sentido, o uso da sigla do Estado, “pe” (Pernambuco), e nomes de cidades, bairros e lojas, ou a sigla de bairro, como em “CDU” (cidade universitária), funcionam como uma marcação que gera sentidos de seus interesses em encontros reais, em

tentativa de antecipar-se àqueles que também demonstram esse interesse, e produz sobre si uma identificação de suas possibilidades territoriais de encontro *off-line*. É uma estratégia discursiva que os permitem ser tomados como alvos no processo interlocutivo, pois se antecipam a “gritos” como:

(03:36:52) **Mauricio** (reservadamente) fala para **Todos**: alguém afim ativo agora em casa forte

10 de junho de 2008

(12:17:56) **versatil madalena** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM CARA AFIM DE UMA REAL HJ?

10 de junho de 2008

Através dos “gritos” de **CDUxATIVO**, **mauricio** e **versatil madalena**, é possível confirmar que, como aventado, a qualificação de si com uma referência a lugar é a marcação das possibilidades territoriais para encontros *off-line*, funcionando também como um posicionamento de antecipação a “gritos” insistentes, com os de **CDUxATIVO**, que se “insinuou” durante o período de 06 minutos:

(11:16:40) **CDUxATIVO** (reservadamente) fala para **Todos**: Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE? Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE?

(11:16:42) **CDUxATIVO** (reservadamente) fala para **Todos**: Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE? Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE?

(11:22:03) **CDUxATIVO** (reservadamente) fala para **Todos**: Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE? Opa...tem algum cara ATIVO afim de curtir hje a noite px da UFPE?

09 de junho de 2008

É também importante destacar que tal estratégia, quando não efetivada no apelido, pode ocorrer a partir da explicitação do interesse em encontros *off-line* na marcação de lugar nos “gritos”, como no de **mauricio**. Outro ponto a ser destacado nessa construção de sentidos de si é que mesmo se posicionando sobre o interesse

sexual, como com o uso do adjetivo “versatil”, é possível também caracterizar-se a partir de lugar, como no uso de “madalena”, bairro de Recife, em **versatil madalena**.

Já os nomes que estão acrescidos da idade, na segunda parte do quadro 06, nas conversas tecladas funcionam como marcações de preferências de faixas etárias para as relações sexuais, característica que nessas conversas é bastante explicitada, pois, parece estar atrelada aos sentidos da percepção estética, da experiência de vida e do fetiche – significando interesses, desde àqueles por parceiros jovens, como **Jr 15 anos** e **Alex 16a gay**, àqueles de idades mais elevadas, como **brunno56**. Os *nicks* **Fernando 3.4**, **GUSTAVO 3.9**, **Kzado 4.0** e **Divorciado4.4**, usados por *chatters* em 23 de dezembro de 2011, referem-se à idade, porém a construção discursiva deriva-se de um recurso recorrente atualmente no mundo da tecnologia, é o recurso das versões, através de recurso não linguístico, o sistema matemático. Em nossos dias, com os avanços tecnológicos, é comum que, diferentemente de décadas passadas, um determinado produto possa ser em um espaço temporal muito curto alterado em seu “modelo”, sendo acrescido de recursos que o potencializam. Entretanto, o modelo anterior àquele não sai de circulação, por isso, são identificados pela ordem do modelo, tal como 1.0, 2.0, 3.0, e assim sucessivamente. Um desses modelos pode ser acrescido de pequenos detalhes, sendo assim, pertencente à àquela versão, mas tendo sua diferença demarcada em numeração. Nessa lógica, o que era o modelo 3.0, passa a ser 3.1, 3.2 ou 3.5, por exemplo, diferenciando-se através de números indicadores de sua potência. Essa voz da tecnologia chega aos *chats* como um recurso na produção de sentidos de si. Os homens usam a voz da tecnologia para posicionar-se sobre suas idades, retirando a percepção de que a cada ano ficamos mais velhos, em sentido de a velhice ser algo negativo, ao contrário, ressignificando o envelhecimento. A ressignificação a partir de tal recurso faz da idade uma versão, e, diferentemente, coloca cada década como um modelo, que, à medida que o tempo passa, torna-se melhor, mais potencializado; e os anos como cada avanço naquela versão. Por isso, encontramos como características de nomes 3.4, 3.9, 4.0 e 4.4, como versões de homens, melhorados, potencializados. A idade cronológica atrela-se à estética e à experiência de vida e apresenta-se como fator positivo no jogo das relações afetivo-sexuais. Esse recurso figura um posicionamento avaliativo (BUCHOLTZ e HALL, 2005) sobre o envelhecimento: é a imagem de si que é tomada para apresentar-se.

Ainda sobre o uso de referências à idade como característica do nome, os *nicks* **coroa q garato**, em 09 de junho de 2008, **tio quer subrinho**, em 01 de maio de 2009, e **Otiokereleversátil**, em 23 de dezembro de 2011, são marcações de que a idade possivelmente é um recurso usado na marcação do fetiche sexual. Nesses *nicks* é o homem mais velho que “quer” realizar seus desejos com homens mais novos. As palavras “coroa” e “tio” são índices de como esses homens se posicionam para o jogo dialógico frente ao interesse sexual. Ao mesmo em que lançam o fetiche da relação que se estabelece pela diferença de idades, constroem no ambiente o discurso de que ali também estão homens mais novos com o desejo de relacionamento ou de “curtição” com homens mais velhos. E a ação de “querer”, em “q garoto” e “kerele”, “tio quer”, nesse jogo discursivo, confirma a busca pela “curtição” daquele mais experiente com o outro de menor idade. Na mesma proposta de sentidos, *nicks* como **garoto virgem**, **juninho moleque** e **q coroa**, em 10 de junho de 2008, e **novinho lindo**, **novinho 16** e **virgem 17anos (h)**, posicionam-se na construção de tal fetiche. Nesses, são os adjetivos “garoto”, “virgem” e “moleque” que possibilitam a construção de si como “novo”, como o “sobrinho” desejado por homens mais velhos. Participam dessa construção de significados também o uso do diminutivo em **juninho** e **novinho**, que nessa compreensão redirecionam o papel que o número da idade significa, pois ganha conotações sexuais. Percebemos que marcar a idade no nome/*nick* é uma pista que contextualiza os interesses tanto no aspecto de que a idade mais avançada garante mais experiência na relação sexual, bem como sentidos de que o sujeito maduro é de melhor qualidade, quanto no sentido de que é um recurso que possibilita esses homens posicionarem-se em seus fetiches de atos sexuais com sujeitos de idades diferentes da sua, seja mais velhos ou mais novos.

Na terceira parte do quadro 06, seguindo o mesmo raciocínio sobre o usos dos nomes e apelidos, usados nos blocos anteriores, as marcações relacionadas a “cam”, “msn” e “timxtim”, são escolhas que apontam para os usos comunicacionais, para além da ideia de apenas possivelmente conversar, tentativas de produzir sentidos de confirmação e/ou ampliação do dialogo ali estabelecido, ou mesmo estabelecer sentidos de que a relação sexual aconteça virtualmente, visto que ao se referirem a “cam” e ao “msn” estão significando que a interação virtual pode ser através de imagem ou mesmo de áudio, ou sentidos de que buscam a exibição do outro interlocutor nesses recursos de

comunicação. E o uso de “timxtim” agregado ao nome é um índice do mesmo interesse, dessa vez em conversa por telefone. Assim, a princípio, parece-nos que tais marcações, de modo diferente do daqueles que estão à procura de uma “curtição” real, e que por isso fazem marcações do local de onde teclam, esses outros homens posicionam-se colocando o contato virtual como preferencial. Vejamos alguns *nicks* usados em 2008 e em 2011, nessa direção:

Gato 25 na cam, hcam x hcam, tonny msn, PAINHO TESÃO.CAM, macho HxH CAM, arthuzinho.msn, rafael msn, Excitado_CAM, oHOMEMcerto-msn, gatinho do msn, militar na cam, 18cm cam, **PAU-DEfora-CAM**, **Brother20//cam**, **gozar.p/tel.msn.ag**, AfimH-21-cam, Separado_cam, cuecacamxcam, BOY DELICIA CAM, moreno_cam, **fael kcte duro cam**, **De pau duro na cam**, PM na cam, **Sozinho-quarto-cam**

Quadro 07: *Nicks* indicadores de contato virtual, usados em 2008.

Os apelidos citados acima mostram-nos que a apresentação de si através da indicação de contato virtual para além do *chat* é algo expressivo. Em alguns dos *nicks*, o interesse sexual é explicitado, sendo, no quadro, o mais emblemático dessa produção de sentidos o *nick* **gozar.p/tel.msn.ag** (gozar por telefone ou Messenger agora). Esse *nick* foi usado pelo participante da conversa teclada tanto como apresentação de si, quanto como um “grito” no agrupamento de homens que teclavam em 09 de junho de 2008:

(11:51:09) **gozar.p/tel.msn.ag** fala para **Todos**: p/telefone ou msn ou a noite
 (11:54:38) **gozar.p/tel.msn.ag** fala para **Todos**: p/telefone ou msn ou a noite
 (11:54:44) **gozar.p/tel.msn.ag** fala para **Todos**: p/telefone ou msn ou a noite
 (11:54:50) **gozar.p/tel.msn.ag** fala para **Todos**: vamos gozar

09 de junho de 2008

Observamos que esse homem, apesar de marcar seu interesse de sexo virtual no *nick*, prefere “traduzi-lo” em “gritos”, em “p/telefone ou msn ou a noite”. Esse comportamento linguístico-discursivo aponta-nos alguns sentidos: i) é uma tentativa de redizer aquilo já dito no *nick*, uma maneira de melhor posicionar-se; ii) as tentativas sucessivas durante mais de 03 minutos são pistas de que ele está ansioso ou com grande interesse em sexo virtual, e de que a escolha de tal apelido não produziu sobre os

sujeitos que ali teclavam os efeitos pretendidos, e iii) a injunção final “vamos gozar” é a afirmação maior dos sentidos que ora se propunha, e que parecem não terem sido realizados, ao menos de modo que pudéssemos ter acompanhado em uma interação inicial que se direcionasse para tal fim. Todavia, é de grande relevância analisar o uso do recurso linguístico alternativo “ou”, pois, não tendo encontrado parceiros para satisfazer seus desejos virtualmente, ele expõe outra possibilidade, qual seja, “a noite”, gerando ambiguidade de sentidos, se à noite, no telefone ou *Messenger*, ou à noite não virtualmente. Essa ambiguidade é gerada porque parece ser comum, nessas conversas tecladas, a migração para outro espaço *online* para a ampliação da conversa e conseqüentemente para uma maior interação e conhecimento entre os participantes, visto que, como já dissemos, esses homens são desconhecidos entre si, mesmo que seja apenas uma etapa da conversa antes do encontro “real”. Vejamos alguns flagras de conversas estabelecidas por **g@to.gostoso**, que constrói os sentidos aqui apresentados como possíveis:

<p>(11:16:38) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: oi (11:16:45) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: tc d ond??? (11:16:50) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: tem msn???? (11:17:01) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: nao!!! (11:19:24) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: já te add!! (11:19:36) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: me desculp!!!! (11:19:43) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: estava t add!!! (11:20:41) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: tô aqui!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (11:20:53) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: já te add!!!!visse (11:21:15) g@to.gostoso fala para QUEMQUERIPASSIVOTK: me add aí!!!!</p>
<p>(11:27:32) g@to.gostoso fala para Roberto: oi (11:27:47) g@to.gostoso fala para Roberto: de Jaboatão (11:28:00) g@to.gostoso fala para Roberto: vc tem mq anos? (11:28:14) g@to.gostoso fala para Roberto: vc tem msn???? (11:28:32) g@to.gostoso fala para Roberto: me passa!!! (11:29:02) g@to.gostoso fala para Roberto: vou dar o meu :bynho.14@hotmail.com (11:32:09) g@to.gostoso fala para Roberto: 16 e vc ? (11:32:36) Roberto sai da sala...</p>
<p>(11:29:13) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: oi (11:29:17) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: tem msn? (11:31:39) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: ja t add!!!visse (11:31:59) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: vc tem q anus? (11:32:30) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: 16 (11:33:14) g@to.gostoso fala para gustavo hxx cam: bynho.14@hotmail.com</p>

Quadro 08: Três momentos de conversas de **g@to.gostoso**.

Na conversa em que **g@to.gostoso** estabelece com **QUEMQUER1PASSIVOTK**, no primeiro bloco, percebemos os sentidos de desejo de migração para outro espaço virtual no qual possivelmente a conversa se dê de modo mais prático e com possibilidades para uma aproximação entre os papeadores, conhecimento maior um do outro. Assim, questionamentos como “tem msn????” (11:16:50) e “vc tem msn?????” (11:28:14), com **Roberto**, são índices desse movimento de mudança do ambiente digital, configurando que esse interesse não se restringe à necessidade de “gozar” explicitada por **gozar.p/tel.msn.ag**. Outros usos linguísticos como em “já te add!!”(11:19:24), “estava te add!!!” (11:19:33), “me add aí!!!”(11:21:15)/ “me passa”(11:28:32), “já t add!!!vise” (11:31:39), e, por fim, “vou dar o meu :xxxxx@hotmail.com” (11:33:14), com os três interlocutores selecionados, acima mostrados, reforçam os sentidos de que essa prática de mudança do espaço do *chat* UOL para o *chat* no *Messenger* é bem expressiva, ao ponto de haver justificativas quando não se pode usar o msn, como em “to no trab não posso usar msn” (11:52:19), resposta de **17hh** para **g@ato.gostoso**, em interação em 09 de junho de 2008.

Se inicialmente parece-nos que a marcação do nome ou apelido com “cam” ou “msn” é uma pista que contextualiza o interesse sexual que se restringe à virtualidade, logo percebemos, através de conversas tecladas abertas, que não, que o uso de “cam” ou “msn” pode apenas ser a marcação do interesse comum, o de migrar para o *Messenger*, para efetivar, de fato, o diálogo. Entretanto, nomes como o de **JORGE PUNHETEIRO**, na quarta parte, no quadro 06, é um posicionamento do grande interesse no sexo virtual. É a marca de que é a “punheta” *online* que se busca, em detrimento de encontros carnais reais. Os “gritos” de **NU CAM** e **andre_na cam**, em 26 de setembro de 2011 são pistas que contextualizam, nesse espaço *online*, o fato de que muitos dos homens posicionam-se apenas tendo como meta o sexo virtual, a “punheta”, vejamos:

(11:57:11) **NU CAM** (reservadamente) para **Todos**: ALGUM CARA AFIM DE BATER UMA

26 de setembro de 2011

(12:05:11) **andre_na_cam** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara afim de uma gozada na Cam
 (12:10:31) **andre_na_cam** fala para **Todos**: algum cara afim d eu uma gozada na can com cara mais gato

26 de setembro de 2011

É o “gozo” que é a meta de homens que usam *nicks* como **punheta cam** (21/09/2011), **punheteiro** (25/09/2011), **NANADOR NA PUNHETA** e **Punhetim** (26/09/2011), **Punheteiro** (28/10/2011) e **hetero punheteiro** e **ROLUDO NA PUNHETA** (23/12/2011). Apesar dessa pista de contextualização aparecer nas conversas tecladas, a exemplo de ter sido encontrada em quase todos os acessos realizados em 2011, a busca pelo sexo virtual não é uma produção de significado expressiva entre os homens nessa conversa virtual, ao menos de modo explícito, como nos *nicks* acima. Todavia, não é a significação no *nick* apenas o único recurso para a produção de si na condição da busca do sexo virtual. O “grito” é outro recurso no jogo interacional usado para isso, como em **FUDEDOR** (09/08/2008), que se posiciona como um sujeito “afim” de “punhetar”, seja real ou virtual:

(11:55:36) **FUDEDOR** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUEM DE RIBEIRÃO OU PRÓXIMO AFIM DE REAL HOJE A TARDE OU ENTÃO DE ME MOSTRAR SEU CU PELA CAM PARA EU BATER UMA PUNHETA

09 de junho de 2008

É consideravelmente importante refletir sobre o fato de que, se na vida cotidiana masculina, ser “punheteiro” é um qualificador pejorativo, pois informa que aquele homem não se insere nas expectativas do papel de seu sexo, qual seja, o intercuro sexual real, na vida *online*, nessa construção de si como em busca do sexo virtual, há outro posicionamento em relação àquele do cotidiano, pois, o uso desse léxico (e seus derivados) parece escapar dos sentidos já consolidados entre os homens. É um reposicionamento de um “rótulo de identidade” (BUCHOLTZ e HALL, 2005), através da escolha lexical, em linguagem pornográfica (MAINGUENEAU, 2010).

Em relação a essa satisfação virtual, é importante considerarmos que em 21 de setembro de 2011, em duas Salas acessadas, esse comportamento é discursivamente rejeitado. O interessante é entendermos que são travestis, ***timbauba travesti** e **TRAVESTI JANNE**, que, em seus “gritos” excluem o perfil “punheteiro” de suas possibilidades de conversa, incluindo-o no que denominou de “sebosos” e aqueles que fazem “perder tempo”:

(03:08:42) ***timbauba travesti** (reservadamente) fala para **Todos**: alguém legal que more próximo ha timbauba (SO ENTENDIDOS QUE NAO CURTAM MULHER) (NAO ABRO CAM PRA NINGUEM)obs: SO SARADOS.....(dispenso): idiotas, curiosos, casados, casais, punheteiros, héteros, cams, sebosos em geral

(03:19:38) **TRAVESTI JANNE** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUEM DE PAULISTA OU PROXIMO COM MAIS DE 30 ANOS? SO QUERO CONHECER HOMENS ATE OLINDA...ESTOU EM PAULISTA! PUNHETEIRO NA O ME FAÇAM PERDER TEMPO POR FAVOR!

21 de setembro de 2011

O fato de serem travestis que rejeitam os “punheteiros” é relevante na reflexão. Eles posicionam negativamente esses homens, como “sebosos”, certamente, fazendo referência à expressão regional usada em Pernambuco “alma sebosa”, que significa indivíduo de má índole; mau elemento. Assim, posiciona-os como homens que fazem perder tempo, pelo fato de que, possivelmente, teriam também relações com mulheres, visto que buscam o “entendido” que não curta mulheres. Nas “falas” dos dois travestis parece haver sobre esse homem punheteiro a rejeição pelo fato de ele ser ambíguo, indeciso, tanto pelo fato de que poderia manter relações com mulheres, como pelo fato de sua busca sexual ser virtual, descaracterizando o sexo como real. Certamente são os travestis que os rejeitam pelo fato de que eles buscam “coerência”, ao assumirem um corpo feminino; tornando-se não indecisos. Esse posicionamento parece assumir uma atitude de afirmação de si, pela demonstração da “coerência” dentro do sistema de gênero inteligível, ao negar aquele homem “seboso”, sendo uma estratégia de devolver o preconceito contra si, que imaginam estar em todas as pessoas (KULICK e

GOLDENBERG, 2008), apontando também para um forte desejo dos travestis, qual seja, a busca por um “marido”, um homem que seja homem, “homão” (KULICK e GOLDENBERG, 2008) perfil que, provavelmente, o “punheteiro” não está incluído. Esse discurso insere-se no discurso da masculinidade hegemônica, demonstrando que a busca pelo “homão” é um discurso feminino, o qual tornaria o travesti mais mulher (KULICK e GOLDENBERG, 2008).

Todavia, ainda sobre a satisfação em sexo virtual, como uma das possibilidades apresentadas discursivamente, é relevante comentarmos que essa é um ponto alto da sexualidade tecnologizada, a construção de que a vida sexual desses homens (e mulheres) está sendo tecnicamente mediada; suas emoções e sensações sexuais perpassam pelo *chat*, e de lá podendo migrar para outro meio de comunicação, a exemplo do telefone, pois são encontradas, nos recursos tecnológicos, a copresença e a corporeidade (ELEMENISON e GORDO, 2008).

Homens nos *chats*: estado civil, intercuro sexual, corpo, sexualidade

casado roludo, ATV qer fuder pass, \$\$\$ARADO\$\$\$, HxH

Também na última parte do quadro 06, as marcações dos nomes apontam para o “eu” dos *chatters* em estado civil, como em **Junior solteiro**. Certamente a escolha de pontuar junto ao nome o estado civil revela que esse homem marca sua posição no discurso da conjugalidade, sabendo que está atrelada aos pudores sociais, no que se refere à fidelidade e à infidelidade. Todavia é relevante considerar que esse discurso de conjugalidade é em nossa sociedade atrelado à heterossexualidade. Esse discurso em nossa cultura é aquele que sustenta que os casados devem manter relações sexuais exclusivas com seus cônjuges e os solteiros devem apenas demonstrar interesses afetivos ou sexuais por pessoas solteiras. Mas, reconhecendo que o interesse sexual discursivamente construído nos *chats* é entre os homens, e que não é a heterossexualidade a norma maior entre eles, analisamos que mais do que relacionada aos pudores sociais, a marcação do estado civil pode estar atrelada a outros significados: aos fetiches, ao do homem casado ter relações com outro homem casado, ao do homem casado manter relações sexuais com homens solteiros, e ao de homens solteiros manterem relações com homens casados, pois a conjugalidade parece ter sido afetada

pela sexualidade plástica, logo, sem relação de exclusividade sexual. Outro fator, é que a marcação do estado civil pouco significa a vontade de uma relação entre sujeitos solteiros, que objetivem estabelecer exclusividade sexual, dentro do caráter de discurso de pudor de nossa sociedade. Ao contrário, o número de homens que marcam sua apresentação com o estado civil “casado” é expressiva, como vemos no quadro com *nicks* selecionados dos acessos em 2009 e 2010:

<p>casado roludo, Casado 50-PE, Ksado27ATIVO, Leo_ATV_kzado_39, KAZADO45 MSN, casadosozinho, kasado, Ksado B Viagem Só, Ksado q namora, Kzado MSN, casadohotel, KAZADO..., kazado30/webacam, qro ksado (HxH), ksado 31, casado pass arruda, Gatokasado, casado46, ksado-casa, Carioca H casado, casado (cam), casado gato cam, kas, Engenhei-ks@do-cam, kasado, KZADO-CAM, Robertokzdo, kzadoQuernamorar</p>
--

Quadro 08: *Nicks* com apresentação de si como “casado”.

A construção do estado civil como casado também é posicionamento de procura em “gritos”, tal qual o de **daniel39cam-pe**, que questiona “alquem cara casado?”(01:51:25). Nos mesmos acessos, em 2009 e 2010, registramos apenas as construções de apresentações com estado civil solteiro em **Solteiro 18anos, solt 37H e solteiro**.

A apresentação de si como homem casado certamente, nesse espaço, pouco se refere a um “casamento” entre homens, mas, a um casamento heterossexual, visto que em nossa cultura essa palavra ainda não faz parte do cotidiano da população para se referir à união estável homoafetiva, ficando talvez restrita a usos em “bolsões”, territórios gays. Logo, acreditando nessa compreensão, temos aqui índices da masculinidade bissexual, de homens que estabelecem relações sexuais e afetivas com mulheres e homens. Mas, muitos desses não se posicionam como bissexuais, havendo assim um apagamento do masculino bissexual. Outros homens chegam mesmo a se posicionarem como heterossexuais, que procuram relações homoeróticas. Um *nick* que expressa esse posicionamento é **hetero afim**, em 24 de setembro de 2011 (nas páginas seguintes explicamos porque esse apelido é marca da construção de si como heterossexual em busca de relações homoeróticas). Assim, temos aqui, a heterossexualidade *queer*, pois não unitária, não convencional, fluida, com variações, ou simplesmente uma faceta do masculino bissexual, que vivencia a sexualidade dentro de um modelo hierárquico, aquele no qual é o gênero que ganha prioridade, ou seja, é a

priorização do jeito de ser masculino hegemônico, pautado na expectativa do papel do sexo, mesmo com o estabelecimento de relações homoeróticas. É o posicionar-se na masculinidade hegemônica, aquela que não se atrela ao feminino. O homem nessa faceta da sexualidade fortemente pautada pelo gênero é denominado de HSH, homem que faz sexo com homem, como nos informou Costa (2010). Nesse raciocínio, o sexo entre homens é discursivamente construído como apenas sexualidade, não gênero. Não há afirmação do masculino bissexual, nesses apelidos, mesmo existindo uma bissexualidade masculina, pois ela está ali nas coisas ditas, os outros a enxergam, mas esses homens não reconhecem a sua “existência”.

Outra característica dessa heterossexualidade com práticas homoeróticas na cultura nordestina, de acordo com Costa (2010), é o papel ativo na posição do intercuro sexual. Assim, construir na apresentação de si a posição que prefere na relação sexual é aspecto de grande importância entre muitos homens que teclam no *chat*, a exemplo de **Ruan pass** (passivo), como vemos no quadro 06. Os adjetivos “passivo” e “ativo” são bastante usados na construção de apelidos, revelando-nos o quão é importante a marcação de um papel sexual, pois, ao contrário do *gouinage*, satisfação sexual que não tem a penetração pura e simples como foco, mas a valorização das preliminares, tendência na França, como discutimos no *Capítulo 01*, é o paradigma tradicional do papel sexual que ainda é recorrente na construção de si como homoerótico, nas relações entre muitos homens, nas conversas tecladas, como podemos perceber em alguns *nicks*:

recife Gato pass, machopas, passivinho, h 51 pass gato, machpas, CARA PASS C/ LOCAL, sarado pass, ATIVO GATO, ksado27ATIVO, ATIVO BONITO, Leo_ATV_kzado_39, ativo pe, ATIVO pe, ATV PIEDADE, ATV qer fuder pass, MACHO pass PELUDO34, ATIVO SEM LOCAL, Aniver do dia H AT, Urso Ativo 18cm, ativoxativo e ativo-24

Quadro 09: *Nicks* com apresentação do papel no intercuro sexual

Ao usar *nicks* como **ksado27ATIVO** e **Leo_ATV_kzado_39** é claramente assumir-se como heterossexual *queer*, em linguagem popular, “aquele homem que come outro homem”, mantendo, desse modo, o papel ativo da masculinidade. “Homem”, nesta construção, é o sujeito heterossexual dentro das expectativas da masculinidade hegemônica, aquele forte, viril, másculo, ou seja, o “macho”. É o discurso que visa a manutenção da “coerência” do sistema de gênero inteligível; é a afirmação de que a

penetração é papel do homem, seja em uma vagina ou em um ânus, feminino ou masculino. É a masculinidade bissexual não pronunciada, pois a masculinidade hegemônica não se vê “incoerente”, pois, partindo do princípio de que a construção de si é relacional, ao falar de si, fala-se também do outro, nesse caso da bissexualidade, como “incoerente”, porque marca o interesse de homens pelo mesmo sexo, e não apenas pela penetração. Nesse discurso, a incoerência é anormalidade.

Nas apresentações de si como “macho” é o corpo que também é marcado no discurso; torna-se objeto de atenção dos homens nas conversas *online*. Assim, com o *nick Alex Malhado* produz-se a imagem de si, como homem sexual, através da imagem de seu corpo em sua condição atlética. Nesse sentido, a partir de Goellner (2003, p.29), o corpo é “mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações (...) é também o que dele se diz”. Provavelmente o corpo é marcado nos *nicks* porque, de acordo com Goellner (2003, p.39), “o corpo é o local primeiro da identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos”, é a localização do “eu” no visível do corpo (GOELLNER, 2003). Outras palavras aparecem na marcação dos *nicks* que se propõe a produzir a imagem de si através da imagem de seu corpo, impregnando-o de condições atléticas, tais como “dotado”, “sarado”, “saradinho”, “alto”, “bonito”, “boy”, “sexy”, “gostosinho”, “delícia”, “gostoso”, “gatinho”, “bom”, etc., como podemos ver nos *nicks* abaixo listados. Outros aspectos, tais como cor da pele, cor dos olhos, peitoral, tamanho do pênis, altura, peso e gestos (ou trejeitos) são índices da marcação da imagem do corpo, da imagem de si, em sentido de aparência e rendimento, a condição atlética do corpo do macho, bem explicitada em “boy dot sar maxo” (boy dotado sarado macho):

preto bom H x H, boy dot sar maxo, bronzeado 41, mar 22cm, nego tesudo, pedro 20cm, beto 22cm, 24cm 19 aninhos, Gato sexy, 18 centrimetros cam, 18cm cam, 22cm GP-\$\$\$ discreto x discreto, MALHADOprog-agora, roludo cam, moreno 187 altura, Bonito 1,85, moreno chocolate, NEGÃO 186 ALTURA, BOY-PROGRAMA, negao sarado, PROG- LOIRO21, seu negao gostoso, moreno olho verde, FODAUM, \$\$\$SARADO\$\$\$, sarado passivo, Gordo Bebo q Meter , Gutão, AltoSérioBonito 24, gay afemin pass , Gay afeminadissimo , boycompeitinhos , Urso Ativo 18cm, saradinho 15, peito cabeludo, Ursinhos carinhoso, Roludo 21cm, olhos azuis, Pauzudo cam

Quadro 10: *Nicks* com apresentação de si em sentido de aparência e rendimento.

O corpo de macho inscrito nos *nicks* citados é situado no discurso da beleza, no qual o ideal perseguido é o corpo belo, certamente produzido através de um estilo de vida fisicamente intenso, discurso que valoriza os corpos enxutos, em forma, sem excessos. O corpo do macho é construído nas salas através do imbricamento do discurso da virilidade masculina com o discurso do *fitness*. As palavras destacadas no parágrafo anterior são usadas como pertencentes ao mesmo campo lexical, para significar que o homem que assim se apresenta é “um cara presença”. É a marcação de um homem “gostoso”, de corpo torneado, um “boy”, como se costuma denominar em nossa sociedade. Logo, para a relação sexual, em nossa sociedade de consumo, esse é compreendido, nesse espaço, por muitos dos papeadores, como um corpo desejado, o que pode facilitar o “papo” e o encontro. Outra característica reforçada na construção dos nomes é aquela na qual os homens se apresentam como potentes na relação sexual, e assim marcam qualidades físicas, que se relacionem à virilidade, tais como em “doto” (dotado), “20cm” e “fodão”. Pelo exposto, podemos compreender que há com a construção da imagem do corpo do homem macho, a generificação desses corpos, a conformação do corpo (e do homem) à masculinidade hegemônica. Tais construções produzem efeitos de valorização desse corpo “sarado dotado de macho”, tornando o corpo uma “realidade biopolítica” (FOUCAULT, 1992, apud GOELLNER, 2003, p, 32).

O ideal de corpo “sarado de macho” se constrói em detrimento de outros corpos, produzindo, desse modo, hierarquias, ocultação, inferiorização e exclusão. Todavia, com os mesmos recursos linguísticos e a estratégia de produzir a imagem de si através da imagem do corpo, há a construção de um corpo de macho, bem como do macho, para os homens homossexuais ou não ativos, os passivos, aqueles em nossa cultura imaginados sempre com corpos efeminados, *nicks* negritados no quadro anterior. Assim, *nicks* como **sarado pass** (sarado passivo) constrói um corpo em condições atléticas para um homem passivo, e o apelido **machopas** produz significados de um homem que prefere a passividade na posição do intercurso sexual, mas que se considera “macho”, característica que expressa a virilidade, aspecto relevante para a masculinidade hegemônica. Nessas últimas construções discursivas é a “incoerência” que se torna a norma, pois, mesmo construindo-se como homoeróticos, fora da heteronormatividade, é o corpo do masculino hegemônico que é produzido para si. Há, nesse discurso, o

imbricamento das questões de gênero com as questões de sexualidade, regenerificando um corpo, para uma sexualidade considerada periférica, antes fortemente imaginado como feminino. Os “gritos” abaixo, de **MACHO_PASS_35**, em 01 de maio de 2009, e **sarado pass bvg**, em 20 de dezembro de 2010, são exemplos do discurso que significa o homem homoerótico passivo como um “cara com jeito, voz e atitude de homem mesmo”. É a resignificação do homem afeminado, ou passivo, através da resignificação de um “rótulo de identidade” (BUCHOLTZ e HALL, 2005):

(02:20:59) **MACHO_PASS_35** (reservadamente) fala para **Todos**: 1.85 87kj ..peludo, macho, a fim de semelhante ativo a fim de bom papo pra começar ..alguém?

01 de maio de 2009

(09:25:12) **sarado pass bvg** fala para **Todos**: oi galera sou gay discreto masculino boa pinta tenho 176e 78 kg bom papo efim d tc com homen s legais sem serem afeminados sou pass e carinhoso

20 de dezembro de 2010

Assim, os outros corpos imaginados com “defeitos” e com “excessos” são fortemente rejeitados por que não se incluem no padrão para o fetiche de consumo. O “grito” acima, de **sarado pass bvg**, em 20 de dezembro de 2010, e o “anúncio de si”, de **HUGOR BOA VISTA 30**, em 20 de dezembro de 2010, abaixo, constroem-se negando o “não homem”, aquele efeminado, “indiscreto”:

(08:49:33) **HUGOR BOA VISTA 30** fala (reservadamente) para **Todos**: alguém afim de tc com um cara de 30 anos que mora só na boa vista e que só curte cara com jeito, voz e atitude de homem mesmo?

20 de dezembro de 2010

Nos dados gerados em nosso estudo, há de modo expressivo o discurso da rejeição ao homem efeminado, considerado indiscreto, pois, seu corpo é um “não-corpo”; é um corpo “inviável”, um corpo abjeto, que para Butler (2010, p. 155), “(...) designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito,

mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”, isto é, o corpo de macho é construído juntamente na negação do corpo efeminado. Vejamos nos “gritos” e “anúncios de si”, abaixo:

“Gritos”

(02:03:28) **SARADO_GATO_MACHO** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara NÃO AFEMINADO afim de tcr com outro?

(09:31:43) **renam** cam (reservadamente) fala para **Todos**: algum ATIVO serio quer curte um RAPAÇ disreto não afeminado

(05:56:04) **ítalo hh** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara ativo disreto e nada afeminado afim de algo

“Anúncios de si”

(02:06:56) **SARADO_GATO_MACHO** (reservadamente) fala para **Todos**: 180, 76 kg, sarado, macho, bco, cabelos e olhos claros.. alguém não afeminado afim de tcr?

(01:25:57) **brow_de_bobeira** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara fim de tc??sou atv, 1,72m, 63kg, 18cm d epau e disreto. n curto caras afeminados....

(11:23:11) **GATO_AFIMhxx** (reservadamente) fala para **Todos**: 27 ANOS MORENO MALHADO VERSATIL DISCRETO SEM PELOS 181 86 19CM SEM LOCAL E SIGILOSO

Nos “gritos”, no primeiro quadro acima, os três homens forjam o discurso da procura por corpos viáveis, através do uso dos negativos “não” e “nada”, acompanhados do adjetivo “afeminado”, procuram seu oposto, o “discreto”. Se há procura, também há oferta. Nos “anúncios de si”, **brow_de_bobeira** e **GATO_AFIMhxx**, no segundo quadro, anunciam-se como esse homem com corpo “viável”. Com essas construções, geram o “ideal regulatório”. A rejeição de um jeito de ser do corpo masculino, aquele de traços femininos, é uma forma de controlar os corpos dos homens, sentidos que são agenciados e validados nas conversas *online*, pois, a grande maioria parece aceitar tal prerrogativa, pois acreditam que a feminilidade é politicamente incorreta nos homens (CARRARA, 2005).

Porém, há resistências sobre essa construção discursiva do corpo efeminado, como corpo abjeto. No contradiscurso, são os excessos e os defeitos que são tomados para si; é a condição de precariedade (Butler, 2009, p. 335), “aquellas vidas que no

están cualificadas como reconhecíveis, legíveis o dignas de despertar sentimento”, que é assumida. Os *nicks* **gay afeminpass**, **Gayafeminadissimo** e **boycompeitinhos** são construídos como contradiscurso, através da afirmação de si pelo rótulo de identidade “efeminado”, pois é o corpo de homem com jeitos de ser femininos, tanto em trejeitos, construídos através do superlativo de feminino, em **Gayafeminadissimo**, quanto na regenerificação do próprio corpo, como em **boycompeitinhos**. Há também, no discurso de busca por parceiros, a procura por aquele de corpo inviável, defeituoso, com excessos – a valorização da precariedade, como nos “gritos” de **BETÃO**:

(06:30:58) **BETÃO** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM EFEMINADO, COM LOCAL PERTO DE BOA VIAGEM?

(06:32:15) **BETÃO** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM EFEMINADO COM LOCAL EM BOA VIAGEM PRA ME DAR UMA CHUPADA NO PAU?

23 de setembro de 2011.

Na resistência ao discurso hegemônico do corpo viável, o corpo não sarado também é construído como viável, é a apresentação de si como um corpo de excessos, como em **Gordo Bebo q Meter**. Assim, nessa outra via, aqueles corpos não sarados e não machos são construídos nas conversas tecladas como corpos com vida e para a vida. É a sexualidade sendo reconstruída através de fortes elos com os aspectos de gênero, ininteligibilidade do gênero, no primeiro caso, e a sexualidade desvinculada do mundo *fitness*, no segundo.

Pelo exposto, através da análise das apresentações de si, seja no uso dos *nicks*, seja nos “gritos” ou nos anúncios de si, percebemos que, de fato, os encontros entre homens nas conversas tecladas é direcionado para a relação sexual, seja de modo mais implícito, quando constroem apresentações de si marcando territorialidade, idade, desejo de migração para outros espaços online e o sexo virtual, ou de maneira mais explícita, quando forjam o estado civil, afirmando-se machos que procuram teclar com machos, a posição no intercuro sexual, ou o corpo de macho; seja mesmo se posicionando como com um corpo do “não-macho” e um corpo “não-sarado” – é a busca por sexo entre homens que está sendo discursivamente, nas Salas Cidades e Regiões Recife-PE, construída, e também a busca por sexo com mulheres, de modo

menos significativo. Assim, são as características “hxh” (homem versus homem), bem como “afim”, que são bastante usadas na construção da imagem de si, recursos linguísticos que produzem significados da vontade de sexo entre homens, sexo sem compromisso, o sexo em si, o sexo pelo sexo, a busca do prazer e da alegria, a própria encarnação da liberdade sexual (BAUMAN, 2004).

Nas conversas tecladas no *chat* UOL é a partir da ideia de leveza, de velocidade, do descartável, da rotatividade, da instantaneidade e da disponibilidade que a relação sexual é discursivamente construída. Em nossa cultura do consumo, as experiências sexuais desses homens, e por esses homens, são tratadas tal qual uma mercadoria: é o ficar e o “curtir” que se impõem, expressos em palavras como “sacanagem” e “putaria”, como vemos nos “gritos” que seguem:

(11:00:41) **GatinhoDECUECafim** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUEM PENSA EM FAZER PUTARIA?????????

10 de junho de 2008

(01:45:19) **XUPADOR_D_ROLA** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara afim de sacanagem?

01 de maio de 2009

Nesses parâmetros, fortemente a sexualidade entre os homens nesse espaço *online* é construída como maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras (GIDDENS, 1993), sem as amarras da conjugalidade, e sendo a heterossexualidade apenas mais uma preferência sexual, aqui também ressignificada, que pode assumir-se *queer*. Todavia, nesse mesmo espaço há o discurso contrário a esse, promovido por homens que, se posicionando contrários à relação entre homens de modo plástico, intitulam-se de “sérios”, buscam “conversas sérias”, “sem sacanagem”, “sem putaria” – uma maneira de posicionar o comportamento do outro, daquele sujeito afim de sacanagem, como negativo; não o outro em si. Os discursos de **Jr_15 anos** e de **Ricardo x H** são emblemáticos dessa posição:

(02:46:06) **Jr_15 anos** (reservadamente) fala para **Todos**: Oiie algum cara afim de um papo serio sem frescura e sem putaria

10 de junho de 2008

(07:52:13) **Ricardo x H** (reservadamente) fala para **Todos**: algum kra afim de tc numa boa sem putarias?

10 de agosto de 2011

Aqui o que se impõe não é a resistência, o emplacamento de luta, mas a divergência, o posicionamento do comportamento do outro como “desvio”. É a estratégia da diferenciação (BUCHOLTZ e HALL, 2005) que se configura no discurso da relação entre iguais pelo paradigma da conjugalidade, é a busca da exclusividade na relação sexual, é a busca do namoro e da amizade entre homens. Para esses homens, parece que o pudor e a depuração do vocabulário são essenciais, não o discurso pornográfico. Mas a resistência toma forma em alguns discursos como nos “gritos” apresentados abaixo, nos quais os “rótulos de identidade” “viado”, “aidético” e “frango” são marcados como negativos; é o discurso do preconceito do homem heterossexual que faz presença nas conversas tecladas:

(11:22:39) **Kasado Q kasada** fala para **Todos**: ESTA PORRA SO TEM VIADO

09 de junho de 2008

(12:57:52) **Marcos37** fala para **Todos**: Haja *viado*!! Essas salas de recife deveriam ser rebatizadas para *Reciviado* 1, 2, 3, 4... *Putaq pariu*!!

01 de maio de 2009

(08:52:07) **Advogado** fala para **Todos**: eita que só tem *viado* e *aidético*

20 de dezembro de 2010

(06:10:44) **NEGÃO** fala para **Todos**: so tem *frango* aq é

28 de outubro de 2011

René Bi, ALEX BI, ROGER BI TORRE, Thonnynho bi, Marcelo bi chupa, Rafa-Bi 20anos, Jefferson-Bi, Tulio bi 25, caio.bi.chupa, Heitor_Bi, Danilo Bi, hugo bi, BRUNO BI, , Rafael bi, ALLEX X BI, tony kzado bi, Daniel bi, frank bi, renato Bi, Hugo-Bv-Bi, Kleber Bi,	Casado/bi/dotado, kzado bi, kzadobi, KASADOgostoso bi, EXCASADOBI AFIM, NOIVO BI cam, BiSolteiro 17
brother bi bvg, Brother.Bi.Cam	Cara Bi Legal, CARA BI, CARA BI INTERIOR,
Gostoso.milita.bi, SARADÃO.BI, black-gato-bi, Gatobimachosériocam, gatokersexoBi cam HH, gostoso bi, gato Biii, BONITÃO BI, Gatinho Bi 18, Gatinho_Bi_18a,	Macho bi agora, MACHOPICAO BI, Macho-bi-28 a
MÉDICO BI ATV, Executivo29 bi, milt bi a,	
Turista bi Bvg hxx, torço sport bi, novinho BI SEX,	Homem bi 23, Homem Bi, H-Bi-ATIVO-Afim,
Curioso by hxx, PutoSaradoBi, AVENTUREIRO BI,	sen sueño (H-bi),
Menino.bi, Garoto 15 anos, Bi,	CASAL-BI-Hoje-Fone, KSAL PROG BI \$\$\$\$,
SigilosoBi,	MORENO33BI CAM,
Bi.pass, Ativo BICAM H, Bi-ATIVO-19anos,	AlagoanoPORRETA-bi,

Quadro 11: *Nicks* e a construção de si como bissexual.

A partir de *nicks* usados, é possível considerar que muitos dos homens que se autointitulam bissexuais, constroem-se apenas com o uso da abreviação “bi”, para “bissexual”, acrescida a seu nome. Essa marcação os constrói, então, dando relevância ao próprio nome, certamente a sua construção social, isto é, a todas as marcas de sociabilidade que o nome possa carregar, e não dando relevância a outras características para dizerem-se bissexuais. Assim, ao usarem **ALEX BI** e **Danilo Bi**, por exemplo, estão apenas dizendo-se como homens que mantém relações sexuais (e ou afetivas) com mulheres e homens. É somente esse aspecto que é significado. Para esses, a masculinidade bissexual é construída separada de outra característica que ao homem possa ser agregada. É a construção de si como homem heterossexual e homoerótico, de modo direto e sem detalhes de como se veem em gênero e sexualidade.

Diferentemente, outros homens significam-se bissexuais não usando nomes, mas destacando outros aspectos de si, tais como a condição civil, sua estética e seu potencial físico-sexual, sua idade, sua posição no intercuro sexual, sua profissão, dentre outras. Assim, essa masculinidade, em condição bissexual, é construída quando é o estado civil, recorrentemente, o de casado, que é mostrado, na construção da apresentação de si através do *nickname*, como em **kzado bi**, ou mesmo quando esse homem se constrói como em processo para casamento, destacando o noivado, como em **NOIVO BI cam**. Assim, esse homem que marca sua apresentação de si como “casado”, ou outra

condição do estado civil, está construindo uma faceta da bissexualidade fortemente pautada pelo gênero, pois, produz sentidos de sua sexualidade também como homoerótico, sem, certamente deixar de marcar o masculino que cumpre com as expectativas do papel de seu sexo, como o noivado e o casamento, e até mesmo o namoro, com o sexo oposto. Essa construção da bissexualidade é forjada considerando o gênero, logo, surge aqui o masculino bissexual, não apenas a bissexualidade masculina. Do mesmo modo o homem se constrói masculino bissexual quando diz que é **BiSolteiro 17**, pois, estabelece, de forma semelhante, a marcação em parâmetros em que assume também a heterossexualidade, dentro das expectativas de gênero inteligível.

Em outros aspectos também, a masculinidade bissexual é construída dentro dos parâmetros da masculinidade hegemônica, como ao apresentar-se bissexual como “cara”, “homem”, “brother”, em sentido de ser “macho”, fazendo referências a si como “homem”, aquele que no intercurso sexual tem a ação, o que lhe garante a “coerência” e o coloca no sistema de gênero inteligível, entretanto, do mesmo modo que assume a coerência, constrói-se assumindo a “incoerência”, pois por seu discurso de interesse sexual em outro homem constrói sua identidade não apenas forjando a atividade sobre esse outro homem. Na mesma perspectiva discursiva, em construção de coerência e incoerência, encontram-se os homens que se constroem bissexuais destacando aspectos de seu corpo como um corpo masculino, tais quais os *nicks* que usam “gostosão”, “saradão”, “gostoso”, “gato”, “bonitão”, “picão” e “dotado”, dentre outros, os quais realizam marcação do corpo em aspecto de estética, a busca pelo belo, e em sentido de potência, a força física para o ato sexual.

Da mesma maneira, constroem-se masculinos bissexuais, assumindo a coerência e a incoerência da inteligibilidade de gênero, aqueles que marcam a atividade no intercurso do ato sexual, ao usarem a palavra “ativo”, ou alguma de suas abreviações, “a”, “at”, “atv”, “atvo”, dentre outras, como em **H-Bi-ATIVO-Afim**. Todavia, ao marcar a atividade, esses homens mesmo assumindo a incoerência, deixam índices de que é a penetração que lhes interessa, voltando-se para a heterossexualidade como norma. De modo oposto, outros homens têm construído a masculinidade bissexual marcando a passividade como a posição que assume no ato sexual, apontando a ininteligibilidade como marca de sua masculinidade sexual.

Outros marcam a bissexualidade considerando a idade, seja através de números ou de palavras que se remetam a ela, tais como “novinho”, “menino”, “garoto”, “coroa”, etc., em **novinho BI SEX**, **Menino.bi** e **Garoto 15anos Bi**, a qual pode estar imbricada ao fetichismo referente à idade, já discutido anteriormente. Outras vezes a bissexualidade é marcada como imbricada à profissão, ao local de onde tecla, dentre outras possibilidades, mas todas apenas tratando a bissexualidade, como sexualidade, não marcando, ou quase nunca, deixando pistas de construção do masculino bissexual.

Qual dessas masculinidades bissexuais “gritam” nas Salas e fazem “anúncios de si” e quais interesses em sexualidade e gênero são construídos? Vejamos o quadro com “gritos” e “anúncios de si”

“Gritos”

(11:31:24) **Renato Bi** fala para **Todos**: Algum Cara afim discreto

(02:48:35) **macho bi agora** (reservadamente) fala para **Todos**: algum brow macho e discreto afim agora?

(03:07:04) **Jard.S.Paulo BiHH** (reservadamente) fala para **Todos**: Algum cara ativo, discreto, não afeminado, que não se enconda atrás de masturbação virtual, que queira colocar os seus desejos em práticas, lógico, que discrição e sigiloso são adjetivos sinônimos para esse situação, que seja másculo. Vale ressaltar, que não seja mais um tolo digital... Eu sou um Bi, passivo, discreto e másculo?

(11:46:45) **Garoto 15anos BI** (reservadamente) fala para **Todos**: algum cara da caxanga ou perto afim de tc? que queria ter um relacionamento bom sou discreto e reservado!

(03:26:26) **MACHOPICAObi** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM CARA MACHO A FIM DE TROCAR IDEIA NA REAL? AFEMINADOS: NÃO!

(03:19:54) **MACHOPICAObi** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM CARA MACHO A FIM D TROCAR IDEIA NA REAL? AFEMINADOS: NÃO!

(01:01:42) **AVENTUREIRO BI** fala para **Todos**: ALG ATIVO QUE TENHA LOCAL A FIM NA REAL AGORA COM UM MORENO, MACHO, MILITAR?

Bi.pass (reservadamente) fala para **Todos**: algum brother ativo e discreto afim de tc?

(06:44:25) **Macho-bi-28a** (reservadamente) fala para **Todos**: ALGUM MACHO AFIM DE SER CHUPADO

“Anúncios de si”

(03:03:57) **Gatinho_Bi_18a** (reservadamente) fala para **Todos**: eu tenho 18 anos sou bonito, branco estilo playboyzinho 1,72, 68kg ainda não transei com caras, mas tô afim de ser passivo.algum cara interessante afim ??

(07:24:33) **BI_ATIVO_19ANOS** fala para **Todos**: sou ativo tenho 19 anos procuro passivos com menos de 19 anos. tenho 1,72alt 68kg sou branco magro cabelos e olhos castanhos claro não curto afeminados,negro,velhos e nem travestir

Quadro 12: Bissexuais em “gritos” e “anúncios de si”.

Nos “gritos”, encontramos na construção dos *nicks*, a masculinidade bissexual direta, aquela que não produz significados de detalhes de gênero tampouco de sexualidade, em **Renato Bi**. Todavia, essa masculinidade constrói-se em aspectos de gênero ao denominar-se de “cara”, no “grito”, pois, imbrica-se ao cumprimento da expectativa do papel de sexo, na masculinidade hegemônica, qual seja, o do homem macho, o “cara”, como já discutido anteriormente.

A mesma masculinidade, o masculino bissexual, faceta da masculinidade pautada pelo gênero, é construída para si por **macho bi agora**, e **MACHOPICAOBI**, pois constroem seus *nicks* destacando outra expectativa para o cumprimento do papel de sexo, pelo viés da masculinidade hegemônica, o de ser “macho”, e também o corpo de macho, ao se construir como potente sexualmente, no segundo *nick*, com o uso de “picão”. A mesma masculinidade bissexual também é construída por **Garoto 15anos BI**, pois se põe na interação como “discreto e reservado”.

Outra construção da masculinidade bissexual em que a coerência do sistema de gênero inteligível é buscada, mas também a incoerência, é aquela construída em **BI_ATIVO_19ANOS**, no “anúncio de si”, entretanto, diferente da anterior porque tem seu foco na atividade, assumindo preferência pela atividade no intercuro sexual, fortemente pautada pela heterossexualidade como a norma.

De modo oposto, há a masculinidade bissexual que se constrói como coerente e incoerente, mas que é a passividade que é assumida, como em **Bi.pass**, através da explicitação no *nick*, e de **Jard.S.Paulo BiHH**, **Gatinho_Bi_18a**, no “anúncio de si”, **AVENTUREIRO BI** e **Macho-bi-28a**, nos “gritos” proferidos, ao afirmarem sobre si: “bi, passivo, discreto e másculo” (03:07:04), “tô afim de ser passivo” (03:03:57), “algum ativo que tenha local afim na real” (01:01:42) e “algum macho afim de ser chupado” (06:44:25), respectivamente.

No interesse pelo parceiro sexual, é o homem de corpo não afeminado, másculo, por isso, discreto, reservado, com discrição e sigilo, que seja macho e ativo, que a maioria dos homens nesse espaço, nos “gritos” a “anúncios de si” acima, constroem como significados do outro com quem deseja ter uma relação sexual. É o corpo viável que é construído para o parceiro, bem como o coloca na masculinidade coerente porque assume expectativas do papel de gênero, bem como na incoerência, pois mantêm desejos por outro homem. O corpo “inviável” é construído como o do parceiro desejado, mas de modo menos significativo. Por fim, é considerável dizer que os masculinos bissexuais construídos nesse espaço de conversas *online* são construídos, bem como constroem seus parceiros, para uma vida invisível fora dos *chats*, necessária para o jogo da “curtição”.

As análises realizadas em *nicknames*, “gritos”, “anúncios de si” e algumas conversas tecladas abertas possibilitam a compreensão de que, de fato, nas Salas estudadas a participação dos homens é maioria, bem como que as conversas tecladas são de cunho sexual, ou seja, que nas conversas tecladas no *chat UOL*, Salas Cidades e Regiões Recife-PE, a temática central para a interação é recorrentemente a sexual. Ainda fica evidente que, nessas salas, diferentes masculinidades são construídas, reconstruídas, negociadas, e outras rejeitadas. As análises apontam para a construção do masculino homoerótico a partir de diversos aspectos da identidade social, desde simplesmente o nome, até apelidos que estabelecem referência à localidade do papeador, à idade, à disponibilidade para encontro real ou virtual, ao estado civil, à posição no intercuro sexual, ao corpo etc. Foi possível também compreender que de modo expressivo é a sexualidade plástica, em sentido do sexo pelo sexo, que está sendo construída nesses bate-papos entre homens. Assim, essa construção se realiza pela escrita pornográfica. Todavia, também há o discurso de divergência dessa sexualidade, através daqueles que não buscam “sacanagem” e se constroem como “sérios”, e até mesmo o discurso de repressão indireta a partir da voz do cristianismo.

Ao falarmos das masculinidades, de modo geral daqueles homens que estão se construindo homoeróticos, compreendemos que há a construção, dentre eles, do masculino heterossexual com práticas homoeróticas, a heterossexualidade *queer*. Ou seja, uma prática bissexual não falada, pois esse homem se constrói em cumplicidade com o discurso da coerência do sistema de gênero inteligível. É aquele que se constrói

a partir do cumprimento da expectativa do papel de sexo, através de marcações que indicam o imbricamento de sua identidade ao masculino hegemônico. É um homem bissexual em cumplicidade com a heterossexualidade hegemônica, por isso, não dito; sem marcações da bissexualidade.

Ainda nas análises, deparamos com a construção de um masculino bissexual assumido, direto, pois, sem detalhes de gênero e ou sexualidade. Outra masculinidade bissexual é aquela dita e fortemente pautada pela masculinidade heterossexual, pois se significa a partir das expectativas do papel de sexo em relação à conjugalidade, ou através de índices do homem “macho”, bem como em relação ao corpo de macho. Outra é aquela que tem a heterossexualidade como norma, pois, é a posição de atividade na relação sexual que é preferida, é a penetração que constrói esse masculino como inteligível. Mas, de modo oposto, há a construção do masculino bissexual que se constrói preferindo a passividade, assim, é a ininteligibilidade que é a regra. Pelo exposto, de modo geral, há a construção de quatro masculinidades bissexuais assumidas, e um masculino bissexual, não dito, mas que deixa à mostra a sua heterossexualidade *queer*. Quanto ao interesse por parceiros sexuais, é o masculino hegemônico que é buscado de maneira expressiva, aquele macho, de corpo viável. Outro detalhe analisado sobre a construção das masculinidades bissexuais é que são construídas para uma vida invisível fora desse espaço de “curtição”.

ANÁLISES – BLOCO 2

Entrevistas e Narrativas de si – posicionamentos/marcações da identidade masculina bissexual

OS DADOS analisados na primeira parte foram gerados pela observação participante, uma observação circunstante, a daquele participante que não é considerado sujeito oficial nas conversas, mas, às quais ele tem acesso, acompanha-as temporariamente e capta fragmentos delas. Foram desses flagras das conversas que geramos os *nicknames*, os “gritos”, os “anúncios de si” e algumas conversas abertas. Entretanto, resolvemos “ouvir” os homens que se posicionam como bissexuais para que “falassem” sobre essa identidade sexual. Nesse sentido, são geradas, então, entrevistas, que tem como foco compreender a construção do masculino bissexual frente à própria compreensão dessa construção de sexualidade e de gênero, em relação ao espaço *online* dos *chats*, à posição que preferem no intercuro sexual, à declaração ou não da identidade bissexual, ao preconceito social referente a esta identidade, e sobre outros aspectos que surgem no processo da entrevista, em intuito de ampliar as análises decorrentes dos flagras das conversas, antes citados.

Dos acessos realizados nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011, foram geradas 16 entrevistas com homens bissexuais, as quais são agora analisadas (encontram-se em *Anexos*). Os entrevistados são **Henrique.23/Henrique**, **gato_boa_vista**, **Brother_**, **Eu sou bom!**, **andre**, **Edduuaarddooo**, **ksado-casa**, **BRUNO**, **IRÃ 24cam**, **curiso by hxx**, **nerd 22/wesley**, **Preto bom HxH**, **boy23a**, **sem compromisso**, **Gatinho_17.HxH** e **Gatinho Bi 18**. A partir das construções de si, através dos nomes ou *nicknames*, alguns desses homens podem ser relacionados ao masculino bissexual não dito, mas com vestígios da prática bissexual, tais como **gato_boa_vista**, **boy23a**, **Eu sou bom**, **Preto bom HxH**, **ksado-casa**. Outros se constroem a partir do nome ou *nickname* como bissexuais ditos, declarados; um apenas dito direto, pois, sem detalhes de gênero e de sexualidade, como afirmamos anteriormente, como **curiso by hxx**, outros como bissexuais declarados, que se imbricam ao masculino hegemônico, como em **Gatinho_17.HxH** e **Gatinho Bi 18**, que apesar de se mostrar bissexual declarado, esse

último, é uma masculinidade bissexual falsa, entenderemos mais adiante. Os homens **Henrique.23**, **Brother_**, **andre**, **Edduuaarddooo**, **BRUNO**, **nerd 22/wesley**, **IRÃ 24cam** e **sem compromisso** não se constroem nos nomes ou *nicks* como bissexuais, pois não deixam pistas de sua prática bissexual, mas assim se significam para a entrevista. Logo, podemos aventar a hipótese de que, nas Salas, esses últimos homens configuram suas identidades como bissexuais, sendo a não marcação um índice da construção da invisibilidade desta identidade de gênero e/ou de sexualidade.

As entrevistas são aqui mostradas por excertos, aqueles relacionados aos tópicos que aqui elencamos como sendo relevantes para alcançar o objetivo proposto pela pesquisa, qual seja, compreender as masculinidades bissexuais em sua construção *online*. Nos excertos que seguem, analisamos o discurso sobre i) a internet como um espaço de socialização, ii) os posicionamentos assumidos por pesquisador e sujeito da pesquisa, iii) os posicionamentos acerca da compreensão da bissexualidade, iv) da posição no intercurso sexual que o homem bissexual assume, v) da existência do preconceito (ou não) na sociedade em relação ao homem bissexual e vi) à declaração (ou não) da bissexualidade para a sociedade. Relacionados a cada tópico, mostramos apenas dois excertos, e citamos trechos de outras entrevistas quando necessários, bem como *pequenas narrativas de si* para ampliar a análise dos dados.

O homem bissexual e sua compreensão do *chat*

“e na net... vc procura sempre o sexo oposto ou o mesmo sexo? Pq?”

Que posicionamento esses homens bissexuais assumem em relação ao espaço do *chat*, frente à prática sexual? Vejamos dois excertos de entrevistas com homens bissexuais não declarados e sem vestígios da bissexualidade: **Edduuaarddooo** e **BRUNO**.

Excerto de entrevista 03

<p>(03:09:16) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddooo: e na net... vc procura sempre o sexo oposto ou o mesmo sexo? pq?</p> <p>(03:10:18) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddooo: ???</p>
--

(03:10:53) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum costume procuro eu avalio a conversa independente do sexo mas geralmenten é mais homem pq na minha vida pessoal naum abro espaço pra isso e a net é o unico meio q uso para relacionamentos e esquemas com homens e com mulher as vezes rola pela Jnet mas com menos frequencia geralmente rola mais no dia a dia

(03:11:47) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: sei sei...

(03:12:18) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: e off line vc naum "paquera" o mesmo sexo? isto é, naum vivencia a pratica bissexual?

(03:12:41) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum

(03:12:50) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: so pela net

(03:13:06) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: pq?

(03:13:43) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: rapaz

(03:14:07) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: num curto da abertura pa isso naum

(03:14:12) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: mas pq?

(03:14:16) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: acho q esse meu lado

(03:14:18) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: qual a diferenca!?

(03:14:26) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: ninguem precisa saber

(03:14:33) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: aq é bem mais fácil

(03:14:52) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum sei quem vc é nem vc sabe o q sou

(03:15:01) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: e aq da pa pelo menos avaliar um pouco

(03:15:04) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: a intenção

(03:15:10) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: se quer conhecer ou naum

(03:16:01) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: entendo...

(03:16:11) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: q mais?

Excerto de entrevista 04

(02:04:47) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: ah blz... me fala... com que frequencia vc entra no chat e o que procura?

(02:05:17) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: uma vez por semana... conhecer pessoas

(02:06:03) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: conhecer conhecer... ou com foco na relação?

(02:06:07) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: sexual?

(02:06:37) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: mas voltado para relação sexual

(02:06:55) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: ah blz...

(02:07:08) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: eh sempre que ocorre a migração chat-msn?

(02:07:18) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: não

(02:07:58) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: naum... achava que fosse

(02:08:04) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: o que trava?

(02:08:49) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: primeiro pergunto as características: idade, tipo fisico, do que gosta

(02:09:12) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: e?

(02:09:55) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: prefiro caras mais jovens malhados

(02:10:22) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: ah ... entaum normalmente entra em busca de caras, nunca de mulher?

(02:10:52) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: mulher aqui e muito dificil, mas

tento tbm
 (02:11:08) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: ah blz
 (02:11:17) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: e qaundo ocorre a migração pro msn?
 (02:12:15) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: quando curto a pessoa
 (02:14:10) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: vc costuma tc com outros caras no msn?
 (02:14:41) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: sim
 (02:15:21) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: eh papo ou normalmente eh sexo?
 (02:15:38) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: as duas coisas

Na condição de pesquisador/entrevistador, no excerto 03, o uso do advérbio “sempre”, ao questionar acerca da procura por parceiros sexuais, se “sexo oposto” ou “mesmo sexo”, é um recurso para que **Edduuaarddoo** se posicione em relação à frequência dessa busca; é uma tentativa de fazê-lo dar ênfase às oscilações de seus acessos. Assim, **Edduuaarddoo** ao responder “naum costume procuro (procurar)”, almeja também ser direto e enfático. Ao que parece, ele apenas responde sobre a procura, construindo um significado negativo em relação a esse comportamento, colocando a “avaliação” como comportamento oposto à “procura”, em linguagem mais popular, à “caça” por parceiros, sendo para si a “avaliação” independente do sexo. Entretanto, negando a “procura”, afirma ser “mais [o] homem”, o outro que é por ele endereçado como seu parceiro sexual, nesse espaço *online*. Assim, constrói uma polaridade para a vivência de sua bissexualidade: a internet, *chat*, como o espaço para “relacionamentos e esquemas” com homens, e a vida *off-line* para “relacionamentos e esquemas” com mulheres, porque é a invisibilidade que almeja para a bissexualidade fora dos *chat*, visto que, segundo ele, desse “seu lado”, “ninguem precisa saber”. A conversa teclada é então significada como o único meio possível para a bissexualidade.

A frequência é também enfatizada nos questionamentos a **BRUNO**, mas, não lhe dando opções sobre sua procura, como foram propostas a **Edduuaarddoo**, apenas destacando os acessos ao *chat*. Ele tenta em seu discurso ser comedido, pois diz que entra “uma vez por semana”, e não faz referência às relações sexuais ali realizadas, colocando-se apenas para a simples busca por “conhecer pessoas”, índice também de generalização, pois, não é o sexo/gênero que é almejado, mas as “pessoas”. Sobre o uso desse sintagma, comentamos no *Capítulo 03* que é muito conhecido e comentado, pois entre os *queers* é usado quando não se quer revelar o gênero do parceiro, funcionando como um recurso para a não marcação da sexualidade. Nesse caso, não enfatizá-la.

Porém, esse entrevistado não permanece nesse posicionamento ao ser questionado, reposicionando-se, ao afirmar que a sua entrada nas Salas está “mas [mais] voltada para relação sexual” (02:06:32) e que são “caras mais jovens malhados” (02:09:55) que são seus alvos. Todavia, diferente da argumentação construída por **Edduuaarddooo**, ele forja-se também como interessado em conversas com mulheres, mas justifica o não (ou pouco) contato pela falta delas nos *chats*.

Em entrevista, **nerd 22**, que, ao migrarmos para continuar a entrevista no *Messenger*, torna-se **wesley**, diferentemente de **BRUNO**, afirma-se como usuário desse *chat*, pois acessa “quase todo dia”, mas, constrói-se apenas interessado em “bater papo”, e o uso do advérbio “nunca” reforça esse discurso, ao dizer “nunca sai para ser sincero”, contrapondo-se à solicitação de que se posicionasse sobre a questão se o *chat* seria “uma maneira de caçar”, argumentando a falta de confiança pelo anonimato do *chat*, tal como já assim também se posicionou **Edduuaarddooo**, ao expor as necessidades de avaliação do outro com quem dialoga, em termos de intenção, por exemplo. Nesse sentido, **Edduuaarddooo** e **nerd 22/wesley** constroem-se como cautelosos sobre as Salas e sobre o outro com quem dialoga, conectando, assim, os significados de não se construírem na apresentação de si como homens bissexuais declarados e/ou com vestígios da bissexualidade. De igual modo, buscam não dar ênfase ao fato de que o *chat* é um espaço no qual é o relacionamento sexual que é procurado, mesmo o admitindo.

O encontro: bissexuais e pesquisador

“Mano... vc eh bi!?”

Partindo da compreensão de que alguns dos homens entrevistados se constroem como bissexuais não declarados, em seus *nicks*, e cautelosos quanto ao espaço da *web*, é importante para nosso propósito de estudo que compreendamos como se deu o “encontro” entre pesquisador e pesquisado, pois, considerando que são sujeitos que se vinculam a uma identidade sexual/gênero considerada ainda em nossa sociedade, por grande parte da população, como periférica, almejamos entender que posições esboçam ao cogitar a possibilidade de “declarar-se”, “falar de si”, mesmo que no anonimato do espaço virtual. Algumas estratégias foram usadas para atrair a atenção do sujeito a ser

entrevistado, quais sejam, i) possuir conhecimentos acerca da comunidade estudada (LOPES, 2006), explicitada no uso da mesma linguagem dos papeadores, em sentido de ser o mais informal possível, e usar as mesmas palavras e expressões - dessa estratégia, o “grito” foi o recurso interacional elencado, como em “algum kara bi afim de te!?”, para tornar-me alvo de homens bissexuais, como já explicitamos na *Introdução*; e ii) ao ser endereçado por algum homem, iniciar o diálogo e, só após saber de seu interesse na conversa, explicitar o propósito de pesquisa, como nos contatos com **Henrique.23** e **BRUNO**, respectivamente, mostrados adiante. Nessas estratégias, o homem que participa da entrevista se defronta com o “jogo cruzado”, a conversa que vai além da fronteira do “encontro” dominante naquele espaço (GOFFMAN, [1972] 2002). Vejamos alguns desses “encontros” e como se constroem:

Excerto de entrevista 05

(11:17:22) Estudante (reservadamente) fala para Todos: algum kara bi afim de te!?

(11:19:38) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: blz

(11:21:49) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: oi... tudo bem!?

(11:22:22) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: tcs d ond idade

(11:24:15) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: Mano ... vc eh bi!?

(11:24:30) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: sim e vc? curto h e m

(11:25:00) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: ???????????

(11:27:14) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: sou estudante ... de pos e to desenvolvendo uma pesquisa sobre a bissexualidade masculina... topas conversar online comigo sobre...?

(11:27:39) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: so conversar?

(11:27:59) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: to afim d fuder cara, quero sabe d papo não.

(11:28:32) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: blz! sem pro!

(11:28:40) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: vd tem namorada!/?

(11:28:53) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: não to solteiro

(11:28:59) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: e vc?

(11:29:46) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: bora pro msn

(11:30:29) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: mas vc disse que naum keria falar comigo sobre a pesquisa!/?

(11:31:05) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: sim, vc disse q sem problema, então vc toparia algo a mais hehe

(11:31:25) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: rssss ... naum... brigado!!

(11:31:33) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: heheheh!!!

(11:31:39) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: mas se mudar de ideia ... to aqui!

(11:31:51) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: tu so curte mule?

(11:32:53) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: soh mano!

(11:33:08) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: vai diz teu msn, q a gente conversa lá.

(11:33:26) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: me conta ae como rola a bissexualidade ...

(11:33:32) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: pode ser!?

(11:33:49) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: eu falo mas antes vc tem q me da umas explicações

(11:34:06) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: diz ae

(11:34:43) Henrique.23 (reservadamente) fala para Estudante: pq esse tema?

(11:35:25) Estudante (reservadamente) fala para Henrique.23: pq acrdito que muitos caras sao e parece que a sociedade apaga essa pratica... e quando fala considera como homo... negando a existencia... entende?

Excerto de entrevista 06

(01:33:44) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: blz

(01:34:13) Estudante fala para BRUNO: opa ! blz!

(01:34:23) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: de onde tc

(01:35:06) Estudante fala para BRUNO: cdu... mas mano.. to soh dando uma olhada , blz!?

(01:35:23) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: blz... o que vc curte?

(01:36:12) Estudante fala para BRUNO: sexo?

(01:36:22) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: isso

(01:36:40) Estudante fala para BRUNO: sou hetero

(01:37:03) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: legal... qual sua idade?

(01:37:42) Estudante fala para BRUNO: 32 mano

(01:37:44) Estudante fala para BRUNO: e vc?

(01:38:08) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: 25 nunca teve curiosidade de sair com homens?

(01:38:26) Estudante fala para BRUNO: naum mano...

(01:38:41) Estudante fala para BRUNO: e vc, que orientaçao sexual vc tem?

(01:38:50) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: bi

(01:39:04) Estudante fala para BRUNO: ah blz

(01:39:13) Estudante fala para BRUNO: estudo sobre bi masculino

(01:39:30) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: legal... e qual suas conclusões

(01:40:10) Estudante fala para BRUNO: ainda naum tenho...por iso to aqui dando uma olhada

(01:40:10) Estudante fala para BRUNO: risos

(01:40:19) Estudante fala para BRUNO: quer comentar a respeito?

(01:40:42) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: posso comentar

(01:40:55) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: poe no reservado para conversarmos mais a vontade

(01:41:18) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: ok

Ao se depararem com o “jogo cruzado”, com a entrevista sobre bissexualidade, e não apenas com uma conversa de cunho sexual, como esperada, os homens entrevistados, de modo geral, reagiram satisfatoriamente, concordando com o bate-papo, posicionando-se, assim, indiferentes. Entretanto, existiram aqueles, como **Gatinho_17.HxH** e **Gatinho Bi 18** que pareceram se posicionar como “necessitados”

daquela conversa, como uma espécie de “confissão” da bissexualidade, pois optaram por fazer relatos de si. Todavia, há algumas recusas, como no encontro com **Henrique.23**, que inicialmente hesita em participar da entrevista, resistindo, reafirmando seu propósito naquele agrupamento de pessoas, em “so conversar?” (11:27:39) e “to afim d fuder cara, quero sabe d papo não” (11:27:59). Mesmo assim, após posicionar-me de modo insistente, ele aceitou conversar, mas, demonstrando ainda seu interesse sexual, agora me posicionando também como interessado no sexo virtual entre homens, em “sim, vc disse q sem problema, então vc toparia algo a mais hehe” (11:31:05). Possivelmente, esse comportamento de **Henrique.23**, acontece porque ele acredita, tal como foi explicitado por **curiso by hxx**, tratar-se de uma desculpa minha para poder ter acesso aos bissexuais, quando duvida “mais ainda ta pra uma bela descupa” (03:26:54), referindo-se aos objetivos do estudo ora apresentado; ou de não ter coragem de dizer isso abertamente, como julgou **nerd 22/wesley**, ao questionar “ta querendo ficar com algum kra, mais ta com receio é?”, certamente posicionamentos advindos do estranhamento, como posicionou-se **Edduuaarddoo**, ao considerar “nunca vi nada parecido em internet mas tudo bem”(03:05:29).

Para o “jogo cruzado”, e como fruto do estranhamento a esse estudo, alguns homens bissexuais, provavelmente em decorrência da cautela que alguns já esboçaram em relação ao espaço virtual, usam a estratégia da negociação acerca dos propósitos da pesquisa, em relação ao o que é e o porquê desse estudo e em relação a minha identidade sexual, ao me questionarem, visto que, como já dissemos, no *Capítulo 04*, na entrevista nesse espaço *online* o entrevistado pode fugir de seu papel canônico e assumir o papel de entrevistador, a exemplo de **Henrique.23**, em “eu falo mas antes vc tem q me da umas explicações” (11:33:49)/“pq esse tema?” (11:34:43); “vc faz o que?” (02:23:40), em **IRÃ 24cam**; “um (hum) pq?” (03:25:52), em **curiso by hxx**, em resposta à argumentação de meu propósito, “a ideia eh falar da bi masculina *online*” (03:25:52), e em “vc estuda oq?/e onde”, em **nerd 22/wesley**. Ainda sobre ressalvas, é a conversa aberta, formato no qual todos os participantes têm acesso ao conteúdo da interação, que se torna o foco de **BRUNO**, ao solicitar que seja o “reservado” o modo pelo qual a entrevista deve ser realizada.

Quanto a minha identidade sexual, surgiram perguntas como “tu so curte mule?” (11:31:51), em **Henrique.23**, e “o que vc curte?” (01:35:23), em **BRUNO**. Sobre a

significação da minha identidade sexual, optei por posicionar-me pela não marcação, como uma espécie de neutralidade, o que, de fato, não foi, na maioria das entrevistas, possível, pois surgiram os questionamentos. Assim, em mais uma tentativa de neutralidade, foi a verbalização da heterossexualidade que assumi, tal qual em “soh mano” (11:32:53), em respostas a **Henrique.23**, e “sou hetero” (11:36:40), em resposta a **BRUNO**. Tal posicionamento é uma estratégia discursiva para me manter fora, tentativa de forjar-me enquanto pesquisador não *queer*, para atender ao preceito de manter a devida distância, tornando-os estranhos, ao tempo em que me posicionava em sua direção (AMORIM, 2004). Entretanto, estive consciente de que na negociação das identidades podem existir desencontros e os significados serem incompreendidos (NELSON, 2006), como o que acontece na posição de dúvidas assumida por alguns dos entrevistados, tal como põe em xeque **curiso by hxxh**, ao indagar “vc quer saber o costume (costume) ou ta com medo de gosta (gostar)” (03:23:04). De todo modo, as questões referentes à minha identidade sexual não receberam destaque, pois a condução das entrevistas direcionou-se para a compreensão/posição daqueles homens em relação à masculinidade bissexual.

Mesmo sendo no anonimato, e de modo geral pré-dispostos à entrevista, preferem estabelecer uma negociação acerca dos propósitos da pesquisa e da minha identidade sexual, como o entrevistador. Esse posicionamento é um índice que aponta para o caráter reservado das masculinidades bissexuais. Por outro lado, falar de si pareceu se constituir importante recurso para os garotos iniciantes na bi/sexualidade.

O que é a masculinidade bissexual, as masculinidades bissexuais

“entaum... o que e a bissexualidade?”

Se o posicionamento que temos apresentado desses homens em relação às masculinidades bissexuais é fruto da análise da construção de si através de alguns jogos interacionais nas conversas tecladas, tais como os *nicks*, o que eles dizem acerca da

masculinidade bissexual a outro homem, que se posiciona como heterossexual, em entrevista, em espaço *online*, em um “jogo cruzado”?

Excerto de entrevista 07

(03:26:57) Estudante fala para curiso by hxx: vc eh bi ou homo?
 (03:27:09) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: sou by
 (03:27:10) Estudante fala para curiso by hxx: ?? como??
 (03:27:25) Estudante fala para curiso by hxx: eae.. queres tecer algum comentario a respeito?
 (03:27:32) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: pergunta
 (03:27:36) Estudante fala para BOY QUER VER ROLA: vc eh homo ou bi, cara?
 (03:27:40) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: se me entereça respodo se não
 (03:27:46) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: fica no vacu blz
 (03:28:23) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: manda?
 (03:28:52) Estudante (reservadamente) fala para curiso by hxx: o que eh pra vcs ser bissexual? antes, que idade vcs tem?
 (03:29:45) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: um pra me são pessoas q gostan de curi o melho dos dois mundo
 (03:30:54) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: so se algum pergunta
 (03:30:54) crystiano_cam fala para menina seria!!!!!!: oi
 (03:31:12) curiso by hxx (reservadamente) fala para Estudante: adoro sexo com h ou m gosto de praza e o resto e Resto

Excerto de entrevista 08

(04:06:08) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: entaum... o que e a bissexualidade?
 (04:06:32) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: busca de satisfação sexual com pessoas de generos sexuais diferentes.
 (04:07:49) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: oxe... diferentes ou iguais?
 (04:07:54) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: naum entendi!
 (04:09:15) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: desistiu?
 (04:10:26) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: diferentes, homens e mulheres
 (04:11:18) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: vc eh casado. como vc encara visto jah ter uma relação no casamento?
 (04:11:28) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: de forma bem tranquila
 (04:14:21) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: como assim!? e sua esposa.. sabe?
 (04:20:19) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: desistiu!?
 (04:20:27) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: nao, estou aqui
 (04:20:46) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: falei que minha esposa nao sabe
 (04:21:02) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: perguntei como administra a relação com a esposa visto que tbm tem desejos por outros homens..
 (04:21:11) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: como uma traição normal
 (04:21:25) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: vc jah se apaixonou por outro

homem...?
 (04:21:30) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: n
 (04:22:39) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: mas ha pra vc a possibilidade?
 (04:22:48) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: sua idade?
 (04:22:54) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: não
 (04:22:57) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: 38 anos
 (04:23:20) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: pq naum ha essa possibilidade pra vc?
 (04:24:26) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: ???
 (04:25:49) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: ja sou apaixonado.
 (04:26:11) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: ah ... entendo...
 (04:26:16) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: entaum busca soh sexo!
 (04:26:33) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: fora da net.. vc "paquera"?
 (04:27:24) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: isto, so sexo
 (04:27:25) ksado-casa (reservadamente) fala para Estudante: não
 (04:28:07) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: interessante!
 (04:28:09) Estudante (reservadamente) fala para ksado-casa: rsssss

Nas entrevistas com **curiso by hxx** e **ksado-casa** é o questionamento da bissexualidade, em sentido do sentir-se bissexual e em sentido do que venha a ser esse comportamento, que ganha vida. Nas respostas, **curiso by hxx**, bissexual declarado direto, posicionado como solteiro, significa a bissexualidade como o “gostar” de “curtir (curtir) o melho (melhor) dos dois sexos” (03:29:45). Ao referir-se a “as pessoas”, inclui também a mulher, visto que com esse sintagma procura generalizar em termos de qual sexo ou gênero pode construir-se bissexual, talvez em tentativa de assumir para si uma defesa por ser bissexual declarado. Ao fazer a retomada de “gostar”, para melhor se posicionar a respeito do que é a bissexualidade, relaciona a ação ao sexo, em “adoro sexo com h ou m gosto de praza (prazer) e o resto e o Resto” (03:31:12). Nessa construção linguística, a bissexualidade é significada pelo sexo e prazer. Além disso, dá a entender que ao dizer “o resto é o resto” constrói-se como um homem bissexual não preocupado com as amarras impostas a essa condição, a heteronormatividade.

Ksado-casa também significa a bissexualidade como apenas um aspecto de sexualidade, ao explicar que é a “busca de satisfação sexual” (04:06:32), com homens e mulheres, e que, mesmo sendo casado, a relação com outro homem é encarada por ele de forma “bem tranquila”. O uso do advérbio “bem” intensifica sua posição, transformando-o, assim, em um homem bissexual sem as preocupações em relação à manutenção de relações sexuais com homens, fora do casamento, pois, julga ser “uma traição normal” (04:20:46). Se no excerto 07, o “gostar” está relacionado ao sexo, ao prazer, no excerto 08, é o sentido de relegação do gostar, em seu sentido de “apaixonar-

se”, que é construído, com a diferença, em relação ao anterior, na argumentação utilizada, pois é o fato de estar apaixonado que é usado – é a busca pelo sexo que assume prioridade na compreensão do que seja a bissexualidade: “isto, so sexo” (04:27:24). Seguindo esta lógica, a “paquera” a outro homem não é apresentada como possível para a bissexualidade, por esses dois homens, ao menos no espaço da vida *off-line*.

Os outros homens bissexuais não declarados, mas com índices da bissexualidade em seus *nicks*, tal qual **ksado-casa**, constroem a bissexualidade como aquilo que dá prazer, não interessando a pessoa, em **garoto_boa_vista**; a prática sexual de um homem com outro homem, em **Eu sou bom!**; e todo tipo de putaria, em **Preto bom HxH**, esse posicionado como casado. Apenas **boy23a** constrói a bissexualidade como o “gostar de ambos os sexos!” (08:06:19).

Seguindo os mesmos sentidos propostos pelos masculinos bissexuais não declarados, excluindo-se desse grupo somente **boy23a**, e aquele declarado direto, antes mencionados – **curiso by hxx**, a maioria dos homens bissexuais não declarados e sem marcações da bissexualidade na apresentação de si, nos *nicknames*, como **Henrique.23**, **Brother_**, **andre**, **nerd22/weslwy**, **Edduuaarddoo** e **BRUNO**, posicionam a bissexualidade apenas como sexualidade (impulso biológico?), visto que ao fazerem referência ao o que é, a como se sentem bissexuais e a como a encaram/percebem, é o desejo, a atração e o prazer que são citados como os aspectos que a constituem. Em relação a esses significados, quando, na condição de entrevistador, um reposicionamento é proposto para **andre** e **Edduuaarddoo**, incluindo para a bissexualidade o amar, o apaixonar-se, o carinho, o afeto e a relação duradoura. Esses os aceitam, mas sem acrescentar detalhes desses outros sentidos, que vão além do prazer e do sexo, apenas dizem “sim” (12:13:06), e “perfeito” (03:07:50) e “isso mesmo” (03:07:52), respectivamente. **andre** ainda atrela a bissexualidade ao discurso da conjugalidade, pois, é o relacionamento que é também pontuado por ele, como um dos aspectos dessa masculinidade e, além disso, posiciona-se como um masculino bissexual “sério”, aquele homem que não está à procura apenas do sexo pelo sexo, mas de seriedade e exclusividade da prática sexual, reforçando esse discurso quando afirma “sinto atração por homens e mulheres..... sou de levar relação a serio...quanto (quando) estou com um nao fico com outro...” (12:16:02). Desta maneira, assume um caráter da

masculinidade bissexual que vai de encontro com a maioria dos papeadores das Salas pesquisadas.

Já **IRÃ 24cam** significa a bissexualidade como o interesse pelos dois sexos, mas não faz referência ao sexo, ao amor, à paixão, à relação e ou à conjugalidade. E **sem compromisso** assume uma posição de não significar a bissexualidade porque para ele ela não existe, existindo apenas a sexualidade, sem a categorização e ou rótulo que nossa sociedade costuma sustentar como parâmetro de organização da inteligibilidade. De acordo com essa percepção, “n existe bi homo e hetero existe sexual” (08:01:31). Assim, esse homem constrói-se de maneira contraditória, pois, ao mesmo tempo em que se afirma bissexual, e por isso, sente-se endereçado ao meu “grito” à procura de masculinos bissexuais para as entrevistas, tenta não significar a bissexualidade em função da sua não existência. Posiciona-se negando a norma para as sexualidades existentes nas sociedades ocidentais, a heteronormatividade, aquela a partir da qual historicamente as outras sexualidades foram sendo construídas, como periféricas, abjetas. Todavia, ao parecer que se vincula a um discurso da revolução sexual, aquele da sexualidade plástica, para o qual a heterossexualidade é apenas mais uma das possibilidades para relacionamentos afetivos e sexuais entre os sujeitos, é a outro entendimento que se vincula, pois, ao dizer “eu acho que esse termo [bissexualidade] é um clichê o que existe e sexualidade” (08:01:07), traz a voz da heteronormatividade, visto que situa a sexualidade como apenas um impulso sexual no corpo, mas também a nega, ao não aceitar a categorização, pois para si esse impulso não é “programado” em direção a um dos sexos/gêneros. Ao mesmo tempo também se constitui como sujeito sexual autônomo, livre das convenções sociais, ao dizer, em nossa negociação de sentidos, que “a sociedade perdeu seu domínio” (08:02:43). Pelo exposto, sobre o que é a bissexualidade, prefere não significá-la, pois, para ele “é subjetivo e n tem com transforma em palavras” (08:05:39).

Assumindo-se como um bissexual não declarado e sem uso de índices que contextualizem a bissexualidade, em seu *nickname*, **Brother_**, que responde afirmativamente ao ser questionado se “é” bissexual, significa a bissexualidade atrelada ao desejo, mas dizendo que “de fato ela naum existe” (12:04:39), pois, para ele “vc se relaciona com caras e mulheres, mais por uma questão de aparência” (12:04:55). Ao construir argumentos para melhor esclarecer esse significado acerca da bissexualidade,

põe o desejo, o contato físico, provocado pela “aparência”, como o aspecto principal da bissexualidade, afirmando que essa não se configura pelo psíquico do sujeito. É possível que com essa argumentação, ele desconsidere o amor, a paixão, a relação duradoura. Para ele, então, transar com uma mulher é apenas uma questão de contato físico, pois, o seu psíquico seria apenas para o relacionamento com outro homem. Logo, acredita-se homossexual, aquele com desejos pelo corpo feminino, pela “aparência”. É o masculino homossexual *queer*, em uma espécie de heteroafinidade, postura daquele homem homossexual que, de maneira “leve”, pode vir a ter relações com uma mulher, não em prática constante (SANTOS FILHO, 2012).

Gatinho-17.HxH posiciona-se como bissexual que é atraído não pelo mesmo sexo em si, mas por outra pessoa, aquele que lhe desperte curiosidade, pelo “papo”, “jeito”, “físico”, etc., que ele denomina de “aquela atração física dentro” (01:12:30). E, curiosamente **Gatinho Bi 18**, construído na apresentação como masculino bissexual dito e com forte amparo na masculinidade hegemônica, revela que essa apresentação de si é uma estratégia para se tornar “aceito”, pois é *gay*, logo, uma farsa. Por isso, podemos afirmar que estamos diante de uma masculinidade bissexual falsa. Em sua argumentação, posiciona-se como homem, aquele em cumplicidade com a masculinidade hegemônica, e por isso afirma “sou gay, mais sou hominho” (06:22:00). Assim, a apresentação como bissexual é uma estratégia para marcar a hegemonia masculina em si, o que revela sua significação sobre a bissexualidade – pegação, sexo e afeto com pessoas dos dois sexos, ou seja, “bi curte os 2 ai acham que vc e hominho” (06:24:05). Nessa mesma argumentação, posiciona o homossexual gay como de menor valor enquanto identidade sexual, pois a palavra remete ao “gayzão”, àquele que quer “marcar pra fuder já” (06:23:38). Estão em jogo nesse posicionamento o corpo do gay, um corpo dito inviável, e seus interesses na relação com outro homem, construído, assim, como não desejado na atual cultura da busca pela masculinidade hegemônica, sendo o bissexual um homem homoerótico, mas “macho” – é a identidade de gênero que aqui é relacionada à bissexualidade.

O que é a masculinidade bissexual, as masculinidades bissexuais

“pode comentar mais sobre isso?”

Henrique.23/Henrique, nerd22/wesley e Gatinho_17.HxH para explicar o que é a bissexualidade, realizam narrativas de si, pequenas histórias (GEORGAKOPOLOU, 2009), relatando evento(s) que configuram para si a masculinidade bissexual. Vejamos as narrativas de **Henrique.23/Henrique e nerd22/wesley**:

Excerto de entrevista 09

Estudante ... diz: entaum mano...
Estudante ... diz:se pudesse comentar sobre a pratica bissexual...
Henrique diz: *ve so eu quando tinha 6 anos minha prima d 14 foi tomar conta de mim e acabou fazendo "sexo" cmg, tirou minha roupa, ficou nua tb e fez um monte d coisa lá.*
Estudante ... diz: e...
Estudante ... diz:mas essa pratica eh hetero, neh!
Henrique diz: *quando eu tinha essa mesma idade um primo tb com seus 19 anos colocou o pau pra fora mandou q eu o masturba-se*
Estudante ... diz: e vc, caracas... aos seis anos...
Estudante ... diz:e...
Henrique diz: *eu tinha mas 2 primas e uma prima da mesma faixa eta'ria e a gente começou a fazer safadeza po*
Henrique diz: *sei lá axo q foi por isso*
Estudante ... diz: rsssss
Estudante ... diz: e depois de crescido ...!?
Estudante ... diz: hj, como eh?
Henrique diz: *ai já viu ne, ja namorei mulher ja fiquei com h, ja transei com M com H, mas ninguem sab da minha vida com relação aos caras. Só os caras com quem fiquei*
 (...)

Excerto de entrevista 10

wesley diz: pois é/ desde q eu tinha 14/ eu assistia pornô/ dai assiti um porno gay/ e fiquei excitado/ um porno lesbico tbm/ w fui percebendo em conversas com amigos/ q eles tbm sentem tesão em homem, mais ã se dão conta disso/ claro q eles ã sabem q eu fiquei com um kr
Estudante ... diz: sei sei
Estudante ... diz: sei sei
 (...)
wesley diz: (...)/ mais voltando ao papo dos meus amigos

Estudante ... diz: diz

wesley diz: bom boa parte, pensa em fazer sexo a três/ mais, pq, pq ???/ se eles batem no peito, orgulhosos/ ahh, sou rapariguero/ como mulher d+/ se pensam querem, e se excitam muito com / possibilidade de dividir uma mulher com outro ao mesmo tempo/ eu interpretei isso como, um desejo de estar perto de otro macho,

É importante compreendermos que uma narrativa, estruturalmente, é a narração de um evento, constituído por personagens, enredo, tempo e espaço, e que quem conta uma história está se constituindo na maneira como posiciona os personagens, seja sua história de vida relatada, ou a narração da história de outrem. Nesse sentido, o narrador se posiciona em relação a dois mundos, como afirma Bruner (1997, apud MOITA LOPES, 2001), ou seja, as narrativas têm característica dual, pois, nela são significados o mundo dos personagens e a relação entre os interlocutores, aqui o entrevistado e o entrevistador. Assim, narrar “é um meio de fazer sentido da vida ou de quem e como somos construídos no mundo social” (MOITA LOPES, 2001), pois, com a narrativa a história de vida é organizada em suas memórias, ideias, intenções, etc., sobre nós mesmos. Assim, para Moita Lopes (2001), as narrativas pessoais são verdadeiramente performances de identidade.

No excerto 09 de narrativa, **Henrique.23/Henrique**, para falar de sua compreensão da bissexualidade, escolhe relatar seu processo de construção bissexual. Assim, reporta-se aos 6 anos de idade, há dezessete anos antes da narrativa. Volta à sua infância. É importante consideramos que com tal marcação, ele recontextualiza-se, ao recontextualizar os eventos que considera relevantes para forjar a compreensão de si como homem bissexual, pois, como afirma Ochs (1992), a linguagem é temporalmente transcendente. No primeiro evento narrado, **Henrique.23/Henrique** é o protagonista da história, uma criança de apenas seis que é abusada sexualmente por sua prima, uma adolescente de 14 anos. Ele posiciona-se, enquanto uma criança “abusada”, visto que a prima adolescente tinha a função de protegê-lo, “tomar conta”, mas acaba “fazendo ‘sexo’” com ele, ou seja, fazendo “um monte d coisa lá”. As expressões usadas de modo indireto para dizer a relação sexual mantida com a prima também colocam Henrique em seu tempo de infância. Em outro evento narrado, na mesma época, mas posterior ao primeiro, é a experiência sexual com alguém do mesmo sexo que o garoto **Henrique.23/Henrique** vivencia; é o primo mais velho, adolescente de 19 anos, que “colocou o pau pra fora mandou q eu o masturba-se”. Ao narrar esse evento, **Henrique.23/Henrique** parece sair do personagem, seu “eu” na infância, pois o uso de

palavras não é aquele de uma criança, ou, ao menos, que com esse recurso linguístico ele queria posicionar-se, na infância, como mais experiente, visto que essa relação não foi a primeira a lhe acontecer. Assim, foi com as primas e o primo que o menino Henrique iniciou a relação entre pessoas do mesmo sexo e de sexo oposto, iniciando, dessa maneira, sua bissexualidade – ao começar a “fazer safadeza”. Outra marcação feita por **Henrique.23/Henrique** nessa narrativa de si é o uso da palavra sexo aspeada e do termo safadeza para a prática sexual, com os quais parece posicionar tal ação como algo desautorizado. Fica subentendido que essas “safadezas” eram realizadas de modo clandestino, escondido. Após a narrativa dos eventos, o autor/personagem é solicitado a posicionar-se em outro tempo, no tempo “depois de crescido”, o “hj”. Ao iniciar a narração do evento, neste outro tempo, usa a expressão “ai já viu ne”, construindo sentidos de que o que será por ele relatado é aquilo que já é esperado, em função dos eventos ocorridos na infância, ou seja, o namoro com mulher, o ficar com homem, a transa com mulher, a transa com homem, mas, de igual modo, ações às escondidas, tendo os únicos sabedores, tal qual na infância, “os caras com quem fiquei”.

E após a narrativa dessa história de si, **Henrique.23/Henrique** posiciona-se de modo avaliativo sobre os eventos, para construir significados para sua bissexualidade, e julga: “axo que foi por isso”. Nesse sentido, ao tomarmos a compreensão que a construção identitária é uma viagem e que são os homens os viajantes, nas palavras de Louro (2008), **Henrique.23/Henrique** posiciona-se como um viajante em sua construção, mas um viajante “exilado”, aquele que foi “obrigado a se separar, radicalmente, do lugar de origem e a ele não poder retornar” (LOURO, 2008, p. 21). Por essa compreensão, **Henrique.23/Henrique** está posicionando-se, enquanto a criança Henrique, que teve contato com a erotização, a profanização, tornando-se uma criança sem pureza e ingenuidade, logo, uma criança sexualizada. É como retirado de sua estrada que **Henrique.23/Henrique** posiciona-se como homem bissexual. Logo, é possível aventar a hipótese de que tal **Henrique.23/Henrique** outros homens bissexuais assim também se sintam, em uma masculinidade bissexual “exilada”.

nerd 22/wesley em sua narrativa de si, para explicar a bissexualidade, também volta ao passado, para marcar seu início como homem bissexual. Mas, inicia seu relato, no presente, contando-nos que sua primeira vez foi “esse ano”, aos 22 anos, pontuando, assim, o tempo a partir do qual narra, e sobre a bissexualidade já nos adianta que é um

masculino bissexual sem “nóias”, ou seja, sem preocupações quanto a esse comportamento. Também situa-nos para o que vai dizer adiante, esclarecendo que é pouco experiente, pois relata-nos sua primeira vez, e posiciona seu parceiro como mais experiente, visto que na transa que tiveram, para o “kra” ele não foi seu primeiro parceiro. Em trecho posterior do relato, que é entremeado de argumentações, as quais foram retiradas para que tivéssemos acesso apenas aos trechos narrados (encontra-se na íntegra em *Anexos*), volta ao passado, aos seus 14 anos, para recontextualizar os eventos que considera relevantes para a compreensão de sua bissexualidade. **nerd 22/wesley** informa-nos que, há oito anos, assistia filmes pornográficos, significando essa ação como recorrente e que a partir desse fato, assistiu especificamente um filme pornográfico gay e posteriormente outro filme com lésbicas, situando-se como adolescente excitado, tanto em um quanto no outro filme. Na sequência, posiciona-se aos 14 anos como avaliador dessas reações do corpo e das conversas com os amigos, chegando a uma conclusão que posiciona seus amigos como também sentindo tesão em homem, mas que não se dão conta disso. Pela narrativa, **nerd 22/wesley** posiciona-se como o jovem que, a partir dos veículos de comunicação de massa, passa a ter acesso a imagens eróticas/pornográficas, o que lhe sucinta outras possibilidades de sexualidade e gênero, e acaba produzindo efeitos significativos na construção das identidades (FELIPE, 2003). De volta aos seus 22 anos, ao relatar que seu amigos, “raparigueiros, tal qual na adolescência, a partir de filmes pornôs, sentem também tesão quando o sexo envolve outro homem. Outra vez na narrativa, **nerd 22/wesley** posiciona-se como avaliador e sentencia que existe nesses seus amigos “um desejo de estar perto de otro macho”. Assim, diferente do viajante exilado que **Henrique.23/Henrique** construiu, ele posiciona-se como um “nômade”, aquele que está sempre no movimento, sem terras perdidas (LOURO, 2008). Mesmo tomando um rumo que “escolheu”, possibilitado pelos discursos nos quais se inseriu, a bissexualidade é compreendida como algo não revelável, quando expressa julgamento de valor ao dizer que “claro q eles não sabem q eu fiquei com um kra”, referindo-se ao amigos como desconhecedores dos significados que tem sobre a prática sexual, deixando subentendido, através do adjetivo “claro”, que a bissexualidade é negada e que isso é algo que não se tem dificuldades para a compreensão, posicionando-se como um bissexual que aceita as normas impostas pelo sistema de gênero inteligível, por isso, não revelado.

As duas narrativas possibilitam pensar que, para além de entender a compreensão da masculinidade bissexual como atrelada ao sexo, ao gênero, ao carinho, ao amor, à conjugalidade, torna-se de fundamental relevância sabermos como esses homens *queers* compreendem a si mesmos, que memórias os permitem construir e reconstruir suas vidas como masculinos bissexuais, tal como se posicionaram **Henrique.23/Henrique** e **nerd 22/wesley**.

Masculino bissexual: ativo, passivo ou flex?

“vc eh bi ativo ou passivo... ou isso naum importa pra vc?”

Ainda em relação à compreensão do que sejam as masculinidades bissexuais, pelos próprios bissexuais, nesse contexto das Salas UOL, outro aspecto é topicalizado nas entrevistas, a atividade ou passividade no intercuro da relação sexual, compreensão que forja uma divisão do mundo masculino em homens “comedores” e “doares” e, assim, simboliza bem a heterossexualidade, na qual o “doador” é aquele homem desviado, abjeto. Este tópico se faz importante na entrevista porque possibilita compreender como os bissexuais se constroem frente a essa dicotomia para o ato sexual, bem como pode apontar percepções acerca do próprio sistema de gênero inteligível. Outro fator que corrobora tal topicalização é a recorrente divisão entre “ativos” e “passivos” através de *nicks* nos *chats*, como já expusemos na análise, no bloco de análise anterior. Nos quadros que seguem, trazemos excertos das entrevistas com **BRUNO** e **Preto bom HxH**.

Excerto de entrevista 11

(02:00:33) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: que posição vc tem em relação a heterossexualidade e a homossexualidade?
(02:00:56) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: respeito a escolha
(02:01:59) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: me diz uma coisa...
(02:02:13) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: vc eh bi ativo ou passivo... ou isso naum importa pra vc?
(02:02:13) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: oi
(02:02:33) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: curto tudo mas prefiro passivo
(02:03:13) Estudante (reservadamente) fala para BRUNO: que idade c tem mesmo?
(02:03:34) BRUNO (reservadamente) fala para Estudante: 26

Excerto de entrevista 12

(08:45:08) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: cara, to aqui apenas olhando o movimento da sala... se vc eh casado com mulher, pode me contar sobre isso

(08:45:56) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: nao quero terapia

(08:46:02) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: quero sexo

(08:46:24) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: desculpe ... eu to aqui apenas na tentativa de "sacar" mais sobre esse lance... entende?

(08:46:51) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: nunca saiu

(08:47:10) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: naum ...

(08:47:24) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: e o meu interesse aqui eh como pesquisador mesmo sobre a tematica

(08:47:34) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: boa sorte

(08:47:58) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: entendo vc ... pois o seu interesse aqui eh outro... mas gostaria de saber mais

(08:48:20) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: ok

(08:50:52) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: passivo

(08:51:28) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: prefiro ser passivo

(08:51:47) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: pois sou ativo com minha companheira

(08:52:23) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: ah interessante... e como vc administra isso...

(08:52:53) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: normal

(08:52:59) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: ela sabe

(08:53:40) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: sabe?

(08:53:45) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: sim

(08:54:06) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: posso entender como vc conversou com ela sobre isso? ou foi ela quem conversou com vc?

(08:54:24) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: conversamos

(08:56:49) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: simples assim?

(08:56:53) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: interessante

(08:57:25) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: tem as crises

(08:57:31) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: mas administramos

(08:59:39) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: crises? como assim?

(09:00:01) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: no relacionamento

(09:01:32) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: o que acontece nessas crises? em funcao da sua bissexualidade?

(09:01:58) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: conversas

(09:03:23) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: e qual a posição que ela assume? o que diz sobre seu conduta sexual?

(09:03:36) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: ela curte[

(09:03:53) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: só tem medo que me apaixone e a deixe

(09:04:45) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: caracas!

(09:05:03) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: mas e vc... o que pensa dessa preocupação dela? tem fundamentos?

(09:05:15) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: nao

(09:05:26) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: pois ela me dar prazer sem igual

(09:05:38) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: eu até sugerir comprar consolo

(09:05:46) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: queria que ela me fodesse

(09:05:51) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: ao inves

(09:06:00) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: e eae?

(09:06:04) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: de sair com alguem

<p>(09:06:11) Preto bom HxH (reservadamente) fala para Estudante: mas ela nao curte (09:07:10) Estudante reservadamente fala para Preto bom HxH: ah, to entendendo</p>

Ao conversarmos com **BRUNO**, buscamos compreender que discursos ele assume em relação às outras masculinidades em nossa sociedade ocidental, a heterossexualidade e a homossexualidade, pois, o tópico em questão trata justamente desse olhar acerca de um homem “comedor”, que continuaria ativo, pois, é a atividade que é exercida, a penetração – atendendo às expectativas do papel de sexo masculino hegemônico, e um outro homem “doador”, o passivo, sempre posicionado como a “fêmea”. Como homem bissexual não declarado e sem indícios da bissexualidade na apresentação de si, apenas expressa opinião de que ser homo ou hetero é uma escolha e que ele a respeita, construindo-se assim como um homem bissexual indiferente às outras masculinidades, em sentido de não se “incomodar” com elas. Quanto à posição na relação sexual, afirma “curtir” tudo, ou seja, ser tanto passivo quanto ativo, todavia, o uso do conectivo adversativo é indicativo de sua preferência, a passividade, em “curto tudo mas prefiro passivo (02:02:33). É importante também considerar que foi dada a **BRUNO** a opção de se posicionar como um sujeito flexível, a qual é aceita, mas com a ressalva que fez, acerca de sua preferência.

O excerto 12 é da entrevista com **Preto bom HxH**, na qual ele se posiciona como masculino bissexual não dito, mas com vestígios da prática bissexual, casado, para quem a bissexualidade está relacionada a todo tipo de putaria, como já compreendemos seu posicionamento nos tópicos analisados anteriormente. Sobre o papel no intercuro sexual que constrói para si, é direto ao dizer que é “passivo” (08:50:52), “prefiro ser passivo” (08:51:28), “pois sou ativo com minha companheira” (08:51:47). Ao justificar a passividade pela atividade com a esposa, **Preto bom HxH** coloca-se na bissexualidade de modo polarizado, mas, logo, se reposiciona como homem bissexual pela vontade de ser o “doador” no intercuro sexual. Assim, a relação com outro homem é significada como a única opção que lhe resta, visto que outras opções já foram cogitadas, mas sem sucesso, tal qual “comprar consolo” (09:05:38), para que fosse a esposa a realizar a atividade, relação que se daria pela prática da inversão. Ao expressar “queria que ela me fodesse” (09:05:46), **Preto bom HxH** constitui-se fora da cultura machista, aquela para a qual a inversão, a troca de papéis

entre homem e mulher no intercuro sexual, o famoso “fio-terra”, em linguagem popular, ainda é considerada tabu, abjeta, “precária”, pois ainda é compreendida pelo discurso, produzido na Antiguidade, de que “aquele (...) que se deixasse cavalgar por uma mulher era impudico” (BOZON, 2004, p. 26). Ao propor esses sentidos para sua construção de masculino bissexual, posiciona sua esposa como companheira, pois conhecedora de sua heterossexualidade *queer*, mas alguém que não curte a prática da inversão e receosa de que ele a abandone por outro homem. Esse desejo pela inversão no intercuro sexual talvez esclareça o significado de si como bissexual disposto a todo tipo de putaria.

Edduuaarddooo, posicionado como casado, ao ser questionado acerca da posição que assume no intercuro sexual, relaciona-a a outro tópico, a concepção com a qual vê a bissexualidade, reforçando o significado de que a bissexualidade pode estar atrelada ao amor, ao carinho, afeto, acrescentando-lhe “amizade” e “companheirismo”, e explica: “naum curto ficar com o cara antes tem q rolar amizade tal companheirismo” (03:22:03) e que será “sempre” ativo no intercuro sexual com outro, pois diz que “da bunda é pq num da msm” (03:23:26). Após essa fala, entramos em um processo de negociação de sentidos, pois pelo questionamento é posicionado como usando um tom pejorativo em relação ao “doador” na relação sexual. Por isso, ele inicia a construção de uma explicação que o posicione como não preconceituoso. Em tal empreitada, primeiro reposiciona-se como apenas ativo e abre uma possibilidade de ser passivo no intercuro sexual, qual seja, a de que o seria se fosse com um amigo, reforçando o valor que dá à amizade para a configuração da bissexualidade. Após, traz a voz muito comum no cotidiano brasileiro e também na mídia (MOITA LOPES, 2006), a de que o homem ativo está “em falta no mercado”. Assim, argumenta sua atividade através do discurso mercadológico, no qual ele é aquele que atende à demanda, para o fato de que sendo a maioria dos homossexuais passivos, é necessário os homens ativos, pois, “se todos os homens fossem ativos”(03:27:38) “só teria relações com mulheres”(03:27:44). Coloca-se como o produto indispensável para que a homossexualidade e a bissexualidade sejam constituídas. Com essas palavras, ele aponta também que o parceiro para o homem bissexual ativo é o homossexual e, provavelmente, nunca, o bissexual passivo. Já **ksado-casa** é enfático ao dizer “com h’s so sou passivo” (04:31:48), e com o recurso

linguístico “só”, exclui a atividade na relação com outro homem, restringindo-se a ser “doador”.

Voltando à posição de **Eduuaarddoo**, de que, para o homem bissexual ativo, seu parceiro seria o homem homossexual, nunca o bissexual, certamente encontramos, no discurso de **Gatinho Bi 18**, um homem homossexual, que se diz falsamente um bissexual, compreensões para os sentidos ali gerados. Para **Gatinho Bi 18** não há homem bissexual passivo, pois, como comenta “na minha opinião eles são gays que não se assumiram pois eles davam a bumda” (06:26:52), fazendo referência aos “caras bi” com quem já tinha mantido relações sexuais. Está nas considerações dos dois, **Eduuaarddoo** e **Gatinho Bi 18**, a significação de que a passividade está para aquele homem que possa se assumir como fêmea, o homossexual, nunca para aquele que venha a exercer a atividade. Pensando assim, se o masculino bissexual necessita ser ativo para se constituir, nunca seria passivo. Deparamo-nos com o discurso preconceituoso acerca do homem bissexual passivo, advindo daquele homem bissexual ativo, que mantém a crença da hegemonia masculina, logo, posicionando-se também heterossexual hegemônico, e daquele, que se coloca no outro lado, o homem homossexual passivo. Ou seja, posicionam-se em exclusão àquele que se constitui no movimento entre a coerência e a incoerência. É a manutenção do discurso de que ser ativo é ser macho e passivo é ser fêmea, logo, para o “heterossexual” e o homossexual, o bissexual passivo é uma lenda.

O preconceito sobre e nas masculinidades bissexuais

“entaum como fica pra vc o preconceito...?”

No tópico discutido anteriormente, percebemos que dos quatro bissexuais entrevistados, três deles se posicionam no intercuro sexual como homens bissexuais passivos, os homens “doares”, aqueles que praticam a inversão, seja com outro homem ou com uma mulher, e são, em nossa cultura ocidental posicionados como “fêmeas”, pois quebram o papel de sexo, fissurando dessa maneira a masculinidade hegemônica, a daquele homem “comedor”, ativo, independentemente de qual seja o parceiro sexual.

Nesse sentido, o “doador” é construído como desviado, abjeto, pois foge à regra de manutenção do sistema de gênero inteligível, portanto, “incoerente”. Assim, quando **Edduuaarddoo** afirma-se sempre ativo e diz que “da a bunda é pq num da msm”, e **Gatinho Bi 18** diz que não há homem bissexual passivo, estão situados nesse discurso bipolar, incluindo-se, dessa maneira, um no grupo dos machos e o outro no grupo dos não-machos. Por isso, suas explicações pareceram soar pejorativas, preconceituosas. Se assim o for, é o preconceito vivo e latente nas masculinidades bissexuais.

Em relação ao preconceito com o homem bissexual, no tópico acerca da conceituação da bissexualidade, **curiso by hxx** constrói-se como um homem bissexual não preocupado com a ideologia heteronormativa acerca da coerência inteligível nas questões de sexualidade e gênero, por isso, tudo o mais fora da relação não lhe interessa, certamente incluindo também nesse “a mais” o preconceito, ao afirmar que “o resto é o resto”. De modo semelhante, **ksado-casa** diz-se sem preocupações em relação à manutenção de relações sexuais com outro homem, mesmo sendo casado, pois, encara que é uma “traição normal”, despreocupado com o preconceito. Seguindo esse mesmo raciocínio, **sem compromisso** ao enfatizar que “a sociedade perdeu sua autonomia”, provavelmente desautoriza as instituições tradicionais, como a igreja, a família e a própria comunidade, bem como as instituições modernas, o Estado, a medicina, a pedagogia, etc., quanto à regulação da sexualidade (PRADO e MACHADO, 2008), forjando-se também não preocupado com o preconceito.

Mas, o que é o preconceito? Para Prado e Machado (2008, p. 09), o preconceito é um “mecanismo psicológico e social, sustenta e é sustentáculo de formas de descriminalização, classificação social e hierarquias das experiências da diversidade”. Em relação às práticas de sexualidade e de gênero, podemos entender que o preconceito é esse mecanismo que nasce e ganha vida na ideologia heteronormativa, a qual postula que a heterossexualidade é a experiência capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta, pois, inteligível, transformando, por essa via, o diferente em “imperfeito”, a exemplo do sujeito passivo no intercuro sexual. Podemos entender que a heteronormatividade só é possível porque vivemos sob a égide de uma “monocultura do saber” (SANTOS, 2002), na qual as experiências que fogem à sua lógica não são reconhecidas. Ou seja, nessa monocultura heterossexual, é o não heterossexual que não é reconhecido. Dessa maneira, instituem-se hierarquias nos jeitos de viver a sexualidade

e o gênero, as quais subordinam o outro e o inferiorizam, para oprimir, produzindo desse modo, diferenças e desigualdades (PRADO e MACHADO, 2008). Nesse sentido, para esses pesquisadores, “quanto maior a ilegitimidade de um, maior a legitimidade do outro” (PRADO e MACHADO, 2008, p. 70), é o dito, na primeira parte da análise, em relação aos corpos, que o corpo de macho é construído juntamente e justamente na negação do corpo efeminado. O preconceito legitima práticas de inferiorização, e consolida-se pelo ódio e violência ao outro, pela homofobia.

Vejamos como lidam com o preconceito outros homens bissexuais entrevistados, **IRÃ 24cam** e **andre**:

Excerto de entrevista 13

(02:25:48) Estudante (reservadamente) fala para IRÃ 24cam: ser bi eh mesmo essa simplicidade?
 (02:25:56) IRÃ 24cam (reservadamente) fala para Estudante: não
 (02:26:39) Estudante (reservadamente) fala para IRÃ 24cam: e entaum?
 (02:27:02) IRÃ 24cam (reservadamente) fala para Estudante: existe preconceitos contra homossexuas e etinico racial mais acredito que o preconceito sofrido por nós bi seja maior até porque gostamos de mulheres enhtëo dizem que isso seja safadeza
 (02:27:16) Estudante (reservadamente) fala para IRÃ 24cam: ah blz
 (02:27:23) Estudante (reservadamente) fala para IRÃ 24cam: entendo..

Excerto de entrevista 14

(12:21:20) Estudante (reservadamente) fala para andre: e como vc encara o opiniao dos outros sobre a bi?
 (12:21:54) andre (reservadamente) fala para Estudante: eu tenho minha opiniao formada
 (12:22:07) andre (reservadamente) fala para Estudante: cada um que pense o que quiser
 (12:22:34) andre (reservadamente) fala para Estudante: nao vou deixar de pensr no que acredito por causa dos outros
 (12:22:36) andre (reservadamente) fala para Estudante: ...
 (12:22:57) andre (reservadamente) fala para Estudante: falem bem, falem mal
 (12:23:04) andre (reservadamente) fala para Estudante: mas falem de mim
 (12:24:08) Estudante (reservadamente) fala para andre: mas as pessoas falam diretamente de vc como bi?
 (12:24:47) andre (reservadamente) fala para Estudante: sim
 (12:25:01) andre (reservadamente) fala para Estudante: alguns amigos heteros sabem que sou bi
 (12:25:14) Estudante (reservadamente) fala para andre: e como se dah essa relação ...

(12:25:28) andre (reservadamente) fala para Estudante: os verdadeiros amigos nao tem nada contra

(12:25:30) andre (reservadamente) fala para Estudante: cada um na sua

(12:25:40) Estudante (reservadamente) fala para andre: ah eh... mas conversam abertamente sobre?

(12:25:47) andre (reservadamente) fala para Estudante: tb

(12:25:48) Estudante (reservadamente) fala para andre: e as mulheres, o que pensam?

(12:26:04) Estudante (reservadamente) fala para andre: a família?

(12:26:10) andre (reservadamente) fala para Estudante: do mesmo jeito

(12:26:35) andre (reservadamente) fala para Estudante: minha familia nao sabe

(12:26:49) Estudante (reservadamente) fala para andre: e quais os pro, se soubessem?

(12:27:52) andre (reservadamente) fala para Estudante: minha mae deve ficar do meu lado independente da minha sexualidade

(12:28:10) andre (reservadamente) fala para Estudante: o restante nao me importo

(12:28:26) Estudante (reservadamente) fala para andre: eh ... uma concepção bem positiva de sua parte...

(12:28:56) Estudante (reservadamente) fala para andre: ter essa pratica sexual... naum implicações no sua vida: relações sociais... etc?

(12:28:57) andre (reservadamente) fala para Estudante: nao me importo com quem tem cabeça fraca

(12:29:07) Estudante (reservadamente) fala para andre: onque seria cabeça fraca?

(12:29:32) andre (reservadamente) fala para Estudante: se deixar levar pelo preconceito

(12:29:56) andre (reservadamente) fala para Estudante: poor se achar superior por causa da sexualidade, raça, genero....

(12:30:27) Estudante (reservadamente) fala para andre: saca? entaum como fica pra vc o preconceito...?

(12:31:56) andre (reservadamente) fala para Estudante: a sexualidade pode influenciar na minha vida sim mas sempre procuro ser melhorar e me capacitar a cada dia...

(12:32:30) Estudante (reservadamente) fala para andre: pode?

(12:32:31) andre (reservadamente) fala para Estudante: se eu deixar de fazer algo é pq isso está abaixo da minha capacidade

(12:33:02) Estudante (reservadamente) fala para andre: como assim? pode influenciar?

(12:33:46) andre (reservadamente) fala para Estudante: cada um quem tenha o preconceito que quizer....nao ligo para essas pessoas

(12:34:05) Estudante (reservadamente) fala para andre: blz!

(12:34:35) Estudante (reservadamente) fala para andre: mano... posso add em uma lista de pessoas com as quais eu possa voltar a conversar depois? add no msn?

(12:35:58) Estudante (reservadamente) fala para andre: eae?

(12:36:41) Estudante (reservadamente) fala para andre: oxe ... kd tu!? rsss

(12:37:16) Estudante (reservadamente) fala para andre: posso add!?

(12:38:16) andre (reservadamente) fala para Estudante: pode influenciar pois alguem pode deixar de falar comigo ou eu posso perder uma oportunidade de emprego por causa da minha sexualidade

(12:38:25) Estudante (reservadamente) fala para andre: ah entendo...

(12:38:33) andre (reservadamente) fala para Estudante: xxxxx xxxxxxxx 82@hotmail.com

(12:38:39) Estudante (reservadamente) fala para andre: blz mano!

(12:38:45) Estudante (reservadamente) fala para andre: obrigado pela conversa ...

(12:38:47) andre (reservadamente) fala para Estudante: add meu msn

(12:39:12) Estudante (reservadamente) fala para andre: addicopnarei... inteh mais.

(12:39:16) Estudante (reservadamente) fala para andre: idade?

(12:39:20) andre (reservadamente) fala para Estudante: 25

(12:39:46) Estudante (reservadamente) fala para andre: ok ... teh mais!

IRÃ 24cam refere-se ao preconceito em relação à bissexualidade como um aspecto na qual ela está envolta, e situa-o contra o homem bissexual na gama de preconceitos sociais existentes, mas especificando-o. Nessa significação, **IRÃ 24cam**, ao dizer “existe preconceitos contra homossexuais e etnico racial mais acredito que o preconceito sofrido por nós bi seja maior até porque gostamos de mulheres então dizem que isso seja safadeza” (02:27:02), utiliza-se de alguns recursos linguísticos como índices de sua posição, quais sejam, o uso da adversativa “mais” (mas), do pronome “nós”, da expressão “ate porque” e da forma verbal “dizem”, além do nome “safadeza”. Ao usar o pronome de primeira pessoa do plural, posiciona-se como pertencente a uma coletividade, os homens bissexuais, a partir da qual se expressa, e utiliza-se da conjunção adversativa para demonstrar a diferença que existe entre o preconceito sofrido pelos homossexuais e grupos étnicos raciais àquele sofrido pelos bissexuais, o qual se justificaria, na compreensão do preconceituoso, por ele posicionado, pelo limite da masculinidade bissexual, que, sendo homoerótica, estende sua prática sexual e afetiva também às mulheres, posicionamento marcado através da expressão “até porque”. **IRÃ 24cam**, através da forma verbal “dizem”, uso do verbo na terceira pessoa do plural, constitui o preconceito como de origem indeterminada, ou seja, aquele que não se sabe de onde vem ou pode vir, aspecto crucial, pois, sendo indeterminado, pode partir de toda e qualquer parte. Ao afirmar que o preconceito contra o bissexual é maior, traz o argumento do preconceituoso, a compreensão de que a masculinidade bissexual é pautada pela “safadeza”, como uma atribuição social negativa, em aspecto de moralidade e religião (PRADO e MACHADO, 2008). Logo, a denominação de safadeza ao masculino bissexual é uma maneira de produzir o efeito de hierarquia, a qual subordina e inferioriza, em sentido de opressão, preconceito contra o homem bissexual que ganha vida através do “injurious speech” (BUTLER, 1997), pois esse homem passa a ser considerado “safado”, em tom pejorativo, pois, sem vergonha.

Para Butler (1997), o “discurso ofensivo” ou “insulto” é o uso da linguagem para interpelar, ferindo; considerando o outro como “abolido”, “humilhado”. Todavia, explica que o insulto não acontece só através do efeito da palavra em si, mas pela maneira como a palavra é dita e a quem e em que circunstâncias é dita. Pela argumentação de **IRÃ 24cam**, “safadeza” é discurso ofensivo, pois, é o uso da linguagem para ferir, discriminar, inferiorizar, oprimir o homem bissexual. É uma

palavra preconceituosa, através da qual se busca produzir a desigualdade, construindo o homem bissexual como ilegítimo.

Reforçando a compreensão de que não é a palavra em si que produz o efeito de insulto, Butler (1997, p. 02), faz entender que “the injurious address may appear to fix or paralyze the one it hails, but it may also produce an unexpected and enabling response”, isto é, a palavra ofensiva pode produzir efeito de autorização, pois é também uma forma de dar existência social, inaugurando um assunto no discurso. É nesse sentido, de um discurso autorizado, o qual possibilita vida, que **Preto bom HxH** configura a bissexualidade ao dizer-se disposto a “todo tipo de putaria” – aquele discurso que oprimia, agora é tomado em outra significação, como positivo, para marcar a identidade sexual (e de gênero). O mesmo acontece, como mostrado na primeira parte da análise, com diversos homens quando, em conversas nas Salas Cidades e Regiões Recife-PE, “gritam” para o agrupamento de pessoas no *chat* que buscam “sacanagem” e “putaria”, ao mesmo tempo em que constroem sua escrita de maneira pornográfica, transformando, dessa forma, o discurso desautorizado em autorizado. Pelo exposto, **IRÃ 24cam** explica o funcionamento do preconceito para com o homem bissexual, dando-lhes sentidos de que é superior em relação àquele sofrido pelos homossexuais e grupos étnicos raciais, como já apontado.

No excerto 14, **andre**, já anteriormente construído como homem bissexual “sério”, sobre o preconceito, justifica sua “crença”, entenda-se uma opinião positiva sobre a relação de sexo entre homens, podendo também ser amor, paixão, carinho, afeto e relação duradoura – a bissexualidade, e que não vai deixar de pensar assim “por causa dos outros”. Ao referir-se “aos outros”, está fazendo menção aos preconceituosos, e, diferentemente de **IRÃ 24cam**, para quem o preconceituoso era indeterminado, deixa marcas de que os preconceituosos são os heterossexuais. É possível realizar essa leitura porque ao se posicionar acerca do questionamento se as pessoas falavam dele, mal ou bem, diretamente a ele, respondeu afirmativamente, dizendo que “alguns amigos héteros sabem que sou bi” (12:25:01). Ou seja, índice de que apenas os heterossexuais incluíam-se naqueles que falavam, deixando, assim, subentendido que os não heterossexuais não teriam preconceitos. Todavia, tanto o senso comum quanto a literatura acadêmica dão conta de que o preconceito aos bissexuais é muito forte também pelos homossexuais, visto que os bissexuais são por esses “acusados” de não

afirmarem essa identidade publicamente, representando-se em torno de uma ação pública que seja também política, para a conquista de seus objetivos (CAVALCANTI, 2007), e também porque o homossexual não percebe a bissexualidade como exercendo a passividade, como vimos em **Gatinho Bi 18**, antes mencionado. É importante destacar que se **andre** se constrói a partir do *nick* como um masculino bissexual não declarado e sem vestígios da prática bissexual na vida *off-line*, declara-se a amigos heterossexuais. Ao fazer referência a “amigos heterossexuais”, está certamente incluindo as mulheres, pois em “amigos” não há marcas de gênero, mas de generalização, tampouco deixa essa marca em outras partes da entrevista.

Em construção discursiva sobre a relação que mantém com amigos que sabem de sua bissexualidade, para explicar sua relação com o preconceito, constrói uma classificação para os amigos, os verdadeiros e os falsos, pontuando que “os verdadeiros amigos nao tem nada contra” (12:25;28). Assim, relaciona o não-preconceito à amizade que o outro possa ter com o homem bissexual e não em relação a sua bissexualidade. Nesse raciocínio, posiciona sua mãe como uma “verdadeira amiga”, ao informar que a família desconhece sua bissexualidade, mas que sua mãe não esboçaria preconceito, quando diz “minha mae deve ficar do meu lado independentemente de minha sexualidade” (12:27:52), ao mesmo tempo em que reforça que o não preconceito está separado da sexualidade e atrelado à relação de amizade. Ao posicionar a mãe como verdadeira amiga, logo, não preconceituosa, posiciona as outras pessoas da família como “os outros”, ao explicar que “o restante nao me importo” (12:28:10), pois, certamente não seriam amigos verdadeiros.

Para **andre**, “os outros”, “o restante”, são os que considera “cabeças fracas”, pois se acham superiores por causa da sexualidade, raça, gênero, etc. Todavia, construindo-se como aquele que não dá importância para os preconceituosos, parece haver em seu discurso índices de uma homofobia (ou bifobia) internalizada, pois, ao atrelar o não preconceito à relação de amizade está assumindo o discurso heteronormativo de que algo nessa experiência de sexualidade não é autorizado. Essa significação ganha força quando, ao falar da estratégia de enfretamento ao preconceito, assim esclarece, “minha sexualidade pode influenciar na minha vida mas sempre procuro ser melhor e me capacitar a cada dia” (12:31:56), relegando mais uma vez a bissexualidade como uma prática que poderia ser aceita por si só, e atribuindo o não

preconceito a sua capacidade, possivelmente em sentido de saberes necessários a determinada ação ou trabalho, deslegitimando a prática bissexual. Sobre a homofobia internalizada, é o “achar que e errado”, admitido por **sem compromisso**, como a estranheza do início da prática bissexual, quando questionado se teria enfrentado algum “grilo” ao se compreender como um homem bissexual. Porém, para ele, como tudo, “vai se adaptando”, passada a fase inicial, a partir de um enfrentamento.

Henrique.23/Henrique, ao narrar histórias de si, apresenta-se como bissexual “exilado”, como já analisamos em tópico anterior, e por isso posiciona-se vinculado ao discurso da identidade essencialista, natural, biológica e divina, pois, considera a heterossexualidade como algo natural e a bissexualidade como algo errado. Quanto àquele “grilo” na fase inicial da construção de um homem bissexual, citado por **sem compromisso**, ao relatar histórias de vida **Gatinho_17.HxH** dá-nos um exemplo dessa construção de si, das reflexões que possivelmente nessa fase acontecem, posicionando-se como um homem que, mesmo em busca de explicações acerca do que ora lhe acontece, abre-se para o “novo”. É a dualidade explicitada nos questionamentos.

Excerto de entrevista 15

(12:50:34) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: tipo...eu nem me decide ainda, oque eu sou o.O
 (12:52:01) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: É po...
 (12:52:06) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: tipo...
 (12:52:07) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: lingua, mano...
 (12:52:08) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Ahh
 (12:52:10) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: é pq assim
 (12:52:19) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: eu so fiquei ate hoje com 2 caras, ta lig?
 (12:52:25) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: blz
 (12:52:26) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: e o 1º foi um amigo meu
 (12:52:28) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e?
 (12:52:29) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: do clg...
 (12:52:41) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: e eu nao decide ainda po..
 (12:52:45) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: pq pra mim ainda meio confuso
 (12:52:52) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: ja que to vivenciando isso agora
 (12:53:15) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: blz!
 (12:53:21) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: mas fica com meninas tbm?
 (12:53:25) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Pow..
 (12:53:28) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: CLAROO =D
 (12:53:31) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: rsss

(12:53:34) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: eae?
 (12:53:38) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Ate pq eu so tenho amigos hetero...
 (12:53:45) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: blz...
 (12:53:51) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: sexo po, eu so fiz com mulher
 (12:53:52) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: vc acha que tem que tomar uma decisao?
 (12:53:57) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: homen eu so sarrei, chupei, fui chupado
 (12:54:10) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: hummm...
 (12:54:14) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Decisão...
 (12:54:16) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e naum eh sexo?
 (12:54:20) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Ahh
 (12:54:25) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: pera...
 (12:54:25) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: de certa forma talvez sim
 (12:54:26) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: xD~
 (12:54:35) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: mas nada de penetração
 (12:54:35) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: decisao... se fica com meninos ou meninas?
 (12:54:36) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: ta lig?
 (12:54:53) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Não po...so fico com meninas, pq homen não é facil assim..
 (12:55:04) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: eu não tenho vinculo com mundo de gay pra pegar homens
 (12:55:06) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: ta ligado?
 (12:55:10) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: rsss
 (12:55:25) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: entaum... se fica com h eh gay?
 (12:55:35) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: não...
 (12:55:38) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: depende...
 (12:55:40) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: precisa tomar decisao se H ou M? pode ficar com os dois?
 (12:55:52) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: eu me considerava hetero, ate ter beiado um cara...
 (12:56:02) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Mas aquilo foi so uma experiencai de amigos
 (12:56:13) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: sei sei... blz
 (12:56:18) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: mas que talez, leve vc a mduar sua visão sexual né?
 (12:56:18) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e agora?
 (12:56:34) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e qual era a sua vida sexual antes?
 (12:56:51) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: hetero po
 (12:56:53) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: e so tinh curiosidade
 (12:57:08) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: Ok
 (12:57:10) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: DA curiosidade, é que vc ode toamr caminhs o diferentes, ta ligado?
 (12:57:17) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e agora... curiosidade, ou o q?
 (12:57:26) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Ahh
 (12:57:28) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: to ligado! rsss
 (12:57:35) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: agora é aquesção..
 (12:57:41) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: eu não sei...
 (12:57:51) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: hummmm
 (12:58:01) Estudante (reservadamente) fala para Gatinho_17.HxH: e enquanto naum sabe... o que faz?
 (12:58:03) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: E ja fiz inumeras

putarias com mulher..mas com homen foi diferente, pq so forma 2
 (12:58:07) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: *foram 2
 (12:58:25) Gatinho_17.HxH (reservadamente) fala para Estudante: Mas...se aparecer um cara, eeu for correspondido, pq nao?

Nesse relato de si, é o homem bissexual iniciante que é construído, aquele que se assusta ao ser questionado se também fica com “meninas”, sentidos evidenciados na resposta “POW...(12:53:25) CLARO=D” (12:53:28), pois, uma tentativa de significar algo impensado: a não heterossexualidade, visto que perpassa ainda em sua compreensão que o relacionamento com outro homem o vincula necessariamente ao “mundo de gay”. Em função dessa percepção, de igual forma, pondera que essas experiências podem ter influências em sua maneira de ver a sexualidade, quando expõe a indagação que lhe assombra “Mas aquilo [ter beiado um cara] foi so uma experiência de amigos” (12:56:02) “mas que talez, leve vc a mudar sua visão sexual né?” (12:56:18). Assim, parece ver na entrevista respostas para suas angústias. Entretanto, em meio a todas as dúvidas, encontra uma solução bastante peculiar, na tentativa de fugir da homossexualidade “Eu sou gay por ele”, fuga certamente esperada devido à monocultura do saber acerca das experiências sexuais e de gênero.

As masculinidades bissexuais e a declaração de si

“vc declara essa pratica sexual?”

Pelas análises apresentadas no item anterior, os homens bissexuais, demonstram-se não preocupados com o preconceito, chegando mesmo a ressignificar a linguagem usada para produzir-lhes insultos. Mesmo assim, há, como em **andre** e **Gatinho_17HxH**, resquícios do “grilo” (e o próprio “grilo”) de achar que é uma prática errada. Todavia, **andre** se declara bissexual para amigos, assim como **IRÃ 24cam**, que se declara para os “amigos verdadeiros”. Já **Gatinho_17.HxH**, em sua fase inicial, não cogita essa possibilidade. Também nesse estudo, já compreendemos que no espaço *online* muitos dos homens bissexuais são declarados, direto, como **curiso by hxh**, ou com marcas da masculinidade hegemônica, em **Gatinho Bi 18**, mesmo que seja para

uma masculinidade bissexual falsa, e outros não-declarados, sem vestígios, como **andre**, ou com vestígios, como **ksado-casa**. Dentre esses últimos encontram os heterossexuais e homossexuais *queers*. Mas, e na vida *off-line*? Cavalcanti (2007, p. 99), responde afirmando que, pelo “o fato da bissexualidade ser vista como suspeita, indecisa ou uma suposta falha de caráter [safadeza] de quem a pratica, faz com que os indivíduos se sintam menos à vontade em declarar uma identidade bissexual”. Vejamos os posicionamentos assumidos nas entrevistas com **Edduuaarddoo** e **andre**:

Excerto de entrevista 16

(03:08:07) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: vc declara essa pratica sexual?
 (03:08:19) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum
 (03:08:29) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: naum pra quem?
 (03:08:36) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: ou naum pra todo mundo?
 (03:08:52) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum pra todo mundo so pra quem eu conheço pela net
 (03:08:59) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: ah tah...
 (...)
 (03:16:13) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: e as mulheres que vc fica?
 (03:16:20) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: o q tem?
 (03:16:35) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: fica por prazer ou por uma questao social... de aparencia?
 (03:17:30) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: independente do sexo pode ser o deus ou a rainha grega mas temq rolar o minimo de química
 (03:17:45) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: dai fico com as minas pq gosto tb
 (03:17:55) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: e vc diria a elas?
 (03:17:56) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: se naum aquele velho dilema chau e benção
 (03:17:57) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: rrsrsr
 (03:18:01) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: naum
 (03:18:18) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: isso naum eh preconceito tbm... de sua parte?
 (03:19:14) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: vc diria onde está escondido um milhao de dolares a alguem q vc naum sabe se tem realmente confiança?
 (03:19:37) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: eh .. entendo...
 (03:19:41) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: rrrrrrrrrrr
 (03:19:58) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: numa festa , por exemplo... vc soh procura mulheres... ?
 (03:20:06) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: como vc concilia...?
 (03:20:31) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: rrsrsr
 (03:20:48) Edduuaarddoo (reservadamente) fala para Estudante: ja disse q homens so pela net
 (03:21:02) Estudante (reservadamente) fala para Edduuaarddoo: ah tah ... to soh querendo entender... rrrrrrr

Excerto de entrevista 17

(12:16:36) andre (reservadamente) fala para Estudante: algumas garotas sabiam que eu sou bi
 (12:16:55) Estudante (reservadamente) fala para andre: entaum vc assume que eh bi?
 (12:17:25) andre (reservadamente) fala para Estudante: dependendo da pessoa
 (12:18:35) Estudante (reservadamente) fala para andre: como assim? se naum se delcara, pq?
 (12:19:04) andre (reservadamente) fala para Estudante: tenho que sentir confianca na pessoa antes
 (12:19:48) Estudante (reservadamente) fala para andre: e pq isso eh necessario?
 (12:20:26) andre (reservadamente) fala para Estudante: minha vida nao é novela das 8 pra todo mundo saber o que acontece
 (12:21:02) Estudante (reservadamente) fala para andre: entendo?

Ao ser questionado sobre se declararia a sua masculinidade como bissexual, **Edduuaarddo** posiciona-se negativamente, pois tem receios de, por exemplo, ser abandonado pelas mulheres com quem fica, e que, por considerar a sua bissexualidade como algo secreto e valioso, comparada a “um milhão de dólares”, apenas diria a quem fosse de sua confiança. Por isso, é taxativo ao responder que “naum pra todo mundo so pra quem eu conheço pela net” (03:08:52). **andre** também coloca na confiança que possa sentir no outro a condição para declarar-se bissexual, independentemente do sexo/gênero, pois afirma “algumas garotas sabiam que eu sou bi”, certamente aquelas de seu círculo íntimo, pois, para a declaração da bissexualidade, é a privacidade que se faz importante, visto que, como compara: “minha vida nao é novela das 8 para todo mundo saber o que acontece” (12:20:26). **BRUNO** também escolhe os amigos para a declaração de sua masculinidade bissexual, mas só “alguns amigos”. **Boy23a** também se constrói seguindo esse raciocínio quanto à declaração dessa masculinidade, visto que, segundo ele “amigos de verdade entendem” (08:07:55). Sobre o tópico, **curiso by hxx** deixa a entender que se declara para os não heterossexuais, mas “pra hetero se for um pessoa legal” (03:45:50), construindo tal qual outros homens bissexuais, a amizade e a confiança no outro como itens fundamentais para a declaração de si, e produzindo significados de que os não heterossexuais não são preconceituosos. Já **Brother_** é mais rigoroso, pois se posiciona invisível, visto que não a declara a ninguém, nem para amigos, tampouco para os amigos da profissão, ao mesmo tempo em que busca não deixar marcas dessa masculinidade, ao expressar que as pessoas “nem desconfiam”.

Pelo exposto, esses homens constroem a bissexualidade com forte tendência à invisibilidade na vida *off-line* e à visibilidade na *web*.

Das análises, podemos compreender que as masculinidades bissexuais são muitas e com diversas especificidades. De maneira global, as masculinidades bissexuais constituem-se por uma miríade de significados, indo do sexo pelo sexo, ao discurso da conjugalidade. Há nessa miríade a construção de si como heterossexual e homossexual *queers*, bem como masculino bissexual falso. Sobre a heteronormatividade, é o discurso no qual a construção dessas masculinidades bissexuais está ainda fortemente amparada, gerando, até mesmo nos próprios homens bissexuais o preconceito. Assim, esses masculinos tendem a se declararem no mundo *online*, mas se ocultarem no mundo *off-line*, em função dos receios quanto ao olhar do outro sobre essa masculinidade. Quanto à(s) resposta(s) ao questionamento de pesquisa, deixarei para melhor organizá-la(s) nas considerações finais desta tese, no capítulo que segue.

CONCLUSÃO

OS ESTUDOS realizados apontam que, de fato, as conversas tecladas nas Salas Cidades e Regiões Recife-PE do *chat* UOL acontecem entre homens, visto que a participação masculina nesse espaço é superior a 90%, como mostramos na análise, e que essas conversas são de cunho sexual, pois, estão atreladas ao interesse desses sujeitos em relações homoeróticas. As análises levam-nos a assegurar que há um “movimento” de homens, através da Internet, nos *chats* UOL, como aqueles aqui estudados, que constrói “outros” sentidos para as masculinidades, sejam em relação ao gênero, sejam em relação à sexualidade, os quais, certamente, estão significando “novas” maneiras masculinas de ver o mundo, pois estão deixando de se construir restritamente como heterossexuais, o que aponta para a plasticidade das masculinidades, isto é, para a fragmentação dos modos de ser masculino.

Assim, a Internet assume um forte papel nesse movimento, constituindo-se como fator de construção e “controle” desses “novos” jeitos de ser homem, em dimensões social, cultural, histórica, ideológica e política. Ou seja, as conversas tecladas são espaços discursivos nos quais as mudanças de comportamento sexual, as normas e trajetórias da vida sexual e a ampliação do repertório sexual acontecem, gerando *scripts* de variedades sexuais masculinas. Possivelmente, as conversas tecladas tenham alcançado o patamar de instância de produção de saberes dos comportamentos sexuais, tal qual a igreja, a família, a ciência, a pedagogia etc.. Essas conversas concorrem também, de igual modo, para as reconfigurações dos jeitos de ser homem em seus aspectos de gênero, atuando de maneira relacional, pois, tais interações configuram-se como novas arenas que possibilitam novas práticas sociais, novas compreensões do que seja o homem. Logo, se em décadas passadas o homem com forte interesse bissexual estava praticamente isolado, em nossos dias, ele tornou-se o *homo connectus*, e, conectado, insere-se nas conversas tecladas, inserindo-se em outros significados do que seja o homem, em gênero e em sexualidade. São outros *scripts* para o *homo connectus* discursivamente construído.

Nas apresentações, encontramos de modo expressivo a construção de si enquanto esse *homo connectus*, aquele que prioriza em suas conversas o contato virtual, seja para ampliar a interação através de outros recursos comunicacionais, a exemplo do telefone e da *webcam*, ou seja para o “gozar”, a masturbação *online*. É o homem que busca nas interações com outros homens o sexo virtual, utilizando-se para isso da

linguagem pornográfica. É a procura pelo prazer que constitui o modo de ser homem homoerótico como “punheteiro”, tomando para si um rótulo negativo da identidade masculina e ressignificando-o através de um discurso positivo, reposicionando, dessa maneira, essa faceta da masculinidade: essa é uma das “caras” do homem homoerótico do espaço virtual, nos *chats* UOL. Todavia, ao tomar para si o insulto “punheteiro”, está de algum modo quebrando com a norma social para a conduta masculina, a do intercuro sexual real. Assim, ao afirmar-se através de um léxico que indica precariedade, no sistema de gênero, é rejeitado pelo travesti, certamente, em função desse se pensar coerente, dentro do sistema de gênero inteligível, inserindo-se, dessa maneira, no discurso da heteronormatividade. O travesti ao afirmar-se pela busca do “homão”, atrela-se ao discurso feminino, assumindo para si a relação de dominação proposta na compreensão essencialista do que seja homem e do que seja mulher. Pelo exposto, há um jogo de tensão entre o homem que se assume em busca do sexo virtual, desviando-se do modelo de homem macho, e aquele que visa ser mulher, o travesti, que o rejeita, pois a inteligibilidade do gênero é a norma.

Outra duas faces do homoerotismo virtual são aquela construída pela configuração de si para a “curtição” real, através da marcação das possibilidades territoriais e aquela configurada pela ressignificação da idade cronológica. Nessa última, no jogo das relações homossexuais entram o fetiche e o posicionamento positivo da idade através da voz da tecnologia. Nessas faces, é o léxico o recurso de grande importância, para apresentar o território *off-line*, bem como o uso de siglas; o jogo de oposição semântica entre, por exemplo, “coroa” e “moleque”, é a estratégia linguística para a construção da face fetichizada do homoerótico, assim como o uso do diminutivo, em *novinho*, por exemplo, que ganha conotações sexuais, para o jogo sexual entre homens mais velhos e mais jovens. Esses dois modos de vivenciar a sexualidade não deixam fortes marcas de imbricamento às questões de gênero, tampouco deixam marcas de relações de tensão com outras masculinidades ou feminilidades, apenas quando a essas marcações sobrepõem-se outras.

Outros homens se constroem através do discurso da conjugalidade e realizam performances de homens casados, de modo expressivo nas conversas tecladas. Essa marcação de si como “casado” é a construção de si dentro da inteligibilidade cultural, logo, assumindo cumplicidade com a masculinidade hegemônica, visto que parecem

cumprir com o papel de seu sexo, mesmo quando se posicionam como solteiro, noivo, ou mesmo namorando, pois fazem referência a sua relação com o sexo oposto. A inteligibilidade é assim demarcada, mesmo sendo a conjugalidade ressignificanda, tomada para a construção do fetiche da relação sexual entre homens casados, por exemplo – é a conjugalidade afetada pela sexualidade plástica, visto que, para esses, é a não exclusividade sexual com a esposa que prevalece, bem como com o parceiro. Nessa faceta da masculinidade, há indícios da bissexualidade, que aparece nas coisas ditas, mas não há o reconhecimento dessa por esses homens. É o apagamento da bissexualidade, pois é apenas o homem macho que se apresenta.

A construção do homem macho também é realizada na marcação do papel do intercuro sexual, paradigma tradicional das relações sexuais. É a construção do homem ativo, forte, viril, másculo; o “macho”. Mais uma vez, nessa construção do homem homoerótico, é a manutenção da coerência do sistema de gênero inteligível que prevalece, pois esse não se vê incoerente. Atrelada a essa construção está a do homem “boy”, o macho de corpo enxuto, sarado, aquele de corpo desejado na cultura do *fitness* e do consumo. É o corpo proposto ao masculino hegemônico, o corpo de e para o rendimento, o “dotado”.

Esse discurso da masculinidade hegemônica é assumido também pelos homens que assumem o papel passivo no intercuro sexual, ressignificando, assim, o rótulo “passivo”, imaginado como aquele de corpo efeminado. Há, dessa maneira, a regenerificação do corpo da sexualidade considerada periférica, a regenerificação do corpo feminino, para o do “macho”. Assim, esse homem assume a incoerência em sua construção, pois é o macho passivo, constituindo-se fora do modelo de homem hegemônico, mas que ao mesmo tempo toma para si a característica física desse modelo. É a aceitação do ideal regulatório da masculinidade hegemônica, da heteronormatividade. Nesse mesmo ideal, tais homens se constroem em detrimento do homem considerado não-macho, o efeminado, indiscreto, de corpo precário. A rejeição a essa faceta da masculinidade é explícita e expressiva, deixando evidente que a feminilidade para o homem é politicamente incorreta. Entretanto, outros homens assumem-se como os incoerentes, ininteligíveis, e tomam para si o corpo abjeto. É o contradiscurso à masculinidade hegemônica, todavia, de modo menos expressivo.

Também na contramão da heteronormatividade atrelada ao *fitness*, estão aqueles que se constroem como corpos em excesso.

Pelo até aqui exposto, o homem homoerótico construído nas interações virtuais nas Salas UOL é aquele que busca a relação “hxh”, sendo o “curtir” o objetivo maior, ou seja, o sexo pelo sexo, em compreensão de leveza e velocidade, representando a maleabilidade da sexualidade. Porém, alguns dos homens nesse espaço constituem-se de modo diferente, assumindo-se divergentes dessa compreensão. Para esses, é o pudor, a depuração do vocabulário, o não discurso pornográfico e a conjugalidade que prevalecem na construção de si. Assim, compreendem o comportamento daqueles que procuram o “curtir” como negativo. E de modo geral, sobre o homoerotismo nas interações virtuais, a resistência ocorre pelos heterossexuais, quando subordinam, ao negarem, aqueles que são compreendidos pelo rótulo identitário “viado”. Esses homens são também considerados ilegítimos pelo discurso religioso, ao serem considerados “sem vida”, colocados, desse modo, à margem do cristianismo.

Mas, nesse homoerotismo, muito mais do que homens homossexuais, as análises apontam para a construção discursiva de homens bissexuais, apontam para a construção de diversas masculinidades bissexuais que, normalmente, não são percebidas no cotidiano *off-line* da vida em sociedade, as quais podem até mesmo nem existir nessa dimensão da vida. Assim, se o homem bissexual é comumente denominado de “gilete”, aproveitamos para esclarecer que as faces homoeróticas mencionadas anteriormente levam-nos a compreender que essa masculinidade se configura através de mais de dois lados. Ao contrário, se constitui em diversas faces, em múltiplas facetas, em uma miríade de significados. Nas análises, é a face homoerótica do homem bissexual que podemos compreender, através de alguns modos de organização da conversa teclada e das entrevistas, e nessas, de algumas narrativas de si.

Assim, é possível responder aos questionamentos de pesquisa: a) que imagens da bissexualidade são construídas nas conversas tecladas?, e b) quais comportamentos afetivos e sexuais são propostos aos bissexuais? Através dos *nicknames*, algumas “imagens” são construídas para o homem bissexual. Dentre as performances bissexuais assumidas, temos a daquele homem que se posiciona como pertencente ao masculino hegemônico, mas à procura de relações homoeróticas, todavia, não deixando vestígios explícitos de si como homem bissexual. Dizemos então que estamos diante de um

bissexual que apaga as marcas de sua bissexualidade. Assim, é possível ver em seus interesses a bissexualidade, mas essa não é por ele considerada; é não marcada. Na condição da não declaração de si como bissexual, há a imagem daquele que se posiciona como heterossexual, afirmando, do mesmo modo, seu pertencimento à masculinidade hegemônica, visto que essa é a marca maior do sistema de gênero inteligível. É o heterossexual *queer*. Ainda a partir da apresentação de si, nos *nicknames*, há algumas “faces” de homens bissexuais declarados. Temos no contexto das conversas tecladas aquele homem bissexual assumido de maneira direta, pois sem marcações de outros aspectos que envolva a masculinidade ou a bissexualidade, apenas se diz “bi”. De maneira também declarada, há aqueles que especificam sua bissexualidade, assumindo assim, também como aqueles não declarados, cumplicidade com a masculinidade hegemônica, pois se situam a partir de marcações referentes às expectativas do modelo de homem hegemônico na sociedade ocidental, tais como, conjugalidade, virilidade e potência físico-sexual. Posicionam-se na mesma perspectiva aqueles que realizam marcações de si através da atividade no intercuro sexual. Nessa face da masculinidade bissexual é a heteronormatividade que prevalece.

De maneira um pouco distinta, outra face da masculinidade bissexual é a daquele homem que se constitui bissexual demarcando a conjugalidade, a virilidade, a potência físico-sexual, entretanto, assumindo a passividade no intercuro sexual. Essa masculinidade configura-se pela busca ao mesmo tempo da coerência, regulada pelo sistema de gênero inteligível, e da incoerência, pregada por esse mesmo sistema, pois constitui-se incoerente ao posicionar-se como “doador” no intercuro sexual, mas, preferindo manter outras características da norma social para o masculino hegemônico, forjando, assim, a regenerificação de um corpo pensado como “efeminado”. Assume o “desvio”, sem distanciar-se do ideal de homem. Porém, tanto os masculinos bissexuais ativos, quanto o homossexual, tendem a desqualificar o masculino bissexual passivo, tratando-o como uma lenda, pois a passividade estaria apenas para a mulher e o homossexual, esse imaginado como posicionado como fêmea, nunca para aquele que também assume a heterossexualidade.

Nesse panorama das faces das masculinidades bissexuais, há o homossexual *queer*, aquele que se constrói bissexual, e que mantém relações sexuais por causa da aparência feminina, que pode lhe provocar atração. Mas, sente-se um homossexual,

passível de heteroafinidade. Há ainda o homem bissexual falso – é aquele que se declara bissexual porque compreende que essa identidade lhe constrói como homem, em detrimento da imagem de um *gay*, percebido como aquele de corpo abjeto, “precário”. Necessariamente é novamente a heteronormatividade que “controla” esse modo de ser masculino. Essas masculinidades bissexuais são mostradas no quadro abaixo:

FACES DA MASCULINIDADE BISSEXUAL EM CONVERSAS TECLADAS
BISSEXUAL NÃO DECLARADO; HETEROSSEXUALIDADE <i>QUEER</i>
BISSEXUAL DECLARADO DIRETO
BISSEXUAL DECLARADO HEGEMÔNICO
BISSEXUAL DECLARADO NÃO HEGEMÔNICO; LENDA
HOMOSSEXUAL <i>QUEER</i>
BISSEXUAL FALSO

Quadro 13: Faces da masculinidade bissexual em conversas tecladas.

Assim, esses homens compreendem e vivenciam a bissexualidade por diversos e variados aspectos. De modo recorrente a bissexualidade é imaginada como apenas sexo e prazer. Para esses, a não exclusividade sexual para com a esposa, namorada, noiva, ou companheira de modo geral, é uma traição normal. Todavia, há aqueles que se denominam “sérios” e entendem a bissexualidade como também uma maneira para amar, uma possibilidade de conjugalidade, de companheirismo e amizade, posição que vai de encontro àquela da maioria no espaço virtual. Ao falar sobre a compreensão de si, há dois posicionamentos assumidos nas narrativas de vida, quais sejam, o de que o homem bissexual se vê como um viajante “exilado”, pois estaria nesse “lugar” por ter sido levado, e do qual não pode mais voltar; e aquele que se compreende como um viajante nômade, pois está sempre em movimento, interessado no caminhar e não no lugar onde está, ou aonde vai chegar. Após essa miríade de significados da masculinidade bissexual, é importante comentar que essas facetas podem se entrelaçar, agrupando os sentidos e mesmo redimensionando-os. Nessa redimensão, alguns rótulos

negativos socialmente construídos sobre o homem masculino podem ser tomados para si e ressignificados, a exemplo de “punheteiro”, mas nunca rótulos que desqualifique o macho e o corpo de macho, tal como assumir um corpo abjeto, indiscreto, mesmo que nas conversas esse corpo seja assumido, mas, possivelmente pelo homossexual, nunca declaradamente pelo homem bissexual.

No tocante ao questionamento acerca da identificação ou distanciamento do homem bissexual em relação à heterossexualidade e à homossexualidade, é possível dizer, como já apontando nas análises e também nesta conclusão, que esses homens bissexuais, de maneira geral, afastam-se da homossexualidade, estabelecendo cumplicidade com a heterossexualidade, visto que os “novos” sentidos gerados para esses homens estão focados na sexualidade, mantendo os “velhos” sentidos para o gênero. Assim, mesmo reconhecendo-se como homoeróticos, preferem não destacar nas performances bissexuais essa característica, demarcando as características exigidas pela heteronormatividade. Mesmo quando a incoerência é tomada para si, não há afastamento do sistema de gênero inteligível. Além disso, o outro que se constrói fora desse sistema é rejeitado, ou marginalizado, seja pelos heterossexuais, pelos homossexuais e até mesmo pelos próprios homens bissexuais. Ainda é possível afirmar que a normatividade da cultura heterossexual provoca a rejeição interna, visto que é a compreensão de que existe uma sexualidade (e gênero) como substâncias, atributos identitárias sexuais inatos que ainda regula a verdade sobre essas masculinidades. É a cathexis, o aspecto do desejo, que é o foco da masculinidade bissexual plástica, mas, em termos de poder, a masculinidade hegemônica parece reinar sobre as performances. Ou seja, os “novos” sentidos propostos na construção das masculinidades bissexuais estão direcionados à sexualidade, muito pouco em relação ao gênero. Ou melhor, as configurações dessas masculinidades são realizadas em cumplicidade e com o apoio do ideal de homem, o homem vitoriano. De todo modo, são “outros” jeitos de encarar as masculinidades.

Todavia, respondendo ao último questionamento de pesquisa, compreendemos que pouca fissura é provocada ao sistema de gênero inteligível pelas construções dessas masculinidades bissexuais, fato que possibilita aventar a hipótese de que as práticas homoeróticas dos homens bissexuais podem se dar de maneira compatível com o casamento com o sexo oposto, como em períodos passados da história da humanidade.

Por outro lado, mesmo sendo pequenas, tais quebras estão construindo de modo positivo outras narrativas sobre as masculinidades, fato que corrobora o favorecimento de menos preconceito com os não heterossexuais restritos, possibilitando, dessa maneira, que muitos homens não se compreendam pelo viés da precariedade, mas compreendam-se com vida, apesar do discurso ofensivo e do negligenciamento das formas de assumir/construir essas masculinidades. E por fim, esse renarrar as masculinidades bissexuais pode favorecer à sociedade uma revisão do conceito de masculinidade.

BIBLIOGRAFIA

AMORIN, Marília. 2004. **O pesquisador e o seu outro – Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora.

ANJOS, Gabriele. 2000. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p.274-305.

ARAÚJO, Júlio César. 2004a. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 91-109. Disponível em < <http://www.julioaraujo.com/download/artigo9.pdf> >. Acesso em 23 de dezembro de 2011.

ARAÚJO, Júlio César. 2004b. A organização constelar do gênero chat. In. Anais da XX Jornada – Gelne – João Pessoa, p. 1279 – 1291. Disponível em < >. Acesso em 23 de dezembro de 2011.

ARAÚJO, Júlio César. 2007. “Kd a roupinha do nick?”: Brincando de vestir identidades no chat aberto. In. M. F. V Costa, V. F. R. Colaço e N. B. Costa (Orgs.). **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza: Edições UFC, p. 189-204. Disponível em < >. Acesso em 24 de dezembro de 2011.

ARAÚJO, Júlio César. 2008. Chats na web: a linguagem proibida e a queda de tabus. In. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, vol. 08, nº 02, p. 311-334, maio/ago. Disponível em < >. Acesso em 23 de dezembro de 2011.

ARFUCH, Leonor. 1995. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Editorial Paidós.

ARRIAZU MUÑOZ, Rubén. 2007. ¿Nuevos medios o nuevas formas de indagación?: Una propuesta metodológica para la investigación social on-line a través del foro de discusión. **FQS Forum: Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, vol. 8, nº3.

AUSTIN, J. L. 1962. **How to do things with words**. London: Oxford University Press.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, V. [1929] 2004. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3a ed. São Paulo, Hucitec.

BAMBERG, Michael e GERGAKOPOULOU, Alexandra. 2008. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk – An Interdisciplinary Journal of Language, Discourse Communication Studies**. Vol. 28, nº 3, p. 377-396.

BAUMAN, Zygmunt. 2004. **Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BAUMAN, Zygmunt. 2007. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BEAUVALET, Scarlett. 2011. Viúva e enfim livre. In. Dossiê Homem e Mulher – 2000 anos de amor e poder. **HISTÓRIA VIVA**. Ano VIII, nº 93, jul/2011, p. 26-49.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº 1 (3), jan/jul/2005, p. 68-80.

BORBA, Rodrigo e OSTERMANN, Ana Cristina. 2008. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**. Florianópolis. Vol.16, nº 2, maio-agosto/2008, p. p. 409-432.

BORBA, Rodrigo. 2006. Linguística *Queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Entrelinhas – a revista do Curso de Letras*. Ano III, nº 2, jul/dez/2006. Disponível em <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=25>>. Acesso em outubro de 2011.

BORBA, Rodrigo. 2008. Identidade e intertextualidade: a construção do gênero e da sexualidade na prevenção de DST/AIDS entre travestis que se prostituem. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Vol, 9, nº 1, p. 72-97.

BORBA, Rodrigo. 2011. “A Beatriz foi preso!”: a construção da travestidade através do sistema gramatical de gênero entre travestis gaúchas. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Rodrigo_Borba_16.pdf>. Acesso em outubro de 2011.

BOZON, Michel. 2004. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV

BUCHOLTZ, Mary e HALL, Kira. 2005. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**. Vol. 7, nº 4-5, p. 585-614.

BUCHOLTZ, Mary. 2001. Reflexivity and Critique in Discourse Analysis. **Critique of Anthropology**. Vol, 21, nº 2, p. 165-183.

BULTER, Judith. 1997. **Excitable Speech – a politics of the performative**. Nova York e Londres: Routledge.

BUTLER, Judith. 2002. Criticamente subversiva. In. Rafael Mérida Jiménez. **Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer**. Barcelona: Editorial Icaria, p. 55-79.

BUTLER, Judith. 2003. Sujeito do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 16-60.

BUTLER, Judith. 2006. Judith Butler, philosophe em tout genre [documentário]. Paris: ARTE France. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=x11A31NX5MM>>. Acesso em 16 de agosto de 2011.

- BULTER, Judith. 2009. Performatividade, precariedade y políticas sexuais. **AIBR. Revista de Antropologia Iberoamericana**, vol. 04, nº 03, set/dez 2009, p.321-336.
- BUTLER, Judith. 2010. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. Guacira Lopes Louro (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 151-172.
- CAMERON, Deborah e KULICK, Don. 2003. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAMERON, Deborah. 1998/2010. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In. Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana (Orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 129-149.
- CANCLINI, Néstor Garcia. 1995. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- CARRARA, Sérgio. 2005. Só os viris e discretos serão amados? CLAM – Centro Latino-americano em sexualidade e direitos humanos. Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3908&sid=90&tpl=view_BR_0125>. Acesso em 03 de janeiro de 2012.
- CARRARA, Sérgio. 2009. Masculinidades em crise no mundo atual. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Novas identidades – a vida em transformação: conhecimento/saberia/felicidade**. CPFL CULTURA. Disponível em <<http://vodpod.com/watch/3128078-ntegra-masculinidades-e-m-crise-srgio-carrara-cpfl-cultura>>. Último acesso em 16 de novembro de 2011.
- CATTELAN, José Carlos e SCHRÖDER, Luciane Thomé. 2005/2006. Batidas de cabeça: um choque de culturas. In. **Polifonia**. Cuiabá: EdUFMT, nº 11, p. 159-174.
- CAVALCANTI, Camila Dias. 2007. **Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexuais** [Dissertação de Mestrado]. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFPE.
- CLEMINSON, Richard e GORDO, Ángel. 2008. Relaciones tecnosexuales: de los molinos medievales a las páginas de encuentro. In. Igor Sábada e Ángel Gordo (Coords.). **Cultura digital y movimientos sociales**. Madri: Catarata.
- CONNELL, Robert White e MESSERSCHMIDT, James W. 2005. Hegemonic Masculinity – rethinking the concept. In. **Gender & Society**, Vol. 19, nº 6, December, p. 829-859.
- CONNELL, Robert White. 1995. Políticas de Masculinidade. In. **Educação & Realidade**, nº 20 (2), jul/dez, p. 185-206.

CONNELL, Robert White. 1997. La organización social de la masculinidad. In. Teresa Valdes e José Olavarría (Orgs.). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago: Andros Ltda, p. 31-48.

CONNELL, Robert White. 2005. Change among the Gatekeepers: Men, Masculinities and Gender Equality in the Global Arena. In. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, vol. 30, no. 3, p. 1801-1825.

COSTA, Adriano Henrique Caetano. 2010. Homem com H: uma etnografia sobre os homens que fazem sexo com homens – HSH na cidade de Fortaleza. In. **Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, p. 01-07.

COSTA, Sérgio Roberto. 2009. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

DAVIES, Bronwyn e HARRE, Rom. 1990. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the theory of social behavior**, vol. 20 (1), p. 43-63. Disponível em < <http://www.massey.ac.nz/~alock/position/position.htm> >. Último acesso em 16 de novembro de 2011.

DEFILLIPO, Juliana e CUNHA, Patrícia. 2005. Por que nickname escreve mais que realname? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In. Maria Tereza A. Freita. **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 97-115.

DOMINGUEZ, Arnaldo. 1997. O sexo do futuro... um breve ensaio sobre a bissexualidade. In. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol. 08, nº 01, jan/jun., p. 35-45.

DOMÍNGUEZ, Daniel, BEAULIEU, Anne, ESTALELLA, Adolfo, GÓMEZ, Edgar, SCHNETTLER, Bernt e READ, Rosie. 2007. Etnografía Virtual. **FQS Forum: Qualitative Sozialforschung/Qualitative Social Research**. Vol. 8, nº 03.

DURANTI, Alesandro. 1997. Unidades de Participación. In. Alesandro Duranti. **Antropología Lingüística**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 375-441.

ESTALELLA, Adolfo & ARDÈVOL, Elisenda. 2007. Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de internet. **FQS Forum: Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, vol. 8, nº3.

FABRÍCIO, Branca Falabella e MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2002. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas – Rev. Est. Ling.** Juiz de Fora, v. 06, nº 2, p. 11-29.

FABRÍCIO, Branca Falabella e MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2008. “A guerra dos carneiros gays”: a (re)construção do fantasma da eugenia sexual no discurso midiático. In. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, nº 22, jan/jun/2008, p. 64-84.

FAIRCLOUGH, Norman. 1997. Discurso, mudança e hegemoia. In. Emília R. Pedro (Org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, p. 77-103.

FAIRCLOUGH, Norman. 2001a. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In. Ruth Wodak, Michael Meyer. **Methods of critical discourse analysis**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, p. 121-138.

FAIRCLOUGH, Norman. 2001b. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FAIRCLOUGH, Norman. 2003. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Riutkedge.

FEITOSA, Lourdes Conde. 2008. Gênero e Sexualidade no mundo romano: a Antiguidade em nossos dias. História: **Questões e Debates**. Curitiba: Editora UFPR, nº 48/49, p. 119-135.

FELIPE, Jane. 2003. Erotização dos corpos infantis. In. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 53-65.

FERNANDES, Magda. 2006. “Alguém afim de TC Comigo?” (refletindo a família e as relações de gênero no ambiente virtual). Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST30_Fernandes_texto.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2008.

FOUCAULT, Michel. 1988. **História da Sexualidade 1 – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

GARCIA, Marcos Roberto. 2011. Masculinidades e feminilidades entre travestis de baixa renda [entrevistado por Elys Marina]. Disponível em <<http://www.youtube.com/user/marcosrvgarcia>>. Acesso em 04 de agosto de 2011. Programa “Jornal das Profissões” – TV UNIP. 27’.

GARCIA, Sandra Mara. 1998. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In. Margareth Arilha, Sandra G.Unbehaum e Benedito Medrado (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS Ed. 34., p 31-50.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. 2009. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**, Volume 16, Number 1, p. 122-130 (9).

GIDDENS, Anthony. 1993. **Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

GIDDENS, Anthony. 2002. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GODOI, Marcos Roberto e SILVA SÁ, Roberto Boaventura da. 2005/2006. Inserção de elementos culturais e interesses econômicos no conceito de masculinidade contemporânea na mídia magazine. In. **Polifonia**. Cuiabá: EdUFMT, nº 11, p. 69-90.

GOELLNER, Silvana Vilodre. 2003. A produção cultural do corpo. In. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 28-40.

GOFFMAN, Erving. [1964] 2002. A situação negligenciada. In. . Branca Ribeiro Telles e Pedro M. Garcez (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, p. 13- 43.

GOFFMAN, Erving. [1979] 2002. Footing. In. . Branca Ribeiro Telles e Pedro M. Garcez (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, p. 107-148.

GOFFMAN, Erving. [1982] 2004. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade** deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar.

GOLDENBERG, Mirian. A crise do masculino: um tema em debate dentro e fora da academia. Disponível em <
http://www.ifcs.ufrj.br/~ppgsa/publicacoes/programa_publicacoes_lugarprimeiro1.htm
>. Acesso em 01 de agosto de 2011.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e desvio na cultura brasileira. Disponível em <
<http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/generoedesvio.pdf>
>. Acesso em 01 de agosto de 2011.

GONDIM, Rogério C. e KERR-PONTES, Lígia R.S. 2000. Homo/bissexualidade masculina: um estudo sobre as práticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. **Revista Brasileira Epidemiol.** Vol. 3, nº 1-3, p.38-49.

GUIMARÃES, Carmem Dora. 2004. A produção do mito do silêncio, In. Carmem Dora Guimarães. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond. p. 33-39.

GUMPERZ, John J. [1982] 2002. Convenções de contextualização. In. Branca Ribeiro Telles e Pedro M. Garcez (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, p. 149-182.

HALL, Stuart. 2000a. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PD&A.

HALL, Stuart. 2000b. Quem precisa de identidade? In. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: RJ: Vozes. p. 103-133.

HILGERT, José Gaston. 2000. A construção do texto “falado” por escrito: conversação na Internet. In. Dino Prett (Org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas. Disponível em <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/gastontexto01.pdf>. Acesso em outubro de 2011.

HINE, Christine. 2004. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC.

HINE, Christine. 2008. **Virtual Ethnography**. London: Sage Publications.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 2010. Linguagem e a construção da identidade de gênero. In. Judith Chambliss Hoffnagel. **Temas em Antropologia Linguística**. Recife: Bagaço, p. 239-252.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 2010. Linguagem e Masculinidade. In. Judith Chambliss Hoffnagel. **Temas em Antropologia Linguística**. Recife: Bagaço, p. 147-158.

HOFFNAGEL, Judith. 2003. Entrevista: uma conversa controlada. In. Ângela Paiva Dionísio (et. al.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 180-193.

JOAN, Mayans i Planells. 2003. El ciberespacio, un nuevo espacio público para el desarrollo de la identidad local. In. Conferencia Inaugural del III Encuentro de Telecentros, Peñafiel, Valladolid. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=158>>. Acesso em outubro de 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. 2003. Linguagem e interação face a face. In. Ingedore Villaça Koch. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, p. 75-128.

KULICK, Don e GOLDENBERG, Mirian. 2008. Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil [entrevista]. **Ciências e Letras**. Canal Saúde e Editora Fio Cruz.

LOPES, Iveuta de Abreu. 2006. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: PGLetras/UFPE.

LOURO, Guacira Lopes. 2008. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica.

MAINGUENEAU, Dominique. 2010. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2003. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2005. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p. 13-67.

MARTIN, James R. 2004. Positive discourse analysis: solidarity and change. **Revista Canaria de Estudios Ingleses**, v. 49, p. 179-202, 2004.

MELO, Simone Pereira de e BEZERRA, Benedito Gomes. 2011. O internetês em questão: “português assassinado a tecladas”? In. Benedito Gomes Bezerra (Org.). **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, p. 27-43.

MEURER, José Luiz. 2005. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In. José Luiz Meurer, Adair Bonini e Désirée Motta-Roth (Org.). **Gêneros – teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 81-106.

MISKOLCI, Richard. 2009. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun/2009, p. 150-182.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. 1996. Afinal, o que é linguística aplicada? In. Luiz Paulo da Moita Lopes. **Oficina de Linguística Aplicada**. São Paulo: Mercado de Letras, p.17-25.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2001. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In. Branca Ribeiro, C. Lima e M. T. Dantas (Org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. IPUB – CUCA.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2002. **Identidades Fragmentadas – a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. São Paulo: Editora Mercado de Letras.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2003. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais [Introdução]. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Discursos de Identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 13-38.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2004. Discursos sobre gays em uma sala de aula no Rio de Janeiro: é possível queer os contextos de letramento escolar? In. VIII CONLAB. Coimbra. **Anais Eletrônicos do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra: UC.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2005. A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera o outro. In. **Investigações Literárias e Linguísticas**, v. 17, nº 2, p. 47-68.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2006a. “Falta homem até pra homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In. Viviane Maria Herbele, Ana Cristina Ostermann e Débora de Carvalho Figueiredo (Org.). **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 131-157.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2006b. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica; interrogando o campo como linguista aplicado. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2006c. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2009a. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista Anpoll**, vol. 2, nº 27, p. 128-157.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2009b. A vida sociocultural em construção: interação, situacionalidade, alteridade e ética [Prefácio]. In. Maria das Graças Dias Pereira, Clarissa Rollin Pinheiro Bastos e Tânia Conceição Pereira (Org.). **Discursos socioculturais em interação – interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Grammond, p. 11-20.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2009c. Identidades e pós-identidade, gênero e sexualidade nas práticas contemporâneas. CPFL CULTURA. Disponível em < <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/06/integra-identidades-e-pos-identidades-luiz-paulo-da-moita-lobes/> >. Último Acesso em 16 de novembro de 2011.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. 2006. Estudos dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Cinted-UFRGS**. Vol. 04, nº 02, p. 1-10.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. 2006. Nas malhas do discurso. Disponível em < <http://www.discursos.ufrgs.br/sead2/doc/sentido/Pedro.pdf> >. Último acesso em 14 de novembro de 2011.

NAVES, Santuza Cambraia. 2007. A entrevista como recurso etnográfico. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez, p.155-164.

NELSON, Cynthia D. 2006. A teoria queer em linguística aplicada – enigmas sobre “sair do armário” em salas de aula globalizadas. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 215-232.

NOLASCO, Sócrates. 2009. De Tarzan a Homer Simpson – a masculinidade hoje. In. Café Filosófico. CPFL CULTURA. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=33TcnJX0lZI> >. Último acesso em 17 de novembro de 2011.

NOVILLO, Rebeca Esther. 2004. “El amor que no osa decir su nombre...”: (3) Bisexuales en tierra de nadie. **Adistancia**, vol. 22, nº 2-3, p. 115-122.

OCHS, Elinor. 1992. Indexing gender. In. Alessandro Duranti and Charles Goodwin. *Rethinking Context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 335-358.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. 2001. John Langshaw Austin – teoria dos atos de fala I. In. Manfredo Araújo de Oliveira. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, p. 149-170.

OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. 2010. Linguagem. Gênero. Sexualidade: uma introdução. In. Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 09-12.

PARKER, Richard. 2001. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In. Guacira Lopes Louro. **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. p. 125-150.

PINTO, Joana Plaza. 2007. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **D.E.L.T.A.**, 23:1, p. 1-26.

PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana. 2007. Imagens publicitárias, sintaxe visual e representações da heterossexualidade. In: **Comunicación e Cidadanía**. nº 01, p. 79-84. USC- Universidade de San Thiago de Compostela.

PRADO, Leandro Lemos de. 2006. Comodificação e homoerotismo. In. Viviane Maria Heberle, Ana Cristina Osterman e Débora de Carvalho Figueredo (Orgs.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, p. 159-176.

PRADO, Marco Aurélio Máximo e MACHADO, Frederico Viana. 2008. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez.

PRECIADO, Beatriz. 2010. Entrevista com Beatriz Preciado [Por Júlio Carrilo]. In. *Revista Poiésis*. Nº 15, jul/2010, p. 47-71. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/62741654/Entrevista-com-Beatriz-Preciado-por-Jesus-Carrilo>>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. A construção de identidades – lingüística e a política de representação. In. **Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. p. 71-76.

RESENDE, Viviane e RAMALHO, Viviane. 2006. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto.

RIBEIRO, Branca Teles e PEREIRA, Maria das Graças Dias. 2002. A Noção de Contexto na Análise do Discurso. **Veredas – Ver. Est. Ling.** 06 (2): 49-67.

ROCHA, Paula Jung. e MONTARDO, Sandra Portela. 2005. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **e-compós**. Dezembro de 2005. Disponível em: www.compos.com.br/e-compos. Acesso em maio de 2007.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. 2006. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica – privação sofrida e leveza de pensamento. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 253-276.

RUBIN, Gayle. 1975. The traffic in women: notes on the ‘political economy’ fo sex”. In. Rayna Reiter. **Toward Antropology of Women**. New York: Montly Review Press, p. 175-210.

SÁ, Simone Pereira. Netnografias nas redes digitais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho tecnologia informacionais de Comunicação e Sociedade, **X Compós**, UNB, Brasília, 2001.

SÁBADA, Igor e GORDO, Ángel (Coord.). 2008. **Cultura digital y movimientos sociales**. Madrid: Catarata.

SAFFIOTI, Heleieth. 2005. Gênero e patriarcado. In. BRASIL. **Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**. Brasília, p. 35-76.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. 2006. **Conversas tecladas e alguns aspectos da atividade interacional entre bissexuais masculinos na contemporaneidade**. (s.n.t.).

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. 2008. A construção discursiva on-line da bissexualidade masculina – identidade de resistência e projeção? In. **Anais do Colóquio Nacional de Representações de Gênero e de Sexualidade**. Campina Grande: Realize Editora.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. 2009. “Cenas” do amor entre pessoas do mesmo sexo – abalos na inteligibilidade do gênero? In. **Anais IV Colóquio de Investigadores em Estudios del Discurso e I Jornadas Internacionales de Discurso e Indisciplina – AledAr 2009**, Córdoba/AR. p.01-09.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. 2010a. A prática bissexual masculina comentada. In. **Anais do III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade**. Ilhéus/BA: UESC.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. 2010b. ACD: semiose, discurso e procedimentos de análise em um olhar para a representação de um novo homem no “quadro de notícias” do *Yahoo!* In. **Anais da II Semana de Extensão Uneal**. Arapiraca/AL: Campus I/Proext.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. 2010c. Do conceito de gênero ao de gênero “inteligível”. In. **Revista Multidisciplinar IESC**, v. 1, Jan/jun/2010, p. 65-71.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio e HOFFNAGEL, Judith. 2011. Nesse tempo de chat... os homens [heterossexuais] e outros significados sobre a sexualidade masculina. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=igy9tE_gxa4 >. Último acesso em 14 de novembro de 2011.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. 2012. **Em tempos de sexualidade plástica, o item lexical “heteroafinidade”**. (s.n.t. – aguardando aprovação Revista Bagoas).

SANTOS, Boaventura de Sousa. 1988. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In. Estudos Avançados. Vol. 2, n ° 2, maio/agosto/1988, p. 46-71. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf> >. Acesso em 02 de janeiro de 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2002. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, n° 63, p. 67-97.

SANTOS, Else Martins dos. 2005. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. In. Carla Viana Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro (Org.). **Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, p. 151-183.

SCHIEBINGER, Londa. 2001. **O feminino mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC.

SCOTT, Joan. 1996. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS CORPO, GÊNERO E CIDADANIA.

SCOTT, Joan. 1999. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. **Feminismo e cidadania**. São Paulo: Melhoramentos, p. 203-222.

SEFFNER, Fernando. 2003. Representações da masculinidadeS bissexual: um estudo a a partir dos informants da Rede Bis-Brasil.

SIBILIA, Paula. 2008. Eu, eu, eu... *você* e todos nós. In. Paula Sibilia. **O show do eu – a intimidade como espetáculo**. p. 07-28.

SILVA, Daniel do Nascimento e. 2008. A questão da identidade em perspectiva pragmática. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n° 1. p. 13-33.

SILVA, Sérgio Gomes da. 2000. “Masculinidade na História”. **Psicologia Ciência e Profissão**, n° 20 (3), p. 8-15.

SILVA, Talita Inácio dos Santos. 2008. O problema da sexualidade em Corinto no primeiro século. **Anais XXIII SEC**, Araraquara, p. 315-320.

SILVA, Tomaz Tadeu da. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: RJ: Vozes. p. 73-102.

SOBRAL, Adail. 2009. A concepção de sujeito do Círculo. In. Adail Sobral. **Do dialogismo ao gênero – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas/SP: Mercado de Letras, p. 47-59.

SPEER, Susan A. 2001. Reconsidering the Concept of Hegemonic Masculinity: Discursive Psychology, Conversation Analysis and Participants' Orientations. **Feminism & Psychology**, Vol. 11(1): 107–135.

STELLA, Paulo Rogério. 2005. Palavra. In. Beth Brait (Org.). **Bakhtin – conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. p. 177-190.

STREET, Brian. 2003. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. In. **Current Issues in Comparative Education**, vol. 5 (2), p. 77-91.

SULLIVAN, Nikki. 2003. Queer: a question of being or a question of doing? In. Nikki Sullivan. **A critical introduction to queer theory**. New York University Press, p. 37-56.

THEIJE, Marjo de. 2002. "São metade macho, metade fêmea": sobre a identidade de gênero dos homens católicos. In. **Anthropológicas**. Ano 6, vol. 13 (1), p. 47-56.

Van Dijk. Teun. 2003. Critical Discourse Analysis. In. Deborah Schiffrin, Deborah Tannen e Hamilton Heidi E. **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell, p. 352-371.

WEEKS, Jeffrey. 2001. O corpo e a sexualidade. In. Guacira Lopes Louro. **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. p. 35-82.

WENGER, Etienne. 2008. **Communities of Practice: learning as a social system**. In. V9N5. Cover.4.

WETHERELL, Margaret e EDLEY, Nigel. 1999. Negotiating hegemonic masculinity: Imaginary positions and psycho-discursive practices. **Feminism and Psychology**, 9 (3), p. 335-356.

WODAK, Ruth. 2008. Introduction: discourse studies – important concepts and terms. In. Ruth Wodak e Michal Krzyzanowski (eds). **Qualitative discourse analysis for social scientists. A textbook**. Houndmills: Palgrave. p. 1-28.

WORTHAM, Stanton. 2001. **Narratives in Action – a strategy for research and analysis**. New York: Teachers College Press.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. Iguais mas não idênticos. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, ano 2, vol. 2, n° 3, jan/jun, p. 7-16.